



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

**LUCRÉCIA BORGES BARBOSA**

PERFORMANCES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES EM TRANSIÇÃO DAS  
IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS NO MUNICÍPIO DE  
ARAGUAÍNA- TO

Araguaína/TO

2023

LUCRÉCIA BORGES BARBOSA

PERFORMANCES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES EM TRANSIÇÃO DAS  
IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS NO MUNICÍPIO DE  
ARAGUAÍNA- TO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, junto à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Estudos de Cultura e Território.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem

Araguaína/TO

2023

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

B238p BARBOSA, LUCRÉCIA BORGES.  
PERFORMANCES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES EM  
TRANSIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS NO  
MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA - TO. / LUCRÉCIA BORGES BARBOSA. –  
Araguaína, TO, 2023.

209 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em  
Estudo de Cultura e Território, 2023.

Orientadora : MARIA SANTANA FERREIRA DOS SANTOS  
MILHOMEM

1. INTRODUÇÃO: CONTINUANDO A NARRATIVA. 2.  
CONCEITUANDO O CAMPO DE PESQUISA. 3. A FORMAÇÃO DA  
IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO NA PERSPECTIVA DOS  
ESTUDOS PÓS-ESTRUTURALISTAS E DE CORPOREIDADES. 4. HISTÓRIA  
ORAL: PERFORMATIVIDADES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES NA  
TRANSIÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES TRANS. I. Título

CDD 306

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCRÉCIA BORGES BARBOSA

## PERFORMANCES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES EM TRANSIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA TO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Foi avaliada para a obtenção do título de mestra em Estudos de Cultura e Território e APROVADA em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 29/03/2023

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

MARIA SANTANA FERREIRA DOS SANTOS MILHOMEM

Data: 15/10/2023 20:02:00-0300

Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Profª. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem, Orientadora, UFT

Documento assinado digitalmente



RUBRA PEREIRA DE ARAUJO

Data: 15/10/2023 20:22:13-0300

Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Profª. Dra. Rubra Pereira de Araújo, Examinadora, UFT

Documento assinado digitalmente



KÊNIA GONÇALVES COSTA

Data: 16/03/2023 11:29:44-0300

Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Profª. Dra. Kênia Gonçalves Costa, Examinadora, UFNT

Araguaína-TO  
2023

*Dedico este estudo a todas as mulheres trans que brilharam nesse palco com suas narrativas.*

*Esse palco é todo de vocês, e foi pensado para vocês.*

*Um brinde as mulheres da minha pesquisa o meu muito obrigada, sem vocês não teria pesquisa. Essa pesquisa foi com elas e não sobre elas.*

*Ta? Meu bem...*

## AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que começo agradecendo a todas as mulheres trans as “Protagonistas” da nossa pesquisa como gosto de chamá-las que se dispuseram a participar dessa jornada juntamente conosco, nos pesquisando com elas e não pesquisando elas pois se não fosse vocês nesse palco de narrativas não teriam essas estrelas brilhando nessa pesquisa. Ofereço essa pesquisa a vocês e fiz por vocês. Por todas aquelas que já se foram e as que estão aqui sobrevivendo. Faço reverência às mulheres cisgêneras o olhar da alteridade para a nossa pesquisa, em especial minha mãe que me maternou. Reverência a minha família, o município de Wanderlândia e as protagonistas da pesquisa. Esse sonho aos poucos foi sendo realizado.

Agradeço a Professora Doutora Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem do Colegiado de Pós-Graduação em Estudos Cultura e Território (PPGcult), da UFT/UFNT Campus de Araguaína-TO mulher negra, mulher sim! Negra Sim! Ah! Ela arrasa mesmo no corpo e por meio do corpo, obrigada por ter me escolhido como orientanda desde a entrevista até a dita cuja pesquisa. Duas mulheres potentes ninguém segura, que dominar o mundo comigo? Eu deixo viu! Essa pesquisa é nossa! Essa luta não é só minha! É nossa.

A Professora Doutora Rubra Pereira de Araújo do colegiado de Letras da Universidade Federal do Tocantins Campus de Porto Nacional TO, eu vou escrever de novo Professora Doutora Rubra Pereira de Araújo por extenso sim! Pois ela merece. O meu muito obrigado por aceitar examinar, contribuir e fazer parte desse trabalho satisfação em tê-la conosco compartilhando suas epistemologias trans nessa banca para além dos círculos cisgêneros, você lacra. Desejo eternos Transafetos a você. Saiba que você é uma das minhas inspirações como professora, mulher, pesquisadora, e intelectual a na área de gênero, sexualidade e currículo.

A Professora Doutora Kênia Gonçalves Costa do Colegiado de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGcult) por me mandar o edital de seleção do PPGcult ainda para aluna especial e depois para aluna regular e desde a graduação me incentivou a fazer um curso de mestrado. Obrigada por me suportar nas minhas crises existenciais e os babados da militância social, te amo “Mamys”. Como eu costumo dizer da geografia para a vida, da UFNT para vida obrigada por tudo.

A minha mãe, Simone Mendonça Barbosa, Mamãe, Neném, Rufina, o meu eterno afeto a linda mulher que és, inspirando-me a cada dia na vida pessoal, acadêmica e profissional mãe você é especial hoje e sempre te amo. Mãe, minha mamãe e amiga você deu à luz a linda mulher que tornei.

Ao meu irmão Luciano Alves da Silva por ser esse irmão lindo que me ama independentemente das circunstâncias. Saiba que sua irmã te ama e não mede esforços para te dar orgulho. Quando penso em um homem honesto e íntegro me lembro de você, gratidão meu irmão.

Aos meus amigos, em especial Ulisses Frankilin, Adailton Fernandes, Renata Gonçalves, Richard Wagner, Grazielle Germano, Leonardo Rodrigues (Leo), Palloma da Silva, Cristiane Pereira, Adalqueslene Rodrigues, Kamyla Rodrigues, Maria José Sousa, Letícia Evelyn, Izarete Oliveira tenho tantos amigos vocês sabem disso. Meu muito obrigada por me aturarem nos meus momentos de ansiedade, medos, fúria e indignação com o machismo, falso moralismo, sexismo, LGBTfobia, racismo e as mazelas sociais da sociedade Brasileira eu amo vocês por acreditarem no meu potencial como ser humano. Se faltaram nomes aqui um dos motivos é que essa rede de amigos só cresce, ainda bem, e foi essa rede saudável de amigos e colegas que me fez não quero querer desistir de viver, comemorem comigo esse momento que diz muito sobre meus sonhos e sonhando ainda estou.

Ao colega de militância Lídio Fernando Yalle Vieira Barros pela magnífica dissertação produzida no PPGCult, fazendo surgir em mim o interesse em também adentrar a universidade como mestranda com meu corpo transformado. Meu muito obrigado seu trabalho foi um dos meus guias de inspiração, tenho orgulho de dizer que sou a primeira mulher trans no PPGCult UFT/UFNT Campus de Araguaína-TO.

Aos meus colegas de turma do Mestrado, vocês merecem um troféu por me suportarem por 2 anos. Eu não sou fácil de lidar, mas obrigada por fazerem parte agora da minha história de vida, da minha trajetória até aqui. Em especial Maicon Douglas da Silva, Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos, Gilson, Rodrigo R. Figueira, Alessandra da C. Moraes, Victória F. Sampaio, Josilene R. Monteiro, Rômulo C. Silva, Leomaura M. de A. Soares, Izabel B. A. dos Santos, Maria da Cruz de O. B. Nunes, Cristiane D. da Silva, Renata A. de Vasconcelos, Maria de F. B. Barros, (*In memoriam*), Andreia P. Barros. Felipe E. L. Oliveira, Dislaine D. dos Santos. Kamila F. dos Santos e Rodrigo R. Figueira. Só me recordo das nossas lamentações, é a frase: o mestrado é babado viu gente!

Aos professores do PPGCult UFT/UFNT Campus de Araguaína-TO em especial, Elias da Silva, Sariza Oliveira Caetano Vênancio, Dernal Vênancio Ramos Junior, Jean Carlos Rodrigues, Plábio Marcos Martins Desidério, Vera Lúcia Caixeta, Rita de Cássia Domingues, Luiza Helena Oliveira da Silva, Alex Ratts e Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem, Kênia Gonçalvez Costa e Alex Ratts muito axé a vocês.

Ao Programa de Pós- Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) da Universidade Federal do Tocantins UFT/UFNT Campus de Araguaína-TO, por incentivar a produção de conhecimento científico com relevância acadêmica/social proporcionando assim que eu seja a primeira mulher trans a adentrar essa programa e a escrever uma dissertação de mestrado nesse nível, e digo de novo a primeira, mais a primeira de muitas se preparem a revolução será trans, muitas Lucrécias virão depois de mim e que essa pesquisa inspire e motive outras mulheres trans.

O meu muito obrigado a Faculdade Faadema Polo de Araguaína-TO, aos meus colegas de trabalho, meus alunos do curso de Pedagogia, em especial ao meu coordenador Francisco José pela oportunidade de me reinserir no mercado de trabalho exercendo minha profissão com dignidade.

Obrigado a UFT/UFNT foi produtivo desde a graduação em geografia até o mestrado, que venha forte o doutorado! Os santos dos hormônios (os santos dos hormônios é uma expressão que eu uso para me referir aos hormônios femininos que eu tomo para modificar meu corpo, tipo eles fizeram e fazem um milagre na minha mudança.) Estão comigo ninguém e me tomba. Calma patriarcado, sexismo, racismo machismo, misoginia, transfobia, intolerância e LGBTfobia é só o começo viu.

Agradeço as inspirações do movimento LGBTI+ que me motivam todos os dias a recomeçar para seguir rumo ao doutorado e a carreira de futura professora doutora em uma universidade pública, aliás a pública sim, pois sou fruto da escola pública e da universidade pública. Venho aqui agradecer aos irmãos e as irmãs que vieram de antes de mim, lutando contra a transfobia no ambiente acadêmico e hoje são professores e professoras trans e travestis em especial a Professora Doutora Megg Rayara Gomes de Oliveira, Professor Mestre Lídio Fernando Yale Viera Barros, Professora Doutora Luma de Andrade, Professor Mestre Kaio Lemos, Professora Doutora Leilane Assunção (*In memorian*), Professora Doutora Rubra Pereira de Araujo, Professora Doutora Dani Baldi, Professora Mestra Nithaelly Bonfim, Professor Especialista Bruno Santana dentre outros e outras professores e professoras trans e travestis que deram a cara a tapa pelo direito de existir.

A presente dissertação de mestrado foi parida como assim intitulei o documento com muito esforço, medos, incertezas, mas com a certeza que o espaço do mestrado me proporcionou durante esses dois anos o lugar de fala como eu gosto de falar nos bastidores, eu pude falar sobre mim e sobre minhas companheiras de lutas que não estão no mesmo espaço que eu. Eu falei de nossas vivências, eu falei de nossos lutos, de nossas fronteiras, de nossos corpos. Em alguns momentos do mestrado eu sentia que falava para as paredes mais eu falava,

eu repetei, eu reiterava aqui é o meu lugar. Tive que encarar o senhor colonial branco, eurocristão, heterossexual ditando as regras durante esses dois anos. Mais agradecer nesse momento é a forma plausível de dizer que grata as minhas ancestrais trans que foram mortas com a facadas, com o tiros, a espadadas, com as lanças afiadas, e que tiveram o coração arrancado em nome do CISTema. Esse momento é por vocês, foi por vocês.

Durante esses dois meus sonhos em ser professora universitária foi baseado em uma frase da Professora Doutora Megg Rayara, a seguinte: a navalha mais afiada contra o conhecimento é o conhecimento. E digo mais se não fosse o conhecimento e as inúmeras batalhas que travei para ingressar no ensino superior e depois no mestrado eu seria apenas mais uma mulher trans no contexto da prostituição, A educação me salvou, salvou meu corpo de também estar no gueto e na prostituição, como a maioria de minhas irmãs de luta estão nesse exato momento que escreve esse agradecimento.

E, por fim, mas, não menos respeitável! — Gratidão a mim mesma, por confiar que seria possível chegar a este momento triunfal. Nada teria sido do jeito que foi se não houvesse a minha parcela de contribuição para comigo mesma, dias de luta dias de glória a glória está vindo, calma aí. Obrigada, enfim, à Vida e à sua diversidade sexual e de gênero! A revolução será trans.

*Eu escrevo o que ouço:  
“Que as bandeiras trans sejam hasteadas!”,  
Um sussurro a cada dia mais audível.  
(Jaqueline Gomes de Jesus)*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as performances de gênero e discursos de empoderamento subjetivo das identidades femininas. A priori, os pontos de vista cunhado na subjetividade é o ponto de partida, para dirigir-se em seguida, à apreciação de casos concretos, que parte das expressões e atividades das pessoas em estudo, dentro dos seus contextos locais e também temporais, além de evidenciar suas especificidades. Nossa pesquisa foi realizada no ano de 2021 durante o mês de junho, tendo como lócus da pesquisa a cidade de Araguaína- TO, para a realização da mesma foram entrevistadas dez mulheres trans. A pesquisa baseia-se, na perspectiva qualitativa por Uwe Flick (2009), para recontar as histórias de vida das mulheres transexuais protagonistas da pesquisa. Apresentamos um diálogo teórico/metodológico e científico entre autores acerca da transexualidade, identidade, discurso, performatividade, territorialidade, sintonizadas com às reflexões de Guacira Lopes Louro (2008), Berenice Bento (2008), Letícia Lanz (2015), Judith Butler (2003) e Rubra Pereira de Araujo (2012), faz-se necessário salientar, no que tange ao constructo da história oral baseia-se nos estudos de Alessandro Portelli (2016). A pesquisa considera que as performances/performatividades e os discursos de subjetividades de não acolhimento por parte das instituições: família, escola, do seu território e lugar de vivências locais. No entanto é perceptível o reconhecimento identitário de gênero com o gênero oposto ao que lhes foi designado ao nascer desde a mais tenra infância até os dias atuais em que começaram e estão a realizar as suas transições de gênero mesmo em indo em desacordo com as normas socioculturais, e do território impostas ao gênero e ao sexo biológico que lhes foi atribuído ao nascer. As histórias de vida tornam-se agora com essa pesquisa parte da história local de Araguaína, pois a pesquisa pode contar histórias de vida que estavam e ainda se encontram silenciadas e excluídas perante a compreensão da História Local.

**Palavras-chave:** Transexualidade, Cultura, Discurso, Performance de gênero, Territorialidade.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze gender performances and discourses of subjective empowerment of female identities. A priori, the points of view coined in subjectivity are the starting point, to then move on to the appreciation of concrete cases, which starts from the expressions and activities of the people under study, within their local and temporal contexts, in addition to highlight its specificities. Our research was carried out in 2021 during the month of June, with the city of Araguaína-TO as the research location. Ten trans women were interviewed to carry it out. The research is based on the qualitative perspective by Uwe Flick (2009), to retell the life stories of the transsexual women protagonists of the research. We present a theoretical/methodological and scientific dialogue between authors about transsexuality, identity, discourse, performativity, territoriality, in tune with the reflections of Guacira Lopes Louro (2008), Berenice Bento (2008), Letícia Lanz (2015), Judith Butler (2003 ) and Rubra Pereira de Araujo (2012), it is necessary to highlight that, with regard to the construction of oral history, it is based on the studies of Alessandro Portelli (2016). The research considers that the performances/performativities and the discourses of subjectivities of non-welcome by institutions: family, school, their territory and place of local experiences. However, the recognition of gender identity with the gender opposite to that assigned to them at birth is noticeable from early childhood to the present day when they have begun and are carrying out their gender transitions even when going against sociocultural norms. , and the territory imposed on the gender and biological sex assigned to them at birth. With this research, life stories now become part of the local history of Araguaína, as the research can tell life stories that were and still are silenced and excluded from the understanding of Local History.

**Keywords:** Transsexuality, Culture, Discourse, Gender performance, Territoriality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Época de infância .....	22
Figura 2- Época de infância .....	22
Figura 3- Depois da transição de gênero .....	23
Figura 4- Boneco do gênero .....	100
Figura 5- Retrato simbólico da transexualidade .....	112
Figura 6 - As máscaras de personagens .....	113
Figura 7- Símbolo da transexualidade .....	141
Figura 8- Da lagarta a borboleta .....	141
Figura 9- Mapa de localização geográfica .....	142
Organograma 1- Etapas de construção da pesquisa .....	39
Quadro 1- Instrumentos norteadores da pesquisa .....	150
Quadro 2- Descrição sociológica e identitária das protagonistas .....	158
Tabela 1- Categorias de análises .....	147

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da Imundeficiência Adquirida
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CID F-64.0	Transtorno da Identidade Sexual
CID-10	Código Internacional de Doenças
COVID-19	Doença Infecciosa Causada pelo Vírus SARS-COV-2
DSM-V	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EUA	Estados Unidos da América
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAADEMA	Faculdade Adelina Moura
GO	Goiás
IFTO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
INSS	Institucional Nacional do Seguro Social
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais
LGBTfobia	Medo ou aversão a pessoas LGBTI+
NUAMAC	Núcleo Aplicado das Minorais e ações coletivas
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PORNUHUB	Site Pornô
PPGCULT	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território
PROFHISTÓRIA	Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História
QUEER	Termo Guarda Chuva da Língua Inglesa para Minoria Sexuais e Gênero
SUS	Sistema Único de Saúde
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDR	Territorialização, Desterritorialização, Reterritorialização
TO	Tocantins
TRANSGENER	Transgênero
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: continuando a narrativa .....</b>	<b>24</b>
1.1 Percurso metodológico do estudo .....	25
1.2 Técnicas e métodos utilizados .....	28
1.3 Relato de experiência com a técnica bola de neve .....	35
1.4 Análise e interpretação dos resultados .....	37
<b>2 CONCEITUANDO O CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>45</b>
2.1 Os Estudos sobre a <i>Teoria Queer</i> .....	53
2.2 A invenção da categoria mulher trans pelo discurso científico.....	67
2.3 A categoria mulher trans pelo discurso midiático (operação tarântula) .....	70
2.4 O território e a s identidades trans femininas .....	77
2.5 Território, Heteronormatividade e a produção do ser e estar mulher .....	81
<b>3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS PÓS-ESTRUTURALISTAS E DE CORPOREIDADES .....</b>	<b>105</b>
3.1 Algumas indagações para começo de conversa .....	105
3.2 Abordagens teóricas acerca da construção da identidade .....	109
3.3 A constituição do ser humano através da identidade .....	116
3.4 As múltiplas características do indivíduo: Identidade e Identidade de gênero ...	119
3.5 Produzindo a Identidade de Gênero, continuando a narrativa .....	127
<b>4 HISTÓRIA ORAL: PERFORMATIVIDADES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES NA TRANSIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS .....</b>	<b>138</b>
4.1 Narrando as histórias de vida das protagonistas do estudo .....	138
4.2 Tecendo diálogos com enxertos das histórias de vida de mulheres trans .....	160
4.3 Um estudo com mulheres trans: protagonizando a pesquisa .....	163
4.4 História Oral, História de vida: continuando a narrativa .....	167
4.5 Performances e discursos de subjetividades na transição da identidade .....	178
<b>5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>198</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>202</b>

## **AS TERRITORIALIDADES DA PESQUISADORA: da Lagarta à Borboleta**

O primeiro filho do casal jovem, Lucivan Alves da Silva, meu pai biológico e de Simone Mendonça Barbosa na época uma jovem de 16 anos. Aquele dia era exatamente, 26 de novembro de 1992. Nascia, Lucilan Alves Barbosa no hospital municipal de Wanderlândia- Tocantins. Essa cidade que inspira leveza, por suas belas cachoeiras. Nasci na cidade de Wanderlândia interior do estado do Tocantins, cidade que moro até momento. Foi aqui que eu senti na pele todo o preconceito por primeiro me assumir um menino Gay e em seguida uma mulher trans no ano de 2017, época que comecei a me chamar Lucrecia Borges Barbosa. Foi e é nessa pequena cidade do interior que eu tive e tenho que ser forte para ser quem sou até agora. No entanto, Wanderlândia-TO é minha cidade, é meu mundo, é meu território eu amo viver aqui.

Trazendo as teorias sobre território e territorialidade propostas por Claude Raffestin (1993) e Marco Aurélio Saquet (2009) afirmamos que: O espaço de Wanderlândia-TO foi a minha primeira prisão original, desde a minha infância, até a vida adulta antes de me assumir como uma mulher transexual. A cidade de Wanderlândia-TO foi o território em que nasci e cresci e me transformei, foi desde sempre o primeiro território que eu chamo aqui de prisão.

Iniciei minha formação escolar na Creche municipal da cidade que nasci e em seguida, fui para um dos Colégios Estaduais da mesma cidade. Nesse ambiente escolar, Eu amava quando as meninas começavam a dançar, pois me sentia parte daquele momento, mesmo não podendo participar de maneira visível (eu rebojava por dentro, quando ninguém olhava eu dava meu crosse kkkk....) Eu amava os cantores que a sociedade considerava na época como cantores de músicas da comunidade LGBTI+<sup>1</sup> ou mesmo cantores que eu sentia vontade de rebolar até o chão.

Nesse contexto a autora Judith Butler (2000) nos ajuda a compreender as noções acerca da performatividade do gênero. Essa autora em seus estudos questiona sexo e gênero, ela afirma que o gênero é uma construção social e o sexo é pura ficção. Nesse sentido desde criança eu nunca consegui performatizar o gênero masculino que fui atribuído a mim desde o nascimento. Desde criança não consegui cumprir as normas impostas ao gênero masculino.

---

<sup>1</sup>. Optamos por usar nessa pesquisa a sigla LGBTI+ para fazer menção à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Intersexuais, a referência teórica foi o Manual de comunicação LGBTI publicado em 2018 por Toni Reis. Este referido manual é uma realização da rede GayLatino e da Aliança Nacional LGBTI. Cabe salientar que nesse manual o símbolo + foi acrescentado à sigla LGBTI para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

Vejo eu nasci do sexo masculino, as práticas discursivas desde o meu nascimento incidiram sobre o meu corpo afirmando que era um menino e o que o meu sexo era o masculino.

No Ensino Médio, as piadas e ofensas só aumentavam. O preconceito e a discriminação eram tão latentes que por diversas vezes tentavam me encaixar nessa heteronormatividade perversa e padronizada que chegavam a tirar minha roupa para ver se eu tinha um pênis. Quando ia ao banheiro masculino os meus colegas de turma me seguiam e ficam em cima da parede para ver como eu fazia xixi. Zombavam, com frases estupidas como, por exemplo: você parece uma mulher! Vira homem! Viadinho! Boiola! Bicha! Vou contar para sua família! No entanto, tudo que eu queria era mostrar para o mundo que eu era normal, que gostava de meninos, que gostava de maquiagem, desfilas, cantar, ser feliz. Eu era a diva do momento. Queria montar meu exército de Rihanna, Beyoncé, Shakira, Madona, a pesar de ser a chacota da sala.

Desde a infância e adolescência principalmente da época da educação da básica eu me recordo da injúria e difamação que eu sofria por parte dos colegas de sala e alunos da escola inteira por conta dos meus trejeitos afeminados, ou seja, para a comunidade escolar eu deveria me comportar como um homem pois eu tinha nascido um homem.

Lendo Didier Eribon (2008) que escreve sobre os conceitos de injúria e difamação percebi que as injúrias e as difamações que eu sofria quando era um menino homossexual me diziam o que era na época e com essas injúrias e difamação faziam ser o que eu era realmente naquele tempo. Por toda injúria que eu passava na escola que sentia recluso naquele tempo, eu era a vítima do preconceito e discriminação, a partir disso eu buscava na escola e fora da escola encontrar amizades poucas que eu tinha na época um vínculo de confiança para desafabar e que me acolhesse como eu era.

Nas aulas de Educação Física, eu gostava apenas do jogo de queimada, porque eu podia me expor de forma livre, ou seja, ser EU. Lembro-me que na escola eu amava estar nas apresentações, dançava quadrilha, eu não gostava de faltar aula, sempre chegava antes do horário, buscava respeitar todos os professores. Eu tinha um sonho de ser professora. Quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse e sempre respondia: Quero ser professora. Eu via a profissão como algo incrível, era mágico e bonito aos meus olhos.

A professora Rubra Pereira de Araújo e o professor Flávio Pereira de Camargo em seu artigo intitulado Gênero e diversidade sexual no currículo escolar: uma abordagem inter e transdisciplinar no ensino e na formação de professores artigo publicado no ano de 2012 na revista *entrelétricas* de Araguaína-TO constataram a partir dessa pesquisa que ainda, permanece um paradigma tradicional que precisa ser contestado. A pesquisa revelou que além disso,

ainda é possível percebermos certo apagamento e silenciamento por parte da escola em não considerar a diversidade sexual presente em nossa sociedade.

Para Rubra Pereira de Araújo e Flávio Pereira Camargo (2012) mesmo com a presença de discussões teóricas e críticas sobre a carência de repensarmos questões diversas voltadas ao currículo escolar e a formação de professores, ficou evidente que escola está presa ao paradigma tradicional. Esse paradigma tradicional leva a escola e o currículo escolar a fortemente desconsiderar as sexualidades plurais, em especial o caso das homossexualidades, tudo isso contribui para reforçar pontos de vistas hegemônicos no que tange a masculinidade e a feminilidade.

Um bom professor é aquele que tem sempre um bom dia, boa tarde, boa noite aliado a um bom sorriso, mesmo com todos os problemas da sua vida. Um bom professor é aquele que diz: um dia vocês também poderão ocupar um cargo como o meu, pois alguns desmerecem a própria profissão. Recordo-me do tempo da escola dos professores reclamando do excesso de trabalho, a indisciplina por parte de alguns colegas, o bullying que eu sofria por não cumprir o esperado para o gênero masculino. O machismo, a LGBTfobia<sup>2</sup>, a violência, intolerância e os discursos carregados de normatividades sobre o meu corpo e a minha identidade por parte dos professores e os colegas de turma eram um dos principais motivos que me faziam me senti um corpo estranho naquele território da escola.

Por conta disso, tive problemas de relacionamento, em virtude da minha sexualidade, tanto com os colegas e quanto com os professores, diretores, coordenadores. Eles culpavam por sofrer preconceito, ou seja, sempre eu era o algoz e não vítima. Era agradável para eu estudar à tarde, quando não tinha aula eu ficava com o dia folgado. Minha vizinha paterna Maria Barbosa (*In Memoriam*) por quem eu fui criada boa parte da minha vida sempre me acompanhava a escola, para saber como eu ia aos estudos, além de comprar os materiais escolares. Às vezes era brava, porque queria o melhor para mim. Na sua sabedoria e tradicionalidade, dizia que se eu aprontasse na escola e se reprovasse EU apanharia quando chegasse a casa e se EU apanhasse na escola, quando chegasse em casa apanharia novamente. Minha vó sempre foi meu refúgio e minha inspiração. Era uma mulher simples, não tinha formação acadêmica, mas tinha o que eu precisava: o amor, a compreensão e acima de tudo a segurança que eu precisava. Ela sempre dizia: Estude, pois isso ninguém roubará de você.

---

<sup>2</sup>. A LGBTIfobia é o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBTI+, mas são percebidas como tais (REIS, Toni 2018).

Minha mãe, Simone Mendonça Barbosa, também sempre me motivava para estudar e sempre que podia ou era chamada na escola, ela estava presente, sem dúvidas sempre apostando que estudar era o ideal para mim. Sempre ouvia minha família falar da dificuldade que era antigamente para estudar, da falta de escola ou da distância da escola para onde moravam, todos acreditavam no poder transformador da escola e da educação para dar um futuro melhor a todos. Ouvia muitos da família afirmar que se arrependiam de não terem estudado, pois poderiam ter um emprego melhor ou ganhar melhor. Em 2010, quando terminei o ensino médio não pensei duas vezes: queria ingressar na faculdade. Minha família me deu apoio. Queria cursar Licenciatura em Geografia ou Licenciatura em Letras. No entanto, escolhi Licenciatura em Geografia, turno matutino, pois era mais viável para ir de Wanderlândia-TO para Araguaína-TO.

Quando iniciei a faculdade em 2011, foi um grande desafio, pois acordava todos os dias as 05 horas da manhã para as 06 horas pegar juntamente, com mais alguns colegas da minha cidade a condução e ir para Araguaína-TO. Por dois anos, fiz esse trajeto. Então me inscrevi na bolsa de monitoria em História da Educação. No início, o valor era de 200 reais e depois aumentou para 400 reais. Nesse período, conheci o Amorim e fomos dividir aluguel em Araguaína-TO e só ia para minha cidade aos finais de semana.

Em junho de 2016, terminei o curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Tocantins e nesse mesmo mês voltei para Wanderlândia-TO, minha cidade natal. Nessa época eu morava com minha mãe e meu padastro. Minha ex-professora de geografia do Colégio Estadual, um certo dia me chamou para conversar pessoalmente dizendo que ia precisar se afastar por um tempo por que estava com sua mãe doente e iria cuidar dela, então pediu para ir procurar um político forte na cidade para me ajudar a conseguir a vaga para ficar no lugar dela como professor substituto.

Eu fiquei na vaga de uma professora concursada de geografia que pediu na época licença para cuidar da sua mãe que estava doente. Nesse colégio trabalhei de agosto a dezembro de 2016 ministrando as disciplinas de geografia, filosofia, sociologia nas turmas de 7º 8º 9º (Ensino Fundamental) 1º 2º 3º (Ensino Médio) nos turnos matutino, vespertino e noturno eu ia fazer planejamento, preencher diários etc.

Nesse período que trabalhei na escola de agosto a dezembro de 2016 eu não sofri muito preconceito porque eu não tinha ainda me assumido como transexual eu ainda me expressava como um menino gay cisgênero (cisgênero é a pessoa que se reconhece com o sexo biológico que nasceu e com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento) então por

esse motivo eu não sofri tanto preconceito, as vezes eu escutava algumas piadas, comentários homofóbicos mais não me atingiam tanto.

Quando acabou o contrato em dezembro eu recebi o décimo terceiro e ainda ficou para receber os meses trabalhados. No final de dezembro de 2016 eu comecei a sentir um desconforto intenso com meu corpo, comecei a ter aversão a minha aparência, as minhas roupas principalmente as cuecas. Eu não queria nem me olhar no espelho. Em janeiro de 2017 comecei a tomar hormônios femininos para mudar meu corpo e minha aparência, minha mãe ficou muito preocupada, mas eu disse que era para mim ser feliz. Meus amigos todos me apoiaram principalmente o Leonardo. Aliás Leonardo eu te amo. Me lembro que ele falava você é uma mulher, você é a Lu se assume logo assim.

Eu Lucrécia Borges Barbosa nome social que eu já usava nessa época entrei o ano de 2017 já desempregada e sentindo na pele o preconceito por ter me assumido transexual, deixava currículo nas escolas mais não era mais chamada mesmo tendo formação e experiência na área. O preconceito fechou as portas de emprego formal para mim principalmente na minha cidade, lamentável isso. Chegar até o mestrado não foi fácil e digo mais na minha visão nunca será nunca será principalmente para as pessoas trans e travestis, vi a universidade ainda como um lugar segregador, que ainda reproduz alguns discursos, espero que isso mude mais foi minha percepção estando nessa mesma Universidade desde a graduação até o mestrado.

Eu não via pessoas trans e travestis além de mim digo no mestrado mesmo, não me via representada. Porém eu fiz o melhor que pude. Todos os conceitos A (excelente) foram fruto de muito esforço, lutas, medos, e o sonho de terminar o mestrado e ter mais um título, mais não só mais um título para mim o mestrado é uma realização pessoal de ocupar um espaço que não era para eu estar, eu me fiz presente, eu lutei para estar ali, não foi privilegio foi luta mesmo dei o meu melhor. O mestrado não foi um mar de rosas para mim, o dia a dia, sem bolsa para me ajudar financeiramente, conviver com os outros, ouvir certos comentários, eu sempre estudando os textos como se o dia fosse o último, sabe para que isso? Para ser ouvida para ocupar o espaço, em muitas aulas eu queria gritar para ser ouvida, eu não me via representada então eu me fazia e me faço ser reconhecida no mestrado por parte dos meus professores e dos meus colegas.

Eu quis gritar muitas vezes eu estou aqui sou a Lucrécia Borges Barbosa, eu ironizei em muitas, mais também fiz as pessoas conhecer um pouco da minha realidade, eu mostrei a Lucrécia Borges Barbosa mulher de peito pau e bunda. Eu estou aqui no mestrado, eu estou na escrita, eu estou aqui. Do interior do município de Wanderlândia-TO para o PPGcult diante

de uma sociedade sexista, machista, LGBTfóbica, racista com esse título de mestra em cultura e território não tenho a certeza de ser acolhida de forma respeitosa no mercado de trabalho, pois sei que será mais um título mais a luta por respeito e inclusão só vai aumentar, vou mostrar sempre o melhor de mim, na prática profissional espero que meus alunos me chamem de dona da porra toda, (um bordão que uso no dia-a-dia: que eu quero dizer que eu sou tudo), tia militada, (militada um bordão que eu uso no meu dia-a-dia: que eu quero dizer que eu sou militante dos direitos das população de Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Intersexuais), boca de gênero (um bordão usado no meu dia-a-dia: que eu quero dizer que eu falo muito sobre as questões do gênero masculino e feminino)

Hoje estou com 29 anos me autoafirmo como uma mulher transexual heterossexual, sou professora de geografia na Faculdade Adelina Moura Polo Araguaína-TO, tenho pós-graduação em psicopedagogia, pós-graduação em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, sou militante transexual no estado do Tocantins e também curso o PPGcult na UFNT-Campus Araguaína-TO.

Desde a minha infância eu sempre me senti muito feminina, eu gostava de me sentir feminina, eu me sentia feminina o tempo. Não me recordo muita coisa da minha infância mais o pouco que me recordo era da minha família querendo a todo momento que eu me comportasse como um menino, andasse como um menino, falasse como um menino enfim que fosse macho como algumas pessoas da minha família falavam. Desde a mais tenra infância eu tive que ouvir frases como: vira homem! Fala direito! Você é viado! Você vai para o inferno etc. Essas frases me causam sofrimento e citar cada uma delas me revolta em saber que não tive na infância, na adolescência e parte da vida adulta o amor e acolhimento da família em me aceitar como eu era de fato.

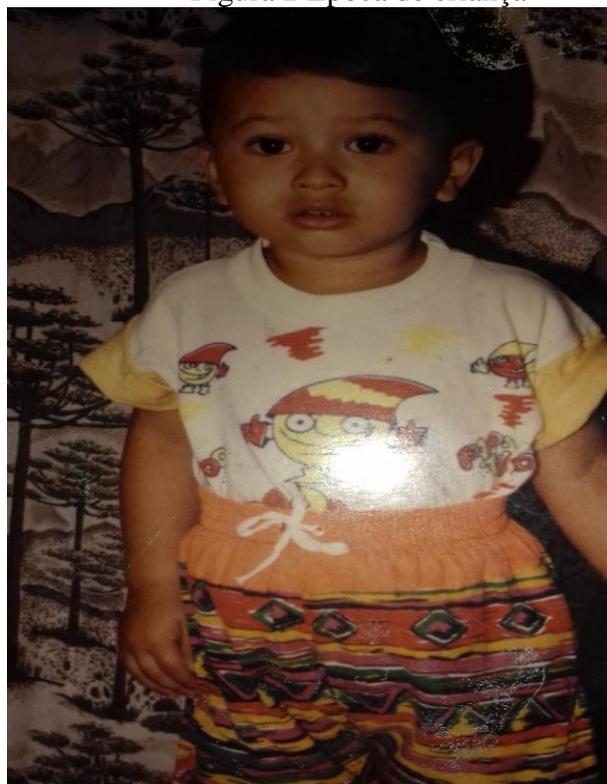
Eu gosto das figuras 1 e 2 a seguir porque me fazem pensar que me minha família me amava, mas não entendia que eu não queria ser um menino, que eu não queria ser um menino que eles tanto sonhavam ou criaram expectativas mesmo antes do meu nascimento. Cresci ouvindo coisas absurdas sobre o meu comportamento pelo fato dos meus trejeitos segundo a minha família, por muito tempo carreguei a culpa por não ser o menino, o filho prodígio, o homem esperado. Minha mãe só estava reproduzindo os discursos instituídos para o masculino.

Figura 1 Época de infância



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2 Época de infância



Fonte: Arquivo pessoal

As figuras 1 e 2 mostram uma parte do meu ciclo vital de vida ainda na infância, não tenho boas recordações dessa época, as poucas que tenho foram silenciadas devido a minha inconformidade com o sexo biológico de nascimento e o gênero que me foi atribuído ao nascer. Veja como a figura 1 e 2 mostram que minha família estava seguindo as normas socioculturais impostas ao gênero masculino, olhe bem a foto, as roupas designadas por essas normas como roupas masculinas, até o corte de cabelo seguia essas normas padrões socioculturais, isso porque eu nasci e fui designada pela biologia como um menino e assim nessa época era como minha família me criava. A biologia olhou para o meu corpo e através da presença de um pênis designou o sexo biológico automaticamente pelas construções de gênero foi ao meu corpo inscrito o gênero masculino.

A figura 3 mostra o meu ciclo vital depois da minha transição de gênero, essa é uma das poucas fotos que eu tenho sorrindo. Eu sempre gostei de tirar fotos, depois das minhas transformações corporais, estéticas e principalmente identitárias eu costumo tirar mais fotos. Estou gostando da minha aparência, do jeito, dos meus seios, das minhas curvas eu me vejo agora no meu corpo. Em 2016 quando eu comecei as mudanças eu só pensava que eu ia conseguir, e deu certo. Mesmo com inúmeras dificuldades enfrentadas com a transição de gênero eu decidi ser quem eu sempre sonhei, eu sempre sonhei desde criança em ser uma mulher. Quando me olhava no espelho eu sentia tristeza, hoje me olho no espelho com prazer.

Figura 3 – Depois da transição de gênero



Fonte: arquivo pessoal

No ano de 2017 quando eu decidi que não queria mais performatizar o gênero masculino minha família em grande maioria foi contra, principalmente meu pai. Minha mãe na época ficou confusa e perdida, sobre o que realmente estava acontecendo. Eu expliquei para ela que eu não era um menino gay, e que eu era uma mulher trans. As poucos ela foi tentando me ajudar e demonstrou afeto e amor para comigo durante os piores dias enfrentados no começo a minha transição. Minha mãe não me desamparou em nenhum momento na época, juntas enfrentamos a fúria de uma grande parte de minha família e da sociedade em geral. O amor da minha mãe e de alguns parentes e amigos foi essencial nas minhas mudanças, enfrentar a sociedade não foi nada fácil e até hoje não é, eu tive que ter resiliência.

Em 2023 completaram 7 anos da minha transição de gênero do masculino para o feminino, durante esse período eu enfrentei rejeição por grande parte da minha família, amigos, colegas, e a questão de afetos sobre relacionamentos. De 2017 até 2023 foram anos de muitas lutas na vida acadêmica, militante e principalmente lutas pela sobrevivência enquanto um corpo e com identidade trans nessa sociedade tão cruel. Que mata e violenta todos os dias corpos e identidades que não se encaixam nas normas socioculturais do sexo, gênero, identidades e outras nuances desse contexto. Eu sou resistência, eu sou a Lucrecia Borges Barbosa, com muito orgulho sigo ocupando espaços. Desistir não é o melhor até aqui.

## 1 INTRODUÇÃO: continuando a narrativa

Começamos esta pesquisa sinalizando os leitores acerca das razões que nos levaram a estudar com a temática dos estudos transgêneros e do gênero em relação as performances e discursos que perpassam a transição de um gênero para o outro no caso em específico das mulheres trans. Iniciar uma pesquisa como essa diz muito sobre a ausência desse tema ainda.

Essa pesquisa foi desenvolvida sob a ótica do corpo como extensão da territorialidade, considerando que mulheres trans são Territorializadas, Desterritorializadas e Reterritorializadas principalmente das suas famílias e dos seus lares a partir da transição do gênero masculino para o feminino. Essas mulheres trans desterritorializam a heterossexualidade e os códigos coloniais de gênero e sexualidade e a forma como a identidade pode ser produzida, territorializam novos arranjos corporais e de identidade, e reterritorializam novas ontologias a partir da performatividade do gênero atravessadas por discursos de diversos campos dos saberes poderes como por exemplo: os saberes científicos, midiáticos dentre outros discursos às permeiam.

As protagonistas da nossa pesquisa são apostas as mulheres cisgênero, ou seja, existem mulheres trans e mulheres cisgênera ou cisgênero<sup>3</sup>. Desta maneira mulheres trans desafiam as normas de gênero e sexualidade impostas pelas normas socioculturais ao gênero e ao sexo biológico de nascimento. As mulheres trans da nossa pesquisa são essenciais para a produção de outras epistemologias que superem as visões estereotipadas sobre essas mulheres trans ao longo do tempo. Buscamos com isso romper com as noções da heternormatividade compulsória.

Elas desestabilizam as normas de uma cultura extremamente machista e transfóbica onde suas identidades de gênero são deslegitimadas a todo o momento pelas suas famílias, pela cultura, pela escola, pelo território, pela injúria, pela difamação e pelas discursividades da normatividade compulsória que são impostas sobre os seus corpos e suas sexualidades desde a mais tenra infância. Em especial a questão da identidade que é formada e informada a elas.

Para Jacques Lacan (1977) o processo de desenvolvimento do sentimento relacionado a identidade do sujeito ocorre logo na infância na chamada “fase do espelho”. Essa fase acontece depois da fase imaginária que é anterior à inserção na linguagem (a fala) e na ordem

---

<sup>3</sup>Pessoa cisgênera ou cisgênero se encontra conformada ao rótulo da identidade de gênero (mulher ou homem), identidade essa atribuída em razão do seu genital visível. Pessoas cisgênero estão, contudo de acordo e se sentem confortáveis nas normas de comportamento (incluindo roupas) e os papéis sociais de gênero (LANZ, 2015).

simbólica, quando a criança ainda não tem consciência de si mesma como separada e diferente da mãe. Dessa maneira a identidade de gênero diz respeito a como o sujeito se percebe e se posiciona dentro sistema de gênero que pode corresponder ao gênero que lhes foi atribuído socioculturalmente ao nascer. Desde muito cedo a identidade vai sendo mediada na sociedade.

Essa pesquisa tem a pretensão de responder a seguinte pergunta: Quais os discursos perpassam o processo de construção e desconstrução da identidade de mulheres trans? Nessa perspectiva, essa investigação trará maior visibilidade social e compreensão desse fenômeno que constitui em como essas protagonistas realizam suas transições de gênero do masculino para o feminino de forma muito pessoal e particular, e como elas constroem e reconstruem suas identidades de gênero no corpo e por meio dos seus corpos transformados. O lócus da pesquisa foi à cidade de Araguaína-TO, cidade localizada do interior do estado do Tocantins. As protagonistas entrevistadas para a realização e publicação do estudo foram 10 mulheres trans.

O objetivo dessa pesquisa é analisar as performances de gênero e discursos de empoderamentos subjetivos das identidades femininas de mulheres trans em Araguaína-TO. Desta forma, para construirmos essa pesquisa utilizamos do uso de métodos e técnicas a apreensão delineada da pesquisa, que justifica a vista dos objetivos erguidos. Nossa pesquisa não tem o objetivo de produzir epistemologias a partir das ciências naturais, e sim produzir epistemologias advindas das ciências culturais. Os discursos das protagonistas serão imprescindíveis. Assim, de estilo *Stricto Sensu* pretendemos:

- a) Descrever como é a transição de gênero de mulheres trans;
- b) Publicizar as histórias de vida dessas mulheres trans sobre os processos de construção e desconstrução da identidade;
- c) Contribuir com pesquisa científica para a comunidade acadêmica e fora dela sobre mulheres trans;
- d) Visibilizar as vivências das mulheres trans fora de contextos vitimizantes e levados ao exotismo.

## **1.1 Percurso metodológico**

Como recurso metodológico usamos o método da autobiografia<sup>4</sup> para narrar sobre as trajetórias de vida das protagonistas que cederam suas narrativas para esse estudo. Uma vez

---

<sup>4</sup>O método da autobiografia foi usado nessa pesquisa para narrar a histórias de vida e das protagonistas que cederam as suas histórias de vida. De acordo com (Maria Helena Menna Barreto Abrahão, 2004) esse método da

que o cerne desta dissertação é suscitar na seara de estudos as performances e os discursos de subjetividades em transição da identidade de gênero de mulheres trans<sup>5</sup> em Araguaína-TO. Faz-se imprescindível esboçar algumas proposições metodológicas bem como apontar as escolhas que respaldaram o percurso, desenvolvimento, e as considerações desta pesquisa. A escolha da temática para desenvolvimento da dissertação de mestrado ocorreu pela minha vivência enquanto mulher trans militante e palestrante do LGBTI+ no Estado do Tocantins, a primeira mulher trans a ingressar no PPGcult da UFT<sup>6</sup> Campus de Araguaína-TO.

Como militante e palestrante transexual do estado do Tocantins sinto a necessidade urgente de mostrar e produzir dados referentes as mulheres trans dar maior visibilidade ao esse segmento principalmente dentro do próprio movimento LGBTI+<sup>7</sup>. Além disso, através dessa investigação quero proporcionar visibilidade as protagonistas dessa pesquisa o que diz respeito a se sentirem pertencentes desde as entrevistas até a apresentação e publicação da pesquisa. O olhar para essa temática nasceu como uma inquietação pessoal de trabalhar com mulheres trans, pois esse grupo dentro do movimento de LGBTI+ é muito excluído e marginalizado e tem suas identidades de gênero negadas pelas pessoas cisgênero a todo momento as suas vozes são silenciadas ao longo do tempo, na cultura e no território.

Partimos, então, do lugar de fala dessas protagonistas, nosso objetivo não é dar voz as protagonistas, pois como afirma Djamilia Ribeiro (2017) todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. As entrevistas irão revelar para além da universidade e da própria cientificidade as vozes subalternizadas e não publicizadas, evidenciando outros discursos e performances de gênero para além da cisheterossexualidade.

Portanto, adotamos na pesquisa o termo trans para caracterizá-las, pois, esse termo engloba todas as pessoas que fizeram a transição de gênero que lhes foi atribuído ao nascer,

---

Autobiografia significa que o sujeito se desvela, para si, e se revela também para os outros, como uma história de si próprio carregada de significado.

Aponta Delory-Momberger (2008) essa necessidade de falar de si como uma possível maneira de explicitar o não visto, o que não se mostra a não ser por este movimento autobiográfico, isso chama-se de hermenêutica prática para dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita (grafia).

<sup>5</sup>Optamos nessa pesquisa por usar o termo trans para nos referirmos as mulheres trans, as travestis ou transgênero, pois o termo trans é abreviação para transexual ou travesti ou pessoa trans.

<sup>6</sup>Em 2019 a Universidade Federal do Tocantins (UFT) passou a se chamar Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), exatamente em 9 de julho de 2019. Há dois anos essa transição começou.

<sup>7</sup>Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexuais. (REIS, 2018)

para o gênero ao qual se reconhecem e se percebem nas suas vivências e performances. Sendo assim, é necessário voltarmos as teorizações acerca do termo transexualidade para situar o uso desse conceito dentro da pesquisa afim de situar os leitores sobre as conceituações utilizadas.

De acordo Berenice Bento (2008) a transexualidade diz respeito a pessoas que reivindicam o pertencimento a um gênero diferente do que lhe foi imposto no nascimento. Ela sugere que a transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pela não aceitação das normas de gênero. Essa experiência identitária é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que determina a inteligibilidade dos gêneros no corpo (BERENICE, 2008).

Para Judith Butler (1990) transexualidade, travestilidade, transgênero são afirmações de identitárias que mostram divergências com as normas de gênero, sendo que essas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações. As regras de gênero definiram o considerado real, marcando o campo no qual se pode definir humanidade aos corpos BUTLER (1990). Portanto esta pesquisa visa cumprir com seu caráter acadêmico/científico e social dentro de um programa de mestrado interdisciplinar que no seu espoco nos permite trabalhar com a cultura e território tendo como público-alvo mulheres trans que são tão marginalizadas e excluídas dos espaços de poder, e das instituições: cultura, escola, família, território e mercado de trabalho.

Esta pesquisa foi pensada a partir da sua complexidade que passa pelas diferentes áreas do conhecimento, uma das condições pertinentes que me fizeram levantar categorias que viabilizam responder a problemática de pesquisa. Para atender as exigências necessárias a tamanha complexidade que envolve essa pesquisa foi necessária uma criteriosa seleção ancorada em diversas abordagens, e em várias perspectivas uma delas foi o corpo trans como extensão da territorialidade. Para analisarmos os discursos e performances de gênero que refletem na transição de gênero de mulheres trans, nos seus aspectos socioculturais e identitários tecemos a analogia do corpo como extensão da territorialidade. Nesse sentido é pertinente justificar e sinalizar a relevância desse estudo para Universidade, a Sociedade, a Ciência e as protagonistas envolvidas, a partir dos seguintes aspectos:

- Pela produção desse estudo para a academia como uma pesquisa de mestrado interdisciplinar, mais também para as protagonistas envolvidas nessa construção, fazendo assim as protagonistas de suas narrativas orais.

- Mostrar ao leitor a importância de conhecermos as diferentes formas de construir e reconstruir identidade trazendo assim nas histórias de vida de mulheres trans da cidade de Araguaína-TO.
- Por sua importância teórica, que por sua vez a pesquisa analisou dados a partir do contato com um grupo específico, construindo elos nessa produção acadêmica/científica/social sobre a temática em questão.
- Então, pela sua possibilidade de instigar reflexão dentro e fora da academia sobre as vivências e as realidades dessas mulheres trans.

## 1.2 Técnicas e métodos utilizados

Com a relação ao método utilizado, essa pesquisa foi guiada por uma abordagem qualitativa, a intenção foi a de mostrar traços subjetivos e privados da população T feminina composta por mulheres trans entrevistadas, traços subjetivos e privados que não mensurados uma vez que a realidade e as mulheres trans são protagonistas indissociáveis. Nas palavras de Antônio Chizzoti (2001), afirma que existe uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, onde há uma interdependência viva entre o sujeito e a realidade. Assim, o ato de analisar tendo como metodologia a abordagem qualitativa que foi utilizada nessa pesquisa, numa ação de refletir sobre a realidade estudada, utilizando-se da história oral.

Segundo Alessandro Portelli (2016) [...] a história oral, então é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória dessa maneira a oralidade não seria apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado Portelli (2016). Cabe ao pesquisador interpretar os fatos que foram narrados, sendo o pesquisador criterioso com o uso da linguagem em suas diversas formas. Para complementar essa discussão trazemos para o debate, Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (2006) que apontam: [...] as narrativas orais referem-se tanto ao passado quanto ao presente, organizando-os e unificando-os, e ao mesmo tempo sinalizam para o futuro. Neste contexto, para Maria Cecília de Souza Minayo (1994), referente a pesquisa qualitativa afirmando que a mesma:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos

que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] (MINAYO, 1994.p.21-22).

A pesquisa qualitativa não se preocupa em produzir dados quantitativos ela visa mostrar aspectos mais intrínsecos perante a realidade, essa abordagem é mais detalhada e trabalhar com a investigação, interpretação, e com descrições corroborando com essa afirmação temos (UWE, FLICK, 2009) os ângulos de vista da subjetividade fazem parte do primeiro ponto de partida. Nesse contexto ainda afirma o mesmo autor a pesquisa de cunho qualitativa leva o/a pesquisador (a) à análise de casos reais em suas singularidades locais e temporais, A pesquisa assim parte das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. (FLICK, 2009).

Seguindo o raciocínio exposto metodologicamente adotamos os procedimentos: levantamento bibliográfico para corroborar os dados obtidos utilizamos como aporte teórico autores como: Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1967) conhecida como Simone de Beauvoir, Judith Butler (2003), Michel Foucault (1993), Stuart Hall (2000-2003), Rogério Haesbaert (2004-2007), Yi-Fu Tuan (1977-1983) dentre outros autores que colaboraram com as discussões pertinentes a temática dessa pesquisa.

A escritora francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir contribui com nessa pesquisa e nos ajudou a responder o objetivo geral, objetivos específicos e a problemática levantada nesse estudo. Essa autora em sua obra intitulada: O segundo sexo volume 2 edições do ano de 1967 nos traz uma celebre frase que se aproxima da temática que estamos trabalhando nessa pesquisa no que diz respeito a construção e reconstrução da identidade de mulheres trans de forma subjetiva dentro dos discursos narrados por cada integrante.

A frase a qual estamos nos referindo é a seguinte: ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora o resultado intermediário entre o macho e a castrado que rotulam de feminino. Essa frase entra em teorização/descrição com a temática da nossa pesquisa pois queremos saber quais os discursos perpassam esse processo de transformações identitárias? Visto que as protagonistas que entrevistamos não nasceram biologicamente do sexo feminino e não foram designadas socioculturalmente ao nascer como mulheres. A pergunta anterior é a nossa inquietação que deverá ser corroborada através das entrevistas semi estruturadas com base nas histórias orais com as teorias/metodologias que balizaram, afim de responder os objetivos propostos para a pesquisa.

Como as protagonistas da nossa pesquisa transitaram do gênero masculino para o feminino buscamos embasamento teórico na filósofa escritora dos estudos pós-estruturalistas uma das expoentes da *teoria queer* Butler (2003) que traz aportes teóricos sobre problemas de gênero, o gênero como uma construção social, a performance/performatividade do gênero dentro outros temas que nos ajudaram a responder a temática da nossa pesquisa. Um ponto crucial do aporte teórico que buscamos em Butler (2003) o gênero não é um dado natural, mais sim o gênero é uma construção social. Veremos então como protagonistas da nossa pesquisa construíram e reconstruíram o gênero oposto ao do seu nascimento, na perspectiva dessa autora pós-estruturalista o gênero é uma construção social, ou seja, um constructo social.

As teorias propostas do Butler (2003) nos ajudaram a compreender a construção e a reconstrução subjetiva das identidades de gênero e as performances e as discursividades de subjetivação presentes nas narrativas das nossas protagonistas, nesse contexto os escritos dessa autora serão de grande relevância para analisarmos os discursos e as performances de mulheres trans a partir da desconstrução do gênero que lhes foi inscrito sobre seus corpos no nascimento. Buscamos embasamento teórico também na obra intitulada a História da sexualidade do filósofo

Foucault (1993) com o objetivo de tratarmos sobre as performances e discursos de subjetivação que reverberam na transição do gênero masculino para o gênero feminino de mulheres trans protagonistas dessa pesquisa. Essa obra nos oferece subsídios de cunho metodológico e teórico as práticas socioculturais que incidem sobre a vida de mulheres trans ao desobedecerem às normas socioculturais aos corpos ao sexo biológico e o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.

Para Foucault (1993) as práticas discursivas, ou seja, os discursos emitidos e reproduzidos e as relações de poder existentes estabelecem a normatividade dos corpos e da sexualidade humana. A transexualidade nesse contexto é considerada como um modo de transgressão da normalidade construída socioculturalmente, os discursos atravessam os corpos. Foucault (1993) afirma que o poder organiza as sociedades em um sentido micro organiza os grupos sociais. O grupo que estamos pesquisando irá nos evidenciar através das suas narrativas orais como o poder age sobre suas trajetórias de vida e incide sobre suas práticas subjetivas na transição de gênero. As mulheres trans evidenciaram às identidades de gênero em momentos.

Observaremos nas narrativas das nossas protagonistas como essa normatividade sobre os corpos e a sexualidades incidem diretamente sobre suas trajetórias de vida, isso de maneira

subjetiva na vida de cada uma, e na transição de gênero de cada uma. Vamos perceber nas narrativas como o poder normatiza, regula, organiza e como a sociedade lida com a transgressão, construção e reconstrução das identidades dessas mulheres trans entrevistadas. Stuart Hall (2003) é utilizado na pesquisa como embasamento teórico por abordar a questão de quem precisa de identidade? A questão da identidade e diferença é um dos temas que nos ajudará a compreender a construção e reconstrução das mulheres trans protagonistas é a questão abordada por Hall (2003) ao afirmar que a identidade é construída e reconstruída, a mesma é fixa, sendo fluida e a todo momento passível de construções e reconstrução. Sendo assim, a nossa identidade muda, se transforma e sofre interferências etc.

Hall (2003) traz a perspectiva na identidade na pós-modernidade, como o sujeito pode ter sua identidade fragmentada e fluida. Identidade essa que vai mudando ao longo do tempo e pode sofrer alterações a partir da cultura que o sujeito está inserido, a identidade na pós-modernidade é passível de sofrer influências de outras culturais externas a sua. Para arguirmos e corroborar com as falas de nossas protagonistas sobre as performances e discursos de subjetividades em transição de gênero, buscamos aporte teórico em Rogério Haesbaert (2004-2007) é um geógrafo que trabalho com o conceito de território e territorialidade.

Conceitos esses elementares a nossa pesquisa pois nos ajudarão a compreender de que território estamos trabalhando, Para Haesbaert (2004) é primordial que façamos a contextualização histórica sobre qual território, estamos trabalhando com as mulheres trans. A principal característica da territorialidade estudada são as nuances imbuídas nas relações entre o corpo (protagonistas), performances, discursos e subjetividades discursos em transição de gênero. O geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) é usado nessa pesquisa quando percebemos que as integrantes da pesquisa tiveram que construir um lugar, pois o lugar da família não as acolheu, quando o lugar da escola não foi mais acolhedor, quando o lugar do convívio social não foi mais o lugar que as reconhecesse como elas se perceberam ao transitar de gênero.

As narrativas irão nos mostrar que muitas dessas protagonistas ou a maioria abriram mão do lugar do convívio com a família, abriram mão da escola e de outras sociabilidades, em virtude de não se sentirem pertencente ao lugar do masculino ao lugar da masculinidade ao lugar da construção sociocultural do gênero masculino. Elas foram destituídas do lugar sociocultural em que estão inseridas, o lugar tornou-se inóspito, opressor, violentando-as. Tuan (1977) elucida que o corpo que o primeiro espaço do homem, esse corpo pode ser percorrido, alterado, modificado, a partir da lógica industrial, midiática, econômica e cultura. A lógica que se melhor se encaixa para o grupo que estamos pesquisando é a lógica cultural

pois precisamos compreender a cultura e o lugar que essas protagonistas estão inseridas incidem sobre suas transições de gênero, para entender as relações de poder nesse lugar.

Fizemos referência à célebre frase de Tuan (1983) esse autor afirmou que o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Se estamos a analisar as performances e discursos de subjetividades em transição de gênero de mulheres trans cabe refletirmos sobre esse “não lugar” que essas protagonistas precisam construir dentro dos lugares que estão inseridas. Nas suas famílias, na cultura, no território, no lugar territorialidade no lugar família, no lugar das relações de poder que são exercidas por cada protagonista entrevistada. Cada uma delas irá performatizar nos “não lugares” na sociedade.

Que lugares seriam esses? O lugar da família, o lugar da escola, o lugar da infância, o lugar de não se sentir pertencente ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento etc. Precisamos nos perguntar qual é o lugar dessas integrantes na sociedade? E como essas mulheres reivindicam e ocupam esse lugar social em um lugar que talvez não traga para elas segurança e não as possibilite ser quem são, ousamos afirmar que essas integrantes desejam a liberdade de ser quem são nesse contexto de transição de gênero no lugar que estão e de onde vem. As teorias de Tuan (1977-1983) nos ajudaram a compreender melhor sobre o lugar ou o não lugar das mulheres trans que entrevistamos, as narrativas trarão aspectos desse lugar.

Aplicamos um questionário semi estruturado às protagonistas como forma de conhecer as realidades, sócio espaciais territorialidades e especificidades desse grupo estudado, o questionário semi estruturado ficou apenas de posse da pesquisadora e não foi entregue as protagonistas participantes. Enfatizando que foi de necessidade fundamental que todas as protagonistas da pesquisa assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo nesse documento os riscos e benefícios da pesquisa. O zelo pelas informações foi fundamental.

Coube a pesquisadora explicar esse documento antes do mesmo ser assinado afim de gerar veracidade e credibilidade a pesquisa cumprindo as exigências impostas pelo Comitê de ética em pesquisa da UFT campus Palmas-Tocantins. Mesmo com a autorização das protagonistas para divulgar e expor os seus nomes sociais<sup>8</sup> e fotos na dissertação optamos por manter o sigilo das informações concedidas a pesquisa. Um dos pontos que nos levaram a manter esse sigilo foi o fato de estarmos tratando de um tema sensível dentro das pesquisas científicas. Outro ponto elementar foi o de compreendermos que o grupo estudado é

---

<sup>8</sup>Ressaltamos que nome social é o nome pelo qual travestis, transexuais e transgêneros desejam ser chamados (as) diferente do nome civil que foi atribuído oficialmente no nascimento.

marginalizado pela sociedade que estamos inseridas, dessa forma não iremos expor os nomes reais e as fotos mesmo autorizadas pelas mesmas afim de preservar a identidade de cada uma.

Não podemos afirmar que essa exposição pode ser usada por terceiros para atingir a integridade física e moral de nossas protagonistas, além de cumprimos com o compromisso ético e a veracidade da pesquisa que estamos desenvolvendo, respeitando essas mulheres trans. A supressão das identidades e fotos cedidas pelas protagonistas visa cumprir com as normas estabelecidas pelo CEP da UFT afim de causar nenhum tipo de dano moral ou psicológico à pesquisadora, à UFT e as próprias protagonistas. Os riscos e benefícios da pesquisa foram explicados antes da assinatura do TCLE como já mencionamos aqui.

Para manter em sigilo e preservar as identidades através dos dados obtidos nas narrativas cedidas, afim de corroborar com a arte da capa dessa pesquisa que visa retratar as metamorfoses com analogia ao exemplo da metamorfose da borboleta escolhemos para substituir os nomes sociais de cada uma das protagonistas a nomenclatura de Borboleta 1, Borboleta 2, Borboleta 3, Borboleta 4, Borboleta 5, Borboleta 6, Borboleta 7, Borboleta 8, Borboleta 9 e Borboleta 10. É imprescindível formular adequadamente o campo de experiência é fundamental para a relevância da pesquisa elencamos assim:

- 1) O objeto de estudo deve ser delimitado, bem como o tipo de olhar pretendido sobre ele;
- 2) "Ir a campo", ou seja, o encontro com o fenômeno em sua alteridade. A pesquisadora deve facilitar que a protagonista acesse à sua experiência vivida, e registrar adequadamente esse encontro para posterior análise;
- 3) A análise da pesquisadora do que trouxe de seu encontro. Nesse momento a pesquisadora busca uma reflexão das impressões gerais, em uma tentativa de captar o essencial ou de descrever o fluxo experiencial da entrevista;
- 4) A concretização dos eixos de significado, emergidos desde o início da pesquisa, de todo o material coletado ou produzido, em uma lista de aspectos ou conexões significativas que podem constituir respostas parciais à pergunta da pesquisa;
- 5) Toda a análise caminha em direção a uma articulação desses eixos em um texto unificado e consistente. Esse texto corresponde ao resultado da pesquisa, ou à síntese do material concreto, mas não ainda à conclusão;
- 6) Com esse resultado diante de si, a pesquisadora inicia a construção de uma interpretação mais abrangente do fenômeno. Trata-se de elaborar uma possibilidade de compreensão que vá além daquelas situações individuais ou particulares de onde partiu a pesquisa. Trata-se de construção de teoria: é a conclusão;

7) A comunicação da pesquisa pelo encontro com o público e com a comunidade científica por meio de publicações, comunicações em congresso, entres outros. Em uma recriação da pesquisa na interlocução com outras experiências;

Foram entrevistadas 10 mulheres trans, os convites para participação no estudo foram feitos independentemente de idade, religião, classe social ou estado civil. (As protagonistas não precisaram comprovar se residem em Araguaína-TO). Os critérios de inclusão foram os seguintes: a) aceitar participar da pesquisa; b) Protagonista: se identificar como mulher trans e ter idade igual ou superior a 18 anos.

Para alcançar os objetivos propostos no Cronograma de Execução a seguir, esta Pesquisa primeiramente foi enviada para a avaliação pelo CEP da UFT e após aprovada, traçamos uma rede de contatos segundo a técnica Bola de neve (Snowball) na qual as primeiras protagonistas indicam outras e assim por diante. Para Juliana Vinuto (2014) a amostragem em snowball ou bola de neve pode ser definida como um tipo de amostragem não probabilística, em que se utilizam cadeias de referência, além disso, é útil em pesquisas com grupos de difícil acesso.

É uma técnica útil ainda para se estudar questões delicadas que são de âmbito particular e requerem o conhecimento de pessoas já pertencentes aos grupos para se localizar informantes. No entanto, essa forma de amostragem não é capaz de se sustentar sem outros métodos e técnicas, por isso, faz-se necessário que se preste atenção às sutilezas do campo pesquisado Vinuto (2014). A criação da rede de contatos e encontros para estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo (fenomenológicos) constituiu-se cumprindo as seguintes etapas:

Etapa 1: para a utilização da amostragem em bola de neve, inicialmente foram identificadas possíveis protagonistas-chaves (denominadas aqui de sementes) que poderiam acessar protagonistas que se declarassem como mulheres trans. As sementes auxiliam a pesquisadora a iniciar seus contatos e a se aproximar do grupo a ser estudado. As duas protagonistas iniciais foram mulheres trans que participam do mesmo movimento de militância da pesquisadora, elas foram informando as demais protagonistas com o mesmo perfil a ser estudado.

Etapa 2: agendou-se um ambiente/local de escolha das protagonistas para realização do encontro, mediante orientação prévia de que o lugar deveria proporcionar conforto e privacidade, com a presença somente da pesquisadora e da protagonista. Utilizou-se para coleta das informações uma entrevista semi estruturada aberta composta por questões que permitiram interação com as participantes. A partir do momento em que não surgiram novos

significados, a etapa de coleta de informações foi finalizada. Em decorrência da Covid-19 o ambiente/local escolhido pela pesquisadora em diálogo com as protagonistas foi o ambiente virtual do aplicativo de WhatsApp.

Etapa 3: Após cada entrevista, foi solicitado às protagonistas indicadas pela semente que apontassem outros contatos, dentro de sua rede social, com o perfil desejado pela pesquisadora. Destarte, o número de participantes pode aumentar a cada entrevista. Porém no caso o número de protagonistas foi escolhido ser com (10 mulheres trans). Após cada encontro virtual, as entrevistas gravadas em arquivos de áudio foram transcritas na íntegra (lembrando que retiramos das transcrições as partes que eram de interesse para o nosso estudo) e lidas exaustivamente. Também, elaborou-se um diário de campo no qual as expressões não verbais, horário de começo e término das entrevistas, data, ano, mês, dia da semana das entrevistas eram descritas. A rede de contato não se tornou-se saturada quando as sementes indicaram participantes que já haviam sido sugeridas anteriormente, pois já tínhamos adicionado em um grupo de *WhatsApp* as 10 protagonistas selecionadas e que aceitaram compor nossa pesquisa.

### **1.3 Relato de experiência com a técnica bola de neve**

Durante sua constituição, uma pessoa recusou-se a participar do estudo, a semente um foi a protagonista encontrada inicialmente através de contato online direto, por se tratar de uma conhecida através do movimento de militância em Araguaína-TO. Ela atendeu aos critérios de inclusão no estudo e por consequência foi a protagonista um (a Borboleta 1). Por questões éticas, a pesquisadora não relatava quais protagonistas já haviam sido contatadas, afim de evitar qualquer impedimento para a pesquisa. A semente um indicou sete protagonistas com o mesmo perfil para o nosso estudo, chegamos as protagonistas a partir de palestras da militância já realizadas em Araguaína-TO.

A semente dois, (a Borboleta 2) também protagonista, fez a indicação de uma potencial protagonista que foi adicionada no grupo de WhatsApp. Após o encontro online com a semente 1 e 2, foi possível as entrevistas online com as demais protagonistas totalizando as 10 protagonistas com o mesmo perfil para o estudo. Todas as informações da pesquisa foram repassadas previamente.

O acesso as protagonistas por meio deste método proporcionaram interação satisfatória entre a pesquisadora e esse grupo, já que estas entrevistas não seriam realizadas mais entre desconhecidas. O fato de serem as sementes responsáveis por mediar o encontro entre a pesquisadora e as protagonistas facilitou a realização das entrevistas, uma vez que, sendo a

pesquisadora alguém conhecida da semente, as protagonistas que aceitaram participar do estudo não demonstraram estranhamento, proporcionando o desvelamento do ser., portanto, a pesquisadora foi reconhecida como uma pessoa que busca a compreensão do modo de vida das protagonistas em relação aos objetivos e problemática levantada para o estudo.

A amostragem em bola de neve foi um instrumento apropriado para a pesquisa com pessoas trans e travestis que no dia a dia convivem com a invisibilidade de seus corpos e identidades e geralmente se relacionam em rede com os que apresentam características semelhantes à sua e que no caso deste método as características são definidas pelas próprias entrevistadas. Por intermédio da formação da rede de contatos, foi possível alcançar às informações necessárias, as quais viabilizaram o desenvolvimento do estudo.

As protagonistas que preencherem os critérios de inclusão acima mencionados foram solicitadas a assinar o TCLE que garante que suas identidades, fotos, áudios e as narrativas orais cedidas à entrevistadora serão mantidas em sigilo. As entrevistas foram realizadas de forma remota através do aplicativo *WhatsApp* devido a *Covid-19* que impossibilitou que as entrevistas fossem realizadas de forma presencial. Seguimos assim os protocolos de medidas preventivas a contenção e disseminação da *Covid-19*, apenas os termos de consentimento livre esclarecido foram assinados de forma presencialmente. Lembrando que apenas duas protagonistas aceitaram receber o TCLE por *email*, as mesmas assinaram e escanearam logo após devolveram o termo assinado por *email* à pesquisadora.

As demais não tiveram muita habilidade para fazer esse procedimento por isso a pesquisadora marcou de encontrar-lás separadamente com horário marcado para assinar esse termo, em todo momento foi cumprido os protocolos de medidas preventivas a contenção e disseminação da *Covid-19*. Todas as entrevistas foram realizadas de forma individual marcadas por telefone com horários definidos pelas próprias integrantes respeitando a conveniência e os critérios de privacidade das integrantes, com duração aproximada de uma hora, as mesmas foram advertidas da necessidade de um novo agendamento com uma nova entrevista, para que o objetivo seja atingido.

Como meio de acesso aos relatos, utilizamos a entrevista semi estruturada, que, de acordo com Mauro Martins AmatuZZi (2007), deve ser dialética e mobilizadora, já que tem como objetivo “surpreender o vivido no presente”. De modo que nesse encontro, haja a possibilidade que tanto pesquisador como colaborador reflitam a vivência do fenômeno de forma inédita. Em um primeiro momento, esse encontro aconteceu com as protagonistas, mediado pela questão desencadeadora: Estamos realizando uma pesquisa que visa analisar as performances e discursos de subjetividade em transição de gênero de mulheres trans, você

aceita contar um pouco da sua história de vida em relação a sua transição de gênero? A questão central foi colocada de outras maneiras e repetida diversas vezes até que fossem compreendidas pelas protagonistas com a intenção de sanar quaisquer dúvidas em relação ao objetivo e a problemática de nossa entrevista semi estruturada.

#### **1.4 Análise e interpretação dos resultados**

As entrevistas foram gravadas e o seu conteúdo transcrito e analisado, isto para que a transcrição do conteúdo seja exata e que não haja perda de nenhuma informação relevante. Após a transcrição das entrevistas as gravações foram arquivadas ficando de posse apenas da pesquisadora. Sendo assim, foi utilizada a estratégia das Histórias de Vida, que conforme Daniel Augusto Moreira (2002) buscam a visão da pessoa acerca de suas experiências subjetivas de certas situações. Essas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a um evento ou série de evento que possam ter tido algum efeito sobre o respondente.

A história oral de vida visa à construção de um documento que registra a experiência vivida ou o relato de um indivíduo ou de vários indivíduos, ou seja, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. A preocupação do entrevistador deve residir na gravação do desvelar da história da experiência dos sujeitos, documentando os vários momentos que marcaram as suas vidas, tal como eles os veem. O documento central neste estudo não é a fita de gravação, mas sim a sua transcrição (MOREIRA, 2002).

Como ferramenta indispensável, da nossa pesquisa foi parte do nosso percurso metodológico o uso da técnica das entrevistas, usadas nesse estudo para produzir os dados referentes a pesquisa assim, apontada por Luiz Antonio Bittar Venturi (2005) da seguinte maneira, [...] na realização de entrevistas, mas que aplicação de questionários, a forma de abordagem e a linguagem utilizada, a habilidade do entrevistador, o conhecimento prévio sobre o assunto em pauta, o conjunto de informações sobre o entrevistado, podem significar desde o mais desejável sucesso ao mais completo fracasso na obtenção das informações desejadas [...].

Para a realização de uma entrevista exitosa, clara, transparente e que respondesse aos objetivos e a problemática da pesquisa compreendemos assim que a ocasião da entrevista é crucial para a materialidade do saber sobre o escopo da pesquisa, sendo este levantado em função da sutileza e do respeito do entrevistado pelo entrevistador, refletindo sobre os resultados apontados pela pesquisa. Nesse sentido Antônio Carlos Gil (2008) define a entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe

formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. As entrevistas em especial são uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

As entrevistas foram gravadas tendo um roteiro previamente estruturado com 5 perguntas semi estruturadas que buscaram responder aos objetivos da pesquisa e a problemática da pesquisa. Essas foram individuais e marcadas por telefone e realizadas por telefone, através do aplicativo de *WhatsApp*, no total de entrevistamos 10 mulheres trans que residem ou estão de passagem por Araguaína-TO por algum motivo, razão ou circunstância. A idade usada como critério de inclusão e participação na pesquisa foi ser maior de 18 anos evitando assim possíveis constrangimentos para as partes envolvidas na pesquisa e sabendo que para iniciar o processo transexualizador pelo Sistema Único de Saúde<sup>9</sup> (SUS) a idade permitida é 18 anos para aquelas que fazem os tratamentos pelo SUS com acompanhamento de equipe médica especializada isso de acordo com a portaria de número Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013.<sup>10</sup>

Em casos extremos de impedimentos como fenômenos climáticos ou contratempos pessoais, as entrevistas tiveram a possibilidade de serem remar cadas através de ligação e agendamento com dia e horário respeitando a disponibilidade de cada protagonista a fim de manter a veracidade e seriedade da pesquisa. Sempre respeitando a vida pessoal de cada protagonista que aceitou participar da pesquisa. Foi utilizado também para realizar a pesquisa um diário de campo, contendo o registro das realidades centradas no objetivo da pesquisa, o diário contribuiu também com o andamento da pesquisa no caso de imprevistos com as gravações realizadas. O diário de campo ficou de posse apenas da pesquisadora, nesse diário a pesquisadora anotou detalhes que ela foi percebendo durante as narrativas como, por exemplo: choro, risos, pausas, reações constrangedoras, indisposições, horário de início e término das entrevistas etc.

Tivemos êxito e conseguimos atingir o objetivo do estudo, foi possível explicitar os objetivos da pesquisa a todas que protagonistas que narraram suas histórias de vida, a técnica bola de neve favoreceu a condução metodológica das entrevistas, orientadas respeitando as protagonistas. Posteriormente ao término das entrevistas as mesmas foram organizadas uma a uma a fim de proceder às análises, todo o andamento da pesquisa foi respaldado pela pesquisa

---

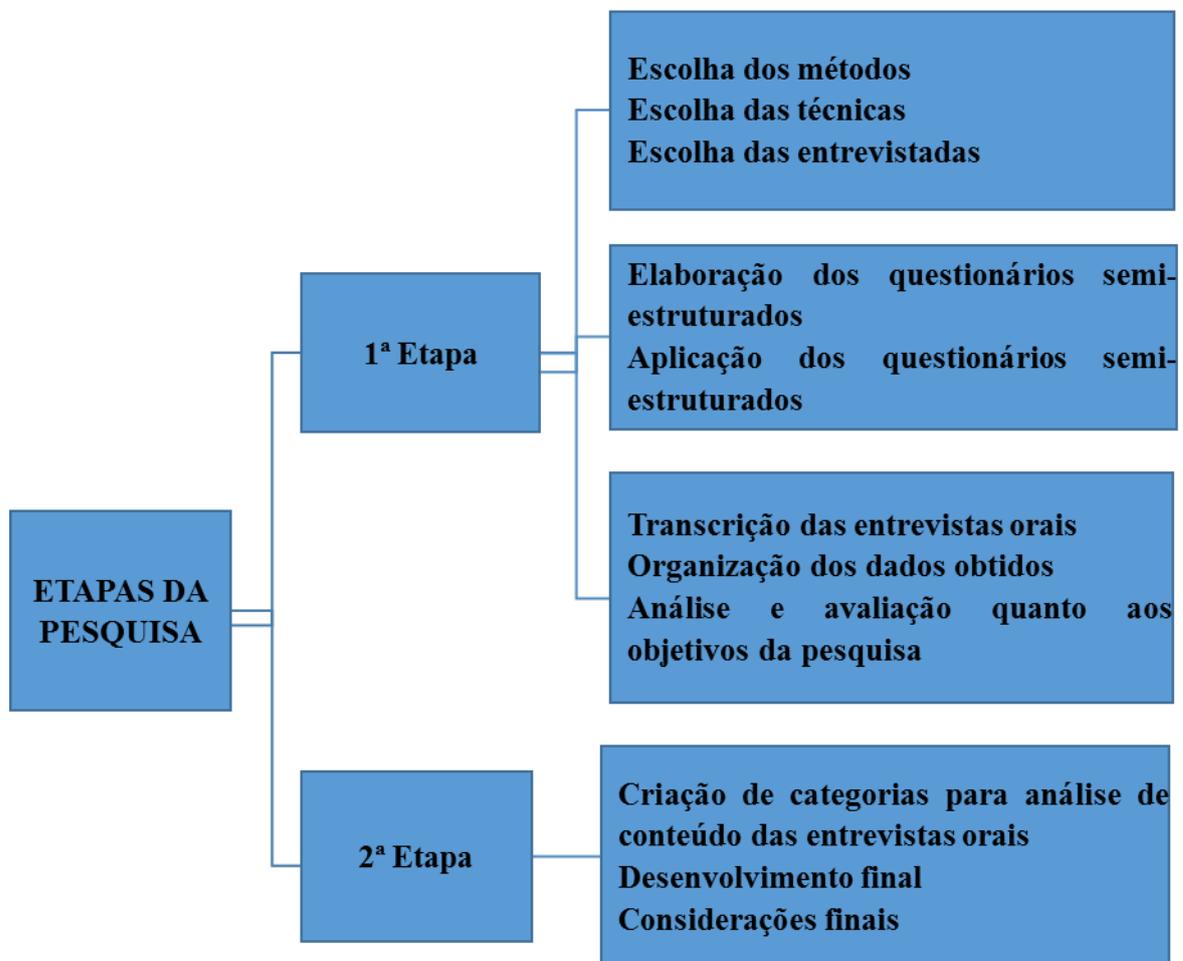
<sup>9</sup>Sistema Único de Saúde, esse sistema é público.

<sup>10</sup>Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013(\*) redefine e amplia o processo transexualizador no sistema único de saúde (sus) (BRASIL, 2013).

bibliográfica, abrangendo as referências teóricas-metodológicas fundamentais para compreensão e explicação das narrativas orais das protagonistas que participaram da pesquisa.

Para analisarmos os conteúdos das entrevistas após a realização das fases pré-entrevista-entrevista e pós-entrevista tivemos como embasamento teórico os pressupostos apresentados sobre análise de conteúdo da autora Laurence Bardin (2011) que traz a indicação da utilização da análise de conteúdo que prevê três fases fundamentais, sendo essas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados- a inferência e a interpretação. O organograma 1 abaixo tem o objetivo de mostrar aos leitores como nossa pesquisa foi construída desde a sua idealização até a redação final do texto para a defesa da pesquisa. Esse percurso metodológico destaca as fases de construção da nossa pesquisa onde tivemos que percorrer um caminho de encruzilhadas, idas e vindas para que o texto pudesse responder aos objetivos e a questão central do estudo trazendo a nossa pesquisa a credibilidade e veracidade na área estudada.

Organograma 1 – Etapas da construção da pesquisa



Na primeira etapa realizamos a escolha dos métodos e técnicas afim de que os métodos e as técnicas subsidiassem a escolha das entrevistadas, a elaboração dos questionários, aplicação dos questionários, a transcrição das entrevistas, organização dos dados obtidos, e a análise e avaliação dos objetivos da nossa pesquisa. Os métodos escolhidos são sustentados nas seguintes teorias: Métodos da auto biografia Maria Helena Barreto Abrahão (2004), Método da abordagem qualitativa Antonio Chizzoti (2001), Metodologia da análise de conteúdo Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (2008), Metodologia da análise de conteúdo Laurence Bardin (2011) e o Método fenomenológico da pesquisa Daniel Augusto Moreira (2002), Metodologia da história oral Alessandro Portelli (2016) e a Metodologia da escuta sensível René Barbier (2002).

As técnicas e os metodologias foram recursos metodológicos no nosso estudo, sendo assim as técnicas utilizadas no estudo foram as seguintes: técnica da bola de neve (Snowball) Nelma Baldin e Elzira M. B. Munhoz (2011), técnica da entrevista semi estruturada Mauro Martins AmatuZZi (2007), técnica da entrevista Luiz Antonio Bittar Venturi (2005), técnica da entrevista Antônio Carlos Gil (2008). Como visualizado no organograma acima, metodologicamente fizemos primeiramente, a escolhas dos métodos, que se deu por tais motivos: narrar as histórias orais de vida em relação as performances e discursos que reverberam na transição da identidade de gênero de mulheres trans em Araguaína-TO. Os métodos escolhidos serviram para corroborar com as entrevistas realizadas, utilizamos métodos e metodologias diversas para obtermos os resultados esperados.

E partir disso selecionamos as técnicas determinadas feito isso selecionamos os critérios para selecionar as protagonistas a serem entrevistadas como por exemplo: ser maior de idade, se auto identificar como mulher trans; aceitar ser entrevistada; aceitar assinar o TCLE; relacionado com essa primeiro momento fizemos em seguida a elaboração do questionário semi estruturado a partir de questões que visavam saber sobre em que momento as protagonistas começaram a performatizar o gênero ao qual se percebem e quais os discursos perpassam por essas performances de gênero desde a mais tenra infância até o momento em que foram entrevistadas. Demonstrando assim as suas histórias de vida dentro da temática que a pesquisa se propõe a responder a partir dos métodos e técnicas escolhidos para realizar o estudo.

Elaboramos um questionário semi estruturado com objetivo de deixar as protagonistas a vontade na hora das entrevistas, mas sem perder o foco principal em responder o objetivo principal da nossa pesquisa. O questionário teve como objetivo também de conhecer o perfil sociológico e identitário de cada protagonista afim de mostrar ao público quem são essas

mulheres trans na sociedade em que estão inseridas, elas ficaram livres para responder as perguntas individualmente.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 14 de junho a 17 de junho de 2021 através do aplicativo *WhatsApp* com as protagonistas selecionadas nos dias marcados de acordo com a disponibilidade de cada uma. Lembrando que as entrevistadas foram realizadas individualmente em turnos alternados afim de conseguir entrevistas a todas. Previamente todas as entrevistas foram agendadas e marcadas por telefone. As dificuldades encontradas foram a seguinte: não conseguimos realizar as entrevistas presenciais devido estarmos na época passando por um período da onda de uma doença chamada *Covid-19*, achamos melhor evitarmos a contaminação e disseminação pelo vírus. Assim o contato visual de olhar no olho de cada uma, de sentir os desconfortos, ver os sorrisos, ou possíveis emoções etc. de forma presencial não foi possível em virtude da pandemia da *Covid-19*.

Após a aplicação dos questionários semi estruturados partimos para a transcrição das entrevistas a partir dos dados obtidos pela transcrição das narrativas orais. Os dados foram organizados em categorias de análise afim de corroborar os dados obtidos com a teoria levantada na pesquisa. As categorias escolhidas para a estudo foram as seguintes: categoria de número 1) Etapa do ciclo vital no qual passou ou estar passando no processo de identificar-se como mulher trans; categoria de número 2) Procedimentos e estratégias utilizados para produzir nova configuração e sua identidade de gênero do masculino para o feminino; categoria 3) Autoaceitação e autopercepção da identidade trans; categoria de número 4) Desafios enfrentados na transição de gênero.

Os dados obtidos também foram transcritos para a composição de um mapa de localização geográfica das protagonistas entrevistadas e uma tabela com a descrição sociológica e identitária de cada entrevista afim de tornar uma leitura, mas didática informando os leitores acerca das mulheres trans que cederam suas histórias de vida para que esse estudo fosse possível de ser realizado com elas e não sobre elas. Tivemos a preocupação de suprimir os nomes reais por motivos éticos de pesquisa afim de resguardar e preservar nossas entrevistadas diante de uma sociedade transfóbica. Todos os obtidos serviram para responder os objetivos e a problemática da nossa pesquisa com elas.

Passado todos esses momentos da primeira etapa metodológica da pesquisa acima mencionados, fizemos o que denominamos de segunda etapa de desenvolvimento da pesquisa que consistiu na criação de categorias de análises de conteúdos como já mencionamos logo após partimos para a redação final do texto corroborando as entrevistas com os métodos e técnicas escolhidos para a realização e produção da dissertação. O estudo foi dividido em três

capítulos onde as falas das entrevistadas foram sendo elencadas diante da teoria escolhida para contar suas histórias e responder aos objetivos e a problemática da pesquisa. Todo o desenvolvimento foi construído e pensando para visibilizar essas vozes e publicar as histórias de vida para além de contextos vitimizantes e levados ao exotismo fazendo dessas mulheres trans as protagonistas da nossa pesquisa com elas e por elas, os discursos delas serão essenciais em todo o percurso do estudo, para que as mesmas sejam visibilizadas, conhecidas.

Um dos desafios e entraves foi a apresentação da transexualidade pela literatura através de um viés patológico e higienista fazendo com que fossemos beber na fonte de autores pós-estruturalistas que trazem a abordagem das identidades trans pelo viés filosófico, sociológico e identitário fugindo da visão patológica da transexualidade nos apresentando uma outra construção teórica acerca das identidades trans que estão dentro da cultura e do território produzindo e reproduzindo a territorialidade vivendo outras formas de ser e estar mulher no mundo para além das normas binárias de gênero e sexualidade onde essas mulheres trans são marginalizadas socioculturalmente. Nossa pesquisa visa trazer uma outra visão sobre as trans.

Buscamos captar as memórias das protagonistas que aceitaram narrar suas histórias de vida. Conforme Vera Maria Antonieta Tordino Brandão (2008) a questão acerca da memória sugere lembranças, recordações. Fatos que gostamos de relembrar - um presente ou uma data especial da infância, as memoriais em relação a quem foi a primeira professora, o primeiro emprego, ou melhor quem foi o primeiro amor. Queremos ouvir e depois narrar as memórias.

Está, portanto é uma pesquisa autobiográfica onde empregamos o método da autobiografia para narrar sobre a vida das 10 mulheres trans que foram entrevistadas. Segue algumas inquietações postas nos questionamentos da autora Vera Maria Antonieta Tordino Brandão (2008) que afirma: Nos relatos autobiográficos quanto de realidade existe nas figuras - personagens - e nos cenários? Qual seria o papel de quem está narrando? Ao contar, o narrador - herói possível - reconstrói sua história e as figuras que dela fizeram parte, é o passado que, chamado e filtrado pelo presente, acontece o retorno reelaborado em sua verdade possível.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo recebeu o título de: *“Conceituando o campo de pesquisa: autores que balizaram o estudo”* objetivamos nesse capítulo discorrermos aos leitores sobre os estudos sobre a transexualidade e os estudos transgêneros desenvolvidos no Brasil a partir de um viés sociocultural e identitário com embasamento teórico em autores pós-estruturalistas, que trazem outras visões

sobre transexualidade, Pois nossa pesquisa pretende superar a visão higienista e de patologização.

Achamos por bem enveredar nosso estudo a partir das produções de autores pós-estruturalistas como por exemplo: Letícia Lanz, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Paul Beatriz Preciado, Luma de Andrade, Judith Butler dentre outros teóricos brasileiros com diálogos nas postulações da papisa do nosso estudo que é autora Judith Butler para respondermos os objetivos e a problemática da nossa pesquisa. A escolha desse embasamento teórico acerca dos estudos transgêneros tratados por autores pós-estruturalistas tem o intuito de trazer informações mais claras e precisas tornando assim o texto menos denso, higienista fugindo da perspectiva patológica tornando nossa discussão mais fluida e atrelada às análises que serão tecidas com enxertos selecionados e categorizados das protagonistas nas entrevistas semiestruturadas.

O segundo capítulo, intitulado: ***“A formação da identidade do sujeito pós-moderno na perspectiva dos estudos pós-estruturalistas e de corporeidades”*** o objetivo desse capítulo é falar sobre a formação da identidade e da identidade de gênero em especial nas manifestações identitárias e performáticas das mulheres trans. Nesse capítulo temos o intuito de fazer uma relação com as questões das performances e discursos de subjetividade e empoderamento na transição da identidade de gênero de mulheres trans com as questões de território e da territorialidade a partir da História Oral na categoria temática da História de vida, contadas pelas vozes de 10 mulheres trans.

E por último o terceiro capítulo, intitulado: ***“História Oral: performatividades e discursos de subjetividades na transição das identidades de gênero de mulheres trans”*** tem o objetivo trazer descrições de cada protagonista da pesquisa e contar as histórias de vida das mulheres trans que foram entrevistadas. Esse capítulo mostra a trajetória de vida de mulheres trans trazendo as narrativas orais dessas protagonistas sobre as performances e discursos de subjetivação que reverberam sobre as transições de gênero. O nosso terceiro capítulo também a pretensão de responder a nossa pergunta chave que é problemática da nossa pesquisa: Quais os discursos reverberam os processos de transformações identitárias de mulheres trans em Araguaína-TO? Ao final, não dando o assunto por encerrado são apresentadas as considerações finais, constando as principais consideração desta dissertação e sugestões, apontamentos, reflexões etc. Para que aconteçam futuras investigações/estudos/pesquisas/diálogos com mulheres trans.

No decorrer dos três capítulos, trouxemos às mulheres trans como protagonistas das análises realizadas e destacamos que o estudo é relevante para a academia, a sociedade, e a ciência

e principalmente às protagonistas. Foi possível assim nos formamos e nos despimos dos nossos próprios preconceitos também dentro e fora da universidade, aprendemos muito com as protagonistas, em especial termos e dialetos próprios das mulheres trans e das suas trajetórias.

Esta pesquisa converge para o entendimento de que é fundamental reforçar o processo de resistência e desconstrução de paradigmas e de opressões, os quais estigmatizam, deslegitimam e patologizam as identidades e subjetividades trans, contribuindo latentemente para a continuidade de violências, violações, silenciamentos, e uma noção que foi construída sobre o que é ser trans.

A você, cara leitora, leitor, realizamos o convite para andar conosco nessa trajetória visivelmente labiríntica, mas que nos possibilitará conhecer histórias de vidas que não estão nos livros didáticos, nos jornais, na série que você assiste etc. O caminho percorrido até poucos ousaram percorrer por inúmeros motivos onde a transfobia é latente excluindo a maioria dos corpos e identidades trans da cultura e do território aos quais estão inseridos. Escolhemos esse caminho por entendermos que ele nos revelará ricas e diversas formas de ser e estar mulher na sociedade contemporânea, e queremos mostrar que essas formas ou seja essas performances de gênero precisam ser respeitadas para que um novo modelo sociocultural de compreender as identidades trans seja estabelecida, reconstruído e construído diante das narrativas que aqui serão transcritas, analisadas, corroboradas e publicizadas para além dos discursos científicos.

## 2 CONCEITUANDO O CAMPO DE PESQUISA

O objetivo desse capítulo é discorrer aos leitores sobre os estudos acerca dos Estudos Transgêneros desenvolvidos no Brasil a partir de um viés sociocultural e identitário com embasamento teórico em autores pós-estruturalistas. A teoria será utilizada para corroborar com as entrevistas orais realizadas, para assim respondermos os objetivos e a problemática da pesquisa. Achamos por bem enveredar nosso estudo a partir das produções de autores pós-estruturalistas como por exemplo: Letícia Lanz, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Luma de Andrade e outros brasileiros com diálogo em Michel Foucault sobre poder e os dispositivos de controle e Judith Butler sobre gênero como uma construção cultural, e a performatividade de gênero (uma das expoentes da *Teoria Queer*) para respondermos os objetivos e a problemática da nossa pesquisa.

Os conceitos levantados servem para construirmos uma leitura com mulheres trans, fugindo de leituras e enquadramentos já realizados com uma cosmovisão patologizante. A partir do tema estudado e pela necessidade de uma abordagem sociocultural e identitária de pesquisa que considere as identidades trans como uma questão sociocultural e não patologizante, utilizou-se como o conceito empregado pela filósofa Judith Butler que utiliza a noção de que a expressão de gênero não está necessariamente vinculada a pré-existência de um sexo natural e que esta expressão, por meio da linguagem e sua discursividade, é desenvolvida e transformada nas e pelas interações de maneira relacional (BUTLER, 1999; 2003).

Neste ponto de vista, o sexo não é estático, mas vem a ser, um processo materializado pela reiteração, processo denominado de performatividade de gênero, impelida pelas normas regulatórias ao longo dos tempos, uma vez que as diferenças sexuais são distinguidas e materializadas por práticas discursivas, de instituições como por exemplo: igreja, ciência ou direito. Estas práticas discursivas são descritas pelo conceito de performatividade, entendida como a prática reiterativa e referencial pela qual o discurso determina os efeitos que ele nomeia Butler (1999;2003). A autora continua indicando a possível relação existente entre o conceito de materialidade do corpo com a noção de performatividade de gênero, na qual o gênero não seria apenas uma construção cultural simplesmente imposta sobre uma matéria previamente deliberada.

O sexo enquanto o emprego da normatividade, não é aquilo que alguém já é, mas aquilo que enseja uma matéria, um corpo para a vida em determinada compreensão cultural.

A performatividade é então a obra da própria norma através da linguagem, o poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e pune (BUTLER, 1999; 2003).

Nesse contexto a autora alude que o próprio discurso sobre o sexo, já regula a materialização dos corpos que ele nomeia e que o sexo não seria puramente natural, um fato já dado, sobre o qual o gênero foi estabelecido. O próprio sexo seria invenção do poder reiterado da norma, a formação do próprio sujeito, do 'eu' falante se dá em virtude de ter passado pelo processo de adotar um sexo. A alegação construída ao interrogar a formação do sujeito influenciada pela adoção de um sexo – não apenas de um gênero – nos faz refletir quanto ao que acreditamos sobre a relação sexo – gênero.

A autora Butler (1993;2003) ratifica que, a ideia de adotar um sexo, no sentido de que uma pessoa passa pelo processo de subjetivação já carregando o fato de ter assumido um sexo. Ela não possui determinadas características que a representam pelo fato dado de ser macho ou fêmea, mas sim o fato de ter adotado (naturalizado) um sexo ou outro, materializa seu corpo, materializa a forma como este corpo se apresenta culturalmente, assim como sua subjetividade. A formação do sujeito ocorre enquanto um corpo forçado a se identificar, dentro da matriz heterossexual, com um padrão de identificação binário sexuado, no qual os meios discursivos permitem as identificações são baseados e as identificações que não se direcionam a nenhum dos lados é vista como uma identificação abjeta.

A escolha desse embasamento teórico acerca da transexualidade e dos estudos transgêneros tratados por autores pós-estruturalistas tem o intuito de trazer informações mais claras e precisas tornando assim o texto menos denso, fugindo da perspectiva patologizante, médica, medicalizante e higienista tornando nossa discussão mais fluida e atrelada às análises que serão tecidas com fragmentos selecionados para análises das entrevistas semiestruturadas das protagonistas. Para a execução e andamento na construção do estudo escolhemos as seguintes categorias/conceitos/perspectivas: transexualidade, cultura, performatividade, territorialidade que se fizeram necessários para respondermos ao objetivo e a problemática da pesquisa.

Buscamos deixar os leitores cientes das categorias e autores que utilizamos na construção desse estudo interdisciplinar, portanto abaixo destacamos essas principais categorias/conceitos/perspectivas juntamente com os autores e suas epistemologias que balizaram o estudo, essas categorias/conceitos/perspectivas foram de grande importância para o desenvolvimento dessa dissertação feita com mulheres trans, feita com elas e não sobre elas por que sem as protagonistas dessa pesquisa seria impossível a realização dessa dissertação.

Achamos imprescindível em sinalizarmos como vivem atualmente e quem são as mulheres transexuais da nossa época, assim buscamos mostrar aos leitores o percurso histórico que o grupo que estamos estudando passou por várias épocas até o presente momento de nossa pesquisa. Além de retratarmos como a nossa sociedade atual lida com as questões da transexualidade e as identidades trans na contemporaneidade de nossos dias. E sinalizarmos como os conceitos foram sendo construídos ao longo dos tempos até chegar nos dias atuais na nossa atual contemporaneidade. Está pesquisa embasou-se teoricamente e epistemologicamente no conceito de cultura proposto nos estudos realizados pelo antropólogo Clifford Geertz, tendo o seu livro a interpretação da Cultura de (1989) para dialogar e fundamentar a temática dessa pesquisa que se propõe em de analisar os discursos<sup>11</sup> e performances que reverberam a transição da identidade de gênero de mulheres trans em Araguaína-TO.

Em todo o processo de produção, desenvolvimento, análise e interpretação da pesquisa estou disposta como pesquisadora implicada. A filósofa Donna Haraway (1995) chama essa situação como “perspectiva parcial” todo o conhecimento que é produzido fora das cátedras acadêmicas hegemônicas, ou seja, o conhecimento que é produzido fora da universidade a partir de experiências empíricas que são edificadas pelos próprios sujeitos. Todos os saberes produzidos a partir das experiências empíricas dos próprios sujeitos, são colocados por essa autora como sendo saberes localizados por que foram produzidos entre nós, a partir de nós, para o mundo acadêmico, concebendo nossas experiências como sujeitas trans com os conhecimentos científicos correspondentes a uma autêntica interpretação na área de cultura e território.

Para Clifford Geertz (1989), a cultura se configura como uma teia de significados que regem e governam a vida dos sujeitos. Em seus estudos Geertz (1989) constatou que para compreender o que se chama de ciências humanas, é preciso desarticular o olhar das teorias e dos seus adeptos para as práticas realizadas pelos sujeitos. Nas análises realizadas sobre grupos sociais, as interpretações realizadas pelos pesquisadores são sempre de segunda mão. O autor deixa evidente que somente aqueles sujeitos pertencentes a aquele grupo social que vivenciam as práticas culturais do grupo são capazes de fazer uma interpretação de primeira mão, melhor elaborada da realidade vivenciada em grupo.

---

<sup>11</sup>Tendo como noção foucaultiana de discurso, apresentamos que este consiste em uma interpretação produzida pela realidade por meio da cultura (FOUCAULT, 2008), de modo a construir conhecimento, opera de modo a incluir/excluir sujeitos(as), (re)produzir relações de poder e definir sujeitos(as) em uma dada sociedade (FOUCAULT, 2008, 2007, 1996).

Nas ciências sociais são vários os conceitos de cultura. A própria palavra cultura se configura como um termo polissêmico. O uso indiscriminado e de forma mal colocado da palavra cultura tem causado reações generalizantes entre antropólogos, historiadores, e outros cientistas sociais. Essa pesquisa optou-se por dialogar com o conceito de cultura proposto na obra *A interpretação da cultura* do antropólogo Geertz, professor da Universidade de Princeton, em New Jersey, EUA esse autor foi considerado um dos estudiosos da antropologia mais influentes sobre culturas, nos EUA.

Partindo da obra de Geertz a interpretação da cultura é possível compreender o conceito de cultura como sendo semiótico. Na perspectiva de Max Weber, o antropólogo Geertz (1989) traz o seguinte pensamento: que o homem é um animal amarrado e teia de significados que ele mesmo teceu”. O autor define cultura como sendo essas teias, cuja análise não se resume como uma ciência experimental procurando leis, mais sim como uma ciência que busca interpretar os significados.

De acordo com Geertz (1989) cultura consiste em estruturas permeadas de significados que são estabelecidos socialmente. Por meio de suas visões, entende-se que cultura não é poder, mesmo assim todos os sujeitos têm cultura e de alguma forma compartilham de determinadas culturas. Continuando o pensamento esse autor afirma: a cultura faz parte de uma totalidade, com sistemas entrelaçados de signos que podem ser interpretados. Assim salienta, com sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, comportamentos, as instituições, os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligíveis, isto é, descrita com densidade (GEERTZ, 1989).

Ainda nessa mesma perspectiva Geertz ressalta que para compreender é preciso buscar analisar os significados particulares das atividades realizadas por determinados grupos. Compreender a cultura de um povo expõe as suas normalidades sem reduzir suas particularidades Geertz (1989) Esse autor escrevendo sobre o impacto do conceito de cultura na sobre o conceito de homem, destaca duas ideias para compreensão do homem (no sentido de ser humano). O primeiro pensamento refere-se de que a cultura não deve ser panorama para complexos padrões de comportamento-costumes, tradições, usos, hábitos, mas, como um conjunto de mecanismos de controle- planos, receitas, regras, instruções que- regulam e governam o comportamento das pessoas na sociedade. O segundo pensamento proposto parte da premissa que o homem é um animal que está amarrado a esses mecanismos de controle que não fazem parte da biologia, para classificar seu comportamento.

Esses autores colaboraram com o objetivo e a problemática que levantamentos para a construção dessa pesquisa, veja a seguir essa balização do estudo. A filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler, uma das principais teóricas da contemporâneas acerca do feminismo e da *teoria queer* contribui com nossa pesquisa com seus escritos sobre gênero a performatividade e suas implicações. Conforme Buther (2003) o corpo é um elemento marcado por diferenças apontadas pela biologia e os padrões atribuídos pela sociedade. Assim, é a materialidade do sujeito reflexivo. A construção do corpo acontece o tempo todo na sociedade, lembrando que o corpo é inalterado em características da biologia, o corpo é nomeado pela cultura através da oposição binária “macho ou fêmea”.

Outra autora que corrobora em nosso estudo com as narrativas de Judith Butler, é a Dona Haraway uma filósofa e pesquisadora estadunidense tem contribuições acerca do feminismo, tecnociência primatologia e estudos pós-coloniais. Ela contribui com nosso estudo pois fala do corpo ciborgue, ou seja, as mudanças que nosso corpo pode passar e vem passando na contemporaneidade.

Em seu livro intitulado *Antropologia Ciborgue* Dona Haraway traz a seguinte afirmação: com a tecnologia é possível construir nossa sociedade, a nossa sexualidade e até mesmo o nosso gênero da maneira que quisermos. Ser ciborgue não tem nada a ver unicamente com a liberdade de se autoconstruir, mas ser ciborgue tem a redes. Como nosso foco é analisar as performances e discursos de subjetividades em transição de gênero de mulheres trans em Araguaína-TO, ou seja, analisarmos como cada protagonista performatiza o gênero e os discursos de subjetivação que estão envolvidos no desejo dessas mulheres de se adequar ao gênero ao qual se percebem e se autoafirmam.

Sendo assim fomos atrás de mais escritos sobre o corpo e suas implicações, encontramos uma dissertação de mestrado defendida por um homem trans chamado Lídio Fernando Yale Vieira Barros, que no ano de 2018 que defendeu a pesquisa de mestrado intitulada: “Corpo feito no olho para o olhar”: Contornos da trans-formação de gênero nas experiências das trans-travestis no contexto de prostituição em Araguaína-TO 2018. De acordo com Lídio Fernando Yale Vieira Barros (2018) os corpos “ciborgues” trans e travestis passam por atividade resultante da produção de distintos discursos proferidos pela área médica e das ciências como, por exemplo: a psiquiatria, psicologia, psicanálise, sexologia etc. pessoas trans e travestis não se reconhecem com o sexo biológico de nascimento. Dessa forma essas pessoas se apropriam de vários conhecimentos alterando-os e construindo seus corpos, corpos modificados, o objetivo dessas alterações e modificações é deixar o corpo condizente com o que os/as sujeitos/as trans e travestis desejam ver e querem passar aos outros.

Continua esse mesmo autor, o corpo assim, é em si mesmo anterior a cultura mais sim um resultado da influência dessa cultura. O corpo é estabelecido pela cultura e a cultura que normaliza o corpo através de elementos como: a raça, a classe e o gênero. O gênero produz efeitos de sentidos que são atribuídos aos corpos sendo que esses sentidos não podem ser confundidos com natureza e/ou essência. Portanto, estas conceituações estão já superadas, pois se afirma que não existe uma forma que seja ideal de masculinidade e feminilidade, por que cada pessoa constrói e muda suas experiências e suas trajetórias (BARROS, 2018).

Note a partir das afirmações de Vieira Barros (2018) os corpos transformados de pessoas trans e travestis recebem interferências de discursos vindos da principalmente da área médica que vai tratar os corpos como masculino e feminino, ou seja vai ver esses corpos da forma que nasceram, da forma que foram designados pela biologia. Os discursos das ciências psi como: psicologia, psiquiatria, psicologia, psicanálise etc. também incidem diretamente sobre os corpos ciborgues que o autor mencionado anteriormente. Como as pessoas trans tem o desejo de alterar seus corpos pois não se sentem pertencentes ao sexo biológico que nasceram acabam produzindo seus próprios corpos de acordo com o desejo que tem de pertencer ao gênero apostado ao do seu nascimento.

Uma narrativa dessas apresentadas até o momento que me chamou bastante atenção, é a afirmação de que não existe um modelo ideal de masculinidade e feminilidade, isso indica que pessoas trans com seus corpos ciborgues produzem seus próprios modelos ideias de masculinidade e feminilidade. No caso das protagonistas da nossa pesquisa vamos analisar como elas produzem seus corpos e constroem e reconstroem suas identidades e os discursos de subjetivação presentes nessas transições de gênero, assim a pesquisa irá mostrar através das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas para que pudéssemos sustentar e corroborar com as teorias aqui mobilizadas.

Contribui aqui, William Siqueira Peres (2011) afirmando que é no corpo que as marcas das experiências vividas, as modificações que são realizadas pelas pessoas transexuais e travestis são demonstradas, essas modificações possibilitam a emergência de outras formas de existir no mundo. É sobre os corpos que são inseridos os marcadores da subjetividade, como por exemplo os marcadores de gênero e as marcas que se inserem nos corpos são mostradas e compreendidas de maneiras distintas, cabe salientar que tudo isso vai depender do contexto histórico e a cultura experimentada pelos sujeitos.

Nesta pesquisa o conceito/categoria/perspectiva de território foi balizado por autores de grande relevância para o escopo do nosso estudo. Citamos aqui os autores: Rogério Haesbaert e Claude Raffestin ambos da área da geografia. Rogério Haesbaert que é um

geógrafo brasileiro, ele é da área da geografia humana muito focada nos conceitos de território e região. O segundo autor utilizado como referência teórica foi Claude Raffestin, esse autor também é geógrafo, de Nacionalidade suíça. Ele é professor de geografia humana na Universidade de Genebra, usamos os escritos desse autor no que se refere a territorialidade que é um dos temas que ele lida nos trabalhos e nas suas pesquisas. Primeiro vamos descrever o que Rogério Haesbaert escreve acerca do conceito de território, principalmente quando se trata do caráter polissêmico do conceito de território.

De acordo com Haesbaert (1997) afirmou o caráter polissêmico do conceito de território, ele sinalizou no seu ponto de vista serem três as conceituações recorrentes do conceito de território sendo essas: o território político-jurídico, sendo esse representado, principalmente pelo Estado-nação; o território, econômico este relacionado as fontes de recursos, que é resultado da luta entre classes sociais e da relação capital-trabalho; por último o território cultural, seguido como sendo resultado da apropriação simbólica e/ou da identificação no/com o espaço. Observe que esse autor já aponta que o conceito de território tem conceituação distinta, isso quer dizer que essas conceituações vão ser usadas de maneiras distintas para interpretar e falar de realidades distintas.

Precisamos assim entender que cada autor irá ter seu ponto de vista sobre o conceito de território, e cada um vai trazer suas contribuições acerca desse conceito. Para nossa pesquisa o conceito de território é usado na perspectiva do território cultural, de maneira a fazer uma analogia no sentido de dizer que os corpos trans depois da transição do gênero masculino para o feminino são os corpos como extensão da territorialidade. Por exemplo, esses corpos transformados com suas identidades construídas e reconstruídas começam a interferir na cultura vigente pois desobedecem às regras impostas socioculturalmente em relação ao gênero e a sexualidade. Nesse sentido as pessoas trans e travestis apropriam dos seus corpos e vão contra a cultura vigente que estabelece diretriz a partir do binário de gênero.

Em uma cultura machista e transfóbica as mulheres trans dentro dos seus territórios produzem seus corpos, esses corpos podem ser considerados como a extensão da territorialidade, ou seja, território de resistência, território de luta, território de conflitos. Os corpos trans estão no território e por meio do território lutam território ser quem ser quem é, é uma luta diária desses no território, é um movimento constante de luta para serem reconhecidas como se autopercebem. O território da ausência, o território do sofrimento etc.

As nossas protagonistas no decorrer do estudo irão sinalizar sobre essas lutas no território e por meio do território em que estão rompendo com as normas socioculturais produzindo seus próprios corpos e suas próprias identidades. As próprias leis estabelecidas no

território cultural em que elas estão inseridas irão puni-las, pois as mesmas não seguem as regras sociais impostas para seus corpos, suas identidades e suas trajetórias de vida. Agora vamos descrever o ponto de vista do geógrafo suíço Raffestin, O autor Raffestin (1993) vai mais além ampliando a discussão sobre o território, traz o poder como sendo um conceito chave para o entendimento e estudo do território. Abarcado não só na capacidade do Estado, de produzir poder ou mesmo de exercer o poder, mas também existem atores sociais assim como as mulheres trans que emergem da população produzindo e exercendo também o poder.

Esse segundo autor vai além do ponto de vista que Rogério Haesbaert aborda nas suas produções, Raffestin traz o poder como sendo um dos elementos chaves para que possamos compreender melhor o conceito de território. Note que na visão acurada desse autor agora não só o estado tem a função e o papel de exercer poder sobre as pessoas, ou seja esse papel e função como aponta Raffestin (1993) agora pode ser exercido por outros autores sociais que emergem da população, esses novos autores exercem assim como o estado o poder.

No caso das mulheres trans a partir da transição de gênero do masculino para o feminino, essas protagonistas podem ser consideradas como novas atoras que emergem da sociedade e assim como o estado irão produzir poder na sociedade. Criando e produzindo relações de poder no território, na cultura e no lugar que estão inseridas, a luta dessas mulheres acontece no território que estão e nesse território que as relações de poder as marginalizam e as excluem socioculturalmente. Essas novas autoras sociais e culturais que emergem da sociedade com seus corpos transformados e suas identidades construídas e reconstruídas exercem o poder com suas maneiras de viver o gênero, de praticar o gênero, de experimentar o gênero e performatizar o gênero ao qual se identificam.

As mulheres trans que foram entrevistadas irão nos relatar sobre suas trajetórias de vida, trajetórias essas que são marcadas pelo embate com as regras impostas pelo estado, as regras socioculturais estabelecidas pelo estado são desobedecidas, e essas mulheres como novas atrizes que surgem vão produzindo poder e tensionando as regras impostas aos seus corpos, as suas vidas, e aos seus gêneros de nascimento. O estado agora não exerce mais sozinho poder sobre as pessoas. Só o fato dessas mulheres trans se autoafirmarem com suas identidades construídas e reconstruídas e seus corpos alterados e modificados a partir do desejo de pertencer ao gênero apostado ao do seu nascimento já nos diz que essas mulheres trans exercem o poder e que querem ter poder e controle sobre os seus corpos, elas não querem mais obedecer ao poder que antes papel apenas do estado.

Cada uma das nossas protagonistas como aponta Raffestin (1993) exerce o poder como atoras sociais que emergem da sociedade, corpos trans produzem poder no território

cultural que estão inseridas. No decorrer do estudo observem as histórias de vida mulheres trans, onde cada uma vai produzir e exercer o poder mesmo travando com uma luta diária com as regras do estado sobre os seus corpos, regras socioculturais pré-determinadas desde os seus nascimentos. Então, o poder aqui como aponta Raffestin é um dos elementos essenciais para entendermos o conceito de território, sendo esse conceito de grande importância para a analogia que nos propomos aqui nessa pesquisa: o corpo como extensão da territorialidade. Ou seja, os corpos trans como extensão da territorialidade. Em especial os corpos de mulheres trans que entrevistamos, onde as subjetividades na transição são de interesse das nossas análises em si.

## **2.1 Os Estudos sobre a *Teoria Queer***

O embasamento teórico que usamos para arguir sobre a categoria transexual e os estudos transgêneros estão baseados nas citações a partir dos estudos realizados no Brasil pela Doutora em Educação Guacira Lopes Louro, estudos realizados pela ativista Letícia Lanz essas suas pesquisas colaboraram com nossa pesquisa nesse ponto pois produzem conhecimento sobre os estudos transgêneros no Brasil, valorizando as produções acerca desse assunto aqui no Brasil.

Utilizamos também nesse debate autores pós-estruturalistas das identidades como: Guacira Lopes Louro já mencionada, Judith Butler, Letícia Lanz já mencionada, Berenice Bento dentro outros autores com o intuito de tornar a texto sem um viés patológico e higienista sobre o tema que estamos pesquisando. Como estamos buscando nessa pesquisa fugir do viés patológico e higienista para narrar sobre a transexualidade no sentido que estamos pesquisando com mulheres trans assim, enveredamos esse embasamento teórico nos estudos de autores pós-estruturalistas é uma das teorias que é de grande importância destacar na nossa pesquisa é a *Teoria Queer* afim de compreendermos os discursos de subjetivação que permeiam as identidades trans vistas como estranhas pela nossa sociedade. Uma visão que opera com estereótipos.

De acordo com Alex Barreiro (2013) a Teoria Queer foi desenvolvida a partir dos estudos teóricos franceses, frequentemente denominados estudos pós-estruturalistas, assim a *Teoria Queer*, elaborada no final dos anos de 1980, por intelectuais norte-americanos dessa época, acaba por ganhar renome e relevância social quando o assunto é o debate sobre lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis etc., ao procurar problematizar aquele que está de maneira íntima ligado ao significado de seu termo, ou seja, esquisito, o estranho, aquele que habita o “entre lugares”.

Dessa maneira, o significado do termo *Teoria Queer* é para debater sobre o esquisito, o estranho, aquele que habita o entre lugares, A *Teoria Queer* tem a pretensão de fazer essa problematização quando os debates giram em torno de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis etc. Grupo esse visto sociocultural como esquisito, o estranho e que habita o “entre lugares”. Para Barreiro (2013) ainda são poucos os intelectuais no Brasil que se dedicam sobre os estudos referentes a *Teoria Queer*, a fim de utilizar os estudos *queer* em suas pesquisas, esse cenário apresentado faz com que a *Teoria Queer* seja pouco conhecida pelas comunidades acadêmicas brasileiras.

Louro (2008) neste âmbito, com o objetivo de convidar os leitores a uma visita pelas noções, sugestões, problemas e segmentos da *Teoria Queer*, de maneira cuidadosa, sem o objetivo de classificar, definir ou demarcar o campo dos estudos *Queer*- essas situações viriam a descaracterizar a teoria. Essa autora chama a atenção, em seu primeiro ensaio, com o título: Viajantes pós-modernos, para uma análise figurada entre os filmes de estradas (road movies) a partir de uma visão queer afim de notar as atuações performáticas dos sujeitos da sociedade.

Conforme Barreiro (2018) os filmes “Deus é brasileiro” e “Bye Bye Brasil”, os dois dirigidos por Cacá Diegues, tornam-se exemplos, para Guacira Lopes Louro, daquilo que seriam noções da *Queer Theory*, a autora Louro (2008) alude, [...] Nesse gênero de filme, o personagem ou os personagens estão em trânsito, em fuga ou na busca de algum objetivo frequentemente adiado e, ao longo do caminho, veem-se diante de provas, encontros, conflitos. Ao se deslocarem, também se transformam e nessa transformação é, muitas vezes, caracterizada como uma evolução.

Nesse enxerto exposto evidenciamos que Guacira Lopes Louro (2008) está dizendo que os dois filmes trazem em seu enredo que dão não daquilo que seriam as noções relativas a *Teoria Queer*, ela diz isso porque os filmes mostram que personagens estão em trânsito, estão fugindo, estão adiando nesses enredos mostrados pelos filmes um objetivo, nesses trânsitos que os personagens estão encontram no caminho provas, encontros, conflitos. No processo de transitar ou no trânsito que estão esses personagens se transformação e nessa transformação na maioria das vezes, mostra-se como uma evolução.

Comprendermos que a *Teoria Queer* se propõe a debater as questões relacionadas ao trânsito, a fuga, os deslocamentos, as transformações para clarear aos leitores a *Teoria Queer* se propõem a falar sobre o trânsito realizado por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais. Vale salientar que esses trânsitos muitas vezes como afirma.

Louro (2008) caracteriza-se como uma evolução que está nesse trânsito, nesse deslocamento e que muitas vezes está na busca de um objetivo frequentemente adiado.

Conforme Barreiro (2013) desta forma, a exposição da autora é pensada acerca da ideia da viagem, de movimento, de transformações. Todavia, para desenvolver a noção pretendida por essa autora ela mesma discorre é preciso abandonar qualquer pressuposição de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de maneira linear e progressivo Louro (2008). Entendemos que Louro (2008) afirma nessa citação que para compreendermos a *Teoria Queer* é necessário que abandonemos a suposição de que existe um sujeito unificado, que ao longo de sua vida vai se desenvolvendo e crescendo de apenas uma forma, desenvolvendo e crescendo de forma progressiva.

De acordo Barreiro (2013) o conceito da viagem é utilizado, na medida em que a autora agrega noções de deslocamento, desenraizamento, trânsito, o que, na pós-modernidade, parece necessário não só por refletirmos sobre os processos mais confusos, longos e plurais que os sujeitos passam ao longo de suas vidas. A autora já mencionada afirma ainda por supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e passa nessa viagem por transformações e promove transformações (LOURO, 2008).

Nossa visão sobre a *Teoria Queer* vai clareando quando percebemos que quando o sujeito viaja, nessa viagem é dividido, se fragmenta e nessa viagem, nesse percurso de ida e vinda passa e promove alterações, transformações, processos esses que podem ser caracterizados como já mencionados aqui como a evolução desse sujeito em trânsito em deslocamento. Assim, a visão metafórica da viagem descrita por Louro (2008) busca explicar a transformação corporal, da maneira, a instabilidade da identidade, o próprio modo de ser e/ou estar na sociedade. Dessa maneira, as transformações e alterações vão além da superfície da pele, do envelhecimento, das nossas formas que adquirimos, e da visão do mundo, das pessoas e das coisas.

Acontecem as mudanças na nossa identidade, identidade essa que é instável isso significa que nossa identidade pode e passa por transformações, mudamos nosso modo de ser e estar na sociedade. Salientamos que as transformações perpassam a superfície da pele, vão além do envelhecimento, das novas formas que adquirimos no corpo, vão além da nossa visão de mundo, da visão que temos das demais pessoas e das coisas. As transformações passam por diversos campo como por exemplo: a identidade que é passível de ser alterada e receber influências de outras culturais, os nossos comportamentos na sociedade isso significa que não somos a pessoa todo o tempo pois mudamos nossos comportamentos e condutas e nossa forma de agir na sociedade ao longo do tempo. Outro ponto que destacamos nessas

transformações é que a nossa visão de mundo também é alterada, transformada e assim se torna passível de ter outros olhares sobre as pessoas e as coisas.

Conforme Louro (2008) as mudanças de viagem podem afetar os corpos e as identidades em campos aparentemente definidos e decididos desde o nascimento. Entendemos a partir da afirmação de Louro (2008) que nessa analogia que está fazendo em sua obra em relação a viagem e as transformações podemos trazer essa analogia para dentro de nossa pesquisa. As mulheres trans que entrevistamos passaram e passam por essas mudanças corporais e identitárias, foram contra normas socioculturais impostas e decididas desde os seus nascimentos. As entrevistas realizadas irão confirmar que a viagem dessas protagonistas de nossa pesquisa foi a viagem de desconstruir um gênero que lhes imposto e decidido bem antes mesmo delas nascerem.

Deste modo, Louro (2008) aportada na filosofia proposta por Butler (1999), deduz que a viagem que, supostamente deveria trilhar uma estabelecida direção, caminho e rumo, começa a partir de afirmações com *É uma menina! Ou É um menino!*. Na esteira teórica de Louro (2008) esse projeto elaborado a partir de um olhar clínico biológico, que ao examinar o sexo realiza a naturalização do gênero e da sexualidade, esse projeto utiliza de dispositivos heteronormativos, mais tudo isso pode ser desconstruído nos rumos e nas trajetórias da viagem por ela mencionada na analogia, Da mesma maneira como numa viagem, pode ser agradável fugir da rota que foi estabelecida para o percurso e experimentar as supressas de um caminho incerto e inesperado nessa fuga. Nessa viagem, trajeto muitos indivíduos desnaturalizam as generificações.

Butler (1999) nos faz refletir sobre como o olhar clínico biológico utilizando-se dos dispositivos da heteronormatividade normatiza, regula, incide e dita as regras socioculturais sobre os corpos, sobre as identidades e sobre as trajetórias de vida dos sujeitos na sociedade. As frases *É uma menina!* ou *É um menino* são frases reproduzidas socialmente pelo olhar clínico biológico sobre os nossos corpos, e nossas identidades. Para esse olhar biológico clínico nossos corpos não podem ser transformados, nossos modos de ser e estar na sociedade não podem ser alterados, nossas identidades não podem ser alteradas pois ao examinar o sexo biológico presente em nossos corpos o olhar sob o viés da biológica clínica institui como natural o gênero e a sexualidade aos corpos. Afirma Louro (2008) arriscar-se por caminhos que foram não traçados, caminhos que foram programados para serem percorridos, assim, arriscar-se por percorrer por caminhos que não foram pré-determinados, que não estavam na programação do roteiro é arriscar-se em viver perigosamente.

Essa mesma autora continuando discorrendo que desde o nascimento, existe um trabalho pedagógico que acontece de forma contínua, repetitiva e permanente para marcar nos corpos o gênero e a sexualidade através de normas, impondo aos sujeitos uma viagem com rumos planejados, sem acidentes, obstáculos e que seja uma viagem sem instabilidades. Esse projeto de inscrição do gênero e da sexualidade sobre os corpos, seus mecanismos e dispositivos carregados de regulamentos acabam por deslizar e escapar dos sentidos que lhe são conferidos, uma vez que, o gênero e a sexualidade conservam a instabilidade de tudo que o que é histórico e cultural. Fica assim elucidado por Louro (2008) que desde o nascimento acontece de forma compulsória um trabalho pedagógico que é contínuo, repetitivo e inacabável afim de marcar nos nossos corpos o gênero e a sexualidade padronizada.

Dentro desse contexto indo de encontro a analogia feita sobre a viagem essa inscrição compulsória do gênero e da sexualidade sob as identidades outorga aos sujeitos uma viagem com rumos planejados, traçado e sem acidentes e instabilidades, isso por que a viagem assim como o gênero e a sexualidade é inscrita sob os corpos de maneira padrão. Essa viagem mencionada também é guiada e formada por padrões normativos para que os sujeitos não fujam desses padrões e caminhos instituídos de forma contínua e repetitiva, assim como a inscrição do gênero e da sexualidade é realizada sob os corpos dos sujeitos.

Louro (2008) faz- se necessário então, criar práticas mais imperceptíveis para poder repetir o que já se conhece em relação ao caminho e reconduzir todos que desviaram do caminho e à viagem permitida. Afirmamos que a partir dessa menção feita por Louro (2008) as normas impostas sob os corpos em relação a inscrição do gênero e da sexualidade padrão em algum momento dessa institucionalização e imposição compulsória precisaram passar por uma revisão, e fundar práticas mais perspicazes afim de que os sujeitos que desviarem as normas padrões de gênero e da sexualidade voltem ao caminho certo e sigam as normas permitidas à viagem.

De acordo com Barreiro (2013) os sujeitos que ultrapassam os limites impostos sob essa travessia que Louro (2008) faz a analogia, ou seja, todos os sujeitos que movem-se em direção contrária e cruzam os sentidos e definições de fronteiras de gênero e da sexualidade talvez não escolham livremente por esse caminho. Os sujeitos que cruzam e desestabilizam as normas impostas sob o gênero e a sexualidade podem ser movidos por inúmeras razões, podem conferir a esse deslocamento diferentes significados (BARREIRO, 2013).

Compreendemos que existem limites, definições e fronteiras de gênero e da sexualidade, portanto esses limites, definições e fronteiras sob o gênero e a sexualidade não podem ser escolhidos livremente pelos sujeitos. Porque ao nascermos essas definições, limites

e fronteiras são inscritos sob as nossas identidades, quem ousa romper com essas normatividades padrões de gênero e da sexualidade podem ser levados por diversas razões e nesse caminho desviante podem dar a esse desligamento, descumprimento das normas, definições, limites e fronteiras do gênero e da sexualidade distintos significados. Mais além afirmando que isso tudo está atrelado ao cultural e ao histórico por isso também pode variar de como acontece.

Parafraseando Louro (2008) os sujeitos que cruzam as definições postas de fronteira do gênero e da sexualidade podem tal como, quaisquer outros viajantes, observar sua trajetória sendo restringida, limitada, repudiada ou mesmo ver sua travessia ampliada por suas marcas de classe, raça ou por outras circunstâncias. Reiteramos que o caminho dos viajantes que desviam os padrões impostos pelo projeto pedagógico que inscreve o gênero e a sexualidade padrão sob as identidades pode ser cheio de conflitos e repúdios pois esse desvio não estava programado, esse caminho de acordo com o projeto pedagógico que dita desde o nosso nascimento os padrões ao gênero e a sexualidade não tinha em seu enredo nenhuma instabilidade.

As marcas de classe, raça estão presentes nessa travessia que poderá ser repudiada, limitada, restringida através das normatividades impostas socioculturalmente desde o nascimento, não só as marcas de classe, raça mais também as marcas de gênero, sexualidade, identidade, orientação sexual e outras sobreposições que atravessam as identidades e suas travessias no caminho de suas trajetórias de vida desde o nascimento. Conforme Barreiro (2013) na viagem que começam, ao longo de suas vidas, alguns sujeitos permitem-se tocar intensamente pelas inúmeras possibilidades de toda ordem estabelecida pelo trajeto da viagem. Esses sujeitos nesse trajeto aproveitam de forma livre os imprevistos, vivem os conflitos, os encontros e os desencontros, talvez em concordância com Louro (2008) esses sujeitos adivinharem que a trajetória em que estão seguindo não é uma trajetória linear, nem permite ascensão, também não é uma trajetória progressiva.

Existem sujeitos que durante a viagem empreendida irão deixar-se tocar intensamente por todas as possibilidades oferecidas pela ordem padrão estabelecida pelo trajeto. Esses sujeitos são capazes de aproveitar livremente o que não esperavam acontecer durante o trajeto da viagem, vivem junto ao inesperado os conflitos, repúdios, limitações que vão surgindo. Nesse caminho os sujeitos podem viver encontros e desencontros.

Para Barreiro (2013) nas inconstantes tentativas de demarcar, de definir e de impor a direção a ser percorrido nas viagens, o sujeito constrói sofrimentos ao esbarrar com aqueles sujeitos que se afastam do trajeto, que vivem entre lugares, que encontram na fronteira de

gênero e da sexualidade um abrigo temporário. Portanto, os diversos mecanismos e seus dispositivos de controles das identidades em relação ao gênero e a sexualidade padrão objetivam reger os caminhos que os sujeitos percorrem e as viagens que os sujeitos realizam.

No segundo e no terceiro ensaio intitulado: Uma política pós-identitária para a educação e estranhar o currículo, Louro (2008) se apodera da filosofia pós-estruturalista de autores como Jacques Derrida e Michel Foucault para discorrer sobre os conceitos e os métodos empregados pelos teóricos *queer* a partir da década de 1990. As obras que ajudaram Guacira Lopes Louro a descrever os conceitos e métodos empregados pelos teóricos queer foram, respectivamente as seguintes: Gramatologia (1967) e História da Sexualidade I: A Vontade de Saber (1976).

Na obra a História da Sexualidade I, Michel Foucault (1976) desconsidera a proposição regressiva que intensamente marcou os estudos até a década de 1970, Foucault (1976) afirma que a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de diversos discursos. Richard Miskolci (2009) desta forma, o homossexual é uma criação, e suas identidades sociais são efeitos da maneira como o conhecimento é sistematizado e que tal produção social do conhecimento é assim naturalizada nos saberes dominantes. Notamos que a obra a História da Sexualidade de Michel Foucault em relação a sexualidade humana pela perspectiva histórico, como o autor aborda nos mostra que a sexualidade não é proibida e isso que o autor busca elucidar no primeiro volume de sua obra sobre a História da Sexualidade I.

Para Foucault a sexualidade humana não é proibida, mas a mesma é produzida por meio de diversos discursos que reverberam na sexualidade dos sujeitos na sociedade. O homossexual dentro desse contexto apresentado foi uma criação, e as identidades sociais do homossexual são resultados da maneira como o conhecimento é sistematizado, esse autor afirma que a produção social é naturalizada nos saberes dominantes do conhecimento.

Sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual a autora Guacira Lopes Louro a partir das referências descritas menciona, A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido (LOURO, 2008).

A autora nos informa em sua obra que a homossexualidade e o sujeito homossexual com sua identidade social são criações realizadas no século XIX. Aqui temos uma datação temporal sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual. No século XIX essa era noção

acima de homossexualidade e de sujeito homossexual que tínhamos, uma visão patologizante, e essencialista. Antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram socioculturalmente consideradas pelos discursos do conhecimento naturalizado pelos saberes dominantes como sodomia, prática considerada como uma atividade indesejável ou pecaminosa e qualquer pessoa poderia ser a sodomia, ou seja, qualquer pessoa poderia praticar a homossexualidade.

Mais as narrativas acerca da homossexualidade e do sujeito homossexual mudou a partir da segunda metade do século XIX. A homossexualidade passou a fazer referência a um tipo específico e especial de sujeito que viria assim ser marcado e reconhecido socioculturalmente. O sujeito homossexual foi categorizado e nomeado como estando desviante da norma padrão estabelecida sob o gênero e a sexualidade desde o nascimento. O destino dos sujeitos homossexuais estaria ou na ocultação de suas condutas amorosas e sexuais ou na acepção, levado a um lugar incômodo para viver.

As práticas amorosas e sexuais de pessoas que se relacionam afetivamente e sexualmente com pessoas do mesmo sexo são categorizadas como sendo homossexualidade, essas pessoas são vistas socialmente como sujeitos que desviam da norma padrão. Os sujeitos homossexuais ao desviar da norma padrão estabelecida sob o gênero e a sexualidade passarem ter seus destinos traçados a viver as suas práticas no sigilo ou mesmo a serem segredados da sociedade pelo descumprimento da norma estabelecida. Esses sujeitos são condicionados a viver no lugar do incômodo, ou seja, a sociedade não ver esses sujeitos com bons olhos, repudia e categoriza e nomeia suas práticas amorosas e sexuais somente porque desviam as normas padrões que são instituídas desde o nascimento.

Apresenta Barreiro (2013) muitos homens e mulheres passaram a questionar a sexualidade, isso significa que muitos homens e mulheres começaram a questionar a naturalidade da sexualidade. Porém esse questionamento é um arriscar-se a viver diferentes formas de violência. O questionamento sobre a legitimidade e a naturalidade da sexualidade leva os sujeitos a passar por diversas formas de violência, desde a violência física, violência psicológica até a violência simbólica. Isso porque não é permitido questionarmos a nossa sexualidade, pois a mesma é posta como natural, como legítima e naturalmente instituída e normatizada desde o nosso nascimento. Mas muitos sujeitos começaram a questionar a sexualidade, instigando a norma padrão e vivendo fora dos limites que foram pré-determinadas a sexualidade humana.

A homossexualidade, discursivamente elaborada, toma uma dimensão que tem importância, tornando-se objeto das ciências, da justiça, e de instituições como: a igreja e a

família. O discurso é que a homossexualidade é entendida como uma prática desmoralizante, e os homossexuais merecem ser corrigidos, com a intenção de manter a naturalidade da sexualidade e não fugirem da norma estabelecida desde o nascimento Barreiro (2013). As correções de condutas e as discursividades sob a homossexualidade, acontecem porque os sujeitos homossexuais corrompem a naturalidade e a legitimidade da sexualidade. E escapam a norma padrão da sexualidade humana. A prática homossexual é produzida discursivamente como sendo desviante do padrão, e compromete a manutenção e reprodução das normas naturalizadas sob a sexualidade.

Nesta tarefa contra o sexo naturalizado Louro (2004) na sua obra *O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer* traz a questão de como os sujeitos praticantes são dos espaços de reconhecimento de direitos, isso porque esse deslocando dos sujeitos indo contra a ordem padrão estabelecida desde o nascimento é visto pela perspectiva binária como um descumprimento dos padrões de masculinidade e feminilidade, e acaba por criar simultaneamente um lugar homossexual. Salientamos que o lugar homossexual ou o lugar da homossexualidade é produzido pelos padrões binários, ou seja, ao desobecer, desviar, fragmentar a fronteira do gênero e da sexualidade imposta desde o nascimento é são elementos chaves para que a perspectiva binária crie um lugar homossexual. O binário não permite o deslocamento e os desvios das normas impostas sobre a masculinidade e a feminilidade.

Assim, o binário tem uma regra que é a seguinte: macho-pênis-masculinidade, fêmea-vagina-feminilidade. O sujeito que não cumprem essa regra do binário a própria perspectiva binária se encarrega de construir um lugar específico para esse sujeito. Esse lugar seria o lugar do repúdio, da segregação, da discriminação, da violência simplesmente porque desviaram e deslocaram-se das normas socioculturais impostas desde o nascimento sob os corpos, sob o gênero e a sexualidade desde. Assegura Miskolci (2009) Jacques Derrida a partir dos conceitos de complementariedade e a perspectiva metodológica da desconstrução, busca explicar esses fenômenos, afirmando que os significados construídos através de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, o que parece estar fora de um sistema já está dentro e o que parece ser natural é histórico. Portanto os jogos de sentidos e significados permitem que certos grupos tenham visibilidade e que outros grupos sejam segregados, estigmatizados, vulnerabilizados a partir da diferença usada para deixar se fazer presente ou a diferença usada para separar e fazer com que grupos sejam segregados na sociedade.

Entendemos a partir das colocações de Miskolci que os significados produzidos e elaborados que temos sobre as coisas e as pessoas são construções socioculturalmente a partir

das diferenças existentes entre os sujeitos na sociedade. Dessa maneira o preconceito enraizado na sociedade contra as mulheres trans não é algo natural, mas é construído e reproduzidos nos sentidos e significados. Os significados organizados por meio da diferença, criam lugares de presença ou ausência para os sujeitos a partir dos significados elaborados com pauta na diferença. Assim, a diferença é capaz de criar possibilidades de presença de alguns e de criar os não lugares para ausentar os demais, essa é a dinâmica. É por meio desses significados socioculturalmente construídos que grupos como a categoria mulher trans é na maioria das vezes apresentado a sociedade como pessoas anormais. A presença ou ausência, os silenciamentos de alguns e as vozes legitimadas de outros, a homossexualidade no lugar do estranhamento a partir da naturalização dessa prática como desviante e a heterossexualidade no lugar da presença, da naturalização compulsória histórica que foi atribuída.

Todos os sujeitos que imaginam ou que imaginamos que estão fora do sistema por fugirem do sistema, ou mesmo não se encaixar dentro do sistema que tem normas padrões de gênero e sexualidade já estão dentro do sistema. Cabe ressaltar que muitas coisas que pensamos ser da ordem natural é da ordem histórica. Isso nos fazer entender que os significados como são elaborados e organizados por meio das diferenças em uma dinâmica de presença ou ausência de sujeitos pode ser compreendido como um processo histórico. Como por exemplo se muitas pessoas acham a homossexualidade errada e naturalizam a violência contra essas pessoas, essa naturalização e visão sobre a homossexualidade é histórica.

Argumenta Louro (2008) através desse processo anteriormente destacado e da sexualidade como categoria definida, pronta e estabelecida, será possível que grupos sociais compostos por militantes e apoiadores se organizem em combate à discriminação pelas múltiplas identidades de gênero e sexualidade existentes na sociedade. Os grupos sociais compostos por militantes e apoiadores empreendem ações políticas de caráter libertar. Uma das críticas feitas por esses militantes e apoiadores é voltada contra a heterossexualização da sociedade. Ao longo do tempo vai sendo construída a ideia de uma comunidade homossexual: gays e lésbicas, representados como um grupo que historicamente foi excluído da sociedade e como um grupo com direitos e identidades próprias, essa comunidade regida a partir dos mecanismos de exclusão demarcam suas fronteiras Barreiro (2013). Na formação da identidade social homossexual, a comunidade funciona como um lugar de acolhida para esses sujeitos, representando nesse lugar de acolhida os direitos desse grupo que foi excluído da sociedade, o lugar de acolhimento dentro da comunidade homossexual seria uma espécie de lar.

Assegura Louro (2008) a sexualidade ultrapassa o campo pessoal e suas reivindicações firmam-se no plano político, isso porque os direitos são retirados de todos que fazem parte da comunidade que foi excluída, então as reivindicações são do grupo. O grupo é afetado pela heterossexualização da sociedade, por isso a sexualidade transcende o campo pessoal e parte para o plano político. Por isso a importância de grupos sociais de militantes e apoiadores que travam uma luta contra a heterossexualização da sociedade, a partir dessa heterossexualização da sociedade a comunidade homossexual é aleijada dos seus direitos e passa a fazer parte de um grupo minoritário, pois é excluída de gozar dos direitos garantidos a toda a sociedade, é luta uma árdua e coletiva enfrentada por esse grupo que tem suas reivindicações fortalecidas no campo político.

No ensaio uma pedagogia *queer* Louro desloca desprende sua preocupação para a possibilidade de um currículo/pedagogia *queer*. A autora a partir do próprio título do ensaio interrogativo provoca os leitores, deduzindo se existira uma oportunidade de articulação entre uma teoria que transmitisse ao estranho, ao esquisito, ao indefinível por si só; e a educação, exclusivamente o espaço da normalização e da conformação Barreiro (2013). No ensaio intitulado uma pedagogia *queer* Guacira Lopes Louro opina sobre a possível produção, organização de um currículo/pedagogia *queer* que abarque todas as diversidades de corpos.

Sejam essas diversidades de gênero, classe, raça, sexualidade e outras sobreposições. Essa possibilidade de um currículo/pedagogia *queer* poderá incluir grupos que são vistos socialmente como estranhos e esquisitos, como é o caso da população LGBTI+. Essa população a partir da produção de um currículo/pedagogia *queer* poderá ter suas orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de gênero visibilizadas. O objetivo maior seria a inclusão de grupos minoritários que já estão excluídos, no caso da população LGBTI+ que é vista como esquisita, estranha.

Notamos que a autora traz nesse ensaio que a educação é tradicionalmente o espaço que reproduz e prega a normalização e o ajustamentos dos corpos e das condutas dos sujeitos. O currículo/pedagogia *queer* busca assim superar essas normalizações e ajustamentos dos corpos e das condutas, normalizações e ajustamentos que são realizados tradicionalmente no espaço da educação. Nas tentativas de pôr a prova respostas para a questão da pedagogia *queer*, Louro (2008) afirma que é preciso ter em mente não apenas o foco mais, direto da teoria *queer*- a ação de poder-saber que, colocado na oposição heterossexualidade/homossexualidade dá sentido as sociedades contemporâneas, mas também considerar as estratégias, procedimentos e as atitudes que ela implica.

De acordo com as proposições de Louro (2008), a *Teoria Queer* desperta oportunidades para pensarmos e repensarmos a variedade, a ambiguidade e a fluidez das identidades, sejam as identidades sexuais ou as identidades de gênero. A teoria queer também possibilita novas mudanças para pensarmos e repensarmos a cultura, o poder e a própria educação Barreiro (2013). Cita Louro (2008) uma pedagogia na perspectiva *queer* e um currículo escolar seguindo essa mesma perspectiva se diferenciariam de programas multiculturais bem-intencionados, em que as diferenças que diz respeito ao gênero, sexualidade, sexo ou étnicas sejam toleradas ou sejam observadas como curiosidades.

Um dos objetivos da pedagogia *queer* e do currículo *queer* é que os sujeitos que fogem do padrão imposto pela heterossexualização da sociedade sejam respeitos em suas particulares e multiplicidades. A escola precisa proporcionar um ambiente escolar que não reproduza intolerâncias para sujeitos que não se encaixam nos padrões da heterossexualidade como é o caso das pessoas LGBTI+ e todas as formas de ser e viver a sexualidade e a identidade de gênero.

As escolas precisam superar os currículos tradicionais que não tem espaço e não abrem espaço para discussões acerca das vivências de outros sujeitos que são considerados socioculturalmente como estranhos e esquisitos. Porém precisamos lembrar que superar esse currículo passaria por outras instâncias que influenciam as condutas adotadas na escola, como é o caso das normas socioculturais impostos desde o nascimento sob o gênero e a sexualidade dos sujeitos.

Os sujeitos que fogem os padrões socioculturais impostos sob o gênero e a sexualidade desde o nascimento são considerados como esquisitos, estranhos quem foge dos padrões socioculturais impostos ao gênero e a sexualidade, o currículo escolar tradicional tenta ajustar e normalizar todas as condutas consideradas anormais, sendo assim precisamos repensar o currículo tradicional com a possibilidade de uma pedagogia e um currículo *queer* que visibilize e tolere na escola grupos que estão marginalizados na sociedade considerados anormais, esquisitos, estranhos.

A diferença precisa ser respeitada e tolerada, a escola precisa repensar suas práticas educativas que oprimem e silenciam tantos corpos de sujeitos que escampam normas vigentes, as diferenças não podem ser usadas mais nos afastar, mas devem ser usadas para refletir sobre como essa diferença que está dentro da escola pode ser usada para dar espaço a grupos que foram e são excluídos da sociedade. Consideramos que a pedagogia e o currículo *queer* são a ousadia de querer uma escola de fato plural que respeite e que tolere todas as diferenças existentes entre os sujeitos.

Quando falamos em diferença aqui não é só a questão de gênero e sexualidade. Mas devem pensar que na escola existem múltiplas diferenças como por exemplo: raça, classe, nacionalidade, identidade de gênero, étnicas, culturais, religiosas dentre outros que precisam ser repensadas pelo currículo e a pedagogia tradicional. As opressões precisamos dar espaço para o respeito a todos. Esses marcados sociais da diferença precisam ser um dos nortes para que a pedagogia queer e o currículo queer sejam repensados como a possibilidade de mudanças na escola. E que o respeito, tolerância a todas às diferenças existentes dentro e fora das escolas possam fazer da escola um lugar de acolhimento, e não um lugar de ajustamento, normalização e engessamento de corpos e de identidades.

Louro (2008) adverti que uma pedagogia e um currículo baseados na perspectiva da *Teoria Queer* estariam direcionados para o processo de construção das diferenças, a pedagogia e o currículo na perspectiva queer trabalhariam assim centralmente com a alteração da identidade e com a precariedade de todas as identidades. Notamos que a autora evidencia em sua obra que a proposta *queer* nos currículos escolares desempenharia a função de fazer com que o aluno percebesse que a diferença não está fora da escola e nem está distante da sua realidade, mais pelo contrário, a diferença está ao seu lado, está perto de todos. Um dos pontos importantes do currículo *queer* conforme essa autora é a problematizar as estratégias normalizadoras, as identidades e os marcadores de classificações, como por exemplo: as definições de raça ou de classe.

A autora acredita que a apropriação do mecanismo de desconstrução usado pelos teóricos queer, serviria para perturbar e desconstruir o binarismo reproduzido no currículo escolar, aquele que opõe o conhecimento a ignorância. E, seguindo o pensamento de Eve Sedgwick, para ilustrar que a ignorância que se opõe ao conhecimento não é neutra, nem é um estado original, mas, em vez disso, a ignorância é um efeito- não uma ausência de conhecimento (BRITZ-MAN 1996 apud LOURO, 2008).

Discorre Barreiro (2013) as reflexões possibilitadas por um currículo queer causariam uma reviravolta na teoria do conhecimento, incomodando as formas tradicionais do conhecimento e do pensamento. Guacira Lopes Louro explica, contudo que a pedagogia *queer* não poderá ser reconhecida como uma pedagogia dos oprimidos, ou como uma pedagogia dos oprimidos, ou uma pedagogia libertária que seja capaz de libertar os oprimidos, pois enquadrar a pedagogia *queer* e definir suas funções, acabaria por limitar os objetivos dessa pedagogia.

A pedagogia queer precisa evitar operar com a doutrina ocidental tradicional, que acaba por manter a lógica da subordinação, assim, o currículo queer tem essa empreitada no

cerne de sua proposta de aplicação. Esclarece Louro (2008) é a partir da pedagogia *queer*, a dúvida deixaria de ser algo visto como e entendido como incômodo ou algo perigoso para se tornar estimulante e produtiva. Certamente essas estratégias também acabam por contribuir com a produção de determinado tipo de sujeito, mas nesse contexto apresentado longe de projetar um modelo ideal.

Compreendemos que a autora deixou evidente em suas arguições que pensar na elaboração de um modelo curricular na perspectiva *queer* não é uma tarefa fácil e que vai acontecer de maneira rápida e eficaz e todas as escolas de forma produtiva. A autora alerta que essa proposta de mudança no currículo escolar tradicional, dessa forma, adotar uma pedagogia e um currículo *queer* é, portanto, uma tarefa arriscada e perigosa.

A pedagogia *queer* e um currículo *queer* se contrapõe aos currículos escolares que são usados e que estão vigentes, a proposta é ousada sendo considerada pela autora como um ato de criação, por não se basear de pressupostos, mas sim, de uma teoria que tem a proposta de desconcertar, provocar e perturbar o que está imposto e reproduzidos nos currículos tradicionais das escolas. A obra de Louro (2008) *um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* é relevante para nossa pesquisa no que tange a investigar através de entrevistas quais são os discursos de reverberam a transição de gênero das mulheres trans protagonistas da nossa pesquisa. A teoria *queer* nos ajudará a analisar as falas das nossas protagonistas que desafiaram as normas impostas sob os corpos, o gênero, sexualidade e pela heterossexualização compulsória da sociedade.

Essas protagonistas ao desafiarem essas normas impostas socioculturalmente em uma sociedade marcada pelo binarismo de gênero terão suas identidades de gênero e performances deslegitimadas. Seus corpos são inscritos pelos marcadores de gênero desde o seu nascimento. As entrevistas evidenciaram como os corpos são marcados pelas regras de gênero, sexualidade e identidade, e as protagonistas da nossa pesquisa em suas transições de gênero perturbaram e desconcertaram as normas, da mesma forma que Louro (2008) em sua obra propõe a possibilidade de uma pedagogia e um currículo *queer* que supere o tradicionalismo e que seja capaz de romper com o tão caro binarismo presente nos currículos escolares.

Nossa pesquisa se preocupou em discutir essa temática pelo viés dos autores pós-estruturalistas das identidades, com o objetivo de não tornar nossa discussão altamente higienista, onde as identidades trans são patologizadas. Enveredar nosso debate com os autores pós-estruturalistas para discorrer sobre a transição de gênero a partir de uma outra perspectiva que é a sociocultural e identitária visa superando assim a visão de patológica estabelecida sob as identidades trans.

As regras socioculturais são pré-estabelecidas desde a mais tenra infância sob os corpos, sob o gênero, sob a sexualidade. As protagonistas da nossa pesquisa nos mostraram através de suas narrativas orais quais os discursos que subjetividade que reverberam sob a transição de gênero. As performances subjetivas que cada uma das nossas entrevistadas evidenciaram através das entrevistas cedidas a nossa pesquisa. Louro (2008) aborda em sua obra sobre o corpo estranho que desde o nascimento há um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade normatizada.

O título da nossa pesquisa vem de encontro ao que a autora afirma, pois, as protagonistas da nossa pesquisa foram designadas ao nascer como sendo homens. O gênero masculino foi inscrito sob suas identidades ao nascer. Porém essas mulheres trans e que fazem parte da nossa pesquisa não se conformaram dentro dessas inscrições feitas pelo trabalho pedagógico que segundo Louro (2008) é contínuo, repetitivo e interminável, que tem o objetivo de inscrever desde o nascimento nos corpos o gênero e a sexualidade normatizada.

## **2.2 A invenção da categoria mulher trans pelo discurso científico**

Quando nos retratamos ao gênero e a sexualidade estamos discutindo temáticas acadêmicas que são interdisciplinares, isto é, recebem influências conceituais de diversas áreas do conhecimento. Na, esses debates mostram dois lados de uma mesma moeda: o da urgência de visibilidade em discutir sobre gênero e sexualidade e o tabu existente quando estamos tratando dessas temáticas. Em um processo histórico, a população trans, que é composta pelas travestis, mulheres trans, homens e transgêneros, ocupa na sigla LGBTI+ a última posição, o que acarreta em uma invisibilidade muitas vezes dentro do próprio movimento LGBTI+ e pode ser vista como uma vulnerabilidade quando estamos falando da população trans em especial.

De acordo com Joseli Maria Silva (2013) o termo travesti traduzido do inglês *travestites*, refere-se a uma identidade de gênero que recebeu a marca brasileira. Já nos países de língua inglesa, o termo travesti caracteriza as pessoas de ambos os sexos. No Brasil a travesti busca o padrão estabelecido socioculturalmente imposto a feminilidade, através principalmente através da utilização hormônios e de silicone industrial. Já os/as transexuais são indivíduos que assim como as travestis usam hormônios para concretizar a transformação, contudo, almejam a finalização deste processo através da cirurgia de transgenitalização, popularmente conhecida como mudança de sexo.

Os/as transgêneros, traduzido do inglês *transgender*, refere-se a pessoas que transitam entre os gêneros, pessoas transgêneros de alguma forma desobecem a ordem hegemônica.

Dentro da militância trans, o termo transgênero diz respeito a homens trans, a mulher trans, a drag queen, a cross-dresser e travesti. É necessário nos reportarmos à historicidade dos termos transexual e travesti para justificarmos nessa pesquisa o uso de ambos. Nessa parte da pesquisa descrevemos a invenção da categoria transexual e travesti a partir do discurso científico, para logo abordarmos sobre essas categorias a partir dos discursos popular e da mídia sobre os termos transexual e travesti, para que os leitores entendam como essas categorias são elaboradas e reproduzidas por discursos de diversas áreas e campos do saber.

O primeiro a utilizar os termos travesti e travestismo foi o famoso médico e sexólogo alemão Magnus Hirschfeld (1868-1935), relacionando os termos ao uso de roupas do sexo oposto a um sentido sexual. De acordo com este autor, nos escritos dos primeiros colonizadores da América do Norte, encontramos registros de pessoas intersexuais, neste contexto indivíduos chamados de hermafroditas e que não eram no sentido fisiológico, mas sim, um tipo de travestismo ritual que na visão daquela época dos séculos XVI e XVIII eram considerados como hermafroditas ou andróginos, pois na época, não existiam as distinções conceituais que temos atualmente (JR, 2011).

O médico e sexólogo alemão Magnus Hirschfeld a partir da sexologia do século XX conferiu uma nova conceituação para o termo travesti, transformou o termo em uma categoria clínica. Para Jr (2011) o travestismo, isto é uma pessoa (tra) vestida com roupas do sexo apostado por motivações sexuais eróticas. Um dos avanços científicos nesse contexto foi a contribuição desse médico e sexólogo na separação dos conceitos de orientação sexual e da identidade de gênero, onde o primeiro diz respeito a atração sexual, ou seja, o desejo sexual, e a identidade de gênero a como o indivíduo se percebe e se mostra na sociedade.

Conforme Jr (2011) o alemão Magnus Hirschfeld categorizou os sujeitos fundamentado na categorização a partir das características físicas como por exemplo: órgãos sexuais, musculatura, tamanho dos pés, etc. o comportamento sexual (ativo e passivo), as roupas e características emocionais onde as/os travestis se encaixavam na sua classificação. Para ele ser travesti poderiam ser homens e mulheres (tra) vestidos com vestimentas, gestos e comportamentos do sexo apostado ao do seu nascimento. Assim, o travestismo estaria atrelado a uma disposição psíquica do indivíduo em relação a usar roupas do sexo que não é o mesmo do seu nascimento, em incompatibilidade com a estrutura relativa ao seu corpo com um fim em si mesmo de acordo com a disposição psíquica interior que leva esse desejo de usar roupas do sexo oposto ao do seu nascimento (HIERSCHFELD, 1991) *apud* Leite JR, 2011).

Agora vamos apresentar o que o discurso científico tem a colaborar nessa pesquisa sobre a categoria transexual, nessa caminhada histórica é necessário que conheçamos como os

conceitos foram elaborados, afim de nos reportarmos as nossas protagonistas na atualidade de nossa pesquisa, cabe salientar que nossa pesquisa busca fugir da perspectiva higienista e patológica sobre as identidades trans, com o objetivo de mostrar outras apresentações identitárias e culturais com as mulheres trans protagonistas da nossa pesquisa.

Em relação ao termo transexual temos que esse foi criado pelo endocrinologista e sexólogo alemão Harry Benjamin (1885-1986), ele foi responsável pela definição clínica do indivíduo, Harry Benjamin diferenciou o indivíduo transexual do/a travesti. Segundo Jr (2011), o discurso científico que fundamenta a transexualidade como sendo uma questão de identidade de gênero, não pode ser pensado fora da influência do campo da mídia e do campo da tecnologia médica. Salientamos partir do discurso científico da época do alemão Harry Benjamin, ele cunhou o termo transexual a partir de uma fundamentação clínica sobre a transexualidade. Pois o mesmo seguiu os pressupostos do saber médico da área de endocrinologia e da sexologia, a definição realizada por ele buscou também distinguir os termos transexual de travesti, concordamos que foi um avanço para o conhecimento científico produzido na época.

Essa separação de conceitos sofre influências de diversos campos do saber, é visto sobre diferentes óticas em cada época que é discutido. Entendemos que em cada época a transexualidade e a travestilidade é encarada de diferentes maneiras, passa por mediações de áreas distintas do saber científico e dos discursos vigentes que inscrevem o gênero e a sexualidade sob os corpos dos indivíduos ao nascer, por isso essa busca na historicidade dos termos é imprescindível para nossa pesquisa para possamos analisar na contemporaneidade as narrativas orais das nossas protagonistas.

Portanto, o/a transexual se diferencia da travesti da seguinte maneira como aponta Leite Jr, teorizando que, desejo intenso, por vezes obsessivo, de mudar completamente de estado sexual, inclusive da estrutura orgânica. Enquanto o travestismo representa o papel de mulher, o transexual deseja ser e funcionar como mulher, aspirando a adquirir tantas características quantas forem possíveis da mulher, seja de ordem física, seja de ordem mental, e seja, ainda, de ordem sexual. (LEITE, JUNIÓR, 2011).

Consideramos a afirmação sobre a diferença de transexual e travesti demonstrada apenas pelo viés visto a partir de um desejo de mudar o corpo, ou de mudar de sexo, não percebemos a questão da identidade de gênero ligada ao conceito de transexual nem o conceito de travesti. Não se nota a demonstração de que travestis e transexuais podem ou não se submeter a cirurgias estéticas, uso de hormônios, uso de silicone, roupas do gênero aposto ao seu nascimento etc. Ousamos afirmar que os debates e as conceituações sobre questão a da

transexualidade e travestilidade foi e ainda é por muito encarada apenas como uma questão clínica como se existisse a construção e reconstrução de uma identidade de gênero, pela perspectiva identitária e performática do gênero como uma construção cultural e da identidade de gênero como uma percepção do indivíduo.

Nas narrativas orais das protagonistas desta pesquisa, as performances de gênero e os discursos de empoderamento subjetivos das identidades femininas das protagonistas não estão determinados ao fato de usarem roupas femininas, uso de hormônios, uso de silicone, cabelos grandes, realizar a cirurgia de transgenitalização popularmente como mudança de sexo. As narrativas demonstraram que ser trans é uma questão de identidade de gênero em descompasso ao sexo biológico e a ao gênero que lhes atribuído ao nascer instituídos e legitimados pela biologicidade, ou seja, binarismo de gênero sob os corpos sexuados.

Vale ressaltar que a problemática desta pesquisa não é analisar as transformações corporais de mulheres trans pois isso compete aos estudos das ciências sociais e das ciências médicas. Estamos a realizar uma análise das performances de gênero e quais discursos de empoderamento de subjetividades estão presentes nas identidades femininas das protagonistas entrevistadas. Nossa pesquisa não é da área das ciências médicas mais sim das ciências culturais, por esse motivo os corpos em si não é nosso objetivo de análise, descrições etc.

### **2.3 A categoria trans feminina pelo discurso midiático (Operação Tarântula)**

De acordo com Céu Brasil, Roberta Brasilino Barbosa e Pedro Paulo Gastalho Bicalho (2018) a operação tarântula foi uma operação policial que teve como data de início o dia 27 de fevereiro de 1987 e aconteceu na cidade de São Paulo. As autoras analisaram o lugar que historicamente as questões das travestilidades vêm ao longo sendo alocadas em nossos contextos sociais onde se nota cada vez o acirramento da violência direcionada aos corpos trans. Nesse sentido relacionamos a operação tarântula que aconteceu em 1987 afim de compreendemos como os discursos que cooperaram com a violência enfrentada pelos corpos trans em uma época passada ainda estão presentes na contemporaneidade e estes discursos são trazidos nas falas das nossas protagonistas, que desde a mais tenra infância tiveram que conviver com as transfobias sociais.

Nesse sentido as autoras em seu estudo abordam a questão das incontestáveis violências ocorridas durante o período ditatorial no Brasil, operações repressivas que ocorreram justamente no período conhecido como redemocratização conforme Brasi; Barbosa; Bicalho (2018) essas operações policiais se mantiveram por vários anos depois de significativas mudanças no âmbito social e político no Brasil. Elas apontam que esse fato nos

alerta que a violência contra os corpos trans em especial às travestis, a violência transfóbica é estabelecida como uma atividade rotineira e cotidiana do Estado penal, que é operado por políticas de segurança. Entendemos assim que a operação Tarântula tentou higienizar as trans.

Para Pedro Paulo Castalho de Bicalho (2013) o final dos anos de 1980 foi marcado pelo processo de redemocratização do país, período em que aberturas políticas crescem no que diz respeito a renovação nas coletividades após décadas de regime ditatorial. Os autores Marilena Chauí e Marco Aurélio Nogueira (2007) ao refletirem acerca desse período histórico sinalizam que por ter se dado de forma sucessiva, é simplista nomear uma data fixa enquanto marco do período de redemocratização. Os anos finais da década de 1980 foram momentos em que o Brasil se reorganizou, vale recordar que que um projeto de redemocratização passar a ser algo sucessivo, que a partir de diferentes panoramas pode ter inúmeras datações, como por exemplo a promulgação da Constituição Federal de 1988, ou ainda a tentativa de estabilização econômica no ano de 1944 e as eleições ocorridas em 2002 ano em que o Brasil elegeu um operário para a presidência (CHAUÍ e NOGUEIRA, 2007).

Refere Brasil; Barbosa; Bicalho (2018) independente do marco histórico que possamos escolher, o estabelecimento de uma democracia decorre a garantia de direitos fundamentais para os grupos vulneráveis e, de maneira ampla, a estruturação de grandes sistemas públicos, como por exemplo: o Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único de Assistência Social (SUAS), além de garantias legais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). No período em que tais estruturas eram planejadas e efetivadas no Brasil, o lugar dos corpos trans é uma questão que interessa voltarmos os olhares.

Donna Haraway (2016) pensa sobre a noção de pensamento tentacular e, na construção teórica, de forma ironicamente centraliza a imagem de um pequeno ser, uma aranha que existe somente na região de sua residência. A autora recorre à imagem de Pimochuthulu (uma espécie de aranha) sinalizando que esta, ainda que pequena, possui enormes tentáculos. Ela afirma que tentacularidade é vida vivida ao longo de linhas. Essa autora ver a necessidade de uma forma de pensamento que considere as distintas linhas de poder que operam na sociedade simultaneamente apontando para diferentes direções e com diferentes efeitos na prática.

Vejam alguns dos efeitos práticos da tentacularidade, ou seja, fazendo comparação com as inúmeras normas socioculturais em suas distintas formas de poder e controle dos corpos e das identidades agiram na transição de gênero da Borboleta 7. Ela trouxe em sua narrativa aspectos relacionados a como se sente em relação a si mesma depois da transição do masculino para o feminino, A Borboleta 7 narrou que, “Então hoje eu estou bastante

confortável com meu corpo e aonde eu vou dentro de casa fora de casa no serviço na rua eu me identifico e sou uma mulher trans” (Entrevista oral, Borboleta 7, 16 de junho de 2021)

Não é o objetivo da nossa pesquisa aprofundar no pensamento de Donna Haraway, nem tampouco operacionalizar a concepção de antropoceno que seria a chave para o tipo de tentacularidades sinalizadas pela autora, o que nos interessa é a metáfora das redes, das aranhas e dos tentáculos para continuar nosso texto problematizando a aproximação de linhas de poder marcadas em tempos e espaços muito específicos. Para descrevermos as violências e violações as performances de gênero de travestis durante a Operação Tarântula, afim de mostrarmos aos leitores se essas violências e violências ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea e como atingem nos protagonistas.

Brasil; Barbosa; Bicalho (2018) o objetivo é entender como a denominada Operação Tarântula surge como condição de possibilidade de um contexto social e político específico mas que, para além dele, marca pistas para um *modus operandi* que percebe os corpos trans a partir de uma política da inimizade como abordou Joseph-Achille Mbembe (2016) e uma política da objeção como descreveu Julia Kristeva (1989). Para Brasil; Barbosa; Bicalho (2018) a operação policial chamada Operação Tarântula segue produzindo efeitos sociais e políticos mais de três décadas de seu início, incidindo sobre os corpos e as identidades trans no Brasil onde a mesma ocorreu.

Em primeiro de março de 1987 foi publicada uma matéria no caderno Cidades que chamou a atenção por seu título: Polícia Civil “combate” a AIDS<sup>12</sup> prendendo travestis. Título sensacionalista forjado em uma dialética que, nos parece estranha, é por si mesma capaz de mostrar uma maneira de construção do pensamento que interliga polícia civil, AIDS e as travestis. O delegado-chefe do departamento das delegacias regionais de polícia de São Paulo, em uma entrevista ao jornal folha de São Paulo disse: Os tempos de Nostradamus estão chegando, Tal comentário do delegado encontraria respaldo nos então recentes debates acerca do aumento nos números de infecções por HIV<sup>13</sup> e no imaginário social presente nos anos de 1980 e uma parte dos anos 1990 com a tal peste gay.

Compreendemos que para o tal delegado os tempos de Nostradamus seriam o cumprimento de profecias bíblicas, sendo assim esse discurso colaboraria para a caça acirrada as travestis na época da Operação Tarântula, essas operações policiais também começariam baseadas na lógica de que as mesmas seriam as responsáveis pela proliferação no país do HIV/AIDS. Notamos que esses discursos veiculados colaboraram para as violências.

---

<sup>12</sup>Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

<sup>13</sup>Vírus da Imunodeficiência Humana.

A criminalização da prostituição estava associada na época a um pensamento de cunho religioso apocalíptico, o cerne da criminalização da prostituição aparece como elemento somando ao foco exclusivo nos corpos trans, com recorte para as mulheres trans. Consideramos que as travestis desde essa época já eram excluídas das famílias, das escolas e da sociedade em geral em razão das suas performances de gênero destoantes do gênero que lhes foi atribuído ao nascer. Por tais circunstâncias entendemos que as mesmas ficavam vulneráveis e propensas ao contexto da prostituição, e acabam nesse contexto se infectando pelo HIV/AIDS.

Para Germana Fernandes Barata (2006) os discursos sobre o HIV/AIDS operaram como legitimadores de uma sucessão de violências e violências e tiveram a função de marcar na sociedade inimigos ou seja, quem estava em contextos vulnerabilizantes e marginalizadas como era o caso das travestis que na maioria das vezes só encontravam sustento na prostituição e estavam mais expostas a contrair o HIV/AIDS. No contexto brasileiro, a mídia da época passou a explanar o tema no momento da redemocratização e que cria um discurso voltado onde o foco eram os recentes casos descobertos voltando todo o foco nas pessoas LGBTI+ e deixando de focar nos casos de contaminação entre pessoas cisgêneros heterossexuais.

As travestis que foram apreendidas pela Operação Tarântula deveriam, segundo o delegado Márcio Prudente Cruz, responder processos por crime de contágio venéreo. O HIV/AIDS nesse momento foi de fato associada como uma doença quase que específica de travestis em razão da maioria estar no contexto da prostituição. Esses discursos reproduzidos acirram ainda mais a perseguição a esses corpos que já estavam vulnerabilizados e agora tendo que sofrer com o estigma social de terem seus corpos associados a epidemia latente do HIV/AIDS. Não à toa a, matéria intitulada: policial civil “combate” a AIDS pretendendo travestis, matéria essa publicada no dia 1º de março de 1987 no jornal folha de São Paulo cita rapidamente a possibilidade da existência de testagem sem autorização das pessoas detidas para averiguação. O delegado Márcio Cruz negou esse fato, a associação do HIV/AIDS aos corpos trans tinha se tornado algo natural corroborado pelos veiculados durante a época (BRASIL; BRASILINO; BICALHO, 2018).

Durante a Operação Tarântula nota-se que não havia a sequer a necessidade de comprovar a existência de algum crime/delito cometido pelas travestis que eram detidas, pois justo pelo fato de serem travesti é certo que se não ocorreu o crime/delito foi apenas por falta de possibilidade e este, certamente, ocorrerá em algum momento. A punição para as travestis detidas durante à Operação Tarântula estava ligada não ao crime/delito mais necessariamente

pelo fato de ser travesti. Nesse cenário percebemos o quanto os discursos presentes na época colaboraram para que esses corpos fossem cada vez mais estilizados e vulnerabilizados socioculturalmente. Ao nosso ver esse grupo estava quase que fadado a sofrer violações em si, tudo isso em decorrência das suas próprias existências é não por crimes/delitos cometidos pelas mesmas. Seria assim, uma perseguição a essas identidades e performances.

De acordo com Brasil; Brasilino; Bicalho (2018) no Brasil dos anos 1980, dados relativos ao HIV/AIDS foram disparados do pânico moral que mais uma vez apontou como culpadas específicas minorais, como recorte para o grupo LGBTI+ onde dentro desse grupo às travestis foram estigmatizadas e violentadas. O Operação Tarântula como resposta policial se inscreveu nesse contexto político da época. Porém é necessário analisar que a operação foi apenas uma das respostas dadas pelo estado diante de um circuito de atos e efeitos com diversas ramificações muito mais amplas e perversas.

As protagonistas da nossa pesquisa trazem em suas narrativas orais momentos de suas vidas que veem de encontro com o que aconteceu no passado durante essa operação que percebemos que até hoje tem efeitos perversos na sociedade, que continua a desrespeitar e deslegitimar as vivências de mulheres trans. A Borboleta 5 nos contou o que vive em relação a ser uma mulher trans no Brasil, ela narrou que, Ser transexual é ser uma luta, é ser resistência e é ser digna de apenas ser quem somos”! (Entrevista oral, Borboleta 5, 14 de junho de 2021).

Com base na narrativa oral da Borboleta 5 compreendemos que hoje não se tem de fato uma Operação Tarântula, mas que os discursos veiculados naquela época ainda fazem com que muitas mulheres trans sejam discriminadas na nossa sociedade, não pelos crimes/delitos que cometem ou cometeram mais pelo simples fato de ser quem como é o caso das nossas protagonistas. Elas não são excluídas por serem delinquentes para sim por serem mulheres trans. Discorrem Brasil; Brasilino; Bicalho (2018) a fórmula as travestis são perigosas e, portanto, devem ser encarceradas em massa atravessa barreiras geopolíticas e foi ser presenciada em vários outros estados que não chegaram a dar nome a operações de abordagem voltadas para travestis, tampouco veicularam matérias como foi o caso da Operação Tarântula publicizada pelo jornal folha de São Paulo em 1987. Os discursos atravessam até os territórios e os corpos.

Os autores continuam afirmando para uma certa noção punitivista que foi somada ao pânico moral instalado no Brasil em virtude da divulgação do que foi dado o nome de epidemia da AIDS que teve surto no fim dos anos de 1980, o acirramento das violências e violações direcionadas as travestis foram materializadas pelos discursos de que esse público

era responsável por esse surto, Dessa forma foi sendo materializada a Operação Tarântula como formas de perseguição e caça a travestis e demais população LGBTI+ no Brasil.

Conforme Brasil; Brasilino; Bicalho (2018) a operação policial que se iniciou no dia 27 de março de 1987, foi de fato suspensa no dia 10 de março do mesmo ano após o posicionamento de grupos de defesa dos direitos LGBTI+ que eram contrários as violências e violações pregadas por essa operação. Esses grupos pressionaram a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Estima-se que nos poucos de ocorrência da operação policial 300 travestis foram detidas e presas. Apesar de ter tido curta duração a operação foi extremamente eficaz e produtiva em seus objetivos, e ainda que não mais anunciada em seu nome, desconfiamos que a mesma continua a produzir, reproduzir e operar processos de extermínio de travestis no Brasil.

Para Joseph- Achille Mbembe (2014) o fato de o Brasil seguir sendo o líder no ranking de assassinatos e violências brutais contra pessoas trans, nos leva a pensarmos sobre como o fascismo<sup>14</sup> opera enquanto possibilidade de pertencimento, opera no ódio diário a diferença. Nesse contexto nos ajuda aqui a atentarmos para a sutileza dos processos que banalização a violência e o extermínio. Na esteira teórica de Brasil; Brasilino; Bicalho (2018) seguindo essa linha de pensamento, seria ineficaz buscarmos responsabilizar pessoas ou grupos pelos altos índices de assassinatos e violências enquanto não assumirmos que existe como fundamento todo uma estrutura de permissões que opera de maneira a desumanizar e deslegitimar as pessoas trans e devido a isso tornar naturais e banais as violências e violações contra essa população no Brasil.

Dessa maneira a Operação Tarântula conforme Brasil, Brasilino; Bicalho (2018) foi um acontecimento emblemático na banalização do mal transfóbico, por que nos permite ter uma visão como uma certa racionalidade pode ser regulatória para mobilizar e dar forças a políticas de segurança pública marcadas por processos transfóbicos que criminalizaram e incriminalizaram e prenderam mais de 300 travestis em pouco tempo de atuação no Estado de São Paulo durante a atuação do estado através do polícia com o objetivo de manter a norma.

Continuaremos agora narrando sobre as performances e discursos de subjetividades na transição da identidade de gênero de mulheres trans, cabe salientar que as narrativas não trazem o nome Operação Tarântula suas narrações, porém ao analisarmos aos discursos que perpassam essas transições notamos que muitas delas sofreram e sofrem inúmeras violências e violações que são advindas de uma cultura transfóbica que acirradamente deslegitimam e as

---

<sup>14</sup>Diz respeito a um governo autocrático, centrado na figura de um ditador, exercício forte de controle.

excluem. Através das entrevistas orais realizadas com 10 mulheres trans observamos que a cirurgia de redesignação sexual não as define como trans e nem umas delas se vêem como uma pessoa doente por se identificar como uma mulher trans. em nenhuma das entrevistas orais elas expuseram a questão de sentir repulsa pelo órgão genital, e nem que o órgão genital as define como mulher.

Mas a questão da transexualidade como as entrevistadas narraram para elas é uma questão de identidade de gênero. Na narrativa da Borboleta 5 deixou evidente que não sente a necessidade de realizar a cirurgia de redesignação sexual conhecida popularmente como mudança de sexo, e ainda expõe que uma mulher trans não precisa se encaixar em um padrão de feminilidade criado e cobrado pela sociedade. Em sua narrativa quando questionada sobre o que entende por produção do corpo? Ela afirmou que: “Entendo que cada pessoa tem que estar bem consigo mesma, fazer apenas o que vai deixar ela bem, se quer fazer cirurgia e for fazer bem que faça, mas se mudar toda apenas para estar no aspecto feminino introduzido e mostrado pela sociedade não! (Entrevista oral. Borboleta 5, 14 de junho 2021)”.

Essa fala da Borboleta 14 vem de encontro com o que autora Butler (2001) reforça insistentemente a ideia de que o gênero não é o que somos nem o que temos, mas o gênero é o mecanismo condutor para as fundamentações de masculino e feminino que são produzidas e naturalizadas. Em sua narrativa ela ressalta que cada mulher trans ou travesti tem que estar bem consigo mesma e fazer apenas o que lhe traz bem-estar. Ela diz que as que desejarem realizar a cirurgia de redesignação sexual popularmente conhecida como mudança de sexo façam se esse for o seu desejo, mas não mudem sua aparência para se encaixar nos aspectos femininos introduzidos pelas normas socioculturais para mostrar a sociedade não.

A proposição de Butler (1999) é a de que não existe nada que possa ser tomado como um núcleo estável do gênero, pois tanto o gênero como o sexo não passam de uma ficção sustentada por uma incessante performance. Sendo assim a Borboleta 5 começou desde muito no seu ciclo vital de vida a performatizar o sexo e o gênero que lhes foi atribuído ao nascer, e partir da inconformidade com o sexo e gênero que lhes foram atribuídos ao nascer a performatizar o sexo e gênero apostos ao do seu nascimento. A cirurgia de redesignação sexual para ela não deve ser feita para legitimar um aspecto de feminidade na sociedade, demonstrando que a identidade de gênero é como ela se sente.

Consideramos que na contemporaneidade a partir de nossas entrevistas realizadas com as mulheres trans e travestis a cirurgia de redesignação sexual não é vista por elas como um requisito para que as mesmas sejam consideradas como transexuais, e nem mesmo o fato de ter o órgão genital masculino as torna homens. A repulsa em relação ao órgão genital (pênis)

de nascimento não foi narrada por nenhuma delas, assim a descrição apresentada sobre a transexualidade por Harry Benjamin na sua obra o fenômeno transexual não é a mesma narrada pelas 10 mulheres trans entrevistadas nessa pesquisa. Para elas a transexualidade não é uma doença, uma aversão ao órgão genital de nascimento.

Dessa maneira elas expressaram que atualmente se definem como mulheres trans a partir das suas identidades de gênero e das performances de gênero mesmo em uma sociedade discriminatória que desde a infância delas as coloca em lugares de sofrimento e depressão como algumas relataram em suas histórias orais de vida. Cada uma delas se percebe como mulher trans de uma forma particular, ou seja, de maneira muito subjetiva e se expressam dentro da transexualidade de forma subjetiva. Afirmamos que o elas têm em comum é demonstrar o sentimento de auto pertencimento.

#### **2.4 O território e as identidades trans femininas**

O território da heterossexualidade é imposto desde muito cedo, nossos corpos são avaliados por esse território de normatividades. O tradicionalismo modelo patriarcal e binário de sociedade é evidenciado nas falas de nossas protagonistas, que desterritorializam dos seus corpos modelos vigentes propostos pela cisgenereidade e pelas práticas discursivas e culturais produzem e oferecem modelos fechados e ditos como absolutos do que é ser homem e mulher, macho, fêmea, masculinidade e feminidade. Há uma dominação política e simbólica do território da heterossexualização e por outro lado há um questionamento dessa dominação política realizada por meio desse território através de dispositivos de controle das performances que consideradas como normais aos corpos dos indivíduos.

Nesse sentido a heteronormatividade não considera as pessoas transexuais como normais, essas pessoas ficam invisíveis para esse sistema. As mesmas nem podem se auto definir, se auto conceituarem como desejam. Pois a todo momento precisam do reconhecimento e legitimação dos saberes médicos-jurídicos e sociais sobre as suas vivências e suas identidades. Transgredindo as normas para construir e reconstruir sua identidade a Borboleta 4 conta,

“Olha ser uma mulher transexual é uma pessoa batalhadora guerreira apesar de todos os preconceitos de todas as piadas dos olhares a trans e as travesti não abaixa a cabeça ela ergue a bandeira e vai pra frente e isso que é ser uma mulher trans por que a partir do momento que ela passa a se importar com a sociedade ela não tá se importando com ela nem um momento ela tá deixando de viver ela entendeu? nos tem que viver o nosso momento nos nunca num pode deixar de ser querer e tipo assim uns crentes pra sociedade ah vira homem!, não por que é uma coisa que nos já nascemos assim não foi opção já é orientação ser mulher trans é batalhadora por que a eu sei e eu falo por todas trans não é fácil eu sei que não é a gente pode a gente

sofre piada chacotas até pode morrer mais a gente está aqui pra vencer pra lutar pra mostrar pra sociedade que as trans as travestis existe e não pode ser marginalizada não tamo aqui e por que tem um proposito deus deixou assim missão pra nós entendeu?” (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho 2021)

A Borboleta 4 usa a expressão batalhadora e guerreira para se referir a definição de uma pessoa trans, é essa batalha e guerra que ela narra nesse trecho de sua vida. A batalha e a guerra de enfrentar uma sociedade que não a vê como mulher, uma batalha e guerra pela sua existência enquanto corpo trans. Ela diz que não vai abaixar a cabeça no território em que está, dentro do seu território afirma que não é fácil ser trans pois está passível a ouvir piadas e chacotas até morrer, mesmo assim se mostra disposta a lutar pela sua vida e pela não marginalização dos corpos trans. No território de Araguaína-TO a Borboleta 4 enfrenta de todas as piadas e chacotas pelos olhares dos outros, mas diz que não vai abaixar a cabeça para ninguém e vai levantar a bandeira e seguir em frente na sua batalha e guerra para existir no território de Araguaína-TO. O poder está no território e opera sobre o corpo dessa mulher trans, esse poder é político pois é regido pela institucionalização das normas hegemônicas da cisgeneridade e da masculinidade, mas também é simbólico por operar na marginalização dos corpos trans na sociedade, ela resista a essa dominação.

A cidade de Araguaína-TO não organizou e organiza o território no sentido de proporcionar inclusão e o direito de existir na sua condição enquanto mulher trans para a Borboleta 4, é nesse território que ela se torna, que ela se forma enquanto uma pessoa que desvia as normas de gênero e sexualidade. O território da cidade vai destinando aos corpos trans o lugar do gueto, o lugar da prostituição, negação, vulnerabilização, a Borboleta 4 ela não quer ser marginalizada no próprio território em que mora. Para Rogério Haesbaert (2004) o território, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas com o tradicional poder político que muitos conhecem. Ele diz respeito ao poder no sentido mais específico, de dominação, quanto ao poder em um aspecto mais implícito ou simbólico, de apropriação. É dentro do território de Araguaína-TO que o poder age sobre as mulheres trans, E é mesmo dentro desse território de dominação dos corpos e identidades que as resistências e batalhas acontecem.

Tecemos um diálogo com a autora Letícia Lanz (2015) para corroborar a fala da Borboleta 4 em relação as exclusões sociais destinadas as pessoas que desviam aos padrões de gênero. Segundo Lanz (2008) de maneira sutil ou corriqueira, ela passa a ser sistematicamente excluída do convívio com pessoas normais, ou seja, pessoas que não desviaram a norma de gênero. Dependendo de como a sociedade enxerga a natureza da sua transgressão, pode passar

a ser tratada como pervertida e depravada ou como doente mental. A sociedade de acordo a visão sobre a transgressão tudo que a sociedade reserva para quem é transgressor é o estigma, a marginalização, a exclusão, a negação, e a incerteza no meio social.

Continua ainda, Oliveira (2017) na verdade, é como se houvesse uma capa tapando esta identidade é só querer ter o privilégio de descobri-la seriam os saberes-poderes, depois de uma longa jornada dos sujeitos transexuais dentro de hospitais e nos fóruns, essas pessoas buscam se encaixar a qualquer preço no padrão estabelecido por esses saberes médicos-jurídicos e sociais. Compreendemos que esses saberes-poderes patologizam, higienizam e criam rótulos clínicos acerca da transexualidade, não considerando a subjetividade das pessoas trans que tanto lutam para serem respeitadas, sem serem vistas como anormais.

Destante, a construção do ser humano é limitada pela normatividade vigente que vincula as pessoas a maneira de arquitetar identidades, as quais serão validadas pela sociedade somente se conseguirem o aval das ciências. Se isso não acontecer, os sujeitos transexuais ficam à margem, construindo as suas identidades de forma clandestina na invisibilidade, em submundos. Os discursos advindos das áreas dos saberes poderes em especial das ciências psi (psicologia, psiquiatria etc.) acabam produzindo imaginários sociais no cotidiano social como por exemplo: muita gente ainda imagina e acredita que ser transexual é estar ligado a ter realizado a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia popularmente conhecida como a mudança de sexo.

Fica manifesto aqui depois de tudo que foi exposto até o momento, que mesmo se autodefinindo se autoafirmando e dizendo que são transexuais essas pessoas só terem suas identidades validadas se os saberes médicos-jurídicos e social confirmarem que realmente esses sujeitos são transexuais. É lamentável viver em uma sociedade que não válida as identidades transexuais, essas pessoas ficam na invisibilidade, ficam excluídas. Alguns motivos dessa exclusão é que por que essas pessoas não cumprem as regras da heteronormatividade, as regras binárias de gênero etc. em razão disso precisam construir suas identidades sem um lugar no mundo, ou seja para os saberes médicos-jurídicos e sociais essas pessoas são invisíveis, e acabam sem um lugar na sociedade pois nem identidade podem ter.

Como podem as mulheres trans construírem e/ou reconstruírem suas identidades de gênero em uma sociedade que sempre diz o contrário? Essa pergunta pode ser respondida pelo fato de que nossa sociedade é baseada nas premissas da heterossexualidade compulsória, nossa sociedade é baseada no sexo biológico como definidor do gênero, por que nossa sociedade é baseada no binário de gênero, ou seja (pênis-macho-masculinidade) (vagina-fêmea-feminilidade). A partir da norma binária padrão de gênero as mulheres trans e as

travestis são excluídas, discriminadas e mais grave ainda não tem suas identidades reconhecidas pois os saberes médicos-jurídicos e sociais impõem regras e dizem quem é quem não é, ou seja, quem é transexual e quem não é transexual. Os discursos dessas duas áreas do saber acabam por validar e invalidar identidades. O sistema binário acaba por ser o fio condutor das opressões.

Parece que por mais que as pessoas tentem legitimar como são sempre vão esbarrar desses discursos prontos, nessas regras estabelecidas ou seja sempre vão dizer sobre a identidade transexual, a pessoa transexual recebe esses discursos prontos, o jogo de poder que regula seus corpos, seus comportamentos seus desejos e a sexualidade. A identidade recebe influência dos discursos que são contra os desvios do binário de gênero, mas quem sabe isso no futuro não mude, em relação a identidade um dia quem sabe possamos ser quem somos, sem nenhuma ciência precisar dar seu aval sobre nossas vivências, nossas performances, nossas condutas e principalmente sobre a identidade de pessoas transexuais. Em nossas entrevistas uma de nossas protagonistas nos contou sobre como se sente após a transição do gênero masculino para o gênero feminino, ela narrou um trecho sobre seus confortos após a transição de gênero e destacou ainda quais são seus maiores desconfortos com o seu corpo,

“Me sinto muito confortável com o meu corpo graças a Deus a minha disforia é muito pequena minha disforia são coisas pequenas como pelos, pelos e pelos, só e a única coisa que eu tenho disforia porém de resto eu sou muito satisfeita com meu corpo me olho no espelho. Me amo do jeitinho que eu sou com cada curvinha que eu tenho com cada curvinha que eu não tenho. Vivendo como uma mulher eu sou uma mulher, eu não preciso eu não tenho essa necessidade de ficar me reafirmando. Eu vivo a minha verdade, sou quem eu sou graças a Deus sou muito respeitada já tem um bom tempo que eu não sei mais o que e aquele bullying, aquelas piadinhas” (Entrevista oral, Borboleta 9, 14 de junho 2021).

Esse pequeno trecho da entrevista cedida por Borboleta 9 evidencia e ilustra como os padrões socioculturais fazem as pessoas trans e travestis não gostar do próprio corpo, fica evidente nessa narrativa que Borboleta 9 teve que ir se adequando os padrões que são estabelecidos a feminilidade. Ela afirma que com a transição de gênero se sente mais confortável com seu corpo e o incomodo mais é com os pelos no corpo. Para ela ter pelos no corpo é coisa de homem isso já um sinal das construções sobre o que é ser homem e mulher, construções estereotipadas que mulher não pode ter pelos em determinadas partes do corpo e homem pode ter, ela se incomoda com a presença dos pelos. Ela tem desconfortos, aversões.

Para Foucault (1971) o corpo é conformado por um grande número de regimes diferentes. Ele é resultado do jogo do poder, e o poder adentra na própria essência dos indivíduos, apalpando seus corpos e inserindo nas suas atitudes e desejos, nos discursos, nos

seus processos de aprendizagem e nas suas vidas. A Borboleta 9 narra não com a teoria acadêmica mais com sua vivência em relação a como o seu corpo é formado por inúmeros regimes que a fazem sentir insatisfação com próprio que foi conformado no padrão masculino, é desse padrão que ela desvia, sente disforia (sensação de desconforto) com os pelos no corpo que segundo é uma disforia muito pequena. O jogo do poder tentou encaixar ela no padrão binário de gênero através das piadas e do bullying, mas mesmo assim ela performatiza o gênero feminino. Ela (re)xiste dentro das normas.

As normas socioculturais impostas aos gêneros fazem com que as pessoas que não se sentem pertencente ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento não se sintam bem em seus próprios corpos. Pois são regras essas impostas diretamente aos gêneros que são atribuídos no nascimento. A fala da Borboleta 9 deixa essa marca expressiva do sentimento de não gostar do próprio corpo antes da transição de gênero. As mudanças a fizeram começar a ter gosto pela própria aparência corporal. Mudar foi necessário para uma aceitação de sua aparência visual.

Um ponto que nos chamou à atenção nessa narrativa de Borboleta 9 é a afirmação dela em não precisar estar afirmando sua identidade de gênero para a sociedade, ela disse que ama cada parte do seu corpo, ama suas curvas ela afirma que vive sua verdade. Ela afirma que vive como uma mulher e é uma mulher. O que a incomoda apenas ainda é a presença de pelos nas pernas e buço por exemplo, mas consegue se sentir mais confortável com a materialização da identidade de gênero a qual estar construindo e reconstruindo ao longo de vida até o momento das entrevistas. A transição de gênero a fez se sentir mais próxima de sua identidade de gênero.

## **2.5 Território, Heteronormatividade e a produção do ser e estar mulher**

Para Lídio Fernando Yale Vieira Barros (2018) a categorização dos sujeitos inaugurou, para o ocidente, um processo de estigmatização das sexualidades que cumprem as normas e se tornam sexualidades desviantes e transgridem os dispositivos de poder, essa categorização dos sujeitos estabeleceu a heterossexualidade como norma. As questões ligadas ao gênero e a sexualidade são temáticas acadêmicas de campos interdisciplinares. Atualmente esses debates revelam duas faces distintas: o da urgência de visibilidade e o tabu que envolve esses debates sobre gênero e sexualidade. Elucida Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem (2012) a bibliografia sobre gênero é vasta e traz irrefragáveis maneiras de focar esse conceito, o que demonstra, por um lado, um campo produtivo e criativo para a construção teórica e conceitual, mas, por um lado, a dificuldade de integração das diversas correntes

existentes.

A cultura heteronormativa tenta a todo momento negar as identidades trans e travestis, sendo assim pessoas trans em suas mais variadas maneiras de viver o gênero constroem e reconstroem suas próprias identidades em discordância com a identidade de gênero, ou seja, o gênero lhes foi atribuído ao nascimento. Existe sempre um discurso na sociedade ocidental que vem deslegitimando essas identidades construídas e desconstruídas em processos identitários singulares. As contribuições de Hall (2000) com relação ao conceito de identidade, especialmente a compreensão de que ela é construída socialmente. Afirma esse autor que as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, a partir da cultura, sendo fruto de um processo de identificação que nos permite posicionarmo-nos no seio definições conferidas pelos discursos culturais. Dessa maneira, as subjetividades são construídas e produzidas parcialmente de maneira discursiva e dialógica.

Segundo o autor Hall (2000), as identidades estão sempre em processo de formação de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Afirma que, embora a noção de identidade esteja relacionada com pessoas que se parecem, sentem a mesma coisa ou chamam a si mesma pelo nome, estes são referências insuficientes que não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, a identidade é sempre vista da perspectiva do outro.

Teoriza ainda que, a identidade faz parte de um processo que nunca está completamente determinado sendo que a mesma está sempre em constante construção. Além de ser aleatória, no sentido que podemos ganhá-la ou perdê-la a identidade pode ser sustentada ou abandonada. Assim, deve ser entendida como algo que é construído e/ou desconstruído num sistema formado por vários elementos sociais e simbólicos, onde cada um tem uma concepção de identidade, podendo ser idealizada e alterada pelos indivíduos. Desta forma, ela deve ser entendida como algo a ser elaborado e não descoberto.

As Mulheres trans constroem reconstroem suas identidades e (re)significam essas identidades a todo momento, a partir da transição de gênero surge uma nova identidade e outra e abandonada, dessa forma temos um processo de apropriação do corpo e por meio do corpo tornando seus corpos símbolos de territórios de poder, elaborando suas identidades gênero, elas se apropriam dos seus corpos exercendo assim o poder. De acordo com Haesbaert (2007) território tem a ver com relações de poder mais não apenas com poder político, como também a questão simbólica de apropriação desse território. Assim em

diferentes ajustes, funcional é simbólico, pois as relações de poder no espaço é um componente indissociável tanto na realização de funções quanto na produção de significados.

De acordo com Haesbaert (2007), buscar-se-á entender que o conceito de território tem a ver com relações de poder, mas não apenas com poder político, como também a questão simbólica de apropriação desse território. Para Jaqueline Gomes de Jesus (2012), se nos atentarmos à nossa formação pessoal vamos perceber que desde criança fomos ensinados (a) a agir e a ter uma determinada aparência ligada em forte ponto com o sexo biológico de nascimento. Se havia na época ultrassonografia, esse sexo foi determinado antes de você nascer, se não, foi no seu parto. Então afirma ainda a mesma autora, que para a ciência biológica o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenos espermatozoides, logo é macho; grandes óvulos, logo é fêmea) e só. Mais biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino então quem faz isso? É a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

De acordo com Dafne Marcelle de Almeida Ramos Campos (2014) mulheres existem nas mais variadas cores, formas, tamanhos e arranjos corporais. Dessa forma há tantas formas de ser mulher quantas forem elas no mundo. No nosso senso comum geralmente temos a concepção de mulher atrelada a ideia de feminilidade que, por vezes é bastante estereotipada. Nesse sentido na cultura ocidental qual é a definição de mulher? Ou seja, o ser mulher e todas atribuições e comportamentos destinados a mulher? Percebemos que a cultura a partir do sexo biológico faz distinção entre o macho e fêmea, homem e mulher, os signos corporais são atribuídos a mulher.

Dafne Marcelle de Almeida Campos (2014) na cultura ocidental, a mulher deverá ser passiva, dócil, emotiva, assim como deve possuir cabelos compridos, seios e, principalmente, uma vagina. E, dotada de uma vagina, ela deverá vestir-se e comporta-se de forma consoante, apenas se interessando sexualmente por seu sexo oposto, ou seja, um homem, o detentor de um pênis, porém esse modelo idealizado de mulher (e de ser humano) não existe. Nascer com a genitália tida como feminina não define como o indivíduo vai se identificar futuramente, nem sua sexualidade. Existem outros arranjos corporais que vão além do binômio mulher-vagina-homem-pênis. As protagonistas da nossa pesquisa tornaram-se mulheres.

As mulheres trans são excluídas e marginalizadas dentro da sociedade, pois as mesmas escapam ao transitar de gênero a esse binômio mulher-vagina-homem-pênis, esse grupo possui suas identidades de gênero deslegitimadas por esse sistema sexo-gênero. Pegamos aqui uma frase famosa de Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beavouir (1967) ninguém

nasce mulher torna-se, mulheres trans experimentam outros arranjos corporais e identitários construídos sobre um modelo tradicional do que é ser mulher na sociedade. A Borboleta 8 desterritorializa, territorializa e reterritorializada as normatividades, discursividades, subjetividades, performatividades de gênero, identidade e sexualidade e constroem uma visão subjetiva do que é ser mulher trans, ela narra que,

“Ser uma mulher transexual é não me identificar com o gênero que eu nasci e me senti bem como eu me sinto hoje e me senti realizada e respeitar o meu momento e saber que que tudo é uma fase que eu estou feliz com o que realmente eu estou vivendo que os estereótipos são importantes mais que o meu interior e mais importante ainda eu me sentir uma mulher e já significa muito neh! tenho eximia significância e ser uma mulher trans e ser eu e ser o que eu sempre que eu fosse neh! e exigir respeito pelo o que eu sou hoje pela mulher que eu sou hoje. E me amar acima de tudo que o amor tem que prevalecer por que quando a gente se ama tudo flui”. (Entrevista oral, Borboleta 8, 16 de junho de 2021).

Essa protagonista deixa explícito que para ela ser uma mulher trans é não se sentir bem em relação ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Ela sinaliza que existe assim um desconforto interno e externo com esse gênero que lhes foi atribuído no nascimento. No caso dela foi atribuído ao nascer o gênero masculino. Atualmente ela diz que está bastante contente com as suas mudanças para o gênero feminino, algo muito relevante que ela disse deve ser destacado aqui: ela disse que essa fase a deixa muito feliz, Borboleta 6 até a presente entrevista mostra-se confortável com os estereótipos a qual inseriu na sua vida como uma mulher transexual que hoje se autoafirma. Outro destaque em relação a história de vida dessa entrevistada é que ela menciona o amor acima de tudo, ela se ama, ela se aceita agora a partir dessa mudança de um gênero para outro. Ela deixa uma dica muito importante: quando a pessoa se ama as coisas vão acontecer com muito mais leveza. Ela pede respeito pelo que ela é hoje, pela mulher que ela com ênfase afirma ser e expressa,

“Eu estou muito feliz em ter iniciado a minha transição e mês passado como eu disso precisamente dia 14 do 05 e uma realização pessoal muito grande sempre como eu te falei desde os 10 anos eu já me identificava como mulher trans neh! porém e eu precisava e me aceitar em primeiro lugar respeitar o espaço da minha família o meu espaço neh! me entender sabe como eu era neh! e hoje estou realizada com a pessoa que eu sou, com a forma que eu estou agora. Com a forma que eu me porto e me sinto à vontade de expressar de liberar tudo que eu sempre quis hoje eu estou vivendo o que eu sempre quis viver estou super feliz e me aceito e quero isso pra mim sempre quis e quero ajudar muitas meninas trans que ainda vão passar por isso que ainda vão além de passar pela autoaceitação passa pela aceitação dos familiares dos amigos das pessoas mais próximas exigir o respeito neh!. Buscar conhecer meus direitos, assim como elas vão buscar e conhecer os delas pra que eu possa ajudar e hoje eu me vejo como uma pessoa realizada. Eu vou buscar e vou correr atrás dos meus sonhos, dos meus objetivos quero ter um prestígio social e futuramente poder ajudar muitas outras (Entrevista oral, Borboleta 6, 15 de junho 2021).

A Borboleta 6 está em diversos territórios, como por exemplo: o território da família, dos amigos e pessoas mais próximos. Esses territórios têm suas regras fixas de convivência e condutas, nesses territórios ela desterritorializa o sexo biológico, a sexualidade, o corpo e a identidade. Conforme Deleuze e Guattari (1995) o território é o lugar por excelência do controle, dessa maneira, faz com que o processo da desterritorialização (abandono total ou parcial do território) seja visto como um processo de resistência e que gera novas territorialidades (novas formas de apropriação do território). Foi isso que aconteceu quando Borboleta 9 começou a não se perceber dentro do sistema colonial de gênero, em especial ao gênero masculino, ela fugiu, desviou os códigos coloniais de gênero.

Novas territorialidades foram produzidas em busca da aceitação da sua identidade de gênero. A sociedade que atribuí o gênero a homens e mulheres, através da sexualização dos corpos, dentro da cultura esses corpos são normatizados e os papéis sociais de gênero distintos a homens e mulheres, porém algumas pessoas não se encaixam nos padrões impostos de masculinidades e feminilidade, esses padrões serão elaborados, repetidos, fundamentos para os corpos sendo que, O corpo é em si mesmo precedente a cultura mais sim um resultado de sua influência. Teoriza Lídio Fernando Yale Vieira Barros (2018) o corpo é construído pela cultura e ela quem o normatiza através da raça, classe e gênero. O gênero produz efeitos de sentidos que atribuímos aos corpos o que não pode ser confundido com natureza e/ou essência. Estas conceituações estão superadas, pois não existe um modelo ideal de masculinidade e feminilidade, porque cada sujeito constrói e (re) configura-as suas experiências e vivências.

Sendo assim mulheres trans buscam legitimar suas identidades através de suas experiências e vivências, produzindo assim suas formas de feminilidade. Onde cada uma irá vivenciar e experienciar de forma diferente essa feminilidade, a cultura heteronormativa tenta a todo o momento deslegitimar essas identidades de gênero que construídas e desconstruídas em suas mais diferentes formas. A filósofa Judith Butler sustenta a teoria que gênero não é uma construção aleatória pois está presente na materialidade dos corpos e nas diferenças sociais existentes entre os sexos e avança para a compreensão também da construção social do que se refere a categoria sexo (BUTLER, 2003).

O que as mulheres trans fazem é uma apropriação dos saberes médicos para produzirem seus corpos, nesse momento de produção dos seus corpos elas escapam as normas vigentes da heterossexualidade forçada. Onde suas performances são questionadas pelos discursos que regem o poder dominante. Esses discursos são carregados de perspectivas,

biologizantes, religiosas e etc. Barros (2018) “Eu não entendo muito sobre produção do corpo....” (Entrevista oral, Borboleta 7, 15 de junho de 2021). Mesmo sem saber o conceito de corporeidades ela realiza essas produções.

A Borboleta 7 não tem conhecimento teórico sobre o que é produção do corpo ou de corporeidade, mas em sua vivência como travesti produz um novo arranjo de corpo e de corporeidades. Nossa entrevista evitou engessar as perguntas como os termos técnicos da academia, por isso ao invés de perguntar você ver seu corpo como território? Perguntamos o que você entende por produção do corpo? e como faz para produzir seu corpo afim de adequar construir sua identidade

Cabe aqui destacar a partir dos pressupostos teóricos de Louro (1997) que as identidades são sempre construídas; elas não são dadas ou acabadas num determinado momento, tanto no quis respeito ao gênero como não aspecto da sexualidade, não se pode estabelecer um momento em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja resolvida ou posta, aceito que as identidades estão sempre se constituindo, elas são incertas, fruto da representação humana através da performatividade a representação e, portanto, passíveis de transformação Louro (1997). O corpo é um dado marcado por diferenças determinadas pela biologia e os padrões impostos pela sociedade, Buther (2003) afirma que: é a materialidade do sujeito reflexivo. A construção do corpo se produz o tempo socialmente, sendo inalterado em certas características da biologia e nomeado pela cultura através da oposição binária macho ou fêmea.

Em seu livro *Antropologia ciborgue* Donna Haraway (2013) afirma que com a tecnologia é possível construir nossa sociedade, nossa sexualidade e até mesmo nosso gênero exatamente como quisermos. Ser ciborgue não tem a ver simplesmente com liberdade de se autoconstruir, tem a ver com redes. Os corpos ciborgues trans e travestis passam por uma ação resultante da produção de diferentes discursos das áreas médica e das ciências como a psiquiatria psicologia, psicanálise, sexologia etc. e do desejo de pessoas que não se reconhecem com o sexo biológico que nasceram. Elas se apropriam desses conhecimentos alterando-os para construírem seus próprios corpos, corpos alterados e modificados, tornando assim seus corpos condizentes com o que elas desejam ver e querem passar de si mesmas Barros (2018). “Entendo como o fato de se reconhecer como a gente é neh! se aceitar, se amar” (Entrevista oral, Borboleta 6, 14 de junho de 2021).

A Borboleta 6 narra que para ela ser mulher trans é ser reconhecer como a pessoa é, e ainda além disso se aceitar e se amar. No processo de transição de gênero ela está se reconhecendo como uma pessoa que transgrediu as normas de gênero e sexualidade,

construindo a sua noção de corpo e de identidade. Ela se apresenta socialmente como uma mulher e se expressa dessa maneira em suas falas durante as entrevistas. Ressalta que a transexualidade está ligada ao fato de ser reconhecer como uma mulher, e a pessoa precisa se aceitar e se amar como se entende e se apresenta para a sociedade.

Conforme Brune Coelho Brandão (2016) os primeiros estudos antropológicos eram marcados apenas por definições anatômicas-fisiológicas, que colaboravam para a patologização das performances trans, essas performances consideradas como distúrbios. Com o seguimento dos avanços nos estudos feministas, houve então um rompimento entre os conceitos de sexo e gênero, possibilitando assim um enfoque mais voltado para a construção das realidades sociais e identitárias. São essas perceptíveis mudanças nos estudos ligados acerca do corpo, gênero e sexualidade, que pressionaram o campo de estudos do feminismo a reconhecer o caráter social e não biologizante do gênero.

De acordo com William Siqueira Peres (2011), é no corpo que as marcas das experiências vivenciadas, as modificações e as transformações que são realizadas por travestis e transexuais são evidenciadas, possibilitando assim a emergência de outros modos de existencialização. É sobre os corpos que são inscritos os marcadores subjetivos, entre os marcadores de gênero; e as marcas que se inscrevem nos corpos são vistas e entendidas de diferentes formas, isso vai depender do contexto histórico e a cultura vivenciada pelos sujeitos.

A Borboleta 4 narra o entende por produção do corpo, nossa pesquisa não tem o objetivo de analisar as transformações físicas/hormonais ocorridas nos corpos das protagonistas, o que implicaria em estudos das ciências naturais e médicas sobre as mudanças ocorridas em virtude das terapias hormonais e efeitos colaterais que repercutem na estrutura, física corpórea. Porém a maioria das nossas entrevistadas se submetem a terapia hormonal para externalizar a aparência feminina dita por elas como uma sensação de conforto e felicidade.

O uso dos (anticoncepcionais) hormônios é realizado por elas para diminuir os pelos do rosto, alterar o formato do rosto e suprimir os caracteres primários do sexo biológico de nascimento, destacamos a questão das transformações corporais para deixar que elas falem se realmente a questões hormonais, estéticas e/ou cirúrgicas as definem como elas se percebem. A nossa intenção é analisar as performances e discursos que reverberam na transição da identidade de gênero passando pelo âmbito discursivo, da linguagem, constitutiva do empoderamento das mulheres trans e travestis a qual estamos dialogando. As subjetividades de cada protagonista são preciosas para nosso estudo.

A Borboleta 4 relembra a partir de sua vivência como mulher trans o entende por produção do corpo, intervenções cirúrgicas, uso de silicone, modelar o nariz (rinoplastia) contexto das transformações identitárias realizadas por mulheres trans, então é o seu ponto de vista,

“Produção de corpo no meu ponto de vista assim cada um tem o seu ponto neh? De como ver seu corpo, tem umas que quer bombar e como é como e que se diz? Modificar a bunda por que não é satisfeita com sua a bunda. E umas que colocar silicone, tem umas que quer fazer rinoplastia vai depender neh? e Isso que é uma produção de corpo. Tem umas trans que querem se prostituir neh? e tem que fazer o corpo pra chamar a atenção dos clientes neh! por que tem uns clientes que gosta daquela coisa corpão, vai depender” (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho de 2021).

Consideramos aqui o uso ou não do silicone (o ato de bombar de acordo com a Borboleta 4), da rinoplastia como tecnologias usadas ou não pelas mulheres trans e travestis para reinventa seus corpos, alterando o arranjo primário advindo do sexo biológico de nascimento (o sexo masculino). Bombar segundo a Borboleta 4 é ao ato de introduzir silicone no corpo afim de modificar o corpo seja para fins pessoais de satisfação própria, e para algumas é uma das tecnologias usadas por muitas para ter o corpão que desejam e outras para chamar a atenção dos seus clientes na prostituição. Visto que de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em 2021 90% da população trans e travesti tem a prostituição como fonte de renda. Borboleta 4 não nos relatou se está ou já passou pelo contexto de prostituição, cabe lembrar que esse não é o objetivo da nossa pesquisa. Os corpos das nossas entrevistadas ao passar por modificações para construir e reconstruir suas identidades de gênero como se percebem, são considerados como corpos ciborgues.

Em seu livro *Antropologia Ciborgue* (2013) Dona Haraway afirma que com a tecnologia é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade e até mesmo nosso gênero da maneira que cada pessoa quiser. Ser ciborgue não tem relação essencial com liberdade de se autoconstruir, mas tem relação com redes. No caso de nossa pesquisa essas redes estão nas histórias de vida a partir das performatividades e os discursos que atravessam a transição da identidade de gênero de mulheres trans e travestis. As mulheres trans e travestis alteram-se na inconformidade com a cisgenereidade.

Corroborando Barros (2018) os corpos ciborgues trans-travestis são um resultado da produção de discursos de diversas áreas, como por exemplo: médica e das ciências psic's (Psiquiatria, Psicologia, Psicanálise, Sexologia, etc) e também do desejo de pessoas que não se reconhecem no fenótipo advindo do sexo de nascimento. As mulheres trans e travestis se apropriam desses saberes médicos e científicos, (re)significando-os, com o objetivo de

produzirem novos arranjos corporais, estando, mas próximo com o que desejam ver e mostrar na sociedade de si mesmas. Os novos arranjos dos corpos trans-travestis com as mudanças corporais, estéticas e cirurgias podem ser lidos conforme Haraway (2013) escreve que, são ciborgues, burlam a ideia de linear, estabilidade, imutabilidade e naturalidade que, suspostamente, a cisgeneridade confere à autoimagem das pessoas. As Borboletas da nossa pesquisa são corpos alterados (ciborgues).

As mulheres trans procuram através da transição de gênero modificam e transformam seus corpos, a fim de externalizar suas identidades de gênero em discordância com o sexo biológico através das vestimentas, próteses de silicone, procedimentos estéticos, maquiagem, cabelo, depilação a laser, feminilização do rosto, etc. e em alguns casos a cirurgia de redesignação sexual conhecida popularmente como “mudança de sexo”. “Ser uma mulher trans é resistência acredito que seja muito isso resistência, resistência não tem e a gente as vezes a gente precisa esquecer que aquilo nos faz mal independentemente de qualquer situação e ser forte então acho que primeiro primeira coisa que a gente precisa é resistência precisa te e que a gente tem mulheres trans nós temos resistência ser mulher trans é resistência (Entrevista oral, Borboleta 9, 16 de junho de 2021).

A noção construída sobre o que é ser uma mulher trans na narrativa de Borboleta 9 tem a haver com resistência mesmo em uma situação fundamentada em modelos pré-estabelecidos para corpos, sexualidades, identidades e os gêneros. Segundo ela a mulher trans precisa encerrar as adversidades e ser resistência, essa resistência frente a situações que possam fazer mal a mulher trans que desviou as convenções advindas do sistema sexo-gênero, a palavra resistência ela define a pergunta o que é ser uma mulher trans? Ela não define uma mulher trans pelo discurso científico, a teorização acerca do desvio realizado pelas mulheres trans e as travestis trazem marcos teóricos,

Partindo desse pressuposto, as travestis e transexuais, de algum modo, ao (re) inventarem seus corpos, buscam escapar das convenções impostas ao seu sexo/gênero. Em contrapartida, ao reproduzirem alguns aspectos da feminilidade, acabam naturalizando determinados comportamentos e posturas. Elas produzem atos performativos e subversivos ao mesmo tempo. No entanto, outras formas de viver a feminilidade são apresentadas. (LONGARY; RIBEIRO, p. 763, 2016).

O que seria de fato transição de gênero? Pois muitas pessoas confundem a transição de gênero com o fato das pessoas transexuais ter realizado ou querer realizar a cirurgia de transgenitalização ou redesignação sexual popularmente conhecida como “mudança de sexo” para esse diálogo a fim de esclarecer esse termo trazemos algumas teorizações para Vivemos em uma sociedade premissamente de matriz heterossexual, onde o órgão genital define até a

orientação sexual dos sujeitos, sendo assim: A matriz heterossexual entende que um corpo coerente possui um sexo estável expresso mediante um gênero estável. Desta forma conforma e resigna: pênis-homem-masculino heterossexual de um lado, e do outro vagina-mulher-feminina-heterossexual. Gays, lésbicas, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, intersexuais, todos os que vivem afastados da lógica binária (homem/mulher) de dominação passam a ser abjetos (ALEXANDRE, 2013, apud BUTLER 2002).

Sendo assim, as mulheres trans ao transitar de gênero (transição de gênero do masculino para o feminino) com as transformações identitárias não cumprem a regra citada acima nessa matriz heterossexual pênis-homem-masculino-heterossexual e vagina mulher-feminina-heterossexual. Nessa transição existe uma transgressão aos normas da cultura. “Bom eu me sinto mais confortável sim com meu corpo porque teve umas mudanças que eu gostei bastante entre tudo sim meus seios meu bumbum meu rosto e tal são coisas. Assim depois da minha transição eu me sinto assim muito mais confortável com meu corpo eu me sinto que eu estou no corpo certo que e isso que eu queria e eu me sinto muito bem em respeito ao meu corpo eu amo meu corpo agora do jeito que ele que está ficando do jeito que ele está se tornando e amo cada vez mais” (Entrevista oral, Borboleta 8, 16 de junho 2021).

Para Haesbaert (2004) desde a sua origem o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, relação com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror e do medo em especial para os indivíduos que com essa dominação jurídico-política ficam aleijados da terra, no territorium são impedidos de entrar.

Esse autor aponta que o território é um espaço cultural de identificação; sua apropriação torna-se um espaço político, lugar de poder, de vivências. O território tem caráter polissêmico, para quem seriam os três empregos recorrentes do conceito de território: a primeira acepção num sentido político-jurídico, representado pelo Estado-nação; o território econômico, ligado a questão das fontes de recursos, fruto de embates entre classes sociais e da relação capital-trabalho; e por fim o território cultural, tomado enquanto resultado da produção da apropriação simbólica e/ou da identificação no/com o espaço.

Dentro do território de Araguaína-TO Borboleta 8 tece outras formas de apropriação do território diferentemente de outros grupos sociais que se encaixam nas normas impostas pela matriz heterossexual, patriarcal que regula as condutas dentro do território, a dominação jurídico-político dentro do território alimenta a exclusão e marginalização de mulheres trans. A Borboleta 8 transita de um gênero para outro dentro de um território que na sua origem tem

dupla conotação material e simbólica, seu corpo é marcado pela luta de poder, de classes sociais que estão no território. A produção da territorialidade do corpo trans passa por conotação material e simbólica pois o corpo é regido pelas leis do Estado-nação, e de forma simbólica pode ser apagado da sociedade.

O território aqui é antes de tudo, um território simbólico, um espaço de referências para a construção de identidades, construindo assim as territorialidades, ou seja, construindo identidades e apropriando-se do território Haesbaert (2006). A Borboleta 8 constroem e reconstroem sua identidade de gênero no território da negação, exclusão social e opressões do sistema patriarcal e colonial de gênero. A territorialidade da mulher trans nasce no enfrentamento aos discursos de ódio e violências diversas que precarizam suas existências enquanto corpos ciborgues, onde na maioria das vezes segundo elas o espaço do território da família, da escola e do mercado de trabalho não é um espaço de referência para a construção de identidade nem tampouco do território. Esses territórios são narrados como os primeiros territórios em que suas existências são questionadas.

Nossa protagonista cita a questão do respeito em relação a sua identidade de gênero, em qualquer lugar que ela for, ela espera que a sociedade também entenda que mulheres trans precisam ser respeitadas. É nessa luta por existir e firmar a sua identidade no território, mostrar seu corpo no território e poder sair sem medo, terror diante da dominação do Estado-nação com suas cosmovisões fundamentadas na cisgeneriedade, heterossexualização compulsória que nossa protagonista se percebe enquanto corpo trans, e uma identidade subversiva dentro dos territórios que ela se encontra,

“Bom, eu afirmo a minha identidade como uma mulher trans que hoje eu sou uma mulher trans e essa é a minha afirmação que as pessoas me verem e sabem que eu sou uma mulher trans e tem que me respeitar de como igualdade em qualquer lugar em qualquer ambiente que eu for e tem que me respeitar primeiramente por que pelo fato de ser uma mulher trans e eu me vejo como uma mulher trans e assim que eu gosto e eu espero que a sociedade também entenda isso” (Entrevista oral, Borboleta 8, 16 de junho 2021).

Esta “heterossexualidade compulsória”, como diz Butler (2013) e outros autores, serviu para garantir um controle sobre todos os corpos, para que mantivessem dentro do padrão moral do comportamento e as relações sociais com outros sujeitos. A heterossexualidade compulsória é, portanto, a norma que sustenta a heteronormatividade como Teoriza Butler (2013), esse padrão é entendido como uma matriz normativa que premissamente afirma que os sujeitos são sempre heterossexuais mais o que seria essa tal heteronormatividade? E os sujeitos desviantes como ficam? Todos os indivíduos que não se

encaixam no padrão da heteronormatividade são desviantes, anormais, os prazeres e desejos são reprimidos, vigiados, categorizados, nesse contexto afirma,

A heteronormatividade seria a conduta moral na qual se define como certa a ser seguida pelos homens e pelas mulheres, ou seja, todas as demais possibilidades de desejos, prazeres, vidas existentes, que não se enquadram nesta norma são designadas como “anormal”. O que isso significa? Que os sujeitos não-héteros são tidos como “desviantes” por apresentarem formas de vivenciar seus prazeres diferentes dessas “normas”. Além destes setores utilizarem este espaço para impor as normas que os sujeitos devem incorporar, aproveitam também desses meios para invisibiliza-lós, marginalizá-los e negar a sua existência (SILVA; PASSOS, 2012, p.3).

A partir desse trecho exposto fica evidente que somos ensinados desde criança o que é certo o que é errado sobre como ser homem e mulher e as questões da sexualidade seguindo esses padrões da heteronormatividade, e as pessoas que não seguem esses padrões são consideradas desviantes, nesse caso podemos citar as pessoas trans que não se identificam com essas normas e tem suas identidades inviabilizadas e seus corpos marginalizados vistos como anormais por não performatizar a heteronormatividade compulsória.

A sociedade ocidental categorizou os sujeitos de uma forma impositivo sendo um embasamento suficiente que desse uma sustentação para esses padrões tão autoritários. De acordo com Foucault (1988). A categorização dos sujeitos no século XIX ocorreu através de protocolos médicos bastante invasivos. a medicalização do insólito sexual é ao mesmo tempo efeito e instrumento que, a partir do momento em que passam a ser coisa medica ou medicalizável, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidos no fundo do organismo ou na superfície da pele ou em todos os signos do comportamento. O poder que, assim toma o seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abraça por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Daí os dispositivos de saturação sexual, tão característicos do espaço e dos ritos sociais do século XIX que a sociedade tentou reduzir a sexualidade ao casal ao casal heterossexual e, se possível legítimo.

As Mulheres trans ao modificarem seus corpos e viver suas experiências de construir um novo gênero através das transformações corporais para além das normas impostas rompem com a fronteira homem/pênis, mulher/vagina. “Pra mim é ser uma mulher neh! querendo ou não depois que você fizer esses procedimentos de hormônios e tal você deseja ser uma mulher, deseja ficar uma mulher” (Entrevista oral, Borboleta 8 16 de junho 2021).

Seguindo o pensando de Foucault (1993) sobre a categorização dos sujeitos no

século XIX através de protocolos médicos bastante invasivos, é possível notar em relação as pessoas trans o quanto a transexualidade é categorizada pela medicina que insiste ainda em patologizar as identidades trans, criando assim um sistema de exclusão para esses sujeitos que não cumprem as normas e escapam a esse poder que busca questionar, fiscalizar, espreitar, espiar, investigar, apalpar e revelar tudo que a respeito dessa não conduta estabelecida na sociedade ocidental.

Claude Raffestin (1993) o corpo se revela como uma intensa característica cultural de muitos povos. Como um tipo de expressão pela qual as pessoas se comunicam e por isso o corpo tem diferentes significados e subjetividades. Nesse sentido o corpo é um território de conflitos, uma vez que o mesmo é oprimido nas relações de poder existentes na sociedade, como símbolo de dominação, exerce, o próprio corpo com a territorialidade se mostra como a face operada do poder. Como afirma Raffestin (1993) o corpo é uma característica cultural de diversos povos, através das expressões corporais podemos nos comunicar em sociedade, essas expressões irão falar quem somos, e também a que cultura pertencemos.

Nossos corpos têm diferentes significados, e esses significados são construídos na e pela cultura em que esses corpos estão inseridos, cabe lembrar que esses corpos produzidos e construídos na e pela cultura também tem subjetividades diferentes isso quer dizer que cada pessoa construir seu corpo de forma diferente, isso é a subjetividade na construção do corpo.

O geógrafo ainda aponta que o corpo é um território de conflitos, ou seja, nossos corpos construídos na e pela cultura vigente em que estamos inseridos recebe influências sociais impostas como por exemplo: regras sobre nossas condutas, nossos desejos, nossas identidades, nossas orientações etc. Por isso nossos corpos são oprimidos em relações de poder que existentes na sociedade, essas relações de poder incidem no controle sobre nossos corpos. A dominação sociocultural, o exercício de poder sobre os corpos vem da cultura que estamos inseridos e das regras impostas para que sigamos da forma como é colocado a cada sujeito na sociedade. O próprio corpo com a territorialidade se evidencia nesse contexto com a face operada do poder, somos capazes então de operar poder na sociedade com nossos corpos, através de nossas expressões corporais. Cada corpo é único, produzido de maneira subjetiva e tem produz territorialidades distintas. Então o corpo é um território de intensos conflitos como menciona Claude Raffestin.

Nesse contexto os corpos trans por sinal a partir das transformações corporais produzem conflitos na sociedade. Porque esses corpos se expressam diferentemente daquilo que foi dito e atribuído pela cultura vigente e a binarismo de gênero, ou seja, esses corpos transgridem as regras sociais no que diz respeito a masculinidade e a feminilidade. Veja o que

narrou uma de nossas protagonistas sobre como ela faz para produzir o seu corpo no sentido de adequar-se ao gênero feminino, ela construiu e está construindo seu próprio modelo de corpo, seu novo arranjo corpóreo,

“A produção do corpo eu acredito que seja os benefícios da transição neh! da terapia hormonal, e em relação à algumas meninas que fazem a cirurgia plástica pra se sentir melhor. Como por prótese de silicone nos seios, no bumbum neh! até mesmo a própria ressignação. Então eu acho que isso é uma produção do corpo, eu hoje me sinto bem com o meu corpo hormonizada. Atualmente não penso em fazer no momento nem um tipo de cirurgia plástica, de por silicone coisas do tipo estou me aceitando do jeito que eu sou neh! e isso não me torna menos mulher” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021).

Para proporcionar sua visibilidade no território e na cultura a qual está inserida a Borboleta 1 assim como as demais protagonistas apresentando-se com suas construções identitárias e performáticas provocam fissuras nos gêneros inteligíveis. Segundo Bento (2011) os gêneros inteligíveis obedecem à seguinte lógica: vagina-mulher-feminilidade versus pênis-homem-masculinidade. Essa inteligibilidade é rompida pela produção do corpo realizada com a ingestão de hormônios, aplicação de silicone e/ou a até mesmo a cirurgia de redesignação sexual, muitas realizam esses procedimentos por não se encaixarem na lógica inteligível do gênero de nascimento (pênis-homem-masculinidade). A maioria de nossas entrevistadas só usam os hormônios femininos.

A Borboleta 1 narra que se sente bem com seu corpo somente com o uso de anticoncepcionais (hormônios) e no momento não tem o desejo de realizar cirurgia plástica e nem por silicone ou outros procedimentos usados por mulheres trans para modificar a aparência corporal. Ela afirma que está se aceitando até o momento do jeito que ela está, e somente com o uso de anticoncepcionais usados para alterar seu corpo ela se sente uma mulher, e o fato de não ter realizado cirurgias plásticas, uso de silicone e a realização da cirurgia de redesignação sexual não a torna menos mulher.

As narrativas orais revelam que mulheres trans não cumprem as normas da cultura de matriz heterossexual, entram em desacordo com essas normas transformando seus corpos, e formando uma nova identidade realizando assim a transição do gênero masculino para o feminino. Dessa maneira essas mulheres trans formam e constroem suas identidades em processos que não se baseiam na cirurgia de ressignação sexual conhecida como mudança de sexo. A questão maior é a inconformidade com a identidade que lhes foi atribuída no nascimento. Será se todas as mulheres trans produzem os seus corpos de maneira igual? transformam os seus corpos de maneira igual? Já pensou que nem todas as mulheres trans tem o desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual popularmente conhecida como mudança

de sexo.

A cirurgia de resignação não é a base crucial das transformações corporais e a construção da identidade de mulheres trans, existem diversas maneiras de produzir o corpo para se adequar a identidade de gênero que a pessoa se identifica. Algumas mulheres trans tomam hormônios, aplicam silicone nos seios ou bumbum, outras não tem esse desejo. Cada protagonista é única, é singular no que se refere a produzir o corpo para o gênero feminino. Gênero esse que as mulheres trans se identificam, assim a produção do corpo pode acontecer de diversas maneiras. A nossa protagonista Borboleta 6 tem uma forma específica de produzir o seu corpo para expressar-se socioculturalmente no gênero feminino. Veja o que ela entende por produção do corpo e como ela faz para produzir o seu corpo para adequar-se ao gênero feminino, o qual ela se identifica.

O processo de modificação corporal, ou seja, modificar o arranjo corpóreo original advindo do sexo biológico afim de construir-se e performatizar socioculturalmente outro gênero e uma nova identidade social por meio da materialização da identidade de gênero é considerado na nossa pesquisa como a linha de fuga<sup>15</sup> do território original. O território original do gênero masculino atribuído ao nascer e que em algum momento da vida nossas protagonistas passam a ser perceber em desacordo com o território original com as marcas de gênero que lhes foram impostas já na infância. Na narrativa abaixo a Borboleta 6 narra sobre a desterritorialização do gênero masculino,

“Bem, o que eu entendo sobre a produção de corpos e a gente nos mulheres trans passar por vários procedimentos tanto estético tanto clínicos neh! como a produção do peito colocar silicone e quadril colocar silicone na bunda ou fazer colocar gordura e passar por vários procedimentos cirúrgicos passar por vários procedimentos hormônios pra poder construir um corpo que a gente tanto sonha que é um corpo com aparência feminina então tem trans que passa por vários procedimentos estéticos muito arriscado pra poder ter um corpo que elas sonham que elas imaginam sempre ter que elas sonham em ter tem outras que passa por como eu posso te falar? Como se colocasse um pouquinho a sua saúde em risco como a introdução de hormônios no seu corpo pra poder construir algo que não nasceu com você que não tem aquela forma que você nasceu então o que eu entendo sobre a produção do corpo seria isso nós mulheres trans passar por vários procedimentos para ter o corpo que a gente sempre sonhou” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho de 2021).

A hormonioterapia é a nomenclatura dada aos procedimentos médicos que versam em “adaptar” o sistema endócrino da pessoa ao modelo hormonal do gênero pretendido. No sistema único de saúde (SUS), esse procedimento é efetivado em ambulatórios especializados

---

<sup>15</sup>Nossas protagonistas fogem da construção binária do gênero masculino, a linha de fuga é uma desterritorialização [...] fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. (DELEUZE, GILLES; PARNET, CLAIRE 1998).

que conta com equipe multidisciplinar é são regulados pela Portaria GM n° 1.707, de 18 de agosto, do Ministério da Saúde BRASIL (2008), essa portaria instituiu diretrizes técnicas e éticas para o Processo Transexualizador dentro do SUS (ARILHA, et al., 2010).

Conforme Barros (2008) há poucas iniciativas de garantam a inclusão da população transexual, travesti e transgênero no Tocantins, uma delas são assegurar o uso do nome social<sup>16</sup> em órgãos públicos, com a Resolução n° 32 de 26 de fevereiro de 2010, do Conselho Estadual de Educação, que dispõe sobre a solicitação do nome social na matrícula e nos demais documentos do/a aluno/a nas escolas estaduais de ensino no estado do TO; em Araguaína-TO o decreto n° 059/2010 da prefeitura municipal regularizou o uso do nome social no âmbito de toda a administração pública municipal.

Nesse contexto o estado do TO não possui a implantação da Portaria n° 2.836, de 1° de dezembro de 2011, que trata sobre a inauguração da Política nacional de Saúde LGBT na área do SUS. Atualmente, o Tocantins não dispõe de atendimento especializado para pessoas transexuais e travestis referente ao Processo Transexualizador, esse atendimento é realizado via tratamento fora de domicílio assim o paciente é correspondido para outro estado que realize o atendimento especializado. Para o estado de Tocantins é uma das ofertas dos serviços a referência é Goiânia-GO, no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Estado de Goiás.

Aponta Barros (2008) o conjunto de ações que objetivam externar a identidade de gênero através do uso de hormônios, cirurgias e silicone industrial líquido podemos chamar essas ações de trans-formação. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra transformação remete ao ato ou efeito de transformar (-se); referente a qualquer alteração no estado de um sistema. Na infância ocorre o processo de desenvolvimento do sentimento de percepção da identidade a chamada fase do espelho. Essa fase surge logo após a fase da imaginação, que é anterior à entrada das ordens discursivas da linguagem e da ordem simbólica, quando a criança ainda tem consciência de si mesma como separada e diferente da mãe. Então, nesse processo temos a identidade de gênero que diz respeito a forma pela qual os sujeitos se veem e se colocam no sistema gênero que podem ou não corresponder ao gênero que lhes foi aplicado no nascimento (LACAN,1997).

Sentimentos negativos em relação ao sexo biológico e suas características secundárias, que geralmente causando angústia extrema, depressão e/ou ansiedade. Damos o nome de disforia de gênero. No manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais

---

<sup>16</sup>Nome social é o nome escolhido por pessoas trans para designar sua identidade de gênero. Geralmente, o nome social destoa do nome civil, aquele atribuído ao sujeito no nascimento e inscrito nos documentos oficiais.

(DSM-V), manual que faz parte do discurso médico a disforia recebe o código CID F-64.0. Não cabe aqui o debate sobre a patologização dessa identidade, mais lembrar que vários países não consideram mais a transexualidade como uma doença, citamos o caso, da Argentina. Já no Brasil, a questão levanta polemicas e divide opiniões na militância trans principalmente quando uma pessoa trans procurar o sistema único de saúde (SUS) para solicitar o processo transexualizador (ARILHA et. al., 2010).

Parafraseando Barros (2018) o gênero e a sexualidade são temas interdisciplinares. Atualmente, falar desses assuntos revelam dois lados da mesma fração: a eminente urgência de visibilidade e o tabu quando essas temáticas aparecem e são tratadas. A população trans é composta de transexuais, travestis e transgêneros. Na sigla LGBTI+ as pessoas trans está na última posição, refletindo assim sua invisibilidade interna no movimento LGBTI+ causando assim uma vulnerabilidade social.

E se tratando da população trans temos o termo travesti que traduzido do inglês *travestites*, trata-se de uma identidade de gênero posicionada de nacionalidade Brasileira. Nos países de língua estrangeira, este termo caracteriza as pessoas de ambos os sexos. A travesti Brasileira busca a expressão adequar-se a feminilidade, por meio principalmente se hormônios e silicone industrial. As pessoas trans são aqueles/as que assim, como as travestis, buscam adequar sua identidade gênero através de hormônios para efetivar as transformações de gênero, mas, buscam a finalização deste processo por meio da cirurgia de transgenitalização conhecida socialmente como “mudança de sexo”.

As(os) transgêneros, traduzido do inglês *transgender*, são indivíduos que transitam entre os dois gêneros e dessa maneira transgridem as normas da hegemonia. No meio da militância trans, o termo transgênero abrange o homem trans, a mulher transexual, a *drag queen*, a *crossdresser*, a travesti Joseli Maria Silva (2013). Na sociedade os papéis sociais do que entendemos por ser homem e ser mulher estão bem definidos. Essa conceituação está por parte atrelada a biológica considerando assim a genitália que o indivíduo nasce. Levando em conta os conceitos da hegemonia que rege as definições biomédicas. A norma fica assim da seguinte maneira: a pessoa que nasce com pênis e classificada como homem e as pessoa que nasce com vagina, é classificada como mulher (REIS, TONI 2018).

Nesse pensamento exposto a classificação biológica de homem e de mulher são normatizados e regulamentados pelos discursos da biomedicina, ou seja, discursos da própria biologia e os discursos da medicina. Aliado a isso temos os papéis sociais destinados a homens e mulheres que na sociedade irão estão atrelados e bastante definidos ao fato de alguém que nasce com genitália masculina ser dito pela medicina e pela biologia e assim o

mesmo para a pessoa que nasce com genitália dita pela medicina e pela biologia como mulher.

Para corroborar com essa discussão buscamos embasamento teórico no estudo de Louro (2008) sobre gênero, sexualidade e educação numa perspectiva pós estruturalista essa autora afirma que os papéis sociais destinados a homens e mulheres são desde muito cedo construídos na sociedade ainda antes do nascimento quando o indivíduo está no útero de quem o gera, a família começa a preparar o enxoval em conformidade com o sexo biológico, ou seja o órgão genital que esse bebê tem, sexo biológico e a genitália são revelado assim no exame de ultrassom. Nesse momento estreia a legitimação da representação na sociedade que se faz desse sexo biológico. Cria-se assim um ideário a partir do sexo biológico e da genitália do bebê com o seguinte: cor de rosa para as meninas e azul para os meninos isso chamamos de marcadores dessa diferença social.

No nascimento do bebê observa-se os discursos biomédicos (biologia e medicina) atrelados aos órgãos genitais é temos a exclamações: “É menino! Veja o saco!” Ou então para diferenciar diz: “É menina, olha tem vagina! ”. Esses discursos normatizam esses corpos genitalizando-os mesmo antes do nascimento e depois do nascimento como exposto aqui.

Os discursos biomédicos usam da biologia nesse sentido para categorizar pessoas através do órgão genital que nasceram, e as famílias assim seguindo essas normas discursivas hegemônicas categorizam dentro de suas expectativas esses sujeitos bem antes do seu nascimento. Assim, antes do nascimento e depois do nascimento acontece isso. Todavia, em uma perspectiva crítica, nos estudos da Travesti Amara Moura de Rodovalho (2017) ela explica que: a relação entre sexo, definido ano nascimento com base no aparelho genital e as expressões de gênero do indivíduo não ocorre de forma cartesiana. Os comportamentos dos indivíduos podem não ter correspondência aos papéis sociais atribuídos de acordo com o sexo biológico.

Nesse contexto os papeis sociais de gênero são atribuídos a homens e mulheres de acordo com o genital que nascem, porém nem todos os indivíduos irão seguir essa forma sexo biológico definindo os comportamentos e definindo os papeis que homens e mulheres devem cumprir na sociedade, assim o sexo é biológico e não critério para definir se os indivíduos nomeados pela biologia irão cumprir de forma cartesiana essas normas.

As mulheres trans são a materialização de identidades que modificam seus corpos para buscar os signos da feminilidade assim, não cumprem essas normas do sexo biológico, atribuído pela biologia que buscar definir os papeis sociais gênero, e ditar os comportamentos dos sujeitos na sociedade sob a ótica de um discurso biologizante sobre os corpos que dessa

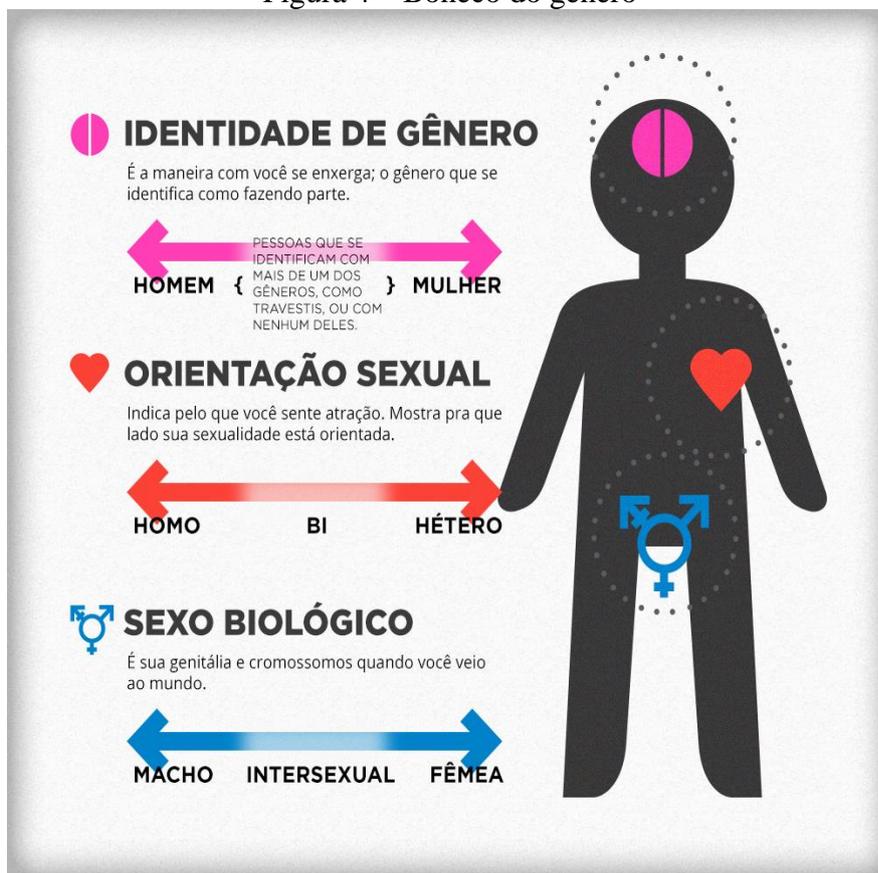
forma são generificados. Na busca de símbolos de feminilidade corporal, mulheres transexuais e travestis entram com recursos variados de tecnologias para modificar seus corpos no sentido de aliar seus corpos a feminilidade, uma dessas tecnologias são os hormônios (KRÜGER, 2018).

Na segunda onda do feminismo nos anos de 1970 foi época em que o conceito de gênero de fato se firmou, nesse período o determinismo biológico foi bastante questionado. Esse termo gênero refere-se a um conjunto de características adquiridas pela socialização do sujeito, inserido em contextos culturais distintos pelas diversas condições econômicas e sociais de onde a pessoa mora, da forma que vive e quem convive Krüger (2018). Elucida ainda mesma autora que, os estudos de gênero contribuíram para ampliar a compreensão social dos tradicionais papéis sociais atribuídos aos gêneros anteriormente citados, e também das expressões de gênero e das identidades de gênero, que Jaqueline Gomes de Jesus (2012) apresenta como gênero com o qual o sujeito se identifica, que pode ou não gênero que lhes foi atribuído no nascimento. E para além, como o próprio prefixo trans já traz consigo, ontologicamente, a identidade de gênero demonstra quem realmente a pessoa é.

Quando falamos nesse texto sobre a identidade de gênero, estamos colocando que: os indivíduos podem ser compreendidos sob dois grupos sendo o primeiro: o dos indivíduos cisgênero (ou por abreviação: cis), sendo que cis são as pessoas que se identificam com o sexo atribuído ao nascimento, e o segundo grupo: estão as pessoas transgênero (ou transexuais, ou ainda por abreviação: trans), pessoas transgênero e ou transexual são indivíduos que não se identificam com sexo biológico que lhes foi atribuído ao nascimento (KRÜGUER, 2018).

A figura de número 4 retrata um corpo com conceitos e suas distinções, esse esquema apresentado é uma forma didática e ilustrativa para a compreensão acerca da questão de sexo biológico, orientação sexual (afetivo-sexual), expressão de gênero (como a pessoa se expressa na sociedade) e a identidade de gênero (como a pessoa se sente). O boneco ilustrativo abaixo traz as distinções existentes entre as terminologias que foram abordadas ao longo desse estudo. Assim, este esquema ilustrativo traz o clareamento de conceitos que estão dentro da temática pesquisada, e vem sendo destacado como uma forma didática de compreensão onde esses termos e conceitos são corriqueiramente são confundidos ou mesmo pouco conhecidos socialmente. O anexo no final desse estudo poderá ser conferido pelos leitores, o mesmo traz como destaque os termos ilustrados na figura 4. Boneco do gênero como outros conceitos e termos de interesse para essa pesquisa.

Figura 4 – Boneco do gênero



Fonte: Panek, Juliana Fernandes Silva (2018).

Essa pesquisa faz um recorte de estudo pautado em mulheres trans, por isso cabe destacar a importância de trazer essas terminologias e conceituações a partir da teoria que dar suporte a esse estudo tão necessário para a sociedade, academia e principalmente as pessoas transexuais e travestis que foram essenciais para a construção e desenvolvimento dessa dissertação de mestrado. A Política Nacional de Saúde Integral LGBT, criada pela portaria nº 2. 836, de 1º de dezembro de 2011, esse documento define duas populações específicas: travestis e transexuais BRASIL (2013). De acordo com Don Kulick (2008) a definição de travesti usada no Brasil e mais por questões políticas, pois nesse momento de luta pelos direitos foram iniciados pelas travestis que tomaram frente nessa luta. Portanto, as mulheres trans e as travestis podem ser consideradas como pessoas de identidade feminina. Lembrando que a categoria travesti é legitimamente brasileira, não se traduz a palavra travesti para línguas estrangeiras.

Muitas são as definições, conotações, colocações referentes a mulheres trans. O que mais se observa é a seguinte pergunta: qual a diferença mesmo entre mulher trans e travesti? Nesse sentido qual seria essa diferença entre a categoria travesti e mulher trans? A teorização proposta no estudo realizado em 2018 por Alícia Krüger fala sobre essa conotação assim, Não

há, contudo, significativa diferença entre travestis e transexuais, que seja marcada por cirurgias genitais que esta faz e não aquela, por ingestas diferenciadas de hormônios ou mesmo por feminilidade. Como já dito, ambas são pessoas de identidade feminina e a diferença que poderia marcar as duas identidades seria a conotação política e/ou subjetiva (KRÜGER, 2018).

Cabe destacar que pode haver outras classificações que não seguem o binário de gênero, como pessoas não binários, agêneros, gêneros, entre outros, a filósofa Judith Butler é expoente da teoria queer, <sup>17</sup> escreve uma crítica ao sistema binário de gênero com aporte nessa teoria. Na sua crítica ao binarismo de gênero ela afirma que, mesmo os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição. Pautada na teoria queer Judith Butler diz que o gênero é uma construção social sendo que o sexo também é uma construção (BUTLER, 2003).

Assim, seguindo a teoria queer Judith Butler traz inquietações referentes ao chamado binário de gênero, que é um sistema muito criticado por ela no sentido que afirma ser o gênero uma construção feita na sociedade desse modo seguindo a linha de raciocínio que o sexo biológico também seria uma construção feita dentro da sociedade pelo sistema binário de gênero. Nesse contexto esse estudo passa questões que vão desde sexo biológico, sexualidade. Orientação sexual e os termos cisgênero, transexual, travesti, transgênero e para essa pesquisa em questão da identidade, ou seja, a identidade de gênero. Essa temática atravessada de complexidade e várias conceituações buscando aqui diferenciar sexo biológico, sexualidade e identidade de gênero

A pesquisadora Alicia Krüger (2018) continua tecendo teorização para diferenciar orientação sexual de identidade de gênero, essas informações para a nossa pesquisa são imprescindíveis para desmitificar tabus e diferenciar as categorizações, em seu estudo encontramos arguições teóricas citando nesse campo de estudos que, As pessoas também podem ser compreendidas a partir do direcionamento de sua atração sexual, afetiva ou desejo, ou seja, por sua orientação sexual, têm-se, portanto: homossexuais (sentem atração pelo seu mesmo gênero); heterossexuais (sentem atração pelo gênero oposto); bissexuais (sentem atração por ambos os gêneros) e assexuais (ausência de atração). Fica claro aqui que identidade de gênero e orientação sexual são conceitos bastantes distintos. Uma pessoa trans não é por exemplo, por definição, um homossexual e sim uma pessoa com identidade de gênero diferente daquela atribuída ao nascimento. E essa pessoa trans, assim como uma

---

<sup>17</sup>Conheça mais sobre essa *teoria queer*, lendo Colling L, Mais definições em trânsito. Teoria Queer. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinições/TEORIAQUERER.pdf>.

pessoa cis, pode ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual (KRÜGER, 2018).

Nesse campo de discussão trazendo os conceitos cis e trans temos claro que pessoas trans também tem suas orientações sexuais, conforme já mencionado orientação sexual não é mesma coisa que identidade sendo desse modo conceito diferentes, onde pessoas trans não se veem pertencentes ao sexo biológico que lhes foi atribuído no nascimento, essas pessoas dentro da questão de orientação sexual onde orientação sexual no sentido afetivo e sexual podem se identificar como pessoas trans homossexuais, heterossexuais, bissexuais, assexuais etc.

Nesse sentido as mulheres trans, as travestis e os homens transexuais assim como as pessoas cis podem ser homossexuais, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuais etc. fugindo assim do binarismo que sexo biológico define sexualidade e ou identidade do sujeito. Salientando orientação sexual nesse contexto não é definida pelo seu biológico. Pessoas transexuais escapam das normas do sistema binário de gênero. A transição rompe com o paradigma imposto, e esse rompimento traz desconforto porque estamos todos presos a um conjunto de preceitos e paradigmas já existentes, dessa maneira qualquer mudança na norma imposta será lida pelo outro na cultura como uma quebra, uma afronta, uma ruptura.

A sociedade está regulada por padrões estabelecidos que regem e codificação a vida dos sujeitos, quando os sujeitos não conseguem se encaixar nessas normas criando e vivenciando outras formas de ser e de existir na sociedade e na cultura vigente, mudando assim sua própria existência no mundo, confirmando esse debate tão complexo e pertinente para essa pesquisa sobre mulheres trans e travestis nos seus processos de transformações corporais e a reconstrução de suas identidades na perspectiva do corpo como território trazemos para o escopo teórico dessa pesquisa dialogamos com estudos de Kaio Lemos um homem trans militante brasileiro que traz a seguinte arguição,

Na sociedade normativa tudo é explicado através de um modelo padrão ou da fórmula 'natural' e isso se torna parte da cultura, ou seja, a norma e a dinâmica cultural são responsáveis por todos os processos de construções e/ou desconstruções sociais. A transição desconstrói o cotidiano, é o contrário do imposto pela sociedade e suas normas e vou mais além é contrário de uma linguagem simbólica ou também contrário ao "manual cultural". Essa ruptura de regras e normas que são criadas, vividas e acreditadas, quando são desconstruídas dão lugar a um novo fenômeno chamando por muitos de 'transformação', 'revolução' e por que não 'transição'? Até por que esse processo não rompe tradição e nem representação no mundo e sim desloca e recoloca um fato extraordinário e de grande importância para as relações sociais. Nesse sentido, a transição e suas construções/desconstruções produzem conflitos, contradições e incômodos, pois escapa da malha, escapa do que chamam de 'sentido de percurso' e escapa mais ainda do 'natural' que está ligado à natureza biológica. Os processos transitórios produzem um olhar diferenciado e apurado, pois é através desse fenômeno que percebemos três situações:1) toda uma estrutura normativa regendo todos os comportamentos e linguagem simbólica, quem pode e

quem não pode, quem é e quem não é etc. 2) outras estruturas para além dessa que rege e quem sempre está no lugar de assujeitamento da estrutura dominante, mas que cria seus mecanismos de vivências e de práticas discursivas. 3) como essas estruturas se relacionam ou não em suas características específicas e constitutivas. A transição marca o ser social quando reivindica e torna legítimo seu discurso, agora aos indivíduos que vivenciam essa realidade de construção/desconstrução cabe a eles muitas disposições, pois [...] não somente nasce um novo ser social como se modifica toda uma ontologia através de sua trajetória (LEMOS, p.41).

Aqui, temos considerações, indagações, problematização, contextualizações não acabadas sobre essa afirmação, não sei se caberiam mais explicações, porém a discussão é um campo minado pois passa pela cultura suas mediações. Dessa forma a transição ou transformação como muitos chamam no contexto aqui tratado em relação a mulheres transexuais e travestis fica problematizado que essas pessoas não cumprem o modelo padrão imposto na cultura, ou seja, a dita fórmula natural. As pessoas trans sofrem o julgamento do outro por que essas pessoas são e vivenciam com e no corpo a própria síntese da quebra do padrão imposto, e as pessoas se sentem incomodadas porque buscam está sempre em acordo com as normas hegemônicas, com a cultura dominante. Nossos corpos são atravessados por diversos fatores externos a nós, aquela famosa frase meu corpo “minhas regras” passa por mediações baseados em regras impostas na sociedade que causam vulnerabilidades e violências das mais diversas formas.

Em algum momento essa frase mencionada perde o sentido quando percebemos que nossos corpos não são nossos de fato, pois não temos assim o direito de tomar conta de nossos corpos como entendemos. O corpo nesse aspecto não é privado pois segue normas construídas para serem seguidas, alguns corpos como é o caso de corpos trans são alvo de violências e vulnerabilidades ao passo que tentam se apropriar dos seus corpos com a transição de gênero e todas as modificações realizadas por essas pessoas no sentido de adequar suas identidades de gênero materializada nos corpos. A pensadora norte americana Judith Butler uma das expoentes da teoria queer tece comentários sobre o corpo público na perspectiva do outro sempre legitimando os demais corpos na sociedade, a autora teoriza propondo que,

O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao contato e a violência. O corpo também pode ser a agência e o instrumento de tudo isto, ou o lugar do “fazer” e do ser “feito” se tornam equívocos. Ainda que lutemos pelos direitos sobre nossos próprios corpos, os mesmos corpos pelos quais lutamos não são nunca totalmente nossos. O corpo tem uma dimensão invariavelmente uma dimensão pública; constituído como fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. Desde o princípio é dado ao mundo dos outros (BUTLER, 2006 p. 40-41)

Nesse enxerto de Judith Butler discorrendo sobre o corpo como fenômeno social na sua dimensão pública percebemos que não somos donos de nossos próprios corpos, pois esse na sociedade e por meio das regras sociais se torna público podendo a todo momento

questionado pelo olhar do outro, ela aponta que isso acontece desde o princípio sempre somos vistos e pautados pelo olhar do outro. A uma luta pela autonomia sobre o próprio corpo, uma busca pelo direito ao corpo que poderemos afirmar esse corpo é meu.

Quando gritamos ou publicamos a frase “meu corpo minhas regras” estamos nesse ato dizendo esse corpo é meu, não é propriedade privada. E nesse momento que muitas violências vão ocorrer como é o caso de assassinatos e violências contra pessoas transexuais e travestis que não seguem essa dimensão do corpo como sendo algo público e agem no direito de querer existir como são, sendo corpos mediados por vulnerabilidades e violências das mais diversas formas na sociedade.

### **3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS PÓS-ESTRURALISTAS E DE CORPOREIDADES**

O objetivo do nosso segundo capítulo é discorrer sobre a formação da identidade do sujeito na perspectiva dos estudos pós-estruturalistas de corporeidades, para corroborar com as falas de mulheres trans protagonistas da nossa pesquisa. Vamos discorrer como a identidade do sujeito pós-moderno foi construída e instituída ao longo do tempo e como pode ser desconstruída na fluidez das fronteiras de gênero, percebendo como novas configurações de identidades vão surgindo na cultura e no território a partir da transição da identidade de gênero das mulheres trans. A transexualidade rompe, fissa com a fronteira binária dos gêneros (macho ou fêmea), as mulheres trans vão além das construções socioculturais dos gêneros.

Temos nesse capítulo também a pretensão a partir das narrativas das protagonistas dessa pesquisa e dos estudos desenvolvidos sobre transgenereidades, território e territorialidades principalmente no Brasil, tecer argumentos sobre a relação de questões referentes aos estudos transgêneros com as questões de território e a territorialidade percebendo como a presença de novas atoras sociais no território fissuram a fronteira de gênero, sexualidade, identidade e como essas atoras apropriam-se do território para realizarem suas performances de gênero onde estão inseridas. Procuramos tecer uma escrita, mas filosófica ao invés do viés conceitual da temática. Contrapondo os discursos higienistas sobre essa temática.

Propor a relação dos estudos territoriais e de territorialidades com os estudos transgêneros, permite compreender como se configuram, no território familiar, sociocultural, mercado de trabalho e escolar, os papéis e as diferenças existentes entre homens e mulheres com base nas construções sociais e culturais de cada sociedade e não apenas pelas suas características biológicas. Os territórios citados tomam, neste estudo, os campos primordiais para analisarmos quais os discursos de empoderamento subjetivo perpassam a transição da identidade de mulheres trans em Araguaína-TO. Iremos tecer analogias com as narrativas orais.

#### **3.1 Algumas indagações para começo de conversa**

Pergunte a você a mesmo quem eu sou? Foi fácil responder essa pergunta? Mudanças, conflitos internos, conflitos familiares, abusos, violências etc. você já parou para pensar como é a vida de uma pessoa trans? Quais os desafios que essas pessoas enfrentam na tentativa de

ser elas mesmas? Se você não se questiona talvez seja pelo fato de você não ser uma pessoa trans. Por esse motivo você nunca vai saber o que passa uma pessoa transexual ou, estamos falando de vivências trans.

“Depois da transição sim eu me sinto confortável hoje eu posso me olhar no espelho e me amar hoje eu posso me olhar espelho e me senti uma mulher independente de ainda não ter feito a cirurgia de redesignação não sei se quero fazer neh! eu já quis muito mais hoje eu aprendi a me amar em primeiro lugar e a questão da redesignação vai ser uma coisa que eu vou ta estudando com o tempo neh! Eu afirmo, eu tenho o maior orgulho de dizer que eu sou uma mulher transexual pra sociedade inclusive eu vivo num município onde as pessoas me respeitam muito neh! por que eu venho de outras cidades nas quais as pessoas se negavam a me respeitar pelo fato talvez deu quebrar as “regras” neh! quebrar as regras das pessoas conservadoras e tal mais hoje graças a Deus eu vivo em um município em uma comunidade que 80% das pessoas me aceitam me respeitam me tratam no feminino me tratam como Borboleta 1 entendeu e pra mim isso é muito importante um passo muito importante que a questão da aceitação das pessoas para com você”. (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021).

De acordo com Haesbaert (1997) o território envolve sempre, ao mesmo [...], uma dimensão simbólica, cultural através de uma identidade territorial atribuída por grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem, sendo considerado também uma forma de apropriação, e uma dimensão mais concreta, de cunho político-disciplinar: apropriação e ordenação do espaço com a finalidade de dominação e disciplinarização dos indivíduos. A Borboleta 1 narra que na sua cidade é aceita e respeitada como uma mulher trans, diferentemente das outras cidades que já passou pelo fato da regra de regras impostas dentro da cidade pelas conservadoras. As regras dessas pessoas conservadoras foram usadas para dominar e disciplinarizar a Borboleta 1 em virtude de ela ser uma mulher trans, na cidade de Muricilândia-TO que é a sua como sua comunidade ela não sente de maneira tao intensa essa dominação e disciplinarização da sua identidade de gênero.

Nesse sentido o autor afirma que a identidade territorial é um tipo de identidade social que expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária. Pelas outras cidades que a Borboleta 1 passou a identidade de pertencimento partir de uma escala territorial de referência identitária, não ficou como marcada em sua fala como a minha comunidade em virtude da não aceitação da sua performatividade de gênero como sendo uma mulher trans. o sentimento de pertencimento dela é expressado quando ela cita a cidade de Muricilândia-TO como sua comunidade pelo fato dela se sentir, mas a vontade para ser quem é. A comunidade que ela reside. Ela não mostrou apreço, afetividade, pelas outras cidades que já passou.

Analisando as performances e discursos de subjetividades presentes na fala de Borboleta 1 percebemos que a noção de sexo construída pelas práticas discursivas para que ela seguisse foi rompida com a transição da identidade de gênero, o sexo biológico construído culturalmente pelo sistema binário não foi capaz de determinar as performances de Borboleta 1 nem tampouco a fazer com que ela tivesse o sexo biológico como determinante dos seus comportamentos perante a sociedade em que ela mora na cidade de Muricilândia-TO. Ela tem orgulho de dizer que é uma mulher trans, e tem hoje dentro de sua comunidade que segundo ela é uma comunidade composta por pessoas conversadoras em que muitas se negam a respeitá-la pela sua inconformidade com o sexo biológico e o gênero de nascimento. A cultura em que ela está age para encaixar-la nas normas.

A Borboleta 1 rompe com noção de sexo e gênero que foram construídas a partir das práticas discursivas seguidas e formadas pela cultura que a comunidade de Muricilândia-TO segue e cobra que ela também siga. Para Butler (2003) as noções de sexo são consideradas práticas culturalmente construídas quanto a de gênero, no qual o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza. O sexo é também é produzido pela prática discursiva e cultural, a cultura age politicamente sobre o sexo. Nossa protagonista foi naturalizada pelo sistema sexo-gênero como um homem/menino ao nascer, é afirma que a cirurgia de redesignação sexual não há define como uma mulher trans, mas não descarta essa possibilidade de realizar esse procedimento afirmando que é questão que ela está ainda estudando sobre. Hoje ela disse que tem orgulho de ser uma mulher trans.

Butler (2003) assegura que o corpo é um dado marcado por distinções biológicas e sociais é a materialidade do sujeito reflexivo. O corpo é produzido o tempo todo socialmente, sendo esse imutável nos aspectos biológicos e nomeado pela cultura através do sistema binário macho ou fêmea. Depois da transição de gênero a Borboleta 1 mostra que mesmo o seu corpo sendo imutável em características biológicas a transição de gênero a faz se sente mais feliz com seu corpo e confortável com as mudanças advindas dessa transição de gênero. O seu corpo foi nomeado pela cultura como um corpo masculino, através da marcação da diferenciação biológica e social entre homens e mulheres, macho e fêmea. Dessa maneira, ela reinventou a lógica biológica e sociocultural de corpo, ela narra a sensação de conforto e felicidade com o novo arranjo corporal e identitário. A lógica da masculinidade e feminilidade.

Talvez você tenha até empatia por essa causa mais só quem grita para o mundo ouvir que é mulher trans, ou quem as vezes nem pode gritar para dizer isso vai ser saber o que responder as perguntas supracitadas. A maioria das mulheres trans vivem o luto diário, o luto

de não poder existir como querem ser, como se sentem, como se percebem, como se autodefinem. Elas estão inseridas na cultura e no território de Araguaína-TO reinventando-se.

O medo, o desespero, a culpa etc. quantas coisas devem passar pela cabeça dessas pessoas. Pergunte-se quem sou eu? A partir dessa pergunta você consegue ter mais empatia por pessoas que são discriminadas, silenciadas e violentadas todos os dias no Brasil apenas por assumirem quem são. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais em 2021 foram assassinadas 135 mulheres trans e travestis, essa é a triste realidade desse grupo social que muita vulnerabilidade.

Olhe no espelho e responda: você consegue se sentir com o que vê? Você se vê nessa imagem? Você gosta desse corpo? Você gosta do seu nome? O que tem vontade de mudar? Agora imagine o que as pessoas trans e travestis passam por não se sentirem confortáveis com seus corpos, com suas aparências, imagine que essas pessoas são encontradas em um bem-estar com elas mesmas. Tudo isso acontece porque vivemos em uma sociedade conversadora que dita regras e impõe condutas aos sujeitos. Regras essas que são desobedecidas pelas pessoas trans e travestis. Construir uma identidade de gênero dentro de uma sociedade que a todo momento diz: você não é mulher! Traveco! bixa! Vira homem! Você não nasceu mulher! etc. se torna um carma para esse público.

Transformar o corpo, construir a identidade, escolher um nome, caprichar na maquiagem, entre outras coisas que essas pessoas fazem para adequar suas identidades de gênero nos seus corpos. Mulheres trans vivem o dilema entre perceber-se e a autoidentificação como sendo do gênero oposto do seu nascimento e uma sociedade que diz o contrário que diz que suas condutas são erradas, que suas performances são erradas que esses seus corpos são transgressores. Uma de nossas protagonistas narrou em sua entrevista oral que: “Uma mulher transexual é uma pessoa que não se identifica com o sexo que nasceu, ou seja, o seu sexo biológico e passa por vários procedimentos mudanças para se adequar ao seu sexo de gênero” (Entrevista oral, Borboleta 9, 16 de junho 2021).

A Borboleta 9 quando questionada sobre o que é ser uma mulher na opinião dela ressalta que ser uma mulher trans é não se identificar com o sexo de nascimento e ainda precisa se submeter a procedimentos que segundo ela é para adequar o seu sexo e o seu gênero. Uma característica comum que encontramos nas narrativas das mulheres trans e travestis é a questão do desvio das normas impostas ao sexo biológico e ao gênero de nascimento. Todas elas escapam o binarismo de gênero.

Letícia Lanz (2010) afirma que a única característica verdadeiramente comum entre todas as pessoas consideradas transgêneras é a evidente fuga das normas do binário de gênero,

o desvio dos padrões em vigor estabelecidos para masculino e feminino, para homens e mulheres. Nossas protagonistas compartilham do mesmo sentimento de aversão as normas vigentes estabelecidas pelo binário dos gêneros, visto que elas desviam o projeto vigente que delimita os gêneros sobre os corpos no nascimento, esse projeto é reproduzido pelas famílias e pelas normas socioculturais desde muito tempo.

Pare e pense como é a vida de mulheres trans no Brasil em especial, tire um tempo para pesquisar sobre esse tema, tire um tempo para abraçar uma pessoa trans. infelizmente ainda vivemos em um país que discrimina e vulnerabiliza, violenta e exclui essa população, esse capítulo pretende discutir como acontece a formação do sujeito e da sua identidade ao passo que essa construção identitária pode ser fluida, continua e a qualquer momento pode ser desconstruída para formar uma nova identidade social na sociedade em que o indivíduo está inserido. Identidade que pode ser questionada e colocada em cheque durante os processos de formação história da identidade social. A identidade ao longo da vida que irá se transformada.

Para, além disso, análise quais suas atitudes e posturas diante dessas pessoas não seja mais uma pessoa transfóbica que anda por aí espalhando o ódio e pregando a violência contra a população trans pense quantas dessas pessoas estão excluídas, discriminadas apenas por lutarem por serem reconhecidas como se sente uma luta diária, uma luta árdua. E digo mais, é uma luta pelo direito básico: o direito de existir, ou seja, o direito de viver. A luta pelo respeito de uma nova identidade social que surge no questionamento das normas socioculturais estabelecidas para um padrão único de identidade, como se a mesma fosse fixa, imutável, sem possibilidade de novas identidades sociais. Novas identidades sociais surgem do confronto, resistências e desobediências as normas da heterossexualidade, que às protagonistas dá pesquisa narraram através das entrevistadas semi estruturadas. Elas narram suas novas territorialidades.

### **3.2 Abordagens teóricas acerca da construção da identidade**

Neste tópico iremos apresentar as distinções de sexo biológico, sexualidade, identidade, identidade de gênero, orientação sexual e papéis sociais de gênero, expressão de gênero, performance de gênero e ou sexual com enfoque na construção da identidade de mulher trans. Buscamos descrever a partir da literatura disponível como se dá a construção da identidade e em especial a identidade de gênero do sujeito pós-moderno tendo como principal autor para essa discussão temática o teórico cultural e sociológico Stuart Hall. De início, vamos trazer alguns escritos de outras épocas para compreendermos melhor sobre a formação da identidade dos sujeitos em seu percurso histórico até a contemporaneidade com a formação

da identidade do sujeito pós-moderno. Vamos observar as descrições de como alguns atores representavam os personagens no teatro greco-romano, por volta do século V a. C.

Apresenta Aryanne Sérgia Queiros de Oliveira (2017) a organização do viver dos sujeitos ocorre através de uma variedade de relações de poderes-saberes que os transpassam, que se acomodam na identidade e nas identidades de cada sujeito. Com as pessoas transexuais, acontece da mesma maneira, contudo, alguns saberes e discursos incidem de maneira bastante limitadora, alterando o trajeto metamorfósico do ser humano.

A borboleta é um símbolo utilizado pela população transexual, esse símbolo significa a transformação e a metamorfose de seu corpo-, as protagonistas em análises passam por um processo de constituição da identidade de gênero que afirma ser dono dessa identidade. Sentindo-se aprisionado em um casulo, esses sujeitos sofrem modificações em sua estrutura corporal, tentando romper as limitações que são impostas pela biologia, pelos discursos científicos e pela sociedade, tudo isso é executado com o objetivo de ganhar asas e expor a sua identidade sexual em vários ambientes na sociedade (OLIVEIRA, 2017).

A transcrição das narrativas orais logo a seguir da Borboleta 6 vem de encontro com o que a autora acima aborda sobre a constituição de gênero a qual o próprio indivíduo afirma ser dono de sua identidade, identidade essa que é constituída, ou seja, formada a partir de transformações, interações, e processos socioculturais. Nossa entrevistada Borboleta 6 passou por muito tempo aprisionada no próprio corpo sem poder expressa-se como ela se sente atualmente, quando a questionamos como ela se sente após a transição de gênero e como ela afirma sua identidade na sociedade ela nos contou que,

“Depois da transição e com certeza eu estou bem mais confortável com meu corpo antigamente eu era uma pessoa bastante magrinha bem magra mesmo tinha o rosto masculino traços masculino então não me sentia confortável até por que eu parecia que eu estava no corpo errado com o passar dos anos que os hormônios foi modificando meu corpo comecei criar gordura a gordura começou a se distribuir pelo corpo os seios crescem ai isso é muito gratificante neh! se fica muito feliz bastante então hoje eu estou bastante confortável com meu corpo e aonde eu vou dentro de casa fora de casa no serviço na rua eu me identifico e sou uma mulher trans” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho 2021).

Ela cita a questão do rosto antes da transição afirmando que tinha o rosto com traços masculinos, isso do entender que ela não se sentia bem com esse traço dito por ela como rosto masculino. Outra questão que surge nessa fala e que ela pensava estar no corpo errado e assim começou a ingestão de hormônios afim de adquirir uma aparência que para ela é a aparência ideal para que se sinta confortável em relação a identidade de gênero que ela se percebe (gênero feminino). Hoje ela se sente melhor com sua aparência que para ela antes não a

deixava satisfeita assim afirma que, Depois da transição e com certeza eu to bem mais confortável com meu corpo antigamente eu era uma pessoa bastante magrinha bem magra mesmo tinha o rosto masculino traços masculinos então não me sentia confortável (Entrevista oral, Borboleta 6, 15 de junho de 2021).

Ao longo de suas narrativas orais ela vai fazendo comparações entre o antes e o depois que nos dão a entender que existe uma busca por um padrão socioculturalmente construído sobre o que é ser mulher, sobre o que é parecer mulher, sobre quem é mulher e quem não é mulher. Um desses pontos é ela afirmar que tinha um rosto com traços masculinos, mas será que ela acha isso mesmo ou esse padrão corporal de feminino foi o padrão ensinado para ela desde criança? Talvez seja por isso que ela sentia que estava no corpo errado pelos os padrões que ela conhece de feminilidade são alguns desses como por exemplo: voz suave, não ter barba, engravidar, ser mãe, ser dócil, meiga e ter o rosto com traços mais finos tudo o aposto que é construído e idealizado socioculturalmente para o gênero masculino. Borboleta 6 afirma-se socialmente como uma mulher trans em casa, no serviço e na rua, ao longo de sua história de vida até a data da entrevista ela está nesses processos de mudanças.

A figura 5 abaixo retrata simbolicamente a transexualidade, momentos de muitos conflitos das pessoas que vivem esse fenômeno. É um momento de mudanças psicológicas, físicas, estéticas etc. na fase de se olhar no espelho e começar a se reconhecer deve ser uma das mais encantadoras da transição de gênero que passam mulheres trans “E ser uma luta, é ser resistência” (Entrevista oral, Borboleta 5, 14 de junho 2021).

Figura 5 – Retrato simbólico da transexualidade.<sup>18</sup>



Fonte: Adaptada pela pesquisadora (2021).

A figura anterior ilustra a questão da identidade de gênero que é refletida no espelho, como por exemplo a lagarta está olhando no espelho e vendo uma borboleta pois é assim que ela se percebe como uma borboleta. Essa ilustração vem de encontro com a história de vida da Borboleta 7. Aos 18 anos de idade ela começou a se perceber como uma travesti, na época ela conta que não entendia muita coisa sobre o assunto e buscou procurar saber informações para poder entender o que estava acontecendo e foi nesses desencontros que ela começou a se entender e se constituir enquanto travesti.

Depois que ela entendeu o que estava acontecendo com sua identidade ela passou a se aceitar e gostar do próprio corpo, veio o orgulho e afirmação de ser quem é atualmente, a transcrição apresenta que: “Fui me entendendo com essa questão sobre o meu corpo e aos poucos fui me aceitando, e hoje tenho muito orgulho de dizer que eu sou uma pessoa travesti. Minha luta é mais para travesti, por que eu me identifico muito com elas e sou uma pessoa que não me calo fácil, e gosto de lutar por ser uma travesti (Entrevista oral, Borboleta”7, 15 de junho de 2021).

Nesse processo de negar o binário do gênero, negar a masculinidade sobre o seu corpo a Borboleta 7 passa a tornar-se uma pessoa desviante, transgressora, ela burlou normas

<sup>18</sup>Imagem original disponível em: <https://www.picuki.com/tag/NoCasulo>. Acesso em: 02 nov. 2021.

vigentes pré-determinadas aos gêneros. Seu processo de transição de gênero é assim considerado uma transgressão do dispositivo de gênero, portanto desde cedo ela foi vigiada por não se comportar de acordo com a performance de gênero atribuída ao gênero que lhes foi imposto ao nascer. Para Lanz (2008) quem transgride o aparelho binário de gênero, torna-se obviamente gênero-divergente, uma pessoa desviante na sociedade. A luta da Borboleta 7 é contra a norma masculinidade-macho-pênis.

Conforme Oliveira (2017) por volta do século V a. C, no teatro greco-romano, os atores pintavam personagens através de personas, por meio de máscaras que representavam categorias de pessoas permanecendo escondida a verdadeira personalidade do ator, a sua identidade era escondida e jamais revelada em público. Cenas de comédias e tragédias eram dirigidas sempre por homens, por meio de máscaras com características genéricas, estereotipando personagens com semelhanças, como mulheres, jovens, homens, reis ou deuses. No renascimento, outro momento histórico de grande importância, a classe nobre realizava bailes de máscaras nos palácios e castelos, apostando nivelar os convidados e esconder o verdadeiro rosto dos que estavam ali de penetra. A figura 6 abaixo representa que as identidades, rostos dos personagens no teatro greco-romano eram escondidas e ocultadas pelas máscaras, as máscaras cobriam a identidade.

Figura 6 – As máscaras de personagens<sup>19</sup>



Fonte: Adaptada pela pesquisadora (2021).

<sup>19</sup>Imagem original disponível em: <https://hectorsaurio.files.wordpress.com/2012/11/mc3a1scaras.jpg?w=582&h=582>. Acesso em: 13. Jan. 2022.

Oliveira (2017) afirma que na sociedade contemporânea, o uso de máscaras também é muito comum, mais de maneira sutil, não sendo apenas um objeto em si, mas são usadas como ferramentas invisíveis que tem o objeto de disfarçar algumas atitudes e a subjetividade das pessoas nas inter-relações. Estes sujeitos não se ocupam mais de ornamentações a acrescentar como em outro momento, para atuar no teatro da vida. Buscaram por aperfeiçoar a arte de disfarçar a própria identidade, por meio de atitudes, gestos ou através de outros instrumentos, e assim conseguindo assim atravessar todos os locais evitando assim o desmascaramento em público.

Nas palavras de Oliveira (2017) falando da vida real, a máscara que uma pessoa possa a vir a desempenhar é gravada conforme com os papéis que são exercidos pelas demais pessoas ou mesmo por normas que regulam os comportamentos em toda a sociedade. Vejamos o que GOFFMAN, ERVING (1999) tem a contribuir postulando que, quando um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar.

No momento que uma pessoa chega a um determinado local que já tem um grupo de pessoas a primeira pergunta que irão fazer é quem é essa pessoa, suas procedências, ou seja, um pouco da sua identidade. Ou mesmo trazem à tona informações já recebidas sobre essa pessoa. As informações sobre a pessoa são de grande importância pois servem para situar o indivíduo no meio dos outros, para o indivíduo saber de fato onde está, para que os outros conheçam essa pessoa antes mesmo de conviver e o que esperar dessa pessoa que está na presença de outros.

Parafrazeando Oliveira (2017) neste registro, a pessoa, tendo o acordo dessa expectativa que é criada em torno do ato de se deparar com outro ser humano, pode acarretar na origem de um personagem ou ser ele mesmo para relatar as informações que necessárias para o momento. Ao mostrar suas várias características, a pessoa toma consciência que gerou um certo tipo de expectativa no outro, ao invés de outra distinta, pois caso viesse expor sua verdadeira personalidade, tem a noção que se tornaria de certa maneira vulnerável frente a outra pessoa. A mesma autora continua a busca por esconder um personagem com a tentativa de evitar a tal vulnerabilidade e viver no dia a dia, para agradar aos outros, não é uma atividade fácil. Supomos que a pessoa deseja interagir nas mais diversas relações sem nenhum

problema, sendo assim ele mesmo, podendo expor sua verdadeira identidade deixando sua marca, sem nenhum constrangimento e sem sofrer angústias.

Existe um sistema composto por valores morais e jurídicos, muito forte que leva os indivíduos que são chamados de diferentes a adaptar os seus corpos, a se fantasiar como um personagem que está encaixado dos padrões e critérios ditos normais por elas estabelecidos e impostos, padronizando-o no seio de um sistema chamado binário (homem e mulher) com o objetivo de ser excluído socialmente (OLIVEIRA, 2017).

Argumenta Paulo Roberto Ceccarelli (2000) a ideia de normal foi criada em alusão à sexualidade natural dos seres humanos, nascendo como toda norma, de forma teórica, ideológica, tributária do imaginário sociocultural no qual ela surge. Então, partindo dessas normas, todas as pessoas que não se encaixam nesse imaginário sociocultural são colocadas na sociedade como tendo condutas desviantes ou são colocados socialmente como doentes (patológico).

Os padrões mencionados colocados como obrigatórios, estes relacionados à sexualidade humana, sexo biológico, a performance de gênero, à identidade de gênero e à orientação sexual do sujeito em suas esferas afetiva-sexual vão ser elencadas e aqui de maneira distinta e isolada, mais com o objetivo de mostrar as diferenças existentes entre esses referidos padrões, mais uma melhor compreensão, do que suprimi-los em conceitos fortemente ligados (OLIVEIRA, 2017).

Ficou evidente que os sujeitos que desviam das condutas e comportamentos estabelecidos como certos ou verdadeiros são a todo momento colocados para se corrigir, para que esses sujeitos sejam aceitos na sociedade, as mulheres trans desobedecem às regras que são impostas construindo assim suas próprias identidades de gênero. Essas protagonistas rompem com binário de gênero, ou seja, descumprem a regra macho-pênis-masculinidade, fêmea-vagina-feminilidade. O sistema binário não permite nem uma outra conformação a não ser essa imposta homem-mulher-macho-fêmea. As pessoas transexuais vivem o dilema de muitas das vezes de ter de esconder suas identidades para não sofrer punições severas a passo que nossa sociedade ainda ver essas pessoas como anormais, aberrações etc.

As identidades trans são deslegitimadas por um sistema binário que não permite nenhuma outra forma de ser homem ou mulher, mesmo assim esses sujeitos principalmente as mulheres transexuais constroem e reconstroem suas identidades e múltiplas formas de ser mulher no mundo e na sociedade em que vivemos. Não deve ser nada fácil para as transexuais e as travestis construir e reconstruir suas identidades em uma sociedade que tanto deslegitima

as suas vivências, fica exposto que esses sujeitos são levados a mudar suas condutas para poderem ser aceitos na sociedade.

Reiteramos que isso é uma violência simbólica, pois esse grupo não tem o direito nem mesmo de ser quem querem ser. O direito a personalidade é retirado dessas pessoas, por que nossa sociedade cumpre as regras do binarismo de gênero, ou seja, a nossa sociedade é pautada em um discurso biologizante que considera apenas o sexo biológico como sendo essencial para definir toda a trajetória de vida de pessoa, até para definir o gênero do sujeito.

### **3.3 A constituição do Ser Humano através da identidade**

Conforme Oliveira (2017) frequentemente se fala em identidade como se fosse algo concreto dentro do indivíduo podendo dar características como um ser humano inteiramente racional, sem achar distorções em sua subjetividade. É exigido, portanto, uma unidade permanente, que não tenha contradições, capaz de gerir a pessoa em todos os aspectos de sua vida social e particular. Para sobreviver em sociedade, os seres humanos acabam vendo-se obrigados a assumir uma identidade que os denomine em sua integridade e os façam sentir-se aceitos em todos os ambientes em que estiver mantendo relações com os demais seres. A necessidade dessa construção prevalece, mesmo frente aos diversos enlaces socioculturais que se dirigem sobre o sujeito (OLIVEIRA, 2017).

Apresentam José Roberto Gomes da Silva e Sylvia Constant Vergara (2000) trazem que não há sentido em falar-se em identidade dos sujeitos, mas sim falar em múltiplas identidades que se formam dinamicamente, ao longo do tempo e nos diversos contextos ou espaços dos quais os indivíduos participam. Isto é, a exigência de uma única identidade, frente a multiplicidade de situações que os indivíduos se inserem diariamente, torna-se algo não realizável. Para Oliveira (2017) as situações que surgem no dia a dia alteram involuntariamente a semântica de unicidade que é exigida aos indivíduos, pois esse sujeito transita em uma gama de locais- que trazem uma carga histórica e sociocultural diversa. Por isso o indivíduo não pode permanecer petrificado em uma só identidade. Dessa forma, o sujeito diferencia-se e se iguala aos demais sujeitos de acordo com os grupos sociais que faz parte, entrando em contradição várias vezes, multiplicando-se em si mesmo.

Nesse sentido ao notar a forma como a pessoa se define e se orienta no que diz respeito a sua própria identidade frente às conjunturas que se impõem FERNANDES, KARINA RIBEIRO; ZANELLI, JOSÉ CARLOS (2006) relatam que existem: Existem três maneiras diferentes de como os sujeitos orientam as suas identidades nos mais diversos contextos específicos em que se encontram envolvidos. Essas orientações da identidade do

sujeito são ativadas em razão da maneira como esse sujeito define a si mesmo, especialmente em cada contexto, se como um sujeito, como um ser interpessoal ou como um membro de um grupo. Aponta-se que quando a pessoa se define especialmente como sujeito, tem a tendência de ativar a orientação para a identidade pessoal, a ser motivada pelo auto interesse, a idealizar em termos de suas características e traços pessoais e a avaliar-se se comparando com os demais sujeitos.

Já quando se define especialmente como ser em relações aos demais seres, a pessoa tem a tendência de ativar a orientação para uma identidade relacional, em que a principal motivação nesse momento passa a ser a procura de beneficiar o outro. A concepção de si mesmo fundamenta-se com predomínio, em seus papéis na relação com os demais que significam algo para ela, já a auto avaliação tende a acontecer em termos da eficiência com que ela desenvolve seus papéis interpessoais frente a esse outro. E por final, ao definir-se especialmente como sendo membro de um grupo, a pessoa tem a tendência de ativar uma identidade de orientação coletiva. Suas motivações passam então a ser a garantia do bem do grupo em que está inserido, frequentemente com relação aos demais grupos.

A pessoa procura caracterizar-se em termos do perfil ou do padrão do grupo tendendo a determinar seu autovalor com fundamentação na comparação de seu grupo com os demais grupos. Aduz, Oliveira (2017) compreende-se que podem existir vários tipos de identidade em um sujeito, seja se autoavaliando como sendo um ser único, como um ser inserido em um determinado grupo-, e, portanto, possuidor de uma identidade conjunta- ou relacionando-se com as demais pessoas, com o diferente. Desde a infância a maioria de nossas protagonistas relataram não se sentir pertencentes ao gênero que lhes foi designado ao nascer, e assim desde muito cedo já começaram a se expressar na vida social como meninas e a ter gosto pelo universo feminino. Em um pequeno relato de sua história de vida sobre sua transição de gênero Borboleta 4 narrou o seguinte,

“Assim era o meu sonho neh! de criança eu via as mulheres, eu ficava com inveja eu queria aquilo para mim entendeu? Eu ficava nossa eu me olhava na frente do espelho, eu não de identificava como homem. E depois que eu consegui agora minha transição eu me sinto muito mais feliz, muito mais atraente. Hoje eu sou realizada entendeu? Muito realizada e, e assim igual eu falo pra todas a gente tem que se amar, não importar o que a sociedade pensa a gente que batalhar. Eu sou e estou muito realizada hoje, só gratidão mesmo por ser uma trans. Hoje eu tenho muitas histórias que eu tenho pra mim contar, por que se eu for contar o áudio vai sair muito longo apesar que não foi muito fácil pra mim mais hoje eu sou muito realizada. Lógico que eu me afirmo como minha identidade de gênero que sou transexual neh! mulher trans. Não sou travesti, sou mulher transexual” (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho 2021).

Como a Borboleta 4 não nasceu biologicamente do sexo feminino, ela narra que desde a infância o seu sonho era se comportar como uma mulher, ser uma mulher era isso que ela queria. Devido ao dispositivo binário dos gêneros ela não podia se comportar como uma mulher, pois nesse momento poderia sofrer sanções, repressões e até mesmo a exclusão familiar por estar desviando normas que já estavam determinadas bem antes do seu nascimento. A imagem que ela via refletida no espelho não a representava, ela não se enxergava como um homem, e depois da transição de gênero ela se sente mais feliz e atraente. Sua identidade foi formada na transgressão do binário dos gêneros, é na transgressão e desvios que nossas protagonistas resistem as opressões e exclusões.

Vamos dar o seguinte exemplo: caso a pessoa transexual, realize uma autoanálise e se enxergue como ser único no mundo, com características próprias e que essas características são diferenciadas de outro ser, ele estará se vendo como indivíduo, como um ser ímpar, um ser excepcional. Ao constatar sua identidade comparando com o estereótipo masculino ou feminino, o sujeito transexual perceberá suas características em discordância, não se encaixando com o que foi estabelecido pelas normas binárias de gênero, assim, vislumbra a sua individualidade, a sua maneira de ser própria como indivíduo (OLIVEIRA, 2017).

Para oliveira (2017) acontece um momento que o sujeito transexual busca encontrar um grupo que o receba como igual aos demais, com o objetivo de criar lações e proporcionar um conforto, sentindo-se inserido em uma coletividade. Em virtude de, na maioria das vezes, a pessoa transexual se sentir afrontado pela sociedade heteronormativa por isso procura lugares onde possa ser aceito por sujeitos de igual identidade, querendo se sentir membro de uma comunidade. Neste contexto, ainda afirma, pode acontecer de a pessoa transexual querer se autodenominar como pertencente a uma identidade que está relacionada com as expectativas das outras pessoas. Citamos o exemplo: os saberes jurídicos e médicos criaram um modelo padrão de transexualidade em que os sujeitos que não se encaixarem nos requisitos tendem a querer se adaptar, modificando seus corpos, suas falas e até mesmo as suas performances para beneficiar tais saberes.

Ao cravar os seus olhos sociológicos no fenômeno da transexualidade, a autora Berenice Bento (2006) se propôs primordialmente a desmistificar a ideia de patologia que recai sobre quem vive esse fenômeno, assim como a desconstruir o estereótipo universal que foi criado e que circunda essas pessoas. Segundo ela, tal modelo se expande com facilidade em razão de estar corroborado pelos discursos da Medicina e das ciências *psi* (psicologia, psiquiatria e psicoterapias). É o olhar sociológico acerca da transexualidade e suas nuances que buscamos passar com as narrativas orais.

Em relação a discordância de sentidos sobre o que é ser sujeito transexual, a autora Bento (2006) contribui em sua obra intitulada *A reinvenção do corpo*, ela afirma que há uma diversidade de experiências transexuais dos indivíduos, esses indivíduos não se limitam ao conceito de transexualidade que é instituído. Contudo, alguns desses seres humanos que se autoafirmam e autodeclaram-se como transexuais buscam cumprir com o protocolo transexualizador com a intenção de terem seus direitos garantidos sem nenhuma restrição. Expõe Oliveira (2017) para muitas pessoas transexuais, não adianta se auto conceituarem fugindo com do conceito instituído e continuar permanecendo nos bastidores, com a ausência de reconhecimento dos saberes médicos-jurídicos e social. O fato de se definir como sendo transexual não o faz visível para os olhares da heteronormatividade

A partir do que foi mencionado anteriormente fica evidente que mesmo as pessoas transexuais se auto conceituando como querem ser, os saberes médicos-jurídicos e sociais dizem e querem sempre encaixar essas pessoas em um conceito pronto e engessado. Sem que essas pessoas sejam capazes de se auto conceituarem como querem ser. O fato das pessoas transexuais se afirmarem como tal em nenhum momento faz essas pessoas visíveis aos olhares do sistema chamado de heteronormatividade, esse sistema não aceita essas pessoas, pois as mesmas fogem e rompem as regras da heteronormatividade, ou seja, as pessoas transexuais rompem o que imposto pelas condutas da heteronormatividade para entender que é uma conduta que fala de normalidade.

### **3.4 As múltiplas características do indivíduo: Identidade e Identidade de gênero**

Para melhor abordamos e entrelaçar o sentido do termo identidade de gênero, é assim necessário em primeiro lugar buscarmos o significado da palavra identidade. Etimologicamente a palavra identidade advém do latim *identitas*, que demonstra qualidade daquilo que é idêntico, também se refere a um conjunto de características próprias de uma pessoa como por exemplo: nome, profissão, sexo, impressões digitais, deficiências físicas, etc., tudo isso é considerado como exclusividade da pessoa e, em consequência, considerado, quando as pessoas precisam ser reconhecidas.

A palavra identidade segundo Oliveira (2017) tem vários sentidos, e é através dos sentidos amplos que a palavra identidade possui, que percebemos que ela demonstra a união de caracteres permanentes que qualificam o ser humano como singular frente aos outros seres humanos. Ou seja, nesse contexto existem características firmadas em uma pessoa que a faz diferente em relação às demais pessoas da sociedade. Assim, cada pessoa é um universo, uma totalidade em si mesmo, um fenômeno ímpar da natureza. A autora ainda continua afirmando

que assim como cada ser humano possui uma impressão digital que o diferencia dos outros seres humanos, a mesma coisa acontece com a questão da identidade.

As impressões digitais que se encontram em cada dedo das mãos do sujeito são únicas entre elas. Embora que a maioria dos sujeitos nasçam com os dedos e mãos aparentemente iguais, cada sujeito vai ter o seu registro, a sua impressão digital diferente dos demais sujeitos. Cada impressão digital é combinada por traços e linhas variáveis, que na mesma dimensão diversifica-se de indivíduo para indivíduo. Confirma Oliveira (2017) da mesma maneira, cada sujeito possui a sua própria identidade, sua forma única, exclusiva de ser e estar no mundo, mesmo sendo semelhantes aos outros na estrutura corporal (possuindo o mesmo sexo biológico) na forma de se comportar frente aos outros (operando com a mesma expressão/performance de gênero) também no modo de desejar sexualmente o parceiro (revelando a sua orientação afetivamente e sexualmente), são formulados ainda sobre identidade, outros conceitos semelhantes a esses aqui já apresentados como esse a seguir veremos a adiante.

A palavra identidade denota a totalidade da pessoa e agrega os componentes do biológico, psicológico e social. Então, a identidade biológica acontece através do reconhecimento das distinções anatômicas do sexo biológico; já a identidade social é estabelecida pelo Registro Geral de Nascimento no ato que é designado ao recém-nascido um nome masculino ou feminino, e também pelos papéis sociais de gênero que cada sujeito irá desenvolver ao longo da sua vida; e a identidade psicológica, é representada pelo eu psíquico (VERDI, JOLE BALDARO; GRAZIOTTIN, ALESSANDRA 1997).

A colocação de Jole Baldaro Verdi e Alessandra Graziottin (1997) mostra que a identidade não está separada no aspecto subjetivo. Assim, existe uma parcela de contribuição de certos elementos que se combinam para gerir a identidade, para dar forma aos sujeitos e transformá-los em um ser singular. Segundo essa afirmação acima descrita, esses elementos se combinam, se misturam também com ingredientes vindos das normas impostas na cultura, normas socioculturais, dos aspectos biológicos e dos aspectos psicológicos. As pessoas transgêneros, em suas singularidades são de fato a negação, contestação dos aspectos biológicos, tentando assim ter suas próprias identidades reconhecidas pelo caráter psicológico.

Notamos que existem nessa apresentação acima três tipos de identidade que passam pelos aspectos biológicos (anatômicos, do sexo biológico), aspectos psicológicos (o psíquico), aspectos sociais (o próprio nome atribuído ao bebê um nome de menina ou de menino, um nome masculino ou feminino) os aspectos sociais da identidade também passam pelos papéis sociais de gênero que cada indivíduo vai desempenhar na sociedade no decorrer de sua vida.

Cabe salientar que cada indivíduo possui sua identidade, mesmo dentro dos aspectos apresentados. Sendo assim cada identidade possui uma identidade biológica, psicológica e social, me arrisco a afirmar que somos seres dotados de nossa própria identidade, e vou além das nossas próprias identidades.

Essa dissertação de mestrado recorre em especial a Stuart Hall um teórico cultural e sociológico britânico-jamaicano para tratar e abordar principalmente sobre construção da identidade do sujeito na pós-modernidade buscamos assim, analisar as performances e discursos de subjetividades em transição da identidade gênero de mulheres trans, sendo que diferentes modelos de identidade são oferecidos para essas mulheres na cultura em que estão inseridas. Hall (2005) afirma em seu estudo que o próprio conceito de identidade que estamos abordando, discorrendo e lidando, é demasiadamente complexo, ainda é pouco desenvolvido e muito pouco compreendido dentro da ciência social na contemporaneidade para ser absolutamente colocado a prova.

Para Hall (2005) o termo identidade em análise sofre mudanças em relação ao seu próprio conceito em razão das alterações que acontecem no mundo pós-moderno. A partir dessa avaliação, o teórico estudou três definições de identidade, como por exemplo: a identidade do sujeito no iluminismo, a identidade do sujeito sociológico, e a identidade do sujeito na pós-modernidade. Vamos tecendo reflexões acerca do que Hall tem a nos dizer a identidade do sujeito no iluminismo. Para ele em suas avaliações a identidade do sujeito do Iluminismo fundamenta-se em uma concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade da pessoa (HALL, 2005).

A identidade do sujeito do iluminismo mostrava-se a partir no ponto de vista da pessoa humana como sendo um indivíduo, centrado, unificado tinha capacidade de razão, capacidade de consciência, capacidade de ação. Tudo isso tinha um centro, um núcleo interno, que surgia desde o nascimento do sujeito e como esse sujeito ia se desenvolvendo e ainda permanecendo o mesmo em continuidade ou muito idêntico a ele no decorrer da própria existência enquanto indivíduo. Dessa maneira a identidade do sujeito do iluminismo não mudava ou alterava-se ao longo da sua existência, a identidade do sujeito permanecia a mesma desde o seu nascimento até o seu desenvolvimento como indivíduo. Conforme Hall (2005) o centro de fundamental

importância no sujeito do iluminismo na perspectiva do eu era a própria identidade da pessoa em si.

Oliveira (2017) corrobora a condição de não alteração e a perpetuação são características essenciais da identidade do sujeito do iluminismo, no iluminismo o sujeito é o centro de si mesmo, existe de modo racional, em sua plena consciência dos seus atos e é autossuficiente. Nesse tipo de identidade a capacidade cognitiva de se auto identificar como sujeito dono de si, lhe dar uma identidade particular da época do iluminismo, onde todo o poder estava envolvido em torno da ciência, que na época era considerada como um sinônimo de razão. Dessa maneira, a questão de auto identificar-se tinha o significado de o sujeito ser dono de si mesmo, ser sensato e ter equilíbrio consigo mesmo (OLIVEIRA, 2017).

A autora segue discorrendo que não podemos esquecer de mencionar que a racionalidade estava concentrada em um tipo específico de sujeito, o sujeito masculino, por outro lado a sensibilidade era dita como uma característica acima de tudo feminina. Se comportar e mostrar sensibilidade era fugir da tal racionalidade e parar no mundo das emoções, de não ter equilíbrio e isso não poderia ser uma particularidade dos sujeitos do iluminismo, que eram viam a razão como sendo a verdade absoluta. A ciência no período iluminista não ser tratada sem a razão, e não poderia ser abordada pelas emoções sentidas.

O teórico e sociólogo Hall, (2005) traz então os apontamentos sobre a segunda definição de identidade assim temos, [...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo entre os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005).

Para ele o sujeito sociológico diferentemente do sujeito do iluminismo refletia sobre as mudanças que aconteciam no mundo, sobre as complexidades ocasionadas pela modernidade. Esse sujeito era capaz de ter a consciência de que o núcleo interno do sujeito não era de autonomia e autossuficiência. O sujeito sociológico tinha a consciência que, porém, esse núcleo interno era constituído na relação estabelecida com as demais pessoas que tinham importância para ele, que transmitiam para ele os valores, crenças, sentidos e símbolos, a cultura dos mundos que ele/ela habitava.

No sujeito sociológico a identidade é formada, constituída na influência mútua entre o próprio sujeito e a sociedade que ele/ela mora. O sujeito sociológico, portanto, ainda dispõe de um núcleo interno, ou a essência interna. No entanto esse núcleo e essência são formados e alterados através de diálogos contínuos entre os mundos culturais externos e as outras identidades que esses mundos culturais externos oferecem. Nesse tipo de sujeito sociológico a identidade muda, se altera e sofre influências externas de outras culturas e identidades, das relações que o sujeito mantém na sociedade através dos diálogos e da própria cultura que ele habita e de outras culturas externas.

A autora Oliveira (2017) nos adverte que nessa extensão de voz, o sujeito do iluminismo que em outro momento não se permitia sofrer nem um tipo de interferência externa na formação e construção da sua identidade, agora já tem uma abertura a sociedade, a cultura em que está inserido e aos valores vindos de uma relação com os demais indivíduos da sociedade. Agir na sociedade de certa forma é interferir diretamente na identidade dos outros sujeitos e ser inculcado pelas identidades estranhas. Mas isso não quer dizer que o seu núcleo, ou seja, o seu verdadeiro eu tenha sido esquecido, a perda da essência própria, pois o sujeito permanece equilibrado mais mantendo agora contato direto com as demais identidades alheias, mantem trocas de ideais e recebe outros valores culturais (OLIVEIRA, 2017).

Nesse sentido há ainda, para o Stuart Hall (1987 apud Hall, 2005), um tipo de sujeito que ele denomina e descreve como sujeito pós-moderno, ele afirma que esse sujeito não possui uma identidade fixa, uma identidade original ou eterna. A identidade assim passa a ser considerada como sendo uma celebração móvel. Para esse autor a identidade é formada e modificada sucessivamente em relação às maneiras pelas quais somos representados ou interrogados pelos sistemas culturais a nossa volta.

Nesse ponto de vista o sujeito na pós-modernidade, ou seja, o sujeito pós-moderno perde o cerne da sua identidade, que em outro momento possuía como sujeito do Iluminismo e como sujeito sociológico, então o sujeito pós-moderno se torna totalmente mutável, moldável, isso tudo de acordo com as relações que estabelece socioculturalmente. Nesse ponto de vista sobre o sujeito mencionado, uma coisa que some é a sua particularidade, nesse momento dá lugar à mutação, as transformações na sua identidade (OLIVEIRA, 2017).

Nesse contexto que já narramos, descrevemos e abordamos diversos conceitos acerca do termo identidade vamos mergulhar agora no sentido do termo identidade de gênero, na tentativa de compreender o significado desse termo que para essa pesquisa com mulheres transexuais e as travestis sobre suas construções de identidade é tão relevante nos atermos. Vejamos o que alguns autores têm a contribuir sobre a identidade de gênero. Sobre o tema

identidade de gênero de grande importância para nossa pesquisa o autor Carlos Abib Cury (2012) diz que é a manifestação espontânea, seja em forma de sentimentos, ou mesmo na expressão de pertencimento ao sexo feminino ou ao sexo masculino, independentemente das suas características físicas, hormonais etc. que são, portanto, particulares de cada pessoa.

A partir da proposta trazida por esse autor entendemos assim, que quando a pessoa declara a sua identidade de gênero, essa pessoa almeja ser reconhecida na sociedade como alguém pertencente a um dos gêneros com o padrão dito correto, o gênero masculino ou o gênero feminino. Quando acontece essa autodefinição dentro do sistema binário de gênero (homem-mulher), a pessoa de forma consciente ou mesmo inconsciente deseja não ser discriminada na sociedade, o sujeito apenas quer que o fato de possuir um pênis ou uma vagina não seja um dos motivos de aceitação ou não na sociedade em que vive.

Vamos deixar aqui algumas reflexões para pensarmos o quanto é difícil para pessoas trans terem suas identidades de gênero deslegitimadas na sociedade em que vivem, uma sociedade que reprime suas posturas, seus modos de ser e estar no mundo. Essas sujeitas sofrem o estigma social apenas por se autodeclaram divergindo do sistema binário homem-mulher, a partir disso vamos refletir que essas pessoas perdem o seu direito de existir como se percebem e se identificam apenas por buscarem externalizar as identidades de gênero nas suas condutas diárias. Como aponta Liliana Lopes Pedral Sampaio e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho (2011) devemos pensar que existe um número expressivo de pessoas transexuais, embora tenhamos dificuldade em se precisar isto em razão de diversos fatores, como por exemplo, a discriminação social, que leva muitas dessas pessoas a preferir ficar no anonimato.

Olha como é algo violento e opressor uma pessoa ter que viver muitas das vezes se escondendo ou omitindo a sua identidade de gênero para não ser discriminado, julgado, expurgado socialmente, todos esses fatores dentre outros levam essas pessoas a não expor suas identidades de gênero preferindo viver sem expor assim de fato quem são, tudo isso por uma sociedade que as aceita como são. Isso é algo extremamente preocupante uma pessoa viver sem poder expressar sua identidade, se omitindo, não se permitindo ser e estar no mundo como a pessoa se percebe, eu vejo que essas pessoas enfrentam desafios diários e constantes para assumir ou não assumir suas identidades de gênero dentro de uma sociedade que a todo o momento busca discriminar e julgar esses indivíduos.

Esses sujeitos muitas vezes não desejam se enquadrar em uma normatividade que é opressora, por outro lado também não querem ser excluídos socialmente. Em razão de não querer se encaixar nas normas opressoras e não ser excluídos socialmente a maioria das pessoas trans se camufla entre os heterossexuais, com o objetivo de serem confundidos com

estes e assim não sofrer com os preconceitos, caso sua identidade de gênero seja revelada (OLIVEIRA, 2017).

Conforme Harold I. Kaplan; Benjamin J. Sadock; Jack A. Greebb (1997) atrelada à concepção binária da sexualidade, a identidade de gênero é dita como o senso que o sujeito tem de sua masculinidade ou feminilidade, desencadeando-se a partir do apoio anatômico do sexo. Esses autores sinalizam nesse rumo que a identidade de gênero é a percepção que o sujeito possui de si mesmo, uma percepção como homem, mulher, de gênero diferente desses ou de nenhum dos gêneros. Essa percepção é construída através de uma experiência pessoal, própria com o seu Eu e com o seu próprio corpo. Nesse sentido a identidade de gênero corresponde a se reconhecer e se autoafirmar, tendo a consciência própria do pertencimento ou não relacionado ao binômio feminino-masculino. A seguir descreveremos o que o psicólogo Marcelo Toniette (2004) tem a contribuir sobre a temática identidade de gênero, ele pronuncia que,

[...] utilizamos o termo *identidade de gênero* para se referir à construção das masculinidades e das feminilidades. Essa ideia se apoia no fato de que temos machos e fêmeas na espécie humana, sendo que a qualidade de ser homem e de ser mulher é condição construída socialmente. A construção dos gêneros está ancorada no sistema particular de valores culturais, a partir de um conjunto de práticas, formas simbólicas, representações, normas e valores sociais, que moldam o corpo humano e suas práticas em noções de masculinidade e feminilidade (grifo do autor). (TONIETTE, 2004, p. 01).

A partir do que esse psicólogo traz de enunciações sobre a identidade de gênero notamos que a identidade de gênero tem a ver com a nossa própria percepção a partir de uma construção e é um auto reconhecimento sobre masculinidades e feminilidades. Ou seja, a identidade de gênero é como cada pessoa se ver como homem ou como mulher na sociedade. As postulações acima norteiam a discussão de que a condição de ser homem e de ser mulher não é um dado natural, mais sim uma condição construída socialmente, então, tem na sociedade a condição natural de ser homem e ser mulher. A condição de ser homem e de ser mulher, a construção social dos gêneros salienta-se que essas construções e condições de ser estão baseadas no sistema particular atrelado a cultura que cada indivíduo está inserido, a partir de práticas, formas simbólicas, representações, normas e valores pré-determinados e impostos socialmente.

As proposições realizadas por Paul Beatriz Preciado (2011) vão muito além ao analisar as possibilidades do corpo ano mundo contemporâneo, agregando de forma radical todas as minorias negas e excluídas de análises bem-comportadas. Para pensarmos a desterritorialização da heterossexualização e do binarismo de gêneros feita pelas nossas protagonistas as leituras de

Beatriz Preciado (2011) sobre as possibilidades de corpo no mundo contemporâneo tornam-se indispensáveis para que possamos fazer uma relação dos estudos transgêneros e de corporeidades com as questões de território e territorialidade. De acordo Preciado (2011) o corpo não é um dado passivo sobre o qual o opera o biopoder, mas antes a potência mesma que contorna a possibilidade da incorporação da linguagem dos gêneros. A sexopolítica tornasse não somente um lugar de poder, mas sobretudo, o espaço de uma criação na qual acontecem a formação e aproximação dos movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais. Existem assim movimentos lutando contra as opressões de raça, classe, gênero, sexualidade e outras sobreposições que incidem sobre os corpos. Aqui em especial estamos pesquisando com o movimento de transexuais e travestis a qual o poder opera desde muito cedo controlando e vigiando suas condutas para que não escapem ao projeto de heterossexualização.

No meio da operação do biopoder dos corpos não são passivos, e as minorias sexuais tornam-se multidões. O mostro sexual que tem por nome multidão forma-se queer. O corpo não passivo da multidão queer aparece no centro disso que chamei, para voltar a uma expressão de Deleuze, de um estudo de desterritorialização da heterossexualidade. Essa desterritorialização afetar o espaço urbano, é precisamos falar de desterritorialização do espaço da heterossexualidade, e não dos guetos quanto o espaço corporal dos indivíduos. O processo de desterritorialização do corpo obriga a resistir aos processos de torna-se normal, que existem tecnologias precisas de produção dos corpos normais ou de organização dos gêneros não resulta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. As tecnologias de normatização dos corpos fracassaram, a multidão queer tem a possibilidade de intervir na operação do poder sobre os corpos através dos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual.

O corpo humano assim é conformado e suas práticas em conhecimentos de masculinidade e feminilidade a partir das construções dos gêneros. Mais por quem as construções dos gêneros masculino e feminino são mediadas? Cabe reiterarmos que essas construções são mediadas pelos valores impostas pela cultura, das práticas, formas simbólicas, representações, normas e valores sociais. Oliveira (2017) diz conforme a constatação do psicólogo Marcelo Tonieette, encontramos o núcleo básico e essencial da identidade de gênero, que é a construção da noção de gênero, noção essa criada advinda dos valores e práticas estabelecidas socioculturalmente. A construção da ideia de gênero também é sustentada pelos juízos feitos sobre o que é feminino e o que é masculino, assim como pelos

costumes, crenças, visões, construções instituídas e praticadas através de uma multiplicidade de sujeitos, o conceito que estamos abordando aqui é esculpido socialmente.

### **3.5 Produzindo a identidade de gênero, continuando a narrativa**

Nessa abordagem sobre o tema identidade de gênero é de extrema relevância apontamos que o sentimento próprio de identidade é afetado por uma variedade distinta de elementos históricos, elementos da cultura que os indivíduos estão inseridos e dos elementos simbólicos, esse sentimento particular da identidade é enquadrado no pensamento do ser humano, o sentimento de pertencimento da identidade de maneira singular é demonstrado nas nossas posturas e em nosso próprio corpo. Ao mesmo tempo que os corpos dão nossas protagonistas vão se transformando a partir das técnicas e saberes médicos sobre o uso de hormônios afim de se ajustar suas aparências identitárias no corpo reinventado, agindo em desacordo aos modelos de corpos fornecidos pela cultura em que estão inseridas. A identidade de gênero de cada uma, é formada a partir da interação entre o eu subjetivo de cada uma, a partir da desconstrução da identidade masculina imposta quando nasceram.

De acordo com Hall (2001) o sujeito tem um núcleo ou essência interior que ele considera o seu eu concreto e real, mas mesmo este núcleo interno é formado e transformado a partir de práticas discursivas contínuas com os mundos culturais à sua volta, a partir dos modelos de identidade de esses mundos oferecem aos indivíduos. As Borboletas apresentam-se diferente do modelo de identidade apresentada pela sociedade em que vivem, passando pela infância até a vida adulta elas negam a identidade imposta pelo sistema binário de gênero. Entre as tentativas de ajustamentos dos corpos as identidades trans são formadas.

Nossas atitudes e forma que lidamos com nossa própria estrutura corporal, mudam e são responsáveis pela fabricação dos estereótipos que conhecemos na sociedade. E falando em estereótipos quando alguém nas práticas e condutas escapa as regras sociais estabelecidas, não seguindo o padrão instituído aos gêneros, logo essa pessoa vai sofrer com uma carga de estigmas, estereótipos e será coagida pela sociedade que dita imposições colocando a orientação heterossexual como sendo o padrão normativo do gênero, estabelecendo assim o sistema denominado heteronormativo.

Os sujeitos que escapam e que fogem as normas impostas ao gênero são desde a origem de suas vidas pré-programados dentro do sistema padrão heteronormativo, esses sujeitos não devem ser punidos e condenados como os executores dos considerados diferentes. Em razão do escapamento das normas de gênero, o preconceito não pode ser justificado e direcionado aos diferentes, pois os seres humanos já nascem com a capacidade

de pensar e de ponderar costumes que os atravessam. Como as pessoas nascem com a habilidade de raciocinar e de pensar, deveriam averiguar que as pessoas que são diferentes, têm o direito de viver como querem e de serem reconhecidas socialmente em suas identidades de gênero, ou seja de reconhecidas como se sentem e se percebem, ou também de serem respeitadas e reconhecidas quando não possuírem uma identidade específica, como é o caso das pessoas que se identificam como agêneros de forma única e particular.

Buscamos diversos autores para colaborar com essa inquietação levantada no problema de pesquisa, como por exemplo: Jonh Money e Patrícia Tucker (1981) colaboram através de seus estudos com nossa pesquisa trazendo suas proposições acerca da identidade de gênero, esses autores escrevem que, O seu senso de si mesmo como um indivíduo único – a sua identidade – é a sua essência, e no seu núcleo repousa o seu senso de si mesmo como homem ou mulher, a sua identidade sexual. Trata-se da peça central da sua identidade, o fundamento da sua saúde emocional. A sua identidade sexual deixa o seu sinal em tudo que você pensa e sente, diz e faz. A sua compreensão de si mesmo e dos outros é limitada pela sua compreensão do que significa para você e para eles ser homem ou mulher (MONEY, JOHN; TUCKER, PATRÍCIA, 1981).

Todo indivíduo tem um senso de si mesmo, todo indivíduo é único. Qual seria a essência do indivíduo que o faz diferente dos outros? A essência do indivíduo que o faz ser diferente dos demais em sociedade é então a sua identidade, dessa maneira as pessoas são únicas pois cada uma tem sua identidade. Cada pessoa em sociedade tem uma percepção de si mesmo como homem ou mulher, cada indivíduo tem a sua identidade sexual. A identidade sexual é nesse sentido uma peça essencial da própria identidade, a identidade sexual é, portanto, o fundamento da saúde emocional de cada sujeito.

Então, na percepção de si como homem ou mulher, temos a identidade sexual que deixa seu sinal em tudo que fazemos e que pensamos, por exemplo: nossas convicções, posicionamentos, nossas condutas, comportamentos etc. Vamos deixar uma pergunta de reflexão: o que é ser homem? O que é ser mulher? Os autores mencionados acima afirmam que a nossa compreensão própria de quem somos dentro da percepção de homem ou mulher e das demais pessoas é limitada pela nossa própria compreensão do que entendemos e do que as demais pessoas da sociedade têm em mente, e entendem sobre o que é ser homem ou mulher.

Vejamos cada pessoa tem uma compreensão do que é ser homem e do que é ser mulher. Fica claro que cada indivíduo em sociedade tem sua essência, sua identidade e a sua identidade sexual. É tudo muito único e particular, Contudo a identidade e a identidade sexual vai nos diferenciando uns dos outros, cada pessoa de um senso de si, uma percepção própria,

única, singular. Mostrando neste sentido, que compreender a si mesmo é, contudo, apreender o sentido de sua própria existência frente a si próprio e frente as demais pessoas. É saber que por ser uma pessoa única e possuir características próprias e muito peculiares, a identidade será demarcada mesmo que a sociedade tente tirar suas características, com a imposição de padrões ao gênero que tem o objetivo de limitar a pessoa (OLIVEIRA, 2017).

Todas as pessoas mesmo nascendo e sendo configurada com um órgão genital masculino ou feminino, a maioria das pessoas possui de maneira própria uma essência de si que se firma e continua em seus atos, em sua forma de agir, na sua forma de se comportar, no jeito que performatizamos o gênero, até no jeito que somos e pensamos no mundo. Dessa maneira tudo isso que falamos está inserido naquilo que damos o nome de identidade de gênero Oliveira, (2017). A mesma autora assegura que cabe destaca que existem pessoas que não possuem esse núcleo ou essência fixa dentro de si mesmo e não vinculam em seus corpos alguns marcadores de gênero específicos. Assim essas pessoas são colocadas e denominadas como sendo a-gêneros, esses sujeitos a-gêneros são considerados perambulantes da identidade de gênero. Vamos observar o que uma profissional da psicologia tem a nos dizer sobre identidade de gênero, concerta essa profissional tem muito a contribuir com nossa pesquisa, lembrando que nossa pesquisa caminha teoricamente e dialoga com várias do conhecimento, inclusive buscamos os escritos da área da psicologia para analisarmos a construção e reconstrução da identidade de mulheres trans.

Seguindo ainda acerca do que já foi discutido nesse tópico (identidade e identidade de gênero, a psicóloga Ana Maria Ramos Seixas (1998) traz uma fala de grande relevância, assim temos: Identidade de gênero se determina por volta dos 04 anos, mas somente se evidencia por completo com o surgimento dos caracteres sexuais secundários na adolescência. É a sensação do indivíduo pertencer ao gênero masculino ou feminino. Pelo ponto de vista apresentado pela área da psicologia a identidade de gênero pode ser percebida e determinada na mais tenra infância, ali por volta dos 04 anos de idade, porém a identidade de gênero em toda sua abrangência vai se completando aos poucos.

A identidade de gênero se intensifica dentro de um processo gradativo, que vai se completando com o aparecimento das características sexuais no período da adolescência. É no período da adolescência que surgem as características sexuais que são chamadas de características sexuais secundárias. Como por exemplo: a fase que os seios começam a se desenvolver, o pênis, os pelos no corpo, os pelos nas partes íntimas, e a alteração da voz dentre outras transformações secundárias. Achamos de importância aqui mencionar algumas dessas características para sinalizar que é nesse momento da adolescência que a identidade de

gênero fica mais latente nos sujeitos. Mais o que seria a identidade de gênero? Dessa maneira podemos clarear, elucidar, exemplificar, narrar, ponderar, discutir, emitir que a identidade de gênero corresponde a uma sensação de pertencimento ao gênero masculino ou ao gênero feminino.

Propõe Oliveira (2017) como se nota a psicóloga Ana Maria Ramos nos seus estudos tenta achar o período de desabrochamento da identidade de gênero no ser humano, ela traz pontuações afirmando que já na mais tenra infância o sujeito demonstra possui o senso de si mesmo e também é na infância que o sujeito demonstra o pertencimento a um gênero. Ela narra que há indícios que na mais tenra infância chamada também de fase pueril da vida humana, existem habitadas no corpo da pessoa elementos primários que se mostram que forma tímida na criança, porém ela diz que é somente na puberdade que esses elementos tendem a desabrocharem de forma mais intensificada.

Duas ciências se destacam no que se refere a tentar a todo momento encaixar, classificar, padronizar dentro de formas perfeitas. São as ciências psíquicas e médicas essas ciências dentro de seus estudos traçam idades ou mesmo períodos da vida que possam abrigar de forma definitiva a identidade sexual dos seres humanos Oliveira (2017). Nesta mesma direção, vamos observar o que outro autor tem a contribuir sobre o tema em pauta aqui nessa pesquisa (Performances e discursos de subjetividades na transição das identidades de gênero de mulheres trans no município de Araguaína-TO). Sobre a identidade de gênero a sua teorização é a seguinte, A identidade de gênero se anuncia no indivíduo a partir da persuasão que este tem quanto ao pertencimento a este ou aquele sexo. Tal persuasão não é inata, mas adquirida – e precocemente: por volta dos dois ou três anos, o sentido de ser homem ou mulher já está estabelecido (RAFAEL KALAF COSSI, 2011).

Esse autor salienta que a identidade de gênero é a expressão de um senso próprio, único de pertencimento que a pessoa tem em relação a este ou aquele sexo, porém cabe destacar que a sensação de pertencer a este ou aquele sexo não é um dado natural que a pessoa já tem, mais essa convicção é adquirida logo por volta dos dois ou três anos de idade. Então, a identidade de gênero como uma expressão é como um sentimento de pertencimento a este ou aquele sexo não é algo natural mais sim o sentido, a práxis de ser homem ou mulher na sociedade já é algo estabelecido. As ciências psíquicas e médicas limitam os sujeitos desde cedo em relação principalmente ao sentido que temos de ser homem ou mulher na sociedade. Essas ciências legitimam o padrão chamado de binário, dessa maneira fazem das experiências pessoais uma doença quando essas experiências próprias dos sujeitos não se encaixam no

padrão binário ou quando se desviam do padrão de gênero estabelecido socialmente (OLIVEIRA, 2017).

Nota-se que o discurso da ciência biomédica é que as pessoas que não se encaixam no padrão binário ou fogem desse padrão são pessoas transtornadas mentalmente, no sentido de as mesmas não conseguirem demarcar a sua identidade de gênero no sistema chamado de binário que é o seguinte: homem e mulher, macho e fêmea; masculino e feminino esse é sistema binário que tanto mencionamos Oliveira (2017). As pessoas trans a partir dessas exposições são colocadas como tendo um transtorno mental, ou seja, essas pessoas desobedecem a esse sistema binário, esse sistema não considera outros sentidos de ser homem ou mulher no mundo.

Isso é uma questão muito complexa pois as pessoas transexuais e travestis não tem suas identidades de gênero aceitas e respeitadas na nossa sociedade. Essas pessoas são discriminadas simplesmente por não se encaixar em padrão estabelecido socialmente que impõe regras e sentidos em ser homem ou mulher na nossa sociedade. As identidades trans precisam ser muito debatidas e desconstruídas no campo imaginário como identidades anormais, desviantes e anormais, para que esse público tenha suas identidades de gênero respeitadas, pois cada um vai ser expressar sua identidade de uma maneira única, particular no rumo do sentido construído socialmente de como ser homem ou mulher na sociedade. Algo que incide sobre isso é que o próprio discurso biomédico diz que essas pessoas que não seguem o padrão binário tem um transtorno mental, é uma questão muito complexa precisamos pensar muito ainda sobre as questões que estão intrínsecas a identidade de gênero de pessoas transexuais e travestis.

Pondera Oliveira (2017) é através desse modelo binário de gênero que os indivíduos transexuais passam a se questionar sobre sua própria identidade de gênero, no meio desse questionamento essas pessoas se sentem estranhos, sentem que estão em um corpo errado, a sociedade também questiona esses corpos, e tem olhares turvos sobre eles. As pessoas trans sofrem muito com esse duplo questionamento, e viver em sociedade se torna um pesadelo pois existe uma desarmonia consigo mesmo. A autora Bento (2006) relata que este sujeito tem a plena certeza que está em um corpo errado. Ele/ela nasceu em um determinado corpo, mais almeja e tem o desejo de ter nascido em outro corpo, a pessoa trans reconhece-se como sendo um sujeito de identidade de gênero oposta à do seu sexo biológico, o seu sexo constituído desde a sua concepção dentro do ventre materno.

Novamente ressalva Oliveira (2017) o sistema denominado heteronormativo é quem diz que a genitália define o que o sujeito é, através desse sistema a pessoa deve harmonizar o

seu corpo com a sua identidade sexual, e com sua sexualidade e vai mais além que o sujeito deve harmonizar o seu corpo biológico com a orientação- sexual afetivo posta como sendo ideal. É esse mesmo sistema diz que se acontecer uma discordância de um desses aspectos mencionados com os demais, haverá uma desaprovação moral a ser aplicada para eliminar o erro, mais de que maneira? Através de saberes-poderes médicos-jurídicos ou mesmo da própria sociedade, através das instituições e dos membros dessas instituições.

Devemos ponderar que não existe uma fórmula verdadeira e certa para definir a identidade de gênero das pessoas, pois estas classificações têm suas origens vindas de níveis intelectuais e discursivos. Ou seja, vem do plano teórico. Já no âmbito da prática tudo tende a se alterar, a se modificar em decorrência da construção social de cada sujeito. São vários aspectos que tendem a interferir na produção e construção da identidade do sujeito e está identidade na sua produção e construção passa a assumir diversos vieses (OLIVEIRA, 2017)

É claro que para grande parte das pessoas trans (sujeitos transexuais), a identidade de gênero precisa estar e ser inteiramente definida para que se ter o sentimento de conformidade consigo mesmo. Muitas das vezes, em decorrência da pressão da sociedade vinda das normatividades, das instituições escolares e das próprias pessoas da família, as pessoas transexuais (sujeitos transexuais) se sentem obrigadas a passarem pelo processo transexualizador, com o objetivo de se encaixarem no padrão social vigente Oliveira (2017). As pessoas transexuais passam pelo processo transexualizador com o objetivo de se sentirem aceitos (as) e respeitados (as) na sociedade, o/ a transexual solicita das ciências médicas e jurídicas uma garantia para que sua identidade de gênero seja de todo modo reconhecido e respeitado nos mais diversos ambientes

A autora continua, o sujeito transexual e a sua identidade sexual são a todos os momentos violados, os sujeitos trans não possuem o direito absoluto de perceber-se socialmente como homem ou mulher. Nesse contexto de muita negação e violação, e o respeito as pessoas trans temos, Está concordância em sentir-se homem ou mulher também necessita ser alvo de maiores investigações, principalmente quando levamos em conta que, para as pessoas transexuais, não lhes resta dúvida de que são homens ou mulheres, apesar do seu sentimento estar em oposição ao seu corpo biológico e ao que é imposto, instituído, legitimado pela norma cultural. A indagação a respeito do que é ser homem ou mulher talvez seja mais importante do que propriamente a obtenção de uma resposta [...] (SAMPAIO, LILIANA LOPES PEDRAL; COELHO, MARIA THEREZA ÁVILA DANTAS 2011).

Devemos também analisar e investigar essa harmonia e concordância no que tange ao sentimento de pertencimento e sentimento de ser homem ou mulher, pois quando vemos que

para os sujeitos transexuais não tem dúvidas de que são homens ou mulheres, mesmo quando esse sentimento está discordância com o sexo biológico, com o corpo generificado que é determinado pelas normas culturais. Ressaltamos que todo corpo tem biologia, mas essa não define o indivíduo. A inquietação levantada pela pergunta o que é se homem ou mulher muitas das vezes e mais relevante do que mesmo a obtenção de uma resposta para essa pergunta. Oliveira (2017) neste ponto de vista, os termos homem e mulher não tem regras fixas em nenhum lugar, assim não podem ser cobrados pelas ciências médicas e jurídicas um laudo que traga a comprovação que os/as trans são o que sentem ser. Os termos mencionados precisam de mais apuração, mais estudo, para que se tente chegar a um denominador comum se é que se pode chegar a esse denominador comum em relação a esses termos.

É difícil chegar a esse denominador comum em decorrência de tantas mudanças no cenário cultural frente a um mundo pós-globalizado. Desta maneira, não vamos nos ater de maneira profunda na investigação dos termos homem e mulher em sua grandeza, pois nem mesmo as mais famosas e renomadas ciências encontram um denominador comum e também não é um dos objetivos da nossa pesquisa/estudo Oliveira (2017). A transição do gênero masculino para o feminino rompe normas socioculturais milenares relacionadas ao que é ser homem e o que e ser mulher na sociedade, diante disso mulheres transexuais e as travestis no processo de auto identificação com o gênero oposto ao seu nascimento dizem não a essas normas milenares e assim transformam seus corpos, alteram seus corpos, dizem o que querem mais seus corpos e nessa transição vão se entendem como sujeitas pertencentes ao gênero oposto ao que lhes designado no nascimento. A Borboleta 9 narra sobre a produção do seu corpo, sua construção assim,

“Ah eu entendo que é pelos hormônios neh! pelos tratamentos estéticos, mais também não tem nada nada demais se a pessoa não que tomar hormônio. Cada uma produz sua feminilidade como deseja, algumas meninas sentem necessidade de tomar hormônio outras não, e tá tudo bem ninguém é obrigado a se encaixar no molde não. Mais eu entendo que a produção, transformação acontece através dos hormônios, tratamentos estéticos, e cirurgias plásticas” (Entrevista oral, Borboleta 9, 14 de junho 2021).

No Brasil notamos que a maioria das mulheres trans utilizam diversas estratégias, procedimentos estéticos, nome social, cirurgia de redesignação popularmente conhecida como mudança de sexo dentre outras situações para tornar-se mulheres trans em uma sociedade que sempre diz o contrário a essas sujeitas. A Borboleta 6 narra acerca da sua transição, “Depois da transição e com certeza eu estou bem mais confortável com meu corpo antigamente eu era uma pessoa bastante magrinha bem magra mesmo tinha o rosto masculino traços masculino

então não me sentia confortável até por que eu parecia que eu estava no corpo errado com o passar dos anos que os hormônios foi modificando meu corpo comecei criar gordura a gordura começou a se distribuir pelo corpo os seios crescem ai isso é muito gratificante neh! se fica muito feliz bastante então hoje eu estou bastante confortável com meu corpo. E aonde eu vou dentro de casa, fora de casa, no serviço na rua, eu me identifico e sou uma mulher trans” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho 2021).

A narrativa oral dessa protagonista nos conta através da memória como experiência já vivida que ela utiliza apenas hormônios para modificar o seu corpo, buscando assim adequar a sua identidade de gênero. Ela afirma se sentir muito mais confortável depois que começou a tomar os hormônios, pois a mesma começou então a ver que seu corpo estava ficando como ela deseja (um corpo com características femininas). Com o uso dos hormônios essa mulher trans transformou o seu corpo em uma transição do masculino para o feminino, ela afirma que antes da transição era muito magra, tinha traços de masculinidade no seu rosto e não se sentia confortável com seu corpo. Hoje ela se auto reconhece e se identifica como uma mulher trans.

Mesmo com os procedimentos cirúrgicos, estéticos, vestimentas, retificação de nome, etc. na nossa sociedade as mulheres trans têm a todo momento seus corpos, suas vivências, seus comportamentos e a sua identidade de gênero deslegitimada através de um discurso conversador pautado principalmente da ideia do sexo biológico como definidor do gênero. Isso mostra que essas protagonistas travam uma luta diária dentro uma sociedade que tenta a todo custo dizer que elas não são, que elas podem, vocês não são. Quem de nós nunca ouviu a seguinte frase: meu corpo minhas regras! Se formos analisar quando a sociedade baseada em cima de um discurso arraigado na biologia para definir o gênero dos sujeitos diz que homem é homem! Mulher é mulher! Ou quem tem vagina é mulher! Quem tem pênis é homem! “Sim, depois da transição de gênero eu me sinto uma mulher que eu nasci pra ser... preparada pro que der e vier, feliz disposta. Super confortável com meu corpo e cada dia me amando mais e mais e da sociedade eu não espero afirmação e nem nada, apenas que eles me aceitem e fodasse!” (Entrevista oral, Borboleta 7, 15 de junho de 2021).

Incide diretamente em cima diretamente da frase meus corpos minhas regras no sentido que quando a cultura machista, o patriarcado, a transfobia oprime, violenta, vulnerabiliza e marginaliza os corpos a frase mencionada na prática não é efetivada pois essas pessoas tem suas identidades negadas, são desautorizadas a serem quem são. Sendo a frase meu corpo minha regra não se aplica na integra quando se tem uma cultura vigente que prega um único modelo de ser mulher na sociedade excluindo assim as outras possibilidades de ser e estar mulher.

No caso das mulheres trans que na transição de gênero buscam serem reconhecidas como são, através de suas vivências que vão em desacordo as normas impostas pela cultura que estão inseridas enfrentam uma luta diária frente a uma sociedade cisheteronormativa, que baseia as condutas e comportamentos em relação ao gênero da pessoa a partir de um discurso genitista que exclui qualquer tipo de pessoa que tente ir além do gênero que lhes foi imposto no seu nascimento. “Ser uma mulher transexual travesti pra mim é se identificar com o gênero oposto ao do nascimento a partir do momento que você não se sente confortável com o seu corpo que você tem disforias com o seu corpo que você quer mudar aquilo que você quer que não e a sua realidade que sua realidade e ser uma mulher você é uma mulher transexual você é uma travesti” (Entrevista oral, Borboleta 9, 14 de junho de 2021).

O resultado das narrativas orais das entrevistas proporcionaram as noções/apreensões de movimentos de territorializações, desterritorializações e reterritorializações desempenhados pelas identidades e corpos trans em suas performances de gênero. A Borboleta 9 em sua história de vida narra a territorialização do gênero, a desterritorialização do gênero e reterritorialização do gênero, ou seja, ela teve sua identidade de gênero construída pela designação do gênero masculino, e ao passo que transita de gênero ela desterritorializa o gênero (abandona as normas do gênero de nascimento) e reterritorializa o gênero ao qual ela se percebe, o gênero feminino. A sua identidade foi territorializada como identidade masculina, desterritorializada como desviante da cisgenereidade e reterritorializada na identidade de gênero pela sua percepção de gênero através das suas performatividades que compõe a sua nova identidade na sociedade.

Os dados obtidos mostram que a transição de gênero para mulheres trans, se torna um momento de muitos traumas, medos, angústias, incertezas e também de muita resistência para enfrentar discursos de ódio que são proferidos em razão de imposições e normatividades pré-estabelecidas na cultura e no território em que vivemos. A história de vida da Borboleta 7 traz uma parte de suas lutas pela identidade de gênero no território e a cultura em que vive, ela narra que,

“Então se uma travesti é mais do que as pessoas pensam neh! por que só quem vive na pele sabe é uma luta diária todos os dias a gente tem que usar aquela roupa a gente tem que se arrumar pra poder sair pra um lugar a gente que é trans sempre tem que está seguindo os padrões femininos pra poder se sentir melhor com seu corpo e isso pra sociedade é uma coisa muito é injustiçada neh! que eles não aceitam de forma nenhuma e a nossa existência muitas pessoas nos trata de forma errada com muito preconceito e só quem é trans travesti sabe como que e essa luta não é fácil a gente sai sem saber se vai voltar pra casa a gente não sabe quem e quem então é uma luta difícil mais que requerer muito conhecimento é resistência entendeu ? então não é fácil e ser uma pessoa trans e todos os dias você acordar de cabeça erguida e lutar por sua vivência e resistir a tanta maldade que existe no mundo ne? Então é erguer a cabeça e nunca baixar pra nada” (Entrevista oral, Borboleta 7, 15 de junho de 2021).

Teoriza Félix Guattari (2012) mesmo sem nossa permissão ou consciência, o espaço construído dos territórios nos ditam regras nos aspectos históricos, afetivos, atitudes, econômicos. Os caminhos, as construções determinam subjetivações imperfeitas que se juntam a outras configurações de subjetividades. Os territórios se fabricam como solicitações de partes iguais, de ordem biológica, social, imaginária, semiótica, afetiva, política e cultural. Dessa forma, as performances de gênero e sexualidade e suas apropriações do território (territorialidade) escapam das representações essencialistas e das identidades supostamente feitas pelas mulheres trans. A Borboleta 7 sente na pele as práticas de subjetividades das condutas.

As mulheres trans em muitos casos, assentam nos territórios práticas de resistências, elas afirmam a potência da vida que pulsa, e constroem-se e reconstroem-se numa batalha com a ordem de vigilância e controle. A Borboleta 7 narra que só quem é trans ou travesti sabe dos preconceitos que ela enfrenta, ela trava uma batalha de ordem biológica, social, imaginária, semiótica, afetiva, política e cultural. É a luta pelo respeito de ser quem ela é, uma batalha em pensar de sair de casa e nem saber se voltará com vida.

Vamos refletir através das seguintes perguntas: o que é ser homem? E o que é ser mulher? Muitas pessoas irão dizer partindo de construções advindas de uma cultura machista, patriarcal, genitalista, falocêntrica etc. que ser homem é ter barba, ter voz grossa etc. irão dizer que ser mulher é ter seios, ter voz fina, ter cabelos grandes etc. A partir das construções socioculturais generificar e classificar quem nasceu homem é homem! Quem nasceu mulher é mulher! Dentre outras frases que remetem simplesmente ao sexo biológico de nascimento. Agora imagine uma pessoa trans ter que conviver todos os dias com esses discursos, essas narrativas reproduzidas e emitidas na nossa sociedade dizem muito sobre as identidades trans, diz muito no sentido que exclui essas pessoas de todas as formas da sociedade contemporânea pois esses discursos são incisivos e incidem diariamente nas identidades das mulheres trans.

Como alguém posso se sentir bem em uma sociedade que diz a todo momento você não é quem você é! Você é uma aberração! Se comporte! Vira homem! Isso é proibido e outras frases que são emitidas ferindo assim o direito de existir das mulheres trans, essas sujeitas não direito nem de existir em sociedade pois essa sociedade diz para elas a todo momento que suas identidades não são válidas, tudo isso se dá em razão do binarismo de gênero que não reconhece nenhuma forma de homem ou mulher para além do binômio macho-pênis-masculinidade, fêmea-vagina-feminilidade. Sem precisar mudar de cidade ou de país assim como as demais protagonistas da pesquisa a Borboleta 8 atravessa concepções

reguladores de gênero, identidade, corpo e sexualidade. A narrativa oral abaixo é uma transcrição da história de vida sobre a transição da identidade de gênero, onde ela nos contou como afirma sua identidade de gênero na sociedade em que mora,

“Sim, eu me sinto completa neh! querendo ou e o estereótipo tem um peso muito grande tanto pra pro interior neh! quanto pro externo quanto pra questão do pessoal, do convívio da interação pessoal e me sinto super bem quanto ao meu corpo e eu estou trabalhando isso psicologicamente sei que eu posso melhorar vai ser um processo gradativo neh! em partes vai ser doido mais eu me sinto feliz eu me sinto que eu estou me encaixando no que eu sempre que eu me encontrando e me conhecendo. Na sociedade eu afirmo minha identidade de gênero como uma mulher trans afirmo e reafirmo quantos vezes for necessário e quero e exijo respeito do das demais pessoas que ainda não tem conhecimento sempre procuro explicar neh! e me auto afirmar diante daqueles que não tem um conhecimento necessário” (Entrevista oral, Borboleta 8, 15 de junho de 2021).

A Borboleta 8 mora na cidade de Araguaína-TO, e sem sair da sua cidade do seu território e do seu país de origem ela passa por desafios enfrentados pelos corpos subversivos que traçam estratégias de evasão de códigos coloniais Deleuze Gilles e Félix Guattari (1995). Borboleta 8 faz a ruptura do sistema colonial de gênero e a sutura de uma nova identidade de gênero ao longo de sua história de vida até o momento das entrevistas. Rompeu a normativa de gênero, sexualidade, corpo e identidade. A protagonista narra o movimento de enfrentamento do preconceito, diante dos discursos que perpassam a sua transição da identidade de gênero, ela faz a subversão da identidade.

## **4 HISTÓRIA ORAL: PERFORMATIVIDADES E DISCURSOS DE SUBJETIVIDADES NA TRANSIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO DE MULHERES TRANS**

### **4.1 Narrando as Histórias de vida das protagonistas do estudo**

Este capítulo tem o objetivo de descrever e categorizar as narrativas a partir das histórias de vida de mulheres trans em Araguaína-TO sob suas performances e discursos de subjetividades que reverberam na transição da identidade, evidenciando como elas constroem e reconstróem suas identidades no corpo e por meio do corpo. Nossa pesquisa levantou uma analogia e teceu argumentos, e diálogos sobre relação dos estudos transgêneros com as questões relacionadas ao território e a territorialidade, buscando mostrar como as regras instituídas no território impactam com relações de poder na vida das mulheres trans e na produção das territorialidades. Já o território enquanto espaço-tempo-vivido aparece como resultado de processos diversos e complexos produzido nas tramas materiais e imateriais do cotidiano social (HAESBAERT, 2007),

Sendo que elas tecem novas configurações de apropriação do território em que vivem, apropriação esta, que visa o respeito e a não discriminação por parte dos demais indivíduos na sociedade, no território da família, da escola, território da luta. E nesse território de disputas, resistências, ausências e conflitos que elas territorializam e buscam seus espaços de legitimidade. Essa pesquisa de abordagem qualitativa foi aliada à metodologia da História Oral e a técnica da entrevista por viabilizar a construção de análises de categorias que evidenciam as narrativas de mulheres trans. A partir de um estudo qualitativo com as narrativas orais das protagonistas entrevistadas é possível ver como a formação do sujeito na contemporaneidade acontece em relação à construção e desconstrução da identidade, bem como, as performances e os discursos que perpassam a transição da identidade de mulheres trans Araguaína-TO.

No Primeiro momento vamos proceder com uma síntese descritiva sociológica e identitária das protagonistas da nossa pesquisa que narraram suas histórias de vida sobre as suas transições da identidade a partir da rememoração de fatos, acontecimentos e lembranças em relação à alguns aspectos subjetivos da sua própria personalidade, entre outros aspectos pertinentes às performances e às discursividades presentes na subjetivação da transição da identidade de cada uma das protagonistas. É imprescindível citar que as protagonistas receberam com muita afetividade e receptividade nosso convite em participar da pesquisa

para narrar suas histórias de vida. Todas aceitaram narrar parte de suas histórias de vida para que essa dissertação fosse possível de ser realizada com êxito. Por meio dessa pesquisa objetivamos tornar pública e visibilizar as histórias dessas mulheres trans

A metodologia da história oral possibilitou que pudéssemos narrar com essas mulheres trans sobre as suas histórias de vida em relação ao fenômeno da transexualidade e da identidade de gênero que são abordagens chaves da nossa pesquisa, essas histórias de vida estão carregadas de lembranças, afetos, medos, emoções e a memória individual de cada entrevistada sobre aspectos que o grupo compartilha de forma coletiva que é o sentimento de não pertencer ao gênero que lhes foi atribuído, não aceitação da família, desconforto com o próprio corpo, dificuldades de entender o processo de não aceitação da própria identidade que foi instituída ao nascer, dentre os aspectos subjetivos que são comuns às protagonistas. Elas compartilham da mesma experiência de ser mulher trans, porém, cada uma, em momentos diferentes e de forma distinta, transitam de gênero. A autopercepção de autodefinição é um aspecto subjetivo da identidade e das performances de cada uma delas.

Temos o objetivo de publicizar os testemunhos, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente em relação às histórias de vida das mulheres trans, a partir da História Oral para devolver a história às pessoas em suas próprias palavras. Quando damos a essas protagonistas um passado, estamos ajuda-as também a caminhar rumo a um futuro construído por elas mesmas Verena Alberti (2008). Narrando os percursos socioespaciais em suas vidas no que tange à não aceitação das imposições binárias do gênero, performatizando o gênero oposto ao do seu nascimento (BUTLER, 2003).

A questão acerca da memória sugere lembranças, recordações, fatos que gostamos de relembrar Vera Maria Antonieta Tordino Brandão (2008), como um presente ou uma data especial da infância, as memórias em relação a quem foi a primeira professora, o primeiro emprego, ou quem foi o primeiro amor. As memórias de cada protagonista foram imprescindíveis para que conseguíssemos obter os dados a fim de cumprir com o objetivo da pesquisa, corroborando a teoria com as memórias resgatadas do passado.

Conforme Lanz (2015) as pessoas trans são classificadas por possuírem um corpo identificado como “corpo errado”, como se existisse um corpo certo, e esse corpo seria o corpo de uma pessoa cis. E um dos dados mais relevantes para notarmos o quanto há de violência em nossa sociedade tem relação direta com as altas taxas de suicídio, mutilação e assassinatos. O suicídio ocorre pela falta de aceitação e apoio da família, o bullying na escola e demais instituições sociais, e até pela questão da não aceitação do seu próprio corpo, e de se

ver como uma pessoa anormal, uma aberração, ver-se como algo que está fora das normas padrões.

A comunidade trans tem diversos símbolos, como por exemplo, a bandeira trans com as cores azul, rosa e branco com seus respectivos significados, a própria data de comemoração do orgulho ser trans que é comemorada no dia 15 de maio, dentre outros símbolos que têm grande importância para essa comunidade, que ao longo do tempo vem reivindicando espaço na sociedade e a garantia dos seus direitos civis. Abaixo destacamos na figura 7 um dos símbolos da comunidade trans, ou seja, um dos símbolos da transexualidade que tem como figura representativa a borboleta usada pela comunidade para fazer analogia como as transformações e mudanças que em especial cada mulher trans da nossa pesquisa passou e ainda está passando em relação a transição da identidade de gênero, discursos e performances.

Já a figura 8 busca mostrar visualmente que as protagonistas da pesquisa assim com uma borboleta passaram e ainda passam por inúmeras construções e desconstruções identitárias, as metamorfoses quando transitam e performatizam o gênero apostado ao que lhes foi atribuído no nascimento. A Borboleta é um dos símbolos da transexualidade, a figura ilustra 10 borboletas que passaram pela metamorfose que nesse contexto da pesquisa significa a transição da identidade de gênero do masculino para o feminino. Cabe ressaltar que uma dessas borboletas representadas na figura 8 é a autora da pesquisa que também é uma mulher trans, e faz parte do mesmo grupo identitário/social ao qual a pesquisa foi realizada.

Figura 7-Símbolo da transexualidade



Fonte: Adaptada pela pesquisadora

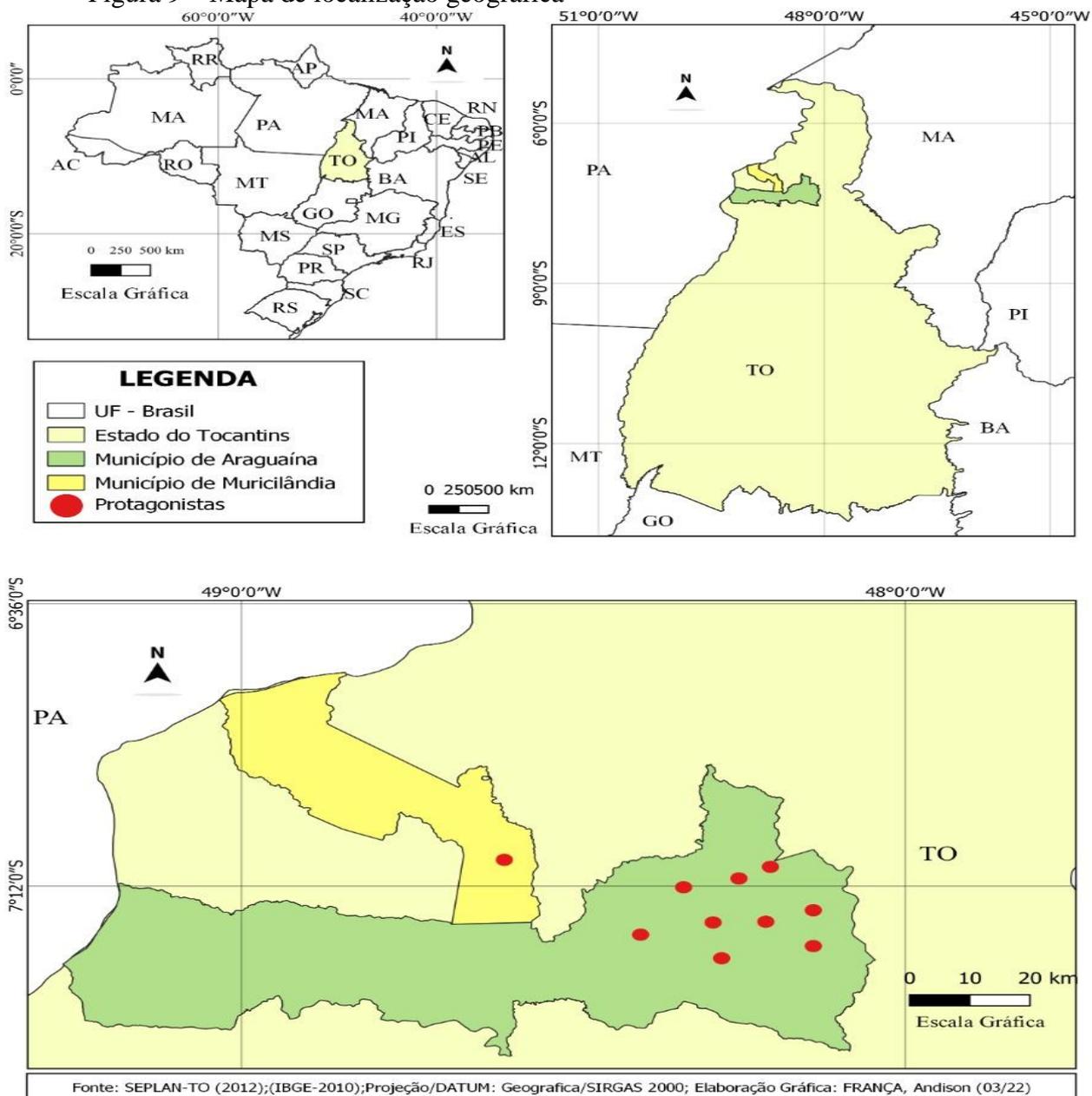
Figura 8- Da lagarta a borboleta<sup>20</sup>

A pesquisa foi realizada na cidade de Araguaína-TO (figura 9), localizada na região norte do estado do Tocantins, há aproximadamente 370 km da capital Palmas-TO. Em Araguaína-TO está localizado um dos dois campus da UFNT, local em que se concentra o PPGCult. O estado do Tocantins está destacado na cor bege no mapa de localização geográfica das protagonistas entrevistadas, na cor amarela está destacado o município de Muricilândia-TO e na cor verde está destacado o município de Araguaína-TO.

Na cor vermelha estão destacadas as 10 mulheres trans e travestis da nossa pesquisa. O objetivo do mapa é ilustrar onde moram as protagonistas do nosso estudo relacionando as performances e discursos de subjetividades na transição da identidade de gênero com os estudos transgêneros com a questão do território e da territorialidade produzida por cada uma no decorrer das suas transições da identidade.

<sup>20</sup>Arte foi elaborada pelo Professor Gleicivan Moreira de Oliveira no ano de 202

Figura 9 – Mapa de localização geográfica



A opção pela presença da figura 9 (mapa) no estudo se deu a partir do entendimento empírico que possivelmente sem a nossa pesquisa a sociedade em geral não conheceria de forma escrita a história de vida dessas mulheres, nos preocupamos em visibilizar as vozes potentes dessas mulheres que carregam consigo as lembranças de um passado que para a maioria delas foi de muito sofrimento, incertezas, depressão e o desconforto com o próprio e com a identidade de gênero atribuída desde o nascimento. Por isso a figura 9 (mapa) é para visibilizar onde estão essas protagonistas.

Conforme Haesbaert (2007) a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está

intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. Nesse sentido as protagonistas da nossa pesquisa organizam-se no espaço em que estão inseridas e dão significado ao lugar que tanto as excluem socioculturalmente. Tecem relações culturais de enfrentamentos e resistências para poderem existir e almejam que dentro espaço e do lugar sejam respeitadas.

Em relação as entrevistas semiestruturadas Carlos Rodrigues Brandão (1987) afirma que é um procedimento metodológico possível de ser realizado, já que as entrevistas semiestruturadas evidenciam as experiências de cada sujeito, destaca opiniões e ideias acerca de determinados assuntos e contribui para a construção de um caminho, avaliação e compreensão sobre determinado tema. Os dados obtidos através da técnica de entrevista semi estruturada nos permitem visualizar na figura 9 (mapa) as 10 mulheres trans que revelaram as experiências dentro da percepção do gênero feminino quando narraram sobre suas trajetórias de vida contando como foi e está sendo a transição da identidade de gênero. Nas entrelinhas do mapa temos as opiniões de cada uma sobre transexualidade, travestilidade, corpo, hormônios, o que é ser mulher trans e outras questões que fizeram parte do questionário semiestruturado. As opiniões de cada uma contribuíram para a construção de um caminho, análise, sistematização dos resultados e a compreensão sobre o problema e os objetivos da nossa pesquisa.

Os resultados alcançados são produto da captação e junção entre teoria e a análise dos conteúdos obtidos através das transcrições após as entrevistas, segundo o objetivo e a questão problema do nosso estudo. As análises de conteúdo foram realizadas a partir da relação teórica-metodológica, sendo obtidas várias fontes de caráter qualitativo tais como os bancos de dados, artigos científicos, monografias, dissertações, teses e fontes orais. O mapa acima destaca o estado do Tocantins e dois municípios no recorte territorial, o primeiro município é a cidade de Araguaína-TO, nessa cidade residem as seguintes protagonistas da pesquisa: Borboleta 1, Borboleta 2, Borboleta 3, Borboleta 4, Borboleta 5, Borboleta 6, Borboleta 7, Borboleta 8, Borboleta 9 e a Borboleta 10. Essas são 9 das 10 das nossas protagonistas que foram entrevistadas.

O segundo município nesse recorte territorial do estado do Tocantins é o município que reside atualmente uma das nossas integrantes da pesquisa que se chama Borboleta 1. Essa protagonista na época da pesquisa estava trabalhando em Araguaína-TO, porém reside com sua mãe na cidade de Muricilândia-TO. Ela passava a semana em Araguaína-TO e as finais de semana vai para sua cidade de residência, essa mulher assim como as demais passa e passou por inúmeras lutas. Os corpos trans destacados na figura 9 produzem e exercem poder e

territorialidade, são as novas atoras que emergem na sociedade produzindo poder com seus corpos, com suas identidades, com suas performances de gênero a partir dos discursos de subjetividade que reverberam sobre as suas transições da identidade gênero, essas mulheres são parte do mesmo grupo.

Aquele poder que era exercido pelo estado como aponta Claude Raffestin (1993) agora é exercido por essas sujeitas na sociedade, dentro dos territórios aos quais elas estão inseridas. Raffestin (1993) ainda fala sobre a territorialidade, onde afirmamos que as entrevistadas e a pesquisadora como destacado em vermelho no mapa as posicionando geograficamente mantém relação não somente com o território que estão inseridas, mais também mantém relação com as demais pessoas. Raffestin (1993) afirma que a territorialidade é mais do que uma simples relação social entre homem e o território, assegura que para além da demarcação de parcelas de cunho individual existe assim uma relação entre os homens na sociedade. Para esse autor a territorialidade é um conjunto de relações que tem a gênese num sistema tridimensional: sociedade-espaço-tempo, em caminhos de atingir muito mais autonomia, compatível com os recursos disponíveis no sistema.

Sendo assim cada protagonista dessa pesquisa além de manter relação sociais na cidade em que vive, também mantém relações sociais com as demais pessoas da sociedade. Nas entrevistas realizadas foi possível perceber as diversas realidades que cada protagonista viveu e vive em relação à família, mercado de trabalho, transição, escola etc. Cada uma produz uma relação com o território, mas ainda produzem relação com as demais pessoas em sociedades. As territorialidades dos corpos trans vão se evidenciando nas falas das nossas protagonistas onde cada uma narra as suas trajetórias de vida, onde percebemos as relações com as cidades que moram e as pessoas que conviveram e convivem no dia. Existem relações de poder no e por meio do território que estão morando, as territorialidades de cada sujeita dessa pesquisa e narrada na tentativa de mostrar como cada protagonista transforma o seu corpo e constroem e reconstroem a sua identidade.

Na mesma cidade e no mesmo estado cada mulher está inserida socialmente irão exercer e produzir e territorialidade de maneira distintas, como foi narrado nas entrevistas, cada uma em momentos específicos e temporalmente, de uma maneira singular, em uma idade diferente. Cada ponto em vermelho destacado nos municípios de Araguaína-TO e Muricilândia-TO, representa o poder e as territorialidades de cada mulher trans que relataram suas histórias de vida. Agora vamos sinalizar algumas descrições sobre o estado do TO, as cidades de Araguaína-TO e a cidade de Muricilândia-TO com o objetivo de mostrar aos leitores algumas características geográficas do TO e das duas cidades no recorte territorial

visualizadas na figura 9 (mapa) localização geográfica das protagonistas.

São 10 protagonistas sendo 8 delas que se autodenominaram mulheres trans, 1 delas se autodenominou transgênero e 1 delas se autodefiniu como travesti, as entrevistadas construíram e reconstruíram as suas identidades de gênero, performatizam e estão a performatizar o gênero ao qual se identificam no estado e na cidade que residem, em especial nas cidades de Araguaína-TO, e Muricilândia-TO. Na cidade de Araguaína-TO territorializam as 10 entrevistadas, duas delas não são naturais dessa cidade de Araguaína-TO. A primeira é Borboleta 10 que nasceu na cidade Balsas-Maranhão mais atualmente territorializa e reside na cidade de Araguaína-TO. Já a segunda entrevistada nasceu na cidade Fortaleza-Ceará, a mesma atualmente territorializa na cidade de Araguaína-TO e Muricilândia-TO, e terceira entrevistada Borboleta 9 que nasceu na cidade de Carolina-Maranhão, atualmente ela reside e territorializa na cidade de Araguaína-TO.

Na sequência vamos descrever aos leitores algumas características do estado do TO, estado. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Araguaína-TO possui uma área da unidade territorial de 277.423,627 km<sup>2</sup>. Em relação a população estimada segundo dados do IBGE de 2021. O estado do Tocantins tem uma população de 1.607. 363 pessoas. Os dados de 2010 do mesmo instituto mostram dados referentes a densidade demográfica do estado do TO. A densidade demográfica é de 4, 98 hab/Km<sup>2</sup>.

É neste estado que atualmente territorializam as nossas 10 entrevistadas, cada uma com um jeito singular e específico como mostrou as entrevistadas realizadas, salientando que nove 10 entrevistadas moram em Araguaína-TO e uma apenas mora na cidade de Muricilândia-TO. As entrevistadas evidenciaram as trajetórias de vida de cada protagonista, onde cada uma delas dentro do território que estão inseridas a partir do processo de transição de gênero do masculino para o feminino produziram e produzem seus corpos para adequar-se ao gênero que se sentem pertencentes.

Para compreendermos melhor as diversos termos técnicos e conceitos que foram utilizadas nesse estudo trouxemos um pequeno glossário em anexo baseado nas orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos que estão no disponíveis no guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Esse guia é de autoria da ativista e professora Jaqueline Gomes de Jesus, o material foi publicado no ano de 2011. As terminologias técnicas e os conceitos apresentadas no glossário em anexo vão desde a sexualidade até a identidade de gênero, o guia já citado traz essas terminologias técnicas, mas atualizadas sobre a comunidade LGBTI+ e é referência adotada nos estudos sobre essas temáticas. As entrevistaram nos mostraram que a desconstrução e construção da

identidade de gênero fixada pelo binarismo de gênero aconteceu a partir das narrativas das protagonistas entrevistadas desde a mais tenra infância, quando as protagonistas narram que desde cedo não se sentiam pertencentes e não se encaixavam no gênero qual lhes imposto no nascimento.

Ao mesmo tempo a construção de uma nova identidade de gênero em desconformidade com as normas impostas socioculturalmente ao gênero que nascimento acontecem também na mais tenra infância, quando as protagonistas narram que desde muito cedo já percebiam como mulheres, tinham gosto pelas roupas, acessórios etc. que são ditos socioculturalmente como atributos designados ao gênero feminino. Portanto, afirmamos que ao mesmo tempo que ocorre a desconstrução de uma identidade de gênero ocorre a construção de uma nova identidade. Conforme Hall (2000) as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplicadamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições. A identidade surge do diálogo entre os conceitos e definições representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por estes significados.

A nova identidade de gênero assumida pelas nossas protagonistas vem de encontro ao que Hall (2000) assevera sobre as fragmentação e fraturas das identidades, sendo assim as identidades de nossas entrevistadas foram fragmentadas e fraturadas pois não se percebem dentro das identidades que lhes foram impostas desde o nascimento. Para analisar os discursos presentes nas narrativas orais das protagonistas da pesquisa elaboramos as seguintes categorias de análises dispostas na tabela 1 abaixo, partindo dos dados obtidos através das narrativas orais de cada entrevistada.

- 1) Etapa do ciclo vital no qual passou ou estar passando no processo de identificar-se como mulher trans (metamorfose);
- 2) Procedimentos e estratégias utilizadas para produzir novo arranjo corporal e sua identidade de gênero do masculino para o feminino;
- 3) Autoaceitação e autopercepção da identidade trans;
- 4) Desafios enfrentados na transição de gênero;

Tabela 1 – Categorias de análises

Categorias de análise	Conceitos norteadores
Etapa do ciclo vital no qual passou ou estar passando no processo de identificar-se como mulher trans (metamorfose)	Esta categoria aborda aspectos relacionados a transição da identidade de gênero das mulheres trans entrevistadas, em especial quando elas começaram a se perceber e se identificar com o gênero oposto ao que lhes foi atribuído ao nascer. Resgatamos as memórias coletivas, e a história oral de vida de cada uma Jacques Lacan (1977), Judith Butler (2003), (2013) ,2018) Leite JR (2011) Maurice Halbwachs (2003), Alessandro Portelli (2016).
Procedimentos e estratégias utilizadas para produzir novo arranjo corporal e sua identidade de gênero do masculino para o feminino	Ilustra as narrativas das protagonistas que apontam o que fizeram e fazem para transitar de um gênero para outro Michel Foucaut (1993), Rogério Haesbaert (2004), Claude Raffestin (1993), marcos aurelio saquet (2009), Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beavouir (1980), Letícia Lanz (2015)
Autoaceitação e autopercepção da identidade trans	Aborda as falas das protonistas são as idas e vindas na construção e reconstrução da identidade e as nuances dessa nova identidade social de gênero Stuart Hall [1996] (2000), (2003)
Desafios enfrentados na transição de gênero.	Narra os desafios encontrados por cada protagonista em relação os processos de transição da identidade de gênero, os impactos advindos dessas mudanças Guacira Lopes Louro (2010), Didier Eribon (2008) Rubra Pereira de Araujo e Flavio Pereira Camargo (2012), Moura et al (2019)

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir dos dados obtidos da pesquisa (2022).

A análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977) e em Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (2008) pode aqui nos ajudar com os dados obtidos que foram surgindo e que caminhavam para uma possível resposta para as questões de nossa investigação. Após as transcrições das narrativas orais e de partes do diário de campo, precisávamos organizá-los para análise dos conteúdos. Com essa finalidade utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo que Bardin (1977) define essa metodologia como, um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Sendo assim, consideramos que as técnicas e as metodologias escolhidas para uma

pesquisa devem comunicar-se com o referencial teórico adotado, deve ser feita a escolha dos critérios de inclusão, exclusão, escolha das pessoas que serão entrevistadas. É preciso pensar no passo a passo das condições de produção, elaboração e recepção dos dados que tem variáveis inferidas dentro de cada mensagem recebida. Todas as fases da pesquisa devem dialogar desde a pré-entrevista, entrevista até a fase das transcrições e análise dos conteúdos advindos das entrevistas realizadas.

De acordo com Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (2008) a mensagem poder ser verbal (oral ou escrita) gestos, silêncios, figurativa, documentos ou diretamente provocada. Em nossa pesquisa tivemos várias mensagens que foram sendo geradas dentro desse processo: aquelas dos orais, das falas realizadas durante as entrevistas virtuais realizadas por *WhatsApp*, as mensagens silenciosas que fomos percebendo estavam nas pausas e as gestuais que percebemos estavam nos sorrisos durante as entrevistas individuais e que foram sendo registradas no diário de campo da pesquisadora.

Uma de nossas preocupações que tínhamos em mente em para não fazermos, como diz Bardin (1977) uma compreensão espontânea dos dados obtidos que estavam sobre sua guarda. A preocupação era termos uma atitude de constante vigilância crítica das narrativas recebidas, é por essa situação, buscamos, por meio das inferências, fomos atribuindo as falas significados. A construção e desenvolvimento da nossa pesquisa passou pelas fases apontadas por Bardin (1977) e Franco (2008) e apresentadas a seguir.

#### 1) Fase: Pré análise

Para Bardin (1977) é a fase de organização dos dados obtidos com o objetivo de construir o corpus da pesquisa. Esse corpus da pesquisa é o conjunto de documentos tidos em conta para serem analisados por procedimentos metodológicos de análise. A fase de construção do nosso corpus se mostrou uma atividade bastante difícil, que implicou em escolhas para a elaboração de um plano de categorias de análise com conceitos norteadores. Nesse momento tínhamos mais de 20 páginas resultantes dos procedimentos de obtenção dos dados. Surgiram inúmeras perguntas: Como categorizar? Como ouvir todos esses áudios? O que fazer com todas essas narrativas? Como corroborar as falas das entrevistas com as teorias sobre o tema? Essas e outras questões começaram a nos incomodar, inquietações.

No Processo realizamos a leitura flutuante, ou seja, buscamos estabelecer uma primeira noção das mensagens nelas contidas, deixando-nos envolver por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas Franco (2008). Voltamos a questão da investigação e o objetivo proposto e passamos então para a escolha dos referenciais

teóricos. Como escolher esses arcabouços teóricos que iriam compor nosso corpus? Esses seriam suficientes para nos ajudar a inferir nas respostas e alcançar nosso objetivo? Para obtermos auxílio para esses questionamentos e nossas angústias, uma vez que estávamos buscando ultrapassar a compreensão instantânea, apelamos às regras descritas por Bardin (1977) ainda sobre a pré-análise da pesquisa.

- Regra da exaustividade: quando o corpus da pesquisa está definido é preciso ter em conta todas as partes constituintes desse corpus Bardin (1977). Tínhamos os registros orais e escritos entre entrevistas e anotações no diário de campo para a caracterização das protagonistas.

- Regra da representatividade: A análise pode ser efetuada numa amostra que o material a essa finalidade se preste. A amostragem diz ser rigorosa se a amostra a ser analisada for uma parte representativa do universo inicial Bardin (1977). Nossa pesquisa, não recorreu a uma amostragem por não consideramos que fosse relevante, pois nossa pesquisa é de natureza qualitativa e nosso universo era viável de ser analisado em sua totalidade.

- Regra da homogeneidade – os documentos armazenados devem ser homogêneos, isso quer dizer, devem obter a critérios precisos de escolha e não podem estar fora dos critérios de escolha de forma demasiada Laurence Bardin (1977). Compreendemos que nossos documentos estão de acordo com essa regra. Os questionários semiestruturados, roteiro para entrevista, TCLE foram os mesmos para todas as protagonistas.

- Regra de pertinência: os documentos guardados devem ser adequados, enquanto fonte carregada de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que promove a análise Laurence Bardin (1977). Essa regra está fortemente ligada à da homogeneidade. Compreendemos que, em nossa pesquisa, as fontes foram adequadas ao objetivo e questão problema da investigação da pesquisa. De acordo com o que será explicitado na análise de conteúdo dos dados da pesquisa.

Os instrumentos que compuseram nosso corpus de pesquisa são sintetizados, no quadro 1. O objetivo do quadro é trazer uma ideia geral dos instrumentos que foram usadas para realizadas e desenvolver a pesquisa. As etapas da pesquisa são ligadas aos instrumentos norteadores da pesquisa e transcorrem conforme os instrumentos no quadro abaixo:

Quadro 1. Instrumentos norteadores da pesquisa

<b>Instrumentos</b>	<b>Fase da pesquisa</b>	<b>Envolvidas</b>	<b>Descrição</b>
Registro escrito/digitalizado	Etapa I	Pesquisadora e protagonistas	Assinatura do Termo de Consentimento Livre e esclarecido-TCLE
Registro oral	Etapa I	Pesquisadora e protagonistas	Recolhido através das entrevistadas semi estruturadas
Registro reflexivo	Etapa II	Pesquisadora	Realizado após a transcrição das narrativas
Análise dos dados obtidos	Etapa II	Pesquisadora	Realizado com fundamentação teórica-metodológica
Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação	Etapa II	Pesquisadora	Realizado com fundamentação teórica-metodológica afim de corroborar as narrativas orais com as teóricas levantadas.

Fonte: Organizado pela pesquisadora com nas entrevistas orais (2022)

Partimos agora para a segunda fase apresentada por Bardin (1977) e Franco (2008), nessa fase expomos as os dados obtidos através das entrevistadas orais realizadas com 10 mulheres trans com a intenção de respondermos aos objetivos e a problemática da nossa pesquisa. Exploramos cada fala das protagonistas entrevistadas, esse procedimento ocorreu a partir da transcrição dos áudios registrados pelas entrevistas online que foram realizadas pelo aplicativo de *WhatsApp* com as protagonistas selecionadas para a participação do nosso estudo.

#### Fase 2- Exploração do material

É nessa fase que o corpus estabelecido deverá ser estudado com maior ênfase, com o objetivo de estabelecer as unidades de registro e unidades de contexto. Para Laurence Bardin (1977) os resultados brutos são tratados de maneira que venham a ser significativos (falantes) e válidos. Bardin (1977) se a pré-análise for bem realizada, essa fase posterior não é mais do

que a administração sistemática das decisões que foram tomadas para a realização e o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse rumo, partimos para a determinação das unidades de registro. A unidade de registro é considerada a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias elencadas Franco (2008), para essa mesma autora os registros podem ser diferentes tipos que podem estar inter-relacionados: a palavra, o tema, o personagem, o item. Definimos por escolher o tema como unidade de registro por ser uma afirmação sobre determinado assunto que envolve não apenas componentes racionais, mas também de cunhos ideológicos, afetivos e emocionais Franco (2008). O tema é a considerado a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto que foi analisado de acordo com certos critérios relativos à teoria que serve de fundamentação teórica à leitura (BARDIN, 1977).

Retornamos aos dados obtidos, por meio dos recursos metodológicos aplicados, os registros orais (entrevistadas individuais e transcrições dessas entrevistas) e escritos (anotações no caderno de campo, registros reflexivos), construídos nos encontros não presenciais, e fomos explorá-los. Olhamos cada um desses momentos de maneira isolada, buscando as unidades de significação a partir de temas. Em alguns casos, o uso de computadores pode ser interessante para a análise de conteúdo, como por exemplo: quando a unidade de registro é a palavra. Em outros casos, a utilização de computadores pode ser ineficaz quando a análise é de caráter exploratório ou a unidade de codificação for extensa (discurso ou artigo), mas não foi o nosso caso pois nosso foco foram as narrativas orais. Apresentamos no próximo tópico a seguir a formação das categorias de análise.

### 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

Os dados obtidos a partir das fontes orais foram tratados de maneira que pudessem ser significados fazendo uso, em nosso caso, de tabelas e quadros, estabelecendo a partir das quatro categorias de análise e do quadro de instrumentos usados para a realização e desenvolvimento da pesquisa, que de acordo com Bardin (1977) surgem por meio de uma operação de classificação dos elementos formadores de um conjunto, por diferenciação e, posteriormente, por reagrupamento segundo a analogia, com os critérios anteriormente definidos.

Esse detalhamento minucioso foi importante, pois permitiu que ficássemos imbuídas dos dados, uma vez que, a cada etapa, fazíamos muitas leituras dos mesmos, o que foi nos possibilitou ir notando as particularidades que poderiam ter ficado de lado, se não fosse o processo de idas e vindas no material obtido não seríamos capazes de perceber certos

momentos que poderiam ficar sem ser contados. Dessa maneira, fomos buscar o estabelecimento das categorias de análises, ponto primordial para nossa análise das narrativas como, como nossas fontes orais, nosso alvo sempre na questão de análise, no objetivo da pesquisa e na teoria que seria o nosso fio norteador, os conceitos norteadores como por exemplo:

- Jacques Lacan (1977) fala sobre a questão da formação da personalidade ainda na infância;
- Judith Butler (2003), (2013), (2018) fala sobre gênero, performance e performatividade;
- Maurice Halbwachs (2003) fala sobre a memória coletiva e experiência vivida;
- Alessandro Portelli (2016) fala sobre a história oral como uma possibilidade metodológica;
- Michel Foucault (1993) fala que onde há poder há resistência;
- Rogério Haesbaert (2004) fala da questão do território;
- Claude Raffestin (1993) fala muito sobre a questão da territorialidade;
- Marcos Aurelio Saquet (2009) fala sobre a questão do território e da territorialidade;
- Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1980) fala sobre a diferença do sexo biológico e do gênero;
- Letícia Lanz (2015) fala sobre gênero e sexualidade;
- Stuart Hall [1996] (2000) (2003) fala a formação do sujeito na pós-modernidade;
- Guacira Lopes Louro (2006) fala sobre gênero, sexualidade e educação;
- Didier Eribon (2018) fala sobre a injúria e difamação contra a população LGBTI+;
- Rubra Pereira de Araújo e Flávio Pereira Camargo (2012) falam sobre gênero e diversidade no currículo escolar;
- Moura et al (2019) falam sobre empregabilidade para a população trans;

A tabela 1 acima apresenta as categorias de análise estabelecidas com os conceitos norteadores de cada categoria elencada, para corroborar com as falas das protagonistas que foram entrevistadas e que com suas narrativas orais compõem o nosso estudo. Nossa intenção foi mostrar o percurso teórico-metodológico para a formação e análise dos dados, o que se mostra relevante para dar qualidade à pesquisa em todas suas etapas de construção e desenvolvimento e corroboração das narrativas orais para responder aos objetivos do estudo.

As mulheres trans entrevistadas integraram o processo do conhecimento e interpretaram os acontecimentos, dando cada uma um significado próprio em que essas mulheres trans não foram objeto inerte ou neutro, mas estavam carregadas de significados e relações que as mesmas criaram em suas ações (CHIZZOTTI, 1991).

Na pesquisa com as mulheres trans, dialogamos com a metodologia da História Oral com ênfase da História de Vida, nossa pesquisa de caráter qualitativo não se preocupou em quantificar os dados obtidos, mas produzir conhecimento e compreender os acontecimentos ditos através das memórias. As entrevistas estão sendo a técnica utilizada para a construção e análise das narrativas de histórias de vida das protagonistas entrevistadas. No final da pesquisa trazemos as principais questões que serviram de base metodológica e direcionaram a aplicação dos questionários semi estruturados para as entrevistas (APÊNDICE 2 e APÊNDICE 3), lembrando que cada entrevista foi se materializando a partir da trajetória vivida por cada mulher trans. Vale ressaltar que fizemos o uso do TCLE (APÊNDICE 1) para que as mulheres trans e autorizassem o uso de suas narrativas na pesquisa, zelando assim pela sigilo das informações.

Os resultados apresentados nessa síntese descritiva sociológica a qual mencionamos acima estão elencados no quadro 2, abaixo. Os dados são advindos da aplicação de um questionário semi estruturado chamado de questionário de perfil da entrevistada que teve como objetivo obter dados sobre a identidade, a idade, a orientação sexual, a naturalidade, a residência atual etc. Objetivamos conhecer e retratar aos leitores, a partir da aplicação desse questionário semi estruturado quem foram as protagonistas da nossa pesquisa, o perfil sociológico de cada uma. O questionário semi estruturado foi composto de perguntas abertas e fechadas guiado por perguntas que objetivaram saber sobre a transição de gênero de mulheres trans. Iremos dialogar, descrever, narrar e teorizar com as narrativas orais. Narrativas carregadas de inúmeros fatos.

O objetivo dessa descrição das protagonistas é situar os leitores acerca de quem são essas mulheres na sociedade, sendo que elas, por viverem suas identidades e performances de gênero em desacordo as normas binárias de gênero, sofrem discriminação e preconceito no âmbito sociocultural. Nosso estudo não é inédito, visto que, inúmeros estudos já foram realizados com mulheres trans. Nosso diferencial é não vê-las, meramente, como dados, mas como protagonistas de suas vivências, trajetórias e identidades que, para nosso estudo, tornam-se essenciais para um estudo exitoso. Para assim tornar a pesquisa inédita da forma que foi feita.

Por isso, essas mulheres trans muitas das vezes não tem suas histórias de vida contadas em livros, artigos etc. Em virtude dessas circunstâncias queremos enfatizar quem são e como vivem essas mulheres na sociedade tocantinense, em especial nas cidades de Araguaína-TO onde 9 dessas mulheres residem, e em Muricilândia-TO onde uma delas reside com sua mãe. Um dos objetivos específicos desse trabalho é publicizar as histórias de vida dessas protagonistas fora dos contextos vitimizantes e levados ao exotismo, é de extrema relevância que os leitores dessa dissertação conheçam um pouco da trajetória de vida dessas integrantes que têm suas vozes silenciadas e suas identidades de gênero deslegitimadas em uma sociedade binária de gênero. Sociedade esta, que não aceita as suas identidades construídas e que seus corpos sejam transformados com o objetivo de serem quem realmente almejam e querem ser.

Então, acompanhe conosco as histórias de vida dessas mulheres trans para que possam conhecer um pouco dessas protagonistas que foram entrevistadas. Queremos contribuir com o desenvolvimento desse estudo tanto para a universidade como para a sociedade em geral. É com imensa satisfação que vamos narrar um pouco da história de vida dessas destemidas mulheres trans que enfrentam a todo momento um dilema para serem quem são em uma sociedade que nega suas próprias existências. O quadro 2 abaixo, traz o perfil das protagonistas da pesquisa com destaque para a metamorfose, idade, identidade de gênero, orientação sexual, cidade, naturalidade e fase do ciclo vital em que se identificou como pertencente ao gênero oposto ao que foi instituído ao nascer.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com essas mulheres mostraram que das 10 integrantes, 9 delas se auto afirmaram como mulheres trans, 1 se autoafirmou como sendo travesti e 1 se autoafirmou como transgênero. A idade das protagonistas entrevistadas varia de 19 anos a 30 anos, sobre onde moram e/ou residem apenas 1 delas não reside em Araguaína-TO, que é a protagonista Borboleta 1, na época da pesquisa ela residia na cidade de Muricilândia-TO e estava morando em Araguaína-TO para trabalhar no mercado formal em uma loja de bijuterias. Sobre a orientação sexual (afetivo-sexual) das mesmas apenas uma delas se autoafirma como sendo bissexual (bissexual sente atração pelos dois gêneros), 9 delas se auto afirmam como sendo heterossexual (ou seja, sentem atração pelo gênero oposto ao seu). Salientamos que orientação sexual é diferente de identidade de gênero, sendo assim, mulheres trans podem ser heterossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais, homossexuais etc. Esses conceitos são descritos no glossário em anexo afim que os leitores percebam e conheçam o que é orientação sexual e o que é identidade de gênero.

O quadro 2 a seguir traz a descrição sucinta das protagonistas entrevistadas durante o mês de junho de 2021, os dados destacados nesse quadro ilustram a trajetória de vida de

mulheres trans, que, desde criança não estavam dentro das conformidades estabelecidas para o gênero e os papéis sociais de gênero masculino. A composição desse quadro contém as Histórias de vida de mulheres trans que estão no estado do Tocantins em especial nas cidades de Araguaína-TO e Muricilândia-TO. Essas protagonistas narraram sobre suas afirmações identitárias e sofrimento vivido por muitas ao começar a expressar a sua identidade de gênero para a sociedade e dentro das suas casas.

As narrativas que compõem os dados obtidos apresentados no quadro 2, abaixo, foram transcritas a partir das entrevistas semiestruturadas. As narrativas contam a vida das protagonistas desde o início da metamorfose até o momento das entrevistas e elucidam a permanência de práticas e discursos que são usados para desrespeitar as diferenças, negando a possibilidade de construção da dignidade a determinados grupos, como por exemplo, o grupo de mulheres trans. Os discursos presentes nas narrativas foram as fontes chaves para o estudo.

Quadro 2 – Descrição sociológica e identitária das protagonistas

<b>Metamorfose</b>	<b>Idade</b>	<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Cidade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Fase do ciclo vital em que se identificou como pertencente ao gênero oposto</b>
Borboleta 1	30 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Muricilândia-TO	Fortaleza-CE	Infância
Borboleta 2	20 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 3	24 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 4	29 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 5	19 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 6	24 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 7	23 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Adulta
Borboleta 8	25 anos	Mulher Trans	Bissexual	Araguaína-TO	Araguaína-TO	Infância
Borboleta 9	21 anos	Mulher Trans	Bissexual	Araguaína-TO	Carolina-Maranhão	Adolescência
Borboleta 10	19 anos	Mulher Trans	Heterossexual	Araguaína-TO	Balsas-Maranhão	Infância

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nas entrevistas orais (2022).

A construção dessa pesquisa só foi possível de acontecer a partir das narrativas cedidas pelas mulheres trans protagonistas, só conseguimos conhecer essas mulheres trans com suas singularidades e subjetividades, quando elas narraram suas histórias de vida. Assim, elas protagonizaram a discussão acerca dessa temática. As narrativas orais contendo às histórias de vida de cada uma foram expostas à pesquisadora como por exemplo: nome, idade, orientação sexual, quando começou a transição da identidade de gênero dentre outros aspectos estritamente pessoais de cada mulher que compõe esse quadro acima. As histórias de vida de cada uma enriqueceram nosso arcabouço teórico-metodológico, a fim de construir uma pesquisa em que essas mulheres trans fossem as autoridades narrativas, para além da teoria levantada, as narrativas foram necessárias para narrar com elas, e publicar na universidade, na ciência e para fora dela, suas narrativas orais de vida.

Os conhecimentos que cada uma delas nos passaram, são conhecimentos articulados entre a negação de suas identidades e a resistência que cada uma delas demonstra ao contar seus processos de mudanças, performances e os discursos que perpassam a transição de gênero de cada protagonista entrevistada. Os dados obtidos, que compõem o quadro acima, trazem para o público mulheres de luta, de resistência, que estão a resistir contra a todas as formas de opressão que são impostas pelos discursos conversadores que a maioria delas narrou sofrer desde a infância. Conforme Bruna da Silva Cardoso (2017) as narrativas são consideradas fontes de conhecimentos articulados que trazem à tona a subjetividade do expositor. São elas fontes de conhecimento porque têm um caráter emancipatório porque compreendemos que eles os/as integrantes da pesquisa são autoridades narrativas, quem narra utiliza procedimentos narrativos e simbólicos socialmente compartilhado. Por motivos éticos suprimimos os nomes sociais das nossas protagonistas no quadro 2, a fim de resguardá-las de possíveis constrangimentos e, assim, asseguramos o compromisso social/acadêmico/científico com a temática que estamos abordamos. Todas as protagonistas tinham seus nomes sociais já definidos, acompanhando as suas identidades de gênero quando realizamos as entrevistas.

Cabe salientar que todas as mulheres trans protagonistas usam o nome social, e pelos seus nomes sociais foram chamadas durante todo o processo de pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. A pesquisa não teve como objetivo questionar quais delas já retificaram os seus nomes e o gênero nos documentos oficiais. Porém, entendemos que o nome social faz parte da performance de cada uma delas em relação ao gênero que elas se sentem pertencentes, gênero esse, que elas também performatizam por meio do nome social. Percebemos, desde os primeiros contatos com as protagonistas, que o nome social e a identidade de gênero foram uma das primeiras apresentações que obtivemos sobre as nossas

protagonistas. Todas elas se apresentaram no feminino e com os seus nomes sociais já definidos por elas mesmas. Não questionamos sobre quais delas já retificaram o nome e o gênero no cartório, pois não faz parte dos nossos objetivos de pesquisa, mas entendemos a importância disso para elas.

Durante as entrevistas nenhuma delas fez menção aos seus nomes antes da transição de gênero, em nenhum momento elas se reportaram ao nome civil para falar de quem são hoje. Em nenhuma das perguntas do questionário semi estruturado tínhamos perguntas em relação ao nome civil das protagonistas, consideramos que, possivelmente, para muitas, o nome civil pudesse trazer dores, sofrimentos e lembranças carregadas de violências que a maioria delas sofreram e ainda sofrem até conseguirem se entender e se autodefinir como mulheres trans até o presente momento em que as entrevistas ocorreram. O nome social foi respeitado durante as entrevistas, como meio de aproximar as protagonistas das entrevistas elas foram protagonistas.

No cerne desse contexto sobre o nome social o autor Barros (2018) afirma que há poucas iniciativas de inclusão à população transexual, travesti e transgênero no estado do Tocantins, a grande parte no sentido de garantir o uso do nome social em órgãos públicos. Vamos mencionar duas iniciativas que ao nosso ver são avanços e aberturas de caminhos para a inclusão da população de mulheres transexuais e travestis no estado do Tocantins e em Araguaína-TO em especial à inclusão das nossas entrevistadas. A primeira iniciativa que visa a inclusão da população transexual e transgênero é a seguinte: a Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 32 de 26 de fevereiro de 2010, essa resolução dispõe sobre o requerimento do nome social na matrícula e nos demais documentos do/a aluno/a em todas as Unidades Estaduais do estado do Tocantins.

A segunda iniciativa diz respeito ao decreto nº 059/2018 da Prefeitura Municipal de Araguaína-TO que regularizou o uso do nome social em toda as repartições da administração pública municipal. De acordo com Barros (2018) essa iniciativa foi protagonizada por ele através da Associação das travestis e Transexuais do Tocantins em uma parceria com o NUAMAC da Defensoria Pública do Tocantins. Consideramos que essas duas iniciativas que se referem à inclusão de pessoas transexuais, travestis e transgêneros no contexto do nome social assegura os direitos de ir vir a essa população. O nome social nas nossas entrevistas foi fundamental principalmente para encontrarmos as nossas protagonistas e assim as chamamos pelos seus nomes durante todos os processos de participação da pesquisa.

Essas iniciativas apontadas por Barros (2018) trazem à tona como precisamos avançar na criação de políticas públicas em todos os campos da sociedade para que mulheres

transexuais, travestis e transgêneros possam ter, pelos menos, o nome social respeitado nas repartições públicas municipais e nas unidades escolares do estado do Tocantins, e assim, poderem usufruir dos serviços prestados pela prefeitura, como também, se matricularem nas escolas e terem seus nomes sociais nos documentos usados nas escolas que estiverem frequentando. Na pesquisa feita por esse autor, ele mesmo já sinaliza que são poucas as iniciativas, mas é com essas poucas e possivelmente insuficientes iniciativas, que idealizamos a publicização dessa pesquisa para dar maior visibilidade à população trans, travesti e transgênero do Estado de Tocantins, em especial, às mulheres trans que entrevistamos. Quando falamos na nossa pesquisa de corpo como extensão da territorialidade achamos de suma importância recorrer a esse conceito. A territorialidade, portanto, se determina pelo uso que um grupo faz do território. Corroborando essa afirmação com Raffestin (1993) que assevera que ela é da mesma natureza a todas às relações e seria possível dizer que, de certa maneira, a territorialidade é a face vivida da face agida do poder.

Como diz Haesbaert (2004) é imprescindível que contextualizemos em um processo histórico o território com o qual estamos estudando. Por isso é importante contextualizar os processos históricos que o território passa e de que estamos trabalhando para, assim, compreendermos quais as formas de utilização do território estão sendo realizadas pelas protagonistas da nossa pesquisa. A partir de como o grupo faz uso do território percebemos a territorialidade, que é a face vivida da face agida do poder

A principal característica da territorialidade estudada são as relações entre o corpo (indivíduo), o território (família), e as performances e discursos de subjetividades que reverberam na transição da identidade de gênero de mulheres trans, que são construídos no caráter que a identidade de gênero trans lhe confere. Confirmamos com a compreensão de sujeito histórico-coletivo de Paul Thompson (1992) em que o sujeito é classificado como uma unidade constitutiva de classe que vivencia os processos culturais, afirma ainda que: pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas, como necessidades e interesses, como antagonismos.

Dessa maneira tratam essa experiência em sua consciência e cultura não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa. Elas tensionaram e tencionaram a cultura e os territórios vividos.

## 4.2 Tecendo diálogos com enxertos das histórias de vida de mulheres trans

As mulheres trans da nossa pesquisa ao experimentar as performances de gênero em contraposição as performances pré-determinadas pelo motivo de terem nascido biologicamente do sexo masculino tornam-se novas autoras de suas próprias experiências de vida. Elas experimentam de situações vexatórias e relações produtivas ao se apropriarem da experiência de vivenciar um outro gênero que não foi aquele designado ao nascer. É na experiência de viver o outro lado do gênero que elas acabam rompendo com os processos socioculturais que por muito tempo vem instituindo o gênero aos corpos desde o nascimento, e nesse processo contra-discursivo que nascem, se fazem, se modificam outras formas de ser e estar mulher na sociedade, para além da forma binária que conformam os corpos aos impostos moldes prontos.

Percebemos nas narrativas cedidas pela protagonista Borboleta 10 que ela foi a única que se autodeclarou uma pessoa transgênero, ela se autodeclarou na entrevista quando questionada em relação a sua identidade de gênero, cabe salientar que Borboleta 10 é a integrante mais nova da nossa pesquisa, tendo 19 anos. Nosso questionário semiestruturado foi fundamentado na metodologia da escuta sensível de René Barbier (2002) onde não tínhamos a intenção de interferir nas respostas, mas nossa intenção foi criar um ambiente agradável para que as protagonistas se sentissem confiantes e confortáveis em responder as perguntas da entrevista. Oportunizamos o espaço da escuta sensível com elas, sem interferir nas respostas.

A metodologia da escuta sensível propõe a promoção da consciência sobre as situações de opressão, assim como apadrinha uma postura consciente ao pesquisador na relação com o (a) entrevistado (a) da pesquisa, seja para avaliar sua posição diante deste, seja para ouvi-lo com muita atenção Barbier (2002). A escuta sensível é uma possibilidade metodológica, como metodologia que permite adentrar nos sentimentos, escolhas e implicações pessoais do sujeito da pesquisa. Essa metodologia é capaz de envolver o olhar, o pensamento, o conhecimento do sujeito entrevistado (a), essa metodologia é uma perspectiva metodológica. A escuta sensível é o instrumento metodológico do pesquisador que é sugerida para que o pesquisador conheça e transforme uma realidade opressiva (BARBIER, 2002).

Cabe ao pesquisador (a) saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para compreender as atitudes, os comportamentos, os sistemas de ideias, valores, símbolos e de mitos. Na esteira teórica de Barbier (2002) isso significa compreender a existencialidade interna. Essa noção reconhece a aceitação total do outro. Assim, não julga,

não mede, não faz comparações. O (a) pesquisador (a) deve compreender o outro, porém, sem concordar ou se identificar com suas opiniões e comportamentos. No ato da escuta, o pesquisador deverá suspender, momentaneamente, suas posições filosóficas e valores, contudo, durante o procedimento de pesquisa, haverá momentos para continuar sua coerência, podendo recusar-se a trabalhar com um grupo com o qual suas opiniões gerem conflitos.

O (a) pesquisador (a) deverá se esforçar para não rotular o indivíduo partindo do lugar dos seus papéis sociais, a pesquisa deve deixar a pessoa entrevistada livre e deve ser uma pesquisa criativa. Não cabe ao pesquisador julgar as escolhas, crenças religiosas, ideias construídas do (a) entrevistado (a) para que pudéssemos ter uma escuta sensível e que respeitasse, assim, as particularidades dos sujeitos. Nosso papel enquanto pesquisadora foi o da escuta sensível, sem julgamentos, sem perguntas prontas que a protagonista não pudesse questionar o conteúdo, ou mesmo dar as respostas prontas às mulheres entrevistadas. Nos permitimos a ouvir respostas que muitas vezes não estavam dentro do esperado para as perguntas. Nesse momento, nós ouvíamos atentamente tudo o que elas queriam expor e, depois, voltávamos a questioná-las sobre o que estávamos de fato querendo saber para compor os conteúdos da nossa pesquisa. Respeitamos eticamente as pausas, sorrisos, silêncios e denúncias. A fim de estabelecer uma escuta sensível, ética e posteriormente dialogar e pesquisar com essas mulheres trans incluídas pelas suas narrativas.

Achamos pertinente abordar aqui essa questão do termo transgênero para situar o leitor em relação à afirmação da nossa protagonista Borboleta 10. Talvez nossos leitores possam se questionar qual a diferença entre transgênero e uma mulher trans? Por isso vamos descrever sobre essa questão, possibilitando aos leitores um texto didático em que os termos e conceitos sejam esclarecidos. Desconstruindo, assim, no imaginário social a construção estilizada de certos termos e conceitos, uma das perguntas do questionário era qual sua identidade de gênero? Dessa maneira Borboleta 10 no momento da entrevista se autodefiniu como sendo uma protagonista transgênero.

Lançamos a seguinte pergunta: O que distingue uma mulher transgênero de uma mulher trans? Para nos ajudar a responder sobre esses termos buscamos embasamento nos conceitos abordados em orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, informações essas, disponíveis no guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis, e demais transgêneros para formadores de opinião. Esse material foi elaborado pela autora Jesus (2018) e traz conceitos e termos técnicos imprescindíveis para a compreensão acerca das nuances em especial das mulheres trans entrevistadas. Usamos esse manual por considerarmos ser um

material acessível, didático e informativo e que tem uma linguagem mais didática e prática para compreender e conhecer termos como os que estamos pesquisando e abordando.

Segundo Jesus (2012) mulher transexual é a pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam mulheres trans ou Male-to-Female (MtF). Observamos na entrevista cedida por Borboleta 10 uma das protagonistas mais nova da nossa pesquisa que ela não se identifica como sendo pertencente ao gênero masculino e ao sexo masculino, ela deixou expresso essa autopercepção em suas narrativas cedidas a nossa pesquisa. Então, sendo assim, corroborando as falas dela e a distinção dos conceitos de mulher trans e transgênero, as falas dessa protagonista se encaixam nesse conceito teorizado de mulher trans apresentado por (JESUS, 2018).

Em relação ao termo transgênero autodeclarado por Borboleta 10 em relação à sua identidade de gênero encontramos a definição de transgênero no mesmo guia técnico supracitado. De acordo com Jesus (2012) transgênero é conceito/termo “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. A Borboleta 10 em suas narrativas contou que não se sente pertencente ao gênero masculino, então podemos afirmar a partir dessa definição de transgênero de Jesus (2012) que Borboleta 10 também se enquadra dentro dessa terminologia assim como se encaixa na definição de mulher trans proposta no guia técnico elaborado por Jaqueline Gomes de Jesus.

A fim de corroborar mais sobre essa distinção de mulher trans e transgênero a partir da afirmação da nossa protagonista Borboleta 10, trouxemos outro embasamento teórico afim de subsidiar essa distinção conceitual. Configura o que Lanz (2015) escreve sobre essa questão. Para Lanz (2015) não faz sentido escrever travestis, transexuais e transgêneros, ou mesmo usar TTT na sigla LGBTI+, pois travestis e transexuais são transgênero já por definição. Ou escreva-se travestis e transexuais, ou escreva-se transgêneros, a preferência pode ser também por escrever pessoas trans. Analisando as narrativas cedidas por Borboleta 10 chegamos à conclusão a partir das exposições apresentadas por Lanz (2015) que podemos chamar ela de pessoa trans, pois ela, assim como as demais integrantes, transgredira as normas tradicionais de sexualidade. Porém, a autodefinição como sendo transgênero foi feita pela própria protagonista, durante as entrevistas não foi explicado nenhum dos seguintes termos: Transexual, Travesti, Transgênero pois esse não era objetivo e a problemática proposta.

A pergunta o que distingue uma mulher transgênero de uma mulher trans? Percebemos a partir dos autores que balizaram nesse momento nosso debate que teoricamente não existe essa distinção, pois, tanto a terminologia mulher trans e transgênero diz respeito a pessoas que

não se sentem pertencentes ao sexo masculino e ao gênero masculino, e cabe salientar que por definição transexuais e travestis são transgênero. Sendo assim todas as protagonistas da nossa pesquisa são mulheres trans dentro do espectro do termo guarda-chuva trans, que estão as identidades trans. Elas mesmas reproduzem convicções, e já tinham uma noção formada sobre os termos transexual, travesti e transgênero, porém não podemos afirmar se há uma disputa interna entre elas em relação aos termos mulher trans, travesti e transgênero pois não foi objetivo da nossa pesquisa essa investigação em relação ao termo e como cada uma tornou-se mulher na transição.

### **4.3 Um estudo com mulheres trans: protagonizando a pesquisa**

Em relação à naturalidade das entrevistadas, duas delas não nasceram no estado do Tocantins, sendo que Borboleta 1 nasceu em Fortaleza-Ceará e Borboleta 9 nasceu em Carolina-Maranhão e as demais nasceram aqui no Estado do Tocantins e residem na cidade de Araguaína-TO. A Borboleta 1 nasceu em Fortaleza-Ceará, porém, atualmente reside na cidade de Muricilândia-TO, e Borboleta 9 nasceu em Carolina- Maranhão, sendo que, os seus relatos afirmam que suas transições começaram a ser materializar no estado de Tocantins nas respectivas cidades que moram atualmente.

O quadro 1 anterior mostra que existem alguns elementos incomuns entre elas como por exemplo 9 delas são mulheres trans heterossexuais, apenas Borboleta 10 se autoafirma como transgênero de orientação heterossexual e Borboleta 7 se autoafirma como uma travesti de orientação heterossexual. Outro fator relevante que elencamos aqui é que das 10 entrevistadas 9 delas mora em Araguaína-TO. Em relação à idade das protagonistas, os critérios de inclusão deixaram claro que não era permitida a participação de pessoas menor de idade. Esse foi um dos critérios a participação na pesquisa: que todas deveriam ser maiores de 18 anos. Evitando, assim, quaisquer transtornos às protagonistas, à pesquisadora e à Universidade. A nossa primeira protagonista supracitada chama-se Borboleta 1 e tem 30 anos de idade, ela se auto identifica como uma mulher trans, atualmente reside em Muricilândia-TO. Conheça agora um pouco sobre as performances e os discursos que reverberam sobre a transição de gênero dessa mulher trans.

Questionada sobre como e quando começou a sua transição da identidade de gênero? E os impactos, dores, sofrimentos e angústias causadas na sua vida em decorrência da transição da identidade de gênero. Borboleta 1 nos contou, “Eu sempre me senti diferente desde criança, desde que eu me entendo por gente eu nunca me encontrei no universo masculino” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021). “Então na minha adolescência eu

achava que eu era eu era uma criança gay, e na minha adolescência também, até que eu comecei a entrar com o processo de depressão pela não aceitação do meu corpo, um repúdio ao meu corpo, aos meus traços masculinos e isso foi mexendo muito com meu psicológico. Aí eu procurei ajuda com psicólogo, psiquiatra, né? Para fazer terapia para tentar me entender. E isso tudo na cidade de Baturité, no estado do Ceará, que era onde eu morava, residia”.

“E foi aí nesse momento que eu conheci um psiquiatra chamado Doutor Tony Rerissom, e esse psiquiatra ele fez duas consultas comigo. Na terceira consulta ele falou que possivelmente eu seria uma mulher trans, ele teria que avaliar como mais pesquisas e no decorrer das pesquisas a gente teve a conclusão eu me encontrei que eu era realmente uma mulher trans. Foi aí onde tudo começou, né? Onde e eu comecei e a fazer a transição, nesse momento da minha vida que foi da saída dos 25 anos para os 26 anos de idade”.

Ela continua a nos contar sobre os seus sentimentos de auto pertencimento ao gênero feminino e o sexo feminino. Ela expressa seus anseios e posiciona-se dentro da identidade de gênero ao qual se sente pertencente. Borboleta 1 continua seu relato contando, “Na realidade, é... a gente já nasce, né? A gente só passa pelo período para poder se encontrar e para poder florescer quando a gente passa a ter conhecimento sobre a transexualidade. E eu... O fato de eu ser uma mulher trans, para mim, não difere e eu não me sinto tão inferior as mulheres cisgêneras. Eu sou muito pé no chão. Se uma mulher cisgênera pode fazer uma coisa, eu também posso. Se uma mulher cisgênera pode conquistar o seu espaço, eu também posso. Eu não me vitimizo, e uma mulher transexual é uma mulher empoderada, é uma mulher que não tem medo, é uma mulher que enfrenta o que for preciso para se encontrar, se sentir bem e ser feliz” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021).

A protagonista Borboleta 1 nos contou com quantos anos iniciou sua transição de gênero do masculino para o feminino e quais suas maiores dificuldades com essa transição, “Dos 25 para os 26 anos de idade, né? E a minha maior dificuldade foi a aceitação da minha família. Primeiro por que minha mãe era casada com uma pessoa extremamente preconceituosa” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021). Por volta dos seus 25 para os 26 anos, a resistência de Borboleta 1 em querer assumir a sua identidade de gênero esbarrou na reprodução do machismo por meio do companheiro da mãe. Segundo ela, esse companheiro de sua mãe era uma pessoa extremamente preconceituosa. Notamos que ela não menciona ter dificuldades para se assumir como uma mulher trans por parte de sua mãe.

Nessa luta de assumir-se uma mulher já na fase adulta, Borboleta 1 produz resistência contra os discursos hegemônicos que deslegitimam a sua própria existência. Ela não desistiu

de se tornar a mulher que hoje ela se percebe. Mesmo já com seus 25 para os 26 ela foi construindo a sua identidade de gênero.

Ela produz poder sobre o seu corpo. Porém, os discursos que ela encontrou naquele momento foram discursos também do poder dominante hegemônico de não aceitação da desconstrução do gênero que lhes foi imposto ao nascer. O preconceito por parte do seu padrasto foi uma das maiores dificuldades naquela época. Segundo ela, mesmo com o poder dominante do discurso do seu padrasto em não a aceitar como mulher trans, dentro dela ela se faz e se fez resistência, FOUCAUT (1988) afirma que onde há poder, há resistência. A narrativa dessa entrevistada está cheia de determinação.

Na sequência, ela continua narrando sobre sua metamorfose em relação aos percalços com a transição da identidade de gênero. Aos poucos, a Borboleta 1 foi reinventando seu corpo, procurando assim adequar o gênero ao qual ela se percebe. A performance de gênero (masculino) dela foi mudando porque ela não se sentia bem com o a performance ligada ao gênero ao qual tinha sido designado no seu nascimento. Ela reinventa o corpo, reinventa a performance e constrói sobre o corpo o gênero. As mudanças de identidade, performances, comportamentos, foram sendo aliadas ao uso dos hormônios. Assim, ela foi construindo reconstruindo a identidade de gênero.

“Segundo porque eu venho de uma família tradicional, aquela família religiosa, aquela família que segue a bíblia “ao pé da letra”, né? Então foi muito difícil a aceitação, inclusive eu não sou aceita. Eles me respeitam, mas eu não sou aceita. Que é uma coisa que me dói muito. Mas eu não iria abrir mão da minha felicidade, da minha vida, do que eu sou para agradar ninguém. Então foi a melhor coisa que eu fiz. Quando eu comecei o processo de transição que eu me encontrei, foi quando eu comecei a fazer a terapia hormonal que o meu corpo começou a ter as mudanças que eu queria que tivesse e eu comecei a ter aquela sensação de felicidade.” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho de 2021).

Pensar a reinvenção dos corpos nas perspectivas da autora Berenice Bento é, portanto, pensar na sua reinvenção contínua. Berenice Bento, no seu livro a reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006 procura então, compreender as performances dos sujeitos que não se conformam com as configurações binárias/biológicas impostas aos seus corpos e como nas práticas diárias procuram reinventar o corpo, a sexualidade e o gênero.

A Borboleta 1 vive e viu conflitos, as brechas, os interstícios, as fissuras e as disjunções que possibilitaram que ela e as demais protagonistas desse estudo subvertessem as normas de gênero. Ela continua suas narrativas a partir das lembranças narrando sobre sua história e vivência, narra: “Então, eu faço automedicação, auto hormonização, né? Já desde os

26 anos, desde que eu sai do consultório com o laudo que... Inclusive eu tenho um laudo psiquiátrico que comprova que eu sou uma mulher trans que eu posso fazer cirurgia de redesignação sexual. Assinado por esse psiquiatra que me avaliou nesse naquele período e eu me hormonizo desde então, né? Eu tomo hormônio desde então e eu comecei com a perlutan que eu acho que é um hormônio mais conhecido entre as meninas trans, né? Depois eu passei pro climene e depois passei pro EVRA, e depois eu passei pro estrogel. Só que são hormônios muito pesados, que têm efeitos colaterais, e hoje eu me encontro atualmente fazendo a terapia com a perlutan que é um hormônio no qual eu não sinto um efeito colateral tão forte.” (Entrevista oral, Borboleta 1, 14 de junho 2021).

A narrativa acima mostra que ela utiliza dos conhecimentos da indústria farmacêutica sobre os hormônios e realiza por conta própria a ingestão dessas técnicas para modificar o seu corpo, pois como ela narra, não se sente bem com seu corpo. Outra questão que nos chamou atenção foi o discurso da área da saúde, atestando através de um laudo a identidade de gênero nessa protagonista, colocando em cena o discurso da patologização das identidades trans. Cabe lembrar que não é objetivo da nossa pesquisa falar sobre a patologização das identidades trans. Porém, a narrativa da Borboleta traz vestígios dessa patologização pela área da psiquiatria. Segundo ela, esse laudo atesta e valida que ela está apta a ser submetida a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia popularmente conhecida como mudança de sexo. Durante sua fala ela ainda cita diversas combinações de hormônios que são usados pelas meninas trans na hormonização como ela descreve: a perlutan, o EVRA, e o estrogel.

A Borboleta 1, assim como as demais mulheres trans, utilizam os saberes da farmacologia para a finalidade de transformar os corpos com o objetivo de sentirem, como ela mesmas disseram: mais felizes, confortáveis e sem os signos corpóreos de masculinidade. O desconforto com o próprio corpo faz com elas busquem essas mudanças, ela assume na sua narrativa que os efeitos colaterais são eminentes. O discurso da área de psiquiatria atestando a identidade de gênero da Borboleta 1, validando a sua existência enquanto corpo trans, então, dizendo se ela pode ou não realizar a redesignação. Essa mulher trans é natural de Fortaleza - Ceará, há alguns se mudou para o Tocantins e atualmente mora na cidade de Muricilândia - TO. Ela já terminou o ensino médio, atualmente ela está trabalhando no mercado de trabalho formal em uma loja de bijuterias na cidade de Araguaína-TO.

Sobre sua orientação sexual, ela se identifica como heterossexual sendo assim ela é uma mulher trans heterossexual, nesse sentido ela se sente atraída afetivamente e sexualmente por pessoas do gênero oposto ao seu. Ela não injetou nenhum tipo de silicone em nenhuma parte do corpo. A fim de transformar/modificar a estrutura visual corpórea seu corpo

Borboleta faz apenas uso de hormônios femininos, faz uso da Perlutan, um dos hormônios que ela faz a ingestão atualmente. Ela não realiza acompanhamento médico para o processo transexualizador<sup>21</sup>, nem pelo SUS nem pela rede particular com o objetivo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia popularmente conhecida como “mudança de sexo”. Ela não almeja realizar esse tipo de procedimento. As narrativas da Borboleta 1 foram fundamentais para que nos atentássemos para as dificuldades que as mulheres trans enfrentaram e enfrentam na sociedade como um todo, desde a sua “saída do armário”<sup>22</sup>, perpassando pela não aceitação da família, a infância conturbada por não se encaixar nos papéis sociais impostos ao gênero masculino, o não entendimento da família sobre a transexualidade e o sofrimento por não se sentir acolhida dentro da própria casa, por causa do preconceito.

Do mesmo modo, a Borboleta 1 conscientemente expôs detalhes acerca da sua transição de gênero, detalhes como por exemplo: a não aceitação por parte do companheiro da sua mãe, teve que procurar ajuda de um psiquiatra para conseguir entender tudo que estava acontecendo, começou a tomar hormônios para modificar seu corpo, desde a infância já se sentia feminina. Identificamos nas falas as dificuldades que essa protagonista enfrentou e enfrenta desde a infância por não se encaixar nos padrões socioculturais impostos ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Ela se auto aceita e auto percebe-se e vive como uma mulher trans.

#### **4.4 História Oral, História de vida: continuando a narrativa**

Agora vamos conhecer um pouco da história de vida da Borboleta 2, a nossa segunda entrevistada, essa protagonista narra um pouco da sua história de vida em relação à sua transição do gênero masculino para o feminino. Questionada como e quando começou a sua transição da identidade de gênero, essa protagonista narrou através de suas memórias, lembranças e fatos que: “Acho que por volta dos 8 anos, assim.. Eu já sabia que eu era uma pessoa bem diferente das outras dos outros e tudo mais. Eu me via como eu já tinha essa

---

<sup>21</sup>Para mais informações sobre o processo transexualizador consultar a Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013.

<sup>22</sup>Esse termo “saída do armário” faz menção ao início da transição, da construção da corporeidade, da identidade que se encontrava aprisionada, escondida. A saída do armário também é um termo utilizado por homossexuais femininos e masculinos para expressar o momento em que suas orientações são “assumidas” para suas famílias, amigos e/ou sociedade. Por outro lado, é imprescindível acrescentar que o termo, por vezes, é reprovado por algumas pessoas LGBTI+.

reflexão inclusive aos 8 anos para os 9 anos” (Entrevista oral, Borboleta 2, 16 de junho de 2021).

“Eu estava com depressão... e daí isso talvez possa ter alguma relação por causa que eu não me identificava com meu gênero. Só que eu só fui me ligar para isso agora. Eu notei que as os maiores problemas que eu tinha na minha infância logo do tipo, estavam relacionados sobre a minha identidade. Eu não me identificava com aquilo e por não saber daquilo acabou me afetando em muitas coisas. Mas eu acredito a partir dos 8 anos foi quando algumas coisas começaram a mudar, e aos 18 por aí eu já comecei a ir pro caminho certo onde eu queria chegar, onde eu me descobri, onde fez muita diferença. Acho que... aos 18 anos”. (Entrevista oral, Borboleta 2, 16 de junho 2021).

As identidades são construções sociais que advém das experiências de vida de cada indivíduo. Como o autor Hall (2005) nos lembra, as identidades são consideradas processos “transitórios” nesse sentido é nítida a percepção da fluidez dos corpos e dos indivíduos. As mulheres trans protagonistas da nossa pesquisa, desde a mais tenra infância tiveram a experiência de serem designadas, criadas, ensinadas e lidas socioculturalmente ao nascer como meninos, como machos, como homens, elas passaram e estão a passar por esses processos transitórios, desconstruindo toda uma vivência social em relação à imposição das normas socioculturais que regem o gênero masculino que lhes foi imposto ao nascer, onde elas estão a construir e reconstruir, a partir da transição do gênero masculino para o feminino, as suas identidades de gênero.

Em sua narrativa, Borboleta 9 nos revelou sobre a idade que ela começou sua transição do gênero masculino para o feminino, e em decorrência dessa transição quais foram suas maiores dificuldades ao se assumir uma mulher trans. Resgatando as memórias e lembranças do passado para o tempo presente, a fim de narrar sobre sua transição da identidade de gênero, Borboleta 9 testemunhou partindo de acontecimentos vividos por ela em relação à reconstrução da identidade,

“Eu comecei minha transição aos 19, e as dificuldades foram assim: No início da minha transição eu acabei perdendo a minha avó pela Covid, acabei sendo expulsa de casa e do nada eu tive que começar a sustentar uma casa eu e uma amiga. Então hoje a gente se encontra estável, mas a dificuldade maior foi ter perdido a minha avó, porque eu não poderia, como se diz, sofrer o luto naquele momento. Eu tinha que me virar.” (Entrevista oral, Borboleta 9, 16 de junho 2021).

Atualmente, para transformar o seu corpo e adequar-se para o gênero feminino Borboleta 9 utiliza apenas um procedimento/estratégia específica que é a ingestão de um hormônio chamado climene, que a médica especialista nessa área receitou para que ela

pudesse transformar o seu corpo. Essa protagonista tem 20 anos de idade, e chama-se, Borboleta 9. Ela se auto identifica como uma mulher trans. Em relação a sua orientação sexual se autoreconhece como heterossexual, portando é uma mulher trans heterossexual. Nesse sentido, ela se atrai afetivo-sexualmente por pessoas do gênero oposto ao seu, ou seja, ela se percebe e se reconhece como uma mulher trans e se atrai afetivo-sexualmente por homens. Ela é natural de Araguaína-TO, nacionalidade Brasileira, e atualmente reside nessa mesma cidade. Atualmente, ela trabalha no mercado formal de trabalho. Borboleta 9 começou sua transição do gênero masculino para o feminino com 19 anos. Notamos que sua transição de gênero é bem recente. Ela relata que a primeira vez que se vestiu com roupas ditas como de mulher ela se sentiu muito confortável e antes não se sentia bem em olhar sua imagem refletida no espelho, não estava feliz.

Sobre as intervenções no seu corpo ela não tem silicone em nenhuma parte do seu corpo, porém, Borboleta 9 faz uso de hormônios para transformar e modificá-lo, com o objetivo de adequar a sua identidade de gênero ao seu corpo, almeja expressar através do seu corpo quem ela gosta de ser, por isso, ela fez uso de hormônios femininos a fim de alterar e modificar seu corpo biológico. Essa mulher trans não realiza acompanhamento médico para o processo transexualizador pelo SUS, ela está realizando esse tipo de acompanhamento médico pela rede particular para o processo transexualizador. Nos relatou que tem o desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual popularmente conhecida como “mudança de sexo”. Essa cirurgia é para readequar o seu órgão genital. Ela diz que vai se sentir melhor com essa cirurgia. Assim, podemos perceber que essa questão é subjetiva entre as protagonistas entrevistadas.

A Borboleta 3 foi a nossa terceira entrevistada. No início da sua narrativa nos relatou como e quando começou a sua transição do gênero masculino para o feminino. Ela lembrou: “Bom eu nasci, né, como uma mulher trans praticamente. Porque eu sempre gostei, sempre fui uma pessoa que gostava muito de coisas femininas e tal. Gostava de me vestir de mulher escondida, Aí foi indo... criando aquela expectativa na minha cabeça: Que eu não era um menino. Que, sim, eu era uma mulher e foi isso que eu me descobri, uma mulher trans. Foi, assim, na infância praticamente.” (Entrevista oral, Borboleta 3, 16 de junho 2021).

Veja com quantos anos essa mulher trans heterossexual iniciou sua transição de gênero do masculino para o feminino. E quais as implicações na sua vida a partir dessa transição da identidade de gênero? Ela narrou, por meio de sua memória individual que, “Bom eu iniciei a minha transição com 23 anos, e a minha maior dificuldade eu acho que foi de ter começado

um pouquinho tarde também assim, né! Mas isso não me impediu de nada, não me impediu de ficar do jeito que eu quero, entendeu?” (Entrevista oral, Borboleta 3, 16 de junho 2021).

Assim como as demais entrevistadas, Borboleta 3 também utiliza estratégias/procedimentos para adequar a sua identidade de gênero, transformando o seu corpo. Assim também construindo a sua identidade de gênero. Ainda, em suas narrativas orais, conta como fez e faz para produzir seu corpo, “Bom, hoje eu uso hormônio. Eu uso dois tipos de hormônios que são o climene e a perlutan. São esses dois hormônios que eu uso ultimamente, Que eu estou usando e que estão dando certo no meu corpo, que se adequaram muito bem. Eu estou sentindo o efeito tomando eles e eu vou continuar tomando eles.” (Entrevista oral, Borboleta 3, 16 de junho 2021).

Na sequência trouxemos mais detalhes dessa nossa terceira entrevistada. Ela tem 24 anos de idade, se auto identifica como mulher trans natural de Araguaína-TO e atualmente reside nessa mesma cidade, sua nacionalidade é Brasileira. Em relação à sua orientação sexual, Borboleta 3 se reconhece como uma mulher trans de orientação sexual heterossexual, isso significa que ela sente atração sexual-afetiva por pessoas do gênero oposto ao seu.

Atualmente ela está trabalhando no mercado formal e para produzir e transformar o seu corpo afim de adequar a sua identidade de gênero ela faz uso de hormônios femininos. Ela relatou que começou a transição do gênero masculino para o feminino aos 22 anos de idade. Borboleta 3 não realiza nenhum tipo de acompanhamento médico para o processo transexualizador, nem pelo SUS, nem pela rede particular. A Borboleta 3 não tem nenhum tipo de silicone em nenhuma parte do seu corpo. Quando questionada se tem o desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, conhecida popularmente como “mudança de sexo, ela nos afirmou que tem esse desejo. Não sabemos se esse desejo irá mudar.

Na sequência vamos detalhar o perfil da nossa quarta entrevistada, ela se chama Borboleta 4, tem a idade de 29 anos e nasceu Araguaína-TO, cidade em que reside atualmente. Borboleta 4 ainda não completou o Ensino Médio (Educação Básica), e atualmente trabalha no mercado informal de trabalho. Nossa quarta protagonista entrevistada começou sua transição do gênero masculino para o feminino com a idade de 17 anos, essa transição começou ainda antes da maior idade. Hoje, com 29 anos, Borboleta 4 se autoafirma como uma mulher trans de orientação heterossexual, portanto, ela é uma mulher trans heterossexual. Ou seja, ela sente atração sexual-afetiva por pessoas do gênero oposto ao seu. Durante sua transição da identidade de gênero Borboleta 4, assim como a maioria das entrevistadas, faz uso de técnicas e estratégias para modificar o corpo. Ela fez uso de silicone nos seios, relatou que no momento fez uma pausa no uso de hormônios para poder cuidar

mais da sua saúde, segundo, porque há muito tempo já vem usando hormônios. Ela relata que esses hormônios são prejudiciais à sua saúde, por isso, resolveu dar uma pausa.

Borboleta 4 até o momento das entrevistas não realiza acompanhamento médico nem pelo SUS, nem pela rede particular para realizar a cirurgia de redesignação sexual, conhecida popularmente como “mudança de sexo”. Ela não tem desejo e nem almeja a realização desse tipo de procedimento, não podemos afirmar se esse desejo irá mudar com o tempo. Dando continuidade nas descrições da nossa protagonista entrevistada, Borboleta 4 ainda narrou os episódios, fatos e lembranças dando seu testemunho de quando e como a sua transição de gênero aconteceu. Ela narrou em pequenos episódios da sua história de vida as memórias,

“Eu já nasci trans. Não foi opção, já foi orientação né? No meu caso eu nasci não querendo fazer sexo com homem, essas coisas... tendo desejo por homem, não. A coisa que eu não me identificava era vestir roupa de homem e eu queria ter cabelão, “botar” salto... Eu olhava para as mulheres, e eu queria era aquilo. Eu queria vestir roupa de mulher igual eu te falei. E maquiagem... Pintar a unha e atitude como mulher e quando eu olhava aquilo era um desejo tão grande que eu não sabia nem explicar porque eu sentia atração e não me identificava como roupa de homem, e sim com roupa de mulher, então eu agia como mulher, entendeu? (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho 2021).

“Tudo, tudo. Já nasci 100% trans, já nasci trans. Só que assim foi muito difícil para mim por que minha família é de um lado muito machista... minha mãe... Entendeu? Para mim estar transvertida dentro de casa, minha mãe não aceitava então foi o meu processo foi um pouquinho lento mais hoje eu consegui, estou aqui”.

No tocante à identidade, Tomaz Tadeu da Silva (2000) demonstra que a identidade é tudo aquilo que somos, de maneira a expressar positivamente o que pensamos a nosso respeito; é a materialização do que pensamos que somos diante do outro. Neste sentido, ser mulher trans para Borboleta 4, além de ser algo positivo, é ao mesmo tempo posicionar-se de maneira a negar a identidade de gênero que lhes foi imposta socioculturalmente.

Borboleta 4 durante todas as suas narrativas se posiciona em discordância com o gênero que lhe foi imposto ao nascer, e afirma que essa inconformidade aconteceu desde a mais tenra infância. Em toda a sua narrativa ela evidencia que se sentia desde a infância uma mulher, mesmo sua família não aceitando esse descumprimento da norma sociocultural imposto ao gênero masculino. Agora vamos descrever, a partir dessa entrevista cedida, com quantos anos essa mulher trans iniciou a sua transição do gênero masculino para o feminino com o objetivo de afirmar sua identidade de gênero e quais foram as consequências/dificuldades encontradas por ela ao começar a sua transição de gênero. Borboleta 4 rememorou as lembranças do passado ao presente,

“É igual eu falei, eu venho de um lado de uma família muito machista. Vixe, como eu fui a primeira trans... Assim... O meu processo foi um pouquinho lento para eu começar minha transição. Eu comecei foi com foi com 17anos” (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho 2021).

“Eu comecei minha transição com 18 anos por aí, eu comecei a tomar meus hormônios, mas, não me transvertia 100% de mulher porque minha mãe não aceitava e eu ficava dentro da casa dela eu comecei a tranvertir 100% de mulher quando eu completei meus 24, que eu fui morar sozinha, mas, assim... Dentro de casa eu usava shortinho, mas, não era aquela coisa 100% afeminado por que minha mãe não aceitava”

“E minhas maiores dificuldades da transição é por causa da família, entendeu? Preconceito... Era muita piadinha que eu sofria na rua, entendeu? Olha lá homem quer se vestir com roupa de mulher. Olha lá o viado querendo ser mulher... E na transição também por não trabalhar na época, também não tinha dinheiro para tomar hormônio”.

Questionada sobre quais os procedimentos que essa mulher trans já utilizou ou ainda utiliza para produzir seu corpo para o gênero feminino Borboleta 4 narrou que, “Bem, no meu caso eu utilizava hormônio. Muitos hormônios. Eu utilizei o EVRA, repopil, diane 35, Selene, um hormônio chamado nordeste que eu gostava muito dele, é o perlutam. Eu usei isso aí tudo, né? Para deixar meu corpo mais feminino, deixar a aparência mais feminina, né?” (Entrevista oral, Borboleta 4, 15 de junho 2021).

“E hoje eu não utilizo mais, né? Porque coloquei minha prótese mamária. Eu falei que a partir do momento que eu colocar minha prótese eu ia reduzir meus hormônios, né? Mas assim, eu malho para deixar meu corpo mais atraente, né? Gosto de fazer exercício, praticar exercício. É isso mesmo, só os hormônios que eu utilizei. Hoje eu não utilizo mais, mas assim, em breve em to pensando em voltar”

A nossa quinta protagonista entrevistada se chama Borboleta 5, tem a idade de 19 anos, é de nacionalidade Brasileira, atualmente mora em Araguaína-TO e é natural dessa mesma cidade. Atualmente a Borboleta 5 está cursando o curso superior em química na UFNT, Campus de Araguaína-TO. Das 10 entrevistadas, apenas a Borboleta7, Borboleta 8 e a Borboleta 10 estão no ensino superior até o momento em que as entrevistas foram realizadas, mês de junho do ano de 2021.

Ela se autoafirma como uma mulher trans, de orientação sexual heterossexual. Ou seja, ela sente atração sexual-afetiva por pessoas do gênero oposto ao seu. Mulheres trans podem ser heterossexuais da mesma forma que mulheres cisgênero podem ser heterossexuais, reforçamos que identidade de gênero e orientação sexual são coisas distintas como o glossário anexo informa. Em relação ao trabalho ela afirma estar trabalhando no mercado formal de trabalho, mas não informou a profissão. Não tem silicone em nenhuma parte do seu corpo,

não faz uso de hormônios femininos. A Borboleta 5 não realiza acompanhamento médico para o processo transexualizador nem pelo SUS, nem pela rede particular. Ela não tem o desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, popularmente conhecida como “mudança de sexo”. A Borboleta 5, por meio da memória e lembranças narrou quando começou a se perceber com o gênero feminino,

“Bom, a partir do momento que eu comecei a querer usar coisas mais femininas, a partir daquele momento eu percebi que todo esse mundo, características, acessórios me davam mais alegria, eu gostava e isso me fez descobrir uma mulher trans... E também que eu sempre, desde pequena, sempre fui muito delicada!” (Entrevista oral, Borboleta 5 14 de junho 2021).

Esse trecho da narrativa de Borboleta 5 vem de encontro ao que Jesus (2012) escreve sobre a construção social da diferença entre homens e mulheres, afirma o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, no momento em que meninos e meninas são ensinados a se comportar como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado”. Borboleta 5 foi ensinada a ser um menino a partir da marcação do gênero masculino sob seu corpo quando ela nasceu. Ela conta que desde cedo já se interessava por coisas socioculturalmente ditas femininas. Ela não gostava do universo masculino, das coisas que os meninos usavam. Então, desde muito cedo ela começou a se perceber como uma menina e, ao longo do tempo, foi reconstruindo e construindo a sua identidade de gênero como uma mulher trans.

Em sequência, ela nos relatou quantos anos deu início à sua transição do gênero masculino para o feminino com o objetivo de ser quem ela é atualmente, e quais as consequências/dificuldades enfrentadas por ela com essas mudanças no contexto de transitar de um gênero para o outro. A Borboleta 5 nos contou que: “Aos 17 para 18. Bem... As dificuldades é só a falta de apoio nessa questão da transição por parte da minha família e da sociedade, claro, que não nos aceita e nos respeita. Que deveria ser o mínimo!” (Entrevista oral, Borboleta 5, 14 de junho 2021).

Em relação às estratégias/procedimentos já mencionamos aqui que as demais entrevistadas supracitadas já utilizaram ou ainda utilizam para transformar os seus corpos, construir e reconstruir suas identidades de gênero, Borboleta 5 narra o seguinte fato: “Bom... Nessa questão eu não uso nenhum procedimento... não sou hormonizada.” (Entrevista oral, Borboleta 5, 14 de junho 2021). Nesse mesmo contexto ela ainda narrou: “Eu me sinto bem como o meu corpo, não vejo a necessidade no momento de me hormonizar sabe! Não por enquanto” (Entrevista oral, Borboleta 5, 14 de junho 2021).

Continuando as descrições das entrevistadas, temos agora a nossa sétima protagonista que se chama Borboleta 6, ela tem 24 anos e nasceu na cidade de Araguaína-TO, atualmente reside nessa mesma cidade. A Borboleta 6 trabalha no mercado formal de trabalho na cidade de Araguaína-TO em uma loja de bijuterias, ela já concluiu o ensino médio (educação básica). Sobre sua identidade de gênero ela se autoafirma como mulher trans, em relação a orientação sexual (afetivo-sexual) ela se declarou como heterossexual. Assim como as demais, Borboleta 6 é uma mulher trans heterossexual, ela se atrai afetivo-sexualmente por indivíduos do gênero aposto ao seu.

Sua metamorfose começou aos 17 anos de idade, quando iniciou a transição da identidade de gênero do masculino para o feminino. Borboleta 6 afirmou que para transformar o seu corpo e construir e reconstruir sua identidade de gênero, ela faz uso de hormônio feminino. Nesse tempo de transição ela não fez introdução de silicone em nenhuma parte do corpo, ela não realiza acompanhamento especializado pelo SUS, e nem pela rede hospitalar particular com o objetivo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, popularmente conhecida como “mudança de sexo”. Ela ainda narrou que não sente o desejo de passar por esse procedimento cirúrgico, não podemos afirmar que esse desejo vai ser mantido ou alterado ao longo de sua vida.

Continuando os relatos vamos conhecer como e quando ela iniciou a sua transição da identidade de gênero do masculino para o feminino, e como isso ocorreu de acordo com suas lembranças de fatos por ela vividos que permitem resgatar a memória individual sobre esse assunto, “Deixa eu te contar um pouquinho da história. Há mais o menos uns 8 anos atrás eu entrei para o um grupo de dança, onde eu conheci várias pessoas, fiz várias amizades e entre elas conheci o Cleber que foi e é o meu amigão há muito tempo, né?” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho 2021).

A Borboleta 6 foi encontrando apoio dos amigos e da dança para conseguir lidar com as dificuldades enfrentadas por uma pessoa que vive o fenômeno da transexualidade. Ela cita a figura de um grande amigo de longa data. Conta que gostava muito de dançar e foi nesse grupo de dança que ela começou a se sentir mais à vontade para poder expressar a sua identidade de gênero. Foi nesse grupo que o seu amigão, como ela o chama, lhe deu forças para que ela pudesse enfrentar as barreiras do preconceito por estar transitando de um gênero para o outro, e assim, assumindo-se como uma mulher trans perante a sociedade Araguainense. No começo de tudo ela estava bem confusa, perdida com o que estava acontecendo em relação à sua identidade de gênero. Ela foi se autoconhecendo, se descobrindo, um auto reconhecimento.

A seguir, ela continua narrando alguns trechos dessa transição, que foi acontecendo aos poucos durante a sua trajetória de vida até o momento da entrevista. Borboleta 6 evidencia a importância de uma rede de apoio composta por amigos que podem ajudar a pessoa que está passando por essa não aceitação do gênero e da identidade social que lhes foi imposta socioculturalmente. Ela narra as dificuldades enfrentadas por ela até de fato se assumir como uma mulher trans para a família e para a sociedade em que ela está inserida. Ela vai nos dando passos de sua jornada como mulher trans, passos de uma caminhada que para ela, assim como para as demais, não foi fácil de lidar e entender. A Borboleta 6 continua sua narrativa assim,

“O Cleber, ele é um homossexual. E quando eu comecei a andar com ele, frequentar muito a casa dele, ele falava: bixa, por que a senhora não toma hormônio? A senhora tem todos os jeitos feminino bixa. Toma hormônio, a senhora tem todos os jeitos femininos. E eu não entendia, não sabia o que era. Foi assim que ele me explicou o que era os hormônios, né?” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho de 2021).

“Ele naquela época, ele me apresentou algumas amigas travestis que foi aonde eu fui acompanhando pra saber um pouquinho dessa realidade que eu tava meio confusa, meio perdida e há oito anos atrás, conversando com ele, ele me apresentou essas pessoas. Foi aonde eu decidi dar esse primeiro passo, até porque eu sempre, sempre né, desde pequenininha, tive esse jeitinho feminino, esse lado feminino. Só que ainda não tinha descoberto 100%, e foi onde ele me apresentou os hormônios, as minhas outras amigas travestis, que na época eu conheci e foi onde eu apliquei a primeira dose de hormônio que foi a famosa perlutam. Creio que quase todas começou com ela” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho de 2021).

A entrevista com a Borboleta 6 foi rápida, clara e objetiva parecia que ela já tinha as respostas prontas, foi uma entrevista em que podemos perceber que ela teve apoio de amigos e conheceu outras mulheres trans para poder encarar a vida sendo uma pessoa como ela se identifica mulher trans. Durante suas narrativas não percebemos em nenhum momento receio por parte dela em contar sua própria história em especial sobre a sua transição da identidade de gênero e parte das nuances que compõem essa transição. Notamos também durante as falas a questão da firmeza e a empolgação para responder as perguntas, durante toda a entrevista ela se mostrou animada, sorridente e contente em poder contar partes de sua história de vida, além do, mas ela exigiu que se seu nome social fosse exposto na pesquisa, ela ainda perguntou onde essa história vai parar? Ah eu respondi perguntas parecidas com essas para outra pesquisa! Ela recebeu com afimco suas perguntas.

Questionada sobre em que fase do ciclo vital de vida ela iniciou o seu processo de transição da identidade de gênero e quais foram às consequências/dificuldades em assumir a identidade feminina para ser quem ela é hoje. Borboleta 6 resgata memórias e as lembranças da passado para respondermos às perguntas do presente e assim assume a postura de

protagonista desse relato que posteriormente foi transcrito para compor os conteúdos dessa discussão teórico-metodológica,

“A minha transição eu comecei mais o menos para os 17 para 18 anos naquela época eu aplicava perlutan nos três quatro primeiros meses se eu não me engano eu aplicava mensalmente depois eu comecei a aplicar de 15 em 15 dias. E a minha maior dificuldade era que naquela época eu ainda tinha características masculinas e essa injeção eu aplicava na farmácia e foi uma a maior dificuldade foi encontrar alguém que quisesse que aplicasse em um homem naquela época eu tinha a aparência masculina então a minha maior dificuldade foi essa passei procurando várias farmácias chegou a um tempo que eu tive que aplicar numa farmácia muito longe da minha casa e eu ia de pé ia e voltava” (Entrevista oral, Borboleta 6, 2021).

“Os meus primeiros minhas dificuldades foram essas até eu fazer eu conhecer uma pessoa maravilhosa que é uma amiga minha que trabalha na farmácia que depois que eu conheci ela nunca mais trocou sempre apliquei com ela mais no começo da minha transição a minha maior dificuldade foi encontrar alguém que aplicasse a injeção em mim eu não tinha coragem de comprar e dar para outra pessoa aplicar que eu morria de medo neh! mais no começo foi só essa minha dificuldade”

Dos 17 para os 18 anos Borboleta 6 começou a aplicar por conta própria e sem acompanhamento médico um anticoncepcional chamado perlutan (hormônio feminino) com o objetivo de aparentar traços da feminilidade almejada por ela com o uso desse anticoncepcional (hormônio feminino). Nessa época ela descreve que ainda tinha traços da masculinidade presente no seu corpo e foi isso que a fez recorrer a uso da perlutan com o objetivo de construir uma nova configuração corporal em desconformidade com a sexo biológico e o gênero que lhes atribuído ao nascer. Os signos corporais advindos da biologia masculina faziam ela se sentir desconfortável.

Ela narrou que encontrou dificuldade para encontrar que quisesse aplicar o hormônio em razão dela ainda ser lida socioculturalmente como um menino/homem/macho, e nesse caminho ela encontra uma amiga que trabalhava na farmácia onde ela foi procurar a perlutan que a ajudou nessa questão, ela não relatou dificuldades em relação a aceitação e/ou apoio da família no que diz respeito a externalização da sua identidade de gênero, a dificuldade que ela narra em relação a metamorfose se concentra no desrespeito a sua identidade de gênero em algumas farmácias que ela procurava para a aplicação do anticoncepcional (hormônio feminino) isso no começo da sua transição de gênero. Com objetivo de transformar o seu corpo e construir e reconstruir a sua identidade de gênero como uma mulher trans, Borboleta 6 assim como as demais protagonistas segue as/os seguintes estratégias/procedimentos no decorrer da sua transição até o momento que foi realizada a entrevista, ela narrou que: “Procedimentos só são hormônios” (Entrevista oral, Borboleta 6, 16 de junho 2021).

A seguir ela nos contou que no começo da sua metamorfose fazia uso de hormônio injetável, mas com o passar do tempo ela foi percebendo que hormônio injetável não era o ideal para as mudanças que ela almejada até a época das entrevistas. E ainda afirma que hormônio injetável não é o ideal para mulheres trans ela diz que o bloqueador tem, mas efeito por que bloqueia a testosterona que segundo ela dá características masculinas. Borboleta 6 contas que futuramente vai começar a introdução com outros hormônios para feminilizar o seu corpo e construir sua configuração de ser mulher trans como ela se sente feliz e confortável, afim de bloquear a testosterona presente no seu corpo. Ela não realizou nenhuma cirurgia plástica, uso de silicone, cirurgia de redesignação sexual, a única estratégia que ela usa para modificar seu corpo é a ingestão da progesterona/estradiol para diminuir os caracteres primários advindos do sexo biológico narrando que,

“Foi como eu te falei que no começo eu utilizava hormônio injetável mais com o passar do tempo agora eu vi que o hormônio injetável ele não é o ideal para nós mulheres transexuais o ideal é bloqueador que o bloqueador vai bloquear a testosterona que o hormônio que dá características masculinas e estradiol que o hormônio feminino ai o estradiol eu estou, tomando agora em comprimido e futuramente pretendo passar pro gel que o estradiol em gel esse é o método que eu utilizo pra poder fazer a produção do meu corpo feminino. Depois da transição e com certeza eu estou bem mais confortável com meu corpo antigamente eu era uma pessoa bastante magrinha bem magra mesmo tinha o rosto masculino traços masculinos então não me sentia confortável” (Entrevista oral, Borboleta 6, 15 de junho de 2021).

Continuando as narrativas vamos contar partes da história de vida da nossa sétima protagonista da nossa pesquisa, ela chamasse Borboleta 7 tem 23 anos de idade e é natural de Araguaína-TO, reside atualmente nessa mesma cidade, é de nacionalidade Brasileira. Em relação a sua identidade de gênero ela se auto identifica como uma travesti. Os dados obtidos através das suas narrativas apontam que em nenhum momento das suas narrativas Borboleta 7 se autodeclara ou diz se perceber como uma mulher trans, ela faz questão em afirmar e reafirmar nas suas falas que se identifica como uma travesti é luta como uma travesti.

O seu nível de escolaridade é ensino superior incompleto no curso de biologia da UFNT, Campus Universitário de Araguaína-TO, das 10 entrevistadas somente Borboleta 7, Borboleta 8 e a Borboleta 10 estão inseridas no ensino superior até as datas que foram realizadas as entrevistas esse dado nos mostra que a maioria delas estão fora desse espaço educativo, a questão da exclusão desses espaços educativos acaba por vulnerabilizar mais ainda essas mulheres pois a maioria delas relata que não foram bem aceitas principalmente pelas suas famílias daí seria um dos entraves para não seguir adiante com os estudos pois falta apoio o do primeiro grupo social que é a família. Precisamos avançar muito para que mais

mulheres trans e travestis terminem a educação básica (ensino médio) e posteriormente acessem e permaneçam na educação superior.

Devido essas mulheres trans terem sido criadas, ensinadas e lidas como meninos-homens-machos por muito tempo de suas vidas uma das consequências foi que a maioria delas evadisse do espaço escolar em virtude da expressão das suas sexualidades que a maioria relata que logo cedo já se expressava como uma menina fugindo do modelo binário de gênero. Pesquisamos com 10 mulheres trans e apenas duas estão no ensino superior esse dado nos preocupa e nos mostra que a educação básica precisa rever seus currículos escolares e que os professores precisam repensar seus discursos que acabam por não visibilizar as identidades trans e as orientações sexuais que destoam da norma heterossexual fazendo com que muitos alunos LGBTI+ não se sintam bem na escola por não se sentirem representados no livro didático, nos discursos e no currículo escolar.

Onde as suas sexualidades, performances e suas identidades de gênero não são respeitadas por esbarrarem em discursos conversadores e métodos de ensino tradicional que não incluem os novos modelos de família e que afastam da sala de aula as diversidades sexuais e de gênero reforçando assim a norma da heterossexualidade compulsória. Observamos na contemporaneidade o aumento nos debates acerca da sexualidade e do gênero onde a diferença precisa ser respeitada e acolhida.

#### **4.5 Performatividades e discursos de subjetividades na transição da identidade**

Nesse sentido as questões sobre sexualidade e gênero precisam começar a serem revistam nos currículos da educação básica afim de que o ciclo da exclusão dos ambientes escolares seja rompido. A autora Guacira Louro (2000) nos instiga a pensar nas possibilidades de um currículo que inclua a diferente e aqueles ditos diferentes. Um currículo que possibilite a inserção de vozes e temas subalternizados pelos discursos da cisgeneridade principalmente que acaba por invisibilizar os corpos e as identidades dentro dos debates que ocorrem nas escolas a partir do currículo escolar. A (s) sexualidade (s) e o gênero estão, mais do que nunca, no centro dos discursos; estão a deixar os silenciamentos e o segredo, e por bem ou por mal estão a provocar vozes colocadas como as únicas, a fazer barulho e a fazer falar (LOURO, 2000).

A escola precisa viabilizar a partir de um currículo que considere outras identidades sociais para além daquelas ditas como certas e corretas no contexto da binariedade de gênero para que outras identidades sociais inclusive as identidades trans sejam respeitadas nas discussões realizada nas escolas, pelos professores, pela gestão escolar e pelo próprio

currículo escolar. Portanto as escolas disciplinam os corpos, exigem comportamentos ditos como correto por exemplo: menino brinca como menino, menina brinca com menina, menino se comporta como menino, menina se comporta como menina. E assim a escola acaba por criar estereótipos para os comportamentos que escapam essa norma da heterossexualidade que já instituída aos corpos e as identidades desde a mais tenra infância. Existe um disciplinarização dos corpos, das identidades, das sexualidades, e dos gêneros.

Contudo, se a escola é uma instituição representativa de nossa organização social, não se pode ignorar as diversas relações de poder nela existentes, pois, na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado Foucault (1993). no meio dessa relação de poder, há sempre um ponto fraco e outro forte, um ponto ativo e outro passivo, nesse sentido a sempre um discurso predominante da voz do homem branco, cisgênero e premissamente heterossexual que tenta dizer vulnerabilizar outros grupos que não estão no topo da pirâmide social ou que por vezes não se encaixam em nenhum lugar da pirâmide em razão de tanta vulnerabilidade e exclusão social. E na escola essas relações de poder são reforçadas pelo currículo, pelos discursos que não visibiliza ou não proporciona debates que incluam os alunos do grupo LGBTI+, e acabam assim por criar um inóspito território para esses alunos nos espaços educacionais. Uma instituição que vai marginalizando.

As diversas relações de poder existentes na escola acabam por vezes criando espaços de segregação para a diversidade sexual e de gênero fazendo que muitos alunos LGBTI+ não vejam a escola como uma instituição que os respeite nas suas múltiplas formas de ser e de vivenciar a identidade de gênero e a orientação sexual, e na escola que se ditam as regras como por exemplo: fila de menino, fila de menina, brincadeira de menino, brincadeira de menina e todas construções normatizadoras sob o gênero e a sexualidade baseando-se no binarismo de gênero, na biologia, e no conservadorismo. Para Silva (2001) “a diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida”, ou seja, ela é construída. É justamente por isso que é por meio e, através dos discursos, que produzimos e realimentamos certas diferenças de identidades de gênero, sexuais, desde cedo somos ensinados que meninos devem se comportar diferente das meninas e vice-versa para manter uma normatização dos corpos, corpos que são adestrados desde muito cedo.

A escola precisa ver a diferença como algo que vem a agregar e não algo estranho, esquisito, a diferença precisa ser usada para ensinar aos colegas que eles terão coleguinhas que não vão performatizar os estereótipos construídos em relação ao sexo biológico e a identidade de gênero fabricada e marcada pelo gênero de nascimento, e que essas diferenças

precisam ser respeitadas na escola afim de que todos possam conviver com a diversidade sexual e de gênero de forma respeitosa. Entendemos que a diversidade, ou melhor as diversidades estão na escola.

Continuando as narrativas Borboleta 7 nos conta que sua orientação sexual e afetiva é heterossexual, ela é uma travesti heterossexual sente atração pelo gênero apostado ao seu, ou seja, ela se sente pertencente ao gênero feminino se apresenta assim socioculturalmente e sente atração sexual e afetiva por pessoas do gênero apostado ao qual ela se percebe. Sobre a inserção no mercado de trabalho formal ela narrou que atualmente está trabalhando no mercado informal na cidade de Araguaína-TO ela não qual a atividade laboral está desenvolvendo nesse mercado informal de trabalho. Deixamos Borboleta 7 a vontade para contar ou não profissão que estava exercendo até aquele momento, visto que nossa pesquisa é feita com elas e não sobre elas. São elas narrando sobre elas, foi um momento de aprender com elas coisas que muitas vezes nunca foram contadas, narradas.

Assim como a maioria das protagonistas entrevistadas a Borboleta 7 também passou por modificações corporais/estéticas com a finalidade de adequar a sua identidade de gênero materializando o gênero ao qual se percebe no seu próprio corpo. Até o momento das entrevistas a Borboleta 7 está fazendo ingestão de anticoncepcional (hormônio feminino), ela narrou que realiza acompanhamento médico pelo SUS com o objetivo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia popularmente conhecida como mudança de sexo. Ela quer readequar a sua genitália, ela diz que não se sente bem com seu órgão genital, é algo muito subjetivo que cada uma delas vivência.

Atualmente até o momento das entrevistas um dos únicos procedimentos que Borboleta 7 usa para produzir seu corpo é o uso de anticoncepcional (hormônios femininos), a mesma não tem silicone em nenhuma parte do corpo. Ela narrou sobre qual hormônio ela faz o uso para modificar a configuração primária do seu corpo, atingindo segundo ela uma nova configuração corporal secundária. Segundo ela a sua identidade de gênero e firmada através do seu nome social na sociedade, ela se expressa como uma travesti e afirma em toda a entrevista ter orgulho de ser travesti.

Na sequência elencamos alguns pontos importantes sobre algumas lembranças, memórias de Borboleta 7, confira as narrativas orais da trajetória dessa travesti que assim como as demais transitou do masculino para o feminino para ser quem ela é atualmente. Ela se refez, se reconstruiu. A Borboleta 7 afirmou em seu relato os acontecimentos, testemunhando assim, algumas lembranças de quando e como começou a sua transição do

gênero masculino para o gênero feminino. Segue, abaixo, um pouco desse relato oral transcrito sobre essa transição da identidade de gênero da Borboleta 7,

“Então, eu me descobri uma pessoa travesti quando eu tinha meus 18 anos, né? Que eu iniciei minha transição que foi em 2017.” (Entrevista oral Borboleta 7, 15 de junho 2021).

“Eu descobri que eu era uma pessoa travesti e não sabia, não entendia do assunto. Procurei conversar com pessoas mais experientes, mais velhas que eu e fui me entendendo. Fui me entendendo com essa questão sobre o meu corpo e aos poucos fui me aceitando. E hoje tenho muito orgulho de dizer que eu sou uma pessoa travesti. Minha luta é mais para as travestis por que eu me identifico muito com elas e eu sou uma pessoa que não me calo fácil e gosto de lutar por ser uma travesti.” (Entrevista oral, Borboleta 7, 15 de junho 2021).

“Então, eu iniciei minha transição do masculino para o feminino com meus 21 aninhos. E eu comecei a marcar consultas nos postos de saúde procurando atendimento para que eles me fornecessem hormônios para eu começar essa transição com muita segurança. Para que não acontecesse nada de errado com meu corpo”

“E as dificuldades foram que algumas vezes eu fiquei com medo de tomar certos tipos de remédios. Teve vezes que eu tava sem condição para comprar os remédios, então isso foi um pouquinho da parte difícil da transição. A gente tem que ter dinheiro... Essas coisas. E geralmente no postinho de saúde é uma burocracia. Enfim, foi isso. (risos)”.

Para construir e reconstruir a sua identidade social adequando a sua identidade de gênero, assim como as demais, Borboleta 7 utiliza ou já utilizou algumas estratégias/procedimentos. Confira qual/quais são esses: a maioria delas tem aversão às características primárias advindas do sexo biológico. Por isso, elas fazem uso de hormônios femininos para alterar suas configurações corpóreas, “Então, Os hormônios que eu tomo é o climene. É que o climene é o hormônio mais bloqueador. E tomo diane 35 também que é muito bom para bloquear a testosterona masculina. Esses são os procedimentos que eu utilizo para melhor possível meu corpo ficar no feminino” (Entrevista oral, Borboleta 7, 15 de junho 2021).

A Borboleta 7 faz uso de uma combinação entre o climene e o diane 35, com o objetivo de bloquear, segundo ela, a testosterona presente no seu corpo. Sabemos que é a quantidade maior de testosterona presente no corpo que dá as características biológicas do sexo masculino. Essa protagonista tem o objetivo de feminilizar o seu corpo, de tornar esse corpo socioculturalmente como um corpo de mulher. Existe a presença de um desconforto com a aparência dita pela maioria delas, como uma aparência masculina, corpo masculino, rosto masculino, e é nesse caminho da transição da identidade de gênero que cada uma delas recorre a estratégias e procedimentos distintos para adequar a identidade de gênero ao seu

corpo, e, assim, performatizar na sociedade o gênero feminino com os marcadores sociais atribuídos a esse gênero.

Os resultados mostraram que mesmo sem tomar hormônios femininos existem mulheres trans que se autoafirmam como pertencentes ao gênero feminino e performatizam signos corpóreos desse gênero através das roupas, cabelo, acessórios, nome social, como faz a Borboleta 5. Ela disse que não sente vontade de tomar hormônios até o momento em que as entrevistas foram realizadas, ela se sente bem sem tomar hormônios. Essa narrativa evidencia que, para Borboleta 5, não é o uso de hormônios que a torna uma mulher trans, mas sim a própria percepção dela sob o gênero, a performance de gênero dela é baseada na identidade de gênero e não em tomar hormônios.

Na sequência apresentaremos as narrativas orais da nossa oitava protagonista, ela se chama Borboleta 8, tem 25 anos de idade, e é de nacionalidade Brasileira. Nasceu na cidade de Araguaína-TO e atualmente reside nessa mesma cidade, no interior do estado do Tocantins. A Borboleta 8 se autoafirma e apresenta socioculturalmente como uma mulher trans, de orientação sexual e afetiva heterossexual. Assim como as demais, ela transitou do gênero masculino para o feminino e sente atraída afetivo-sexualmente por pessoas do gênero aposto ao seu. Ela é uma mulher trans heterossexual. Se sente e se percebe uma mulher trans. Borboleta 8 desconstruiu o gênero masculino e performatiza agora o gênero feminino e a identidade feminina.

A identidade de gênero é como a pessoa se apresenta socialmente, como a pessoa se percebe dentro ou não do gênero. Já a orientação sexual-afetiva é por quem os indivíduos se atraem afetivo e/ou sexualmente sendo considerados, então, heterossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais, homossexuais, dentre outras orientações sexuais que estão disponíveis no glossário anexo. Muita gente ainda confunde orientação sexual com identidade de gênero. Nossa pesquisa se propõe a desconstruir essas concepções que foram construídas ao longo dos anos. Ainda há muita gente que mistura gênero com sexo biológico, ou pensa que gênero é sexo. E ainda há quem não entenda, ou pense, que mulheres trans não podem ser heterossexuais, bissexuais, homossexuais, etc. por ligarem a orientação sexual à identidade de gênero. Estamos aqui informando aos leitores sobre as nuances que pairam sobre a discussão complexa acerca das identidades trans.

Corroborar aqui, Jesus (2012) assegurando que gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivo-sexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, nesse rumo,

nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. Para Jesus (2012) cada um (a) de nós é uma pessoa única, que tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, como a região em que nascemos e somos criados, a raça, classe social, se temos ou não religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outros aspectos que marcam a diversidade humana. Nossos resultados apontam que a maioria das mulheres trans são heterossexuais, mas esse dado não pode ser generalizado para todo o grupo entrevistado visto que das 10 entrevistadas duas são bissexuais.

Cabe ressaltar que a sociedade em que vivemos difunde a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fator biológico, nada mais é do que uma construção social Jesus (2012). A Borboleta 8 está inserida na educação superior, no curso de medicina veterinária na UFNT campus universitário de Araguaína-TO. O curso ainda está na fase de finalização. Atualmente ela trabalha no mercado formal de trabalho, mas não nos contou qual a profissão exercida. A deixamos à vontade para responder às perguntas no seu tempo.

Narrando sobre a sua transição da identidade de gênero, Borboleta 8 contou que começou a transição a pouco tempo, com seus 25 anos de idade. Ela disse que começou a transição há 1 mês, no dia 14 de maio de 2021. Percebemos muitos medos e insegurança quando ela estava narrando sobre sua transição. Um fato que nos chamou atenção foi ela narrar que as outras mulheres trans a estavam julgando por ela por ainda parecer, segundo elas, uma mulher trans. Isso a deixou bem triste e frustrada. Segundo ela, em alguns momentos do dia se vestia como menina e depois menino e isso irritava algumas mulheres trans. Ela não se sentia acolhida por algumas mulheres trans onde mora. Para produzir e transformar o seu corpo e construir e reconstruir a identidade social de gênero, assim como as demais protagonistas, Borboleta 8 utiliza alguns procedimentos/estratégias como por exemplo: uso de hormônios de femininos. Ela não tem silicone em nenhuma parte do seu corpo, e, durante suas narrativas ela se mostra ainda confusa em relação à transexualidade.

Conforme Jesus (2012) há várias definições, clínicas e sociológicas, que apresentam a vivência transexual. Seria exaustivo mencioná-las. Se puder simplificar bastante, digo que as pessoas transexuais lidam de formas diferentes, e em diferentes escalas, com o gênero ao qual se percebem. A Borboleta 8 atualmente não realiza acompanhamento médico para o processo transexualizar, nem pelo SUS, nem pela rede particular. Ela nos relatou que tem vontade e desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia popularmente conhecida como

“mudança de sexo”. Ela não narrou se pretende futuramente realizar esse tipo de procedimento.

A Borboleta 8 narrou em suas falas quando e como aconteceu a sua transição do gênero masculino para o feminino. E a fase de vida na qual começou a se perceber como sendo do gênero oposto. Confira abaixo seu relato oral transcrito. Desde pequena eu me sentia diferente quanto ao meu corpo ao que minha família pregava. Então desde os 10 anos de idade eu já me sentia uma menina, eu gostava de ambiente feminino, eu gostava de estar com mulheres. E assim como eu sou, né, uma mulher trans, eu gostava de assuntos femininos, de lugares, de roupas, de objetos femininos. Não gostava de estar com meninos, de brincadeiras de meninos (Entrevista oral, Borboleta 8, 15 de junho 2021). Ela continua a narrativa assim,

“Então desde os 10 anos eu me sinto uma mulher, porém só aos 25 anos, e dia 14 de maio que eu vim a iniciar minha transição. Mas eu sempre me senti, e desde os 10 anos, uma moça, tendo entendimento que era o que eu era e que independente do que falavam não ia mudar o que eu pensava”

Chegamos então as considerações deste trajeto pelas histórias orais de vida de dez mulheres trans da cidade de Araguaína-TO, elas foram protagonistas da análise dos discursos que reverberam na transição da identidade de gênero de mulheres trans em Araguaína-TO. As narrativas como fontes orais foram entendidas como fontes de conhecimento, pois, elas nos possibilitaram conhecer, narrar, categorizar e publicizar as histórias de vida de mulheres trans.

No processo de realização e transcrição das entrevistas entramos em contato com uma riqueza de vivências que nos estimulou a continuar com as análises das narrativas. As histórias de vida como fonte de conhecimento sobre a transição da identidade de gênero nos proporcionaram conhecer outras experiências e aprender com seus ensinamentos, aspirações, anseios, e os discursos atravessam a história de vida de cada uma em relação a percepção desde a mais tenra em infância em pertencer ao gênero apostado ao do seu nascimento. Todo o processo de transcrição e análise das entrevistadas foi zeloso, ético e proporcionou o conhecimento sobre outras histórias de vida.

No decorrer das transcrições e análises dos conteúdos muitas vezes nos identificamos com as narrativas das mulheres trans como por exemplo: na questão da heterossexualidade compulsória, na questão das imposições de padrões de corpos, o machismo estrutural e os discursos que segregaram os corpos e as performances de fogem a lógica de um corpo dócil e sutil que se encaixa na ideia de corpo docilizado e adestrado. Ao recordamos vivências parecidas nos vemos dentro de cada acontecimento e refletimos sobre fatos e experiências que

foram marcantes em nossas vidas, ou seja, as nossas trajetórias foram se assemelhando em alguns momentos com as trajetórias de vida das mulheres trans protagonistas dessa pesquisa.

Os corpos *queer* das mulheres trans protagonistas desta pesquisa subvertem as normas de gênero por não serem arregimentados pelo discurso médico-biologizante que Butler (2003) afirma define um verdadeiro sexo com seu respectivo gênero e, instância, um modelo verdadeiro de corpo humano. O que as mulheres trans protagonistas do nosso estudo fizeram foi a apropriação leiga dos saberes médicos e farmacológicos. Com a finalidade de aproximar seus corpos das suas identidades e subjetividades. Suas identidades de gênero escapam às normas estabelecidas pela heteronormatividade compulsória e suas performances são questionadas, violadas e patologizadas em diversos sentidos nos discursos dominantes de poder, atribuindo às suas performances sentidos negativos baseados em princípios biologizantes, etc. Butler (2003) chama essas situações de abjeção, incidindo na negação e violação simbólica, material, imaterial e cultural das existências de identidades trans que subvertem a heteronormatividade.

As entrevistas semi estruturadas foram transcritas, categorizadas e narradas e serão devolvidas às mulheres trans juntamente com o exemplar da dissertação, para que essas mulheres leiam e se reconheçam como também sendo como protagonistas da história pública nacional brasileira em especial Tocantinense, como corpos e identidades que precisam ser respeitadas na cultura e no território em que estão inseridas. Fica a experiência de ter construído uma dissertação de mestrado e ter aprendido sobre as múltiplas formas de ser estar e mulher trans na sociedade, esperamos que essas histórias de vida sirvam para que dar visibilidade a essas experiências de viver o gênero que foi aquele instituído ao nascer. Não queremos um final, mas sim queremos um recomeço que não seja o da exclusão e negação dos corpos e das identidades trans em todas suas subjetividades. Queremos que essas histórias orais de vida sejam conhecidas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A construção dessa pesquisa seguiu um percurso na tentativa de conhecer quais os discursos e performances de empoderamento subjetivo reverberam na transição de gênero a partir da construção e reconstrução da identidade de mulheres trans em Araguaína-TO. A problemática de pesquisa de elencar quais são os discursos que perpassam as performatividades e a subjetividades imbuídas na transição de gênero de mulheres trans entrevistadas nessa pesquisa. Essa problemática foi respondida em toda a pesquisa a partir das entrevistas semi estruturadas realizadas e corroboração com as teorias e conceitos chaves que balizaram o estudo.

Tal problemática confirma-se, posta que nas narrativas orais das mulheres trans que foram entrevistadas, verificamos que cada uma usa maneiras e estratégias diversas construir e reconstruir a identidade de gênero. As narrativas orais mostraram que não é a cirurgia de redesignação sexual cirurgia popularmente conhecida como mudança de sexo, as vestimentas, ingestão de hormônios, uso de cabelo grande, adereços, próteses de silicone etc. que legitimam socioculturalmente a identidade das protagonistas da pesquisa, mais as suas identidades são resultados de uma construção e desconstrução em virtude da desobediência as normas socioculturalmente estabelecidas sobre o que é ser homem ou mulher na sociedade. Os resultados apontam que esses não são os critérios usados pelas protagonistas entrevistadas para se definir uma pessoa uma mulher, todas elas se autoafirmam em desacordo com o binarismo.

O que nos almejamos ao publicizar essas histórias de vida acerca das construções e as reconstruções das identidades de gênero das protagonistas é o respeito dessas subjetividades e identidades pela sociedade em que estão inseridas, as construções e reconstruções da identidade de gênero a partir das performances de gênero é feita pelas protagonistas a partir principalmente do auto reconhecimento é a autoafirmação como sendo pertencente ao gênero aposto ao que lhes foi atribuído ao nascer. Elas performatizam, experimentam e vivem o gênero auto reconhecendo-se, auto afirmando-se e tem a todo momento práticas discursivas que as subjetivam ou não dentro da cultura e da territorialidade que elas apropriaram-se dos seus corpos.

Evidenciamos que são as protagonistas da pesquisa que se autoafirmam ou com sendo mulher trans. elas não seguem padrões específicos de transexualidade como as entrevistas foram capazes de evidenciar, ou seja, cada protagonista produz territorialidade de

forma diferente, constroem e reconstroem a identidade de gênero de maneira subjetiva uma das outras, mesmo fazendo parte do mesmo grupo. Cada uma começou a transição de gênero em épocas distintas uma das outras, mas um ponto importante a ressaltar e que a maioria delas desde a infância já não se reconhecia como menino, desde a infância já desmatelavam o sistema binário de gênero com as performances, ou seja a performatividade, ações, comportamentos.

Das dez protagonistas entrevistadas todas tem uma inconformidade com o sexo biológico e com o gênero que lhes atribuído ao nascer, todas relataram que se sentem pertencentes ao gênero oposto ao do seu nascimento, a maioria delas desde a infância já se percebia e começava a performatizar o gênero oposto ao do seu nascimento, fugindo assim da norma binária de gênero. Utilizamos a metáfora da borboleta para afirmar que as mulheres trans entrevistadas nessa pesquisa são como a borboleta que representa a metamorfose, conversão e alteração. Ao transitarem do gênero masculino para o feminino essas mulheres trans também passam e passaram por intensas metamorfoses, conversões e alterações, com o objetivo de pertencer ao gênero que se sentem desde criança pertencentes.

Performances de gênero que passam por discursos como: não aceitação da família, exclusão do mercado de trabalho, violências diversas causadas pela não aceitação da identidade de gênero pela sociedade em que estão baseadas nas normas binárias que inscrevem o gênero e sexo sob os corpos desde a mais tenra infância, depressão, exclusão das escolas, e (In)visibilização advinda dos discursos científicos, discursos populares e discursos midiáticos sobre as identidades trans e performances de mulheres trans que as marginalização socialmente.

Sabemos que a borboleta que estamos nos referindo sucede da lagarta. A lagarta, em seu estado bucólico, após se submeter às várias etapas de transformação, passa então por uma etapa chamada de fase da crisálida, pelo enclausuramento em seu casulo e, depois disso tudo ergue voo em forma de borboleta. As protagonistas dessa pesquisa evidenciaram passar e passaram por essa fase de mudanças, transformações, anseios, medos, preconceitos etc. até a hora que cada conseguiu se encontrar como atualmente se apresentam. O que une todas elas é a não conformidade com o sexo/gênero naturalizado pelas normas vigentes instituídas pelos discursos biologizantes que corroboram para que essas mulheres sejam vistas pelas normas socioculturais como corpos anormais, corpos indisciplináveis.

A presente pesquisa não se encerra aqui, não é um final. Não aceitamos um ponto final pois precisamos muito dessas discussões sobre a transexualidade, cultura, performances de gênero, gênero e territorialidade, para que as identidades trans possam ser vistas como

possibilidades culturais e identitárias de vivenciar e experimentar o gênero sem que sejamos discriminados e vulnerabilizados por isso. As identidades trans estão dentro das territorialidades.

O estudo foi capaz de contar as histórias orais de vida que talvez você leitor nunca teria tido a oportunidade de ler se não fosse essa dissertação. Reiteramos que a pesquisa foi com elas e não sobre elas. Tivemos a honra de poder narrar as histórias orais de vida das nossas companheiras, das protagonistas como aqui chamamos elas a todo momento. Companheiras borboletas voem, voem. A revolução é trans, vamos transcender as barreiras da invisibilidade. Talvez esse assunto não seja inédito, mais a forma como a pesquisa foi realizada sim é inédita. Para além dos métodos, da metodologia, dos questionários semi estruturados, das entrevistas, das disciplinas cursadas no Mestrado em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína-TO. Tem coisas que não cabem no currículo lattes.

Os bastidores desse estudo mostraram e narram as histórias de vida de 10 mulheres trans, que por diversos discursos em virtude principalmente do preconceito e a discriminação não tem e não tiveram até o momento o prazer de terem suas histórias publicizadas para a sociedade as conhecerem para além dos contextos vitimizantes e levados ao exotismo. A partir desta pesquisa de mestrado desejamos que outras mulheres trans assim como eu tenham a mesma oportunidade de escrever uma pesquisa nesse programa e ocupar o mesmo espaço que estou ocupando no Mestrado em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins Campus Araguaína-TO.

Vamos nos permitir e deixar que as pessoas as mulheres trans possam fluir em sua condição humana! Transafetos a todas que fizeram dessa pesquisa um dos meus sonhos se realizar, ser MESTRA. Digo e repito essa pesquisa foi com mulheres trans e não sobre elas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria. Helena. Menna Barreto. (Org.). Pesquisa (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALBUQUERQUE, Maria Thereza da. Costa; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

AMATUZZI, Mauro. Martins. Pesquisa fenomenológica em psicologia. IN: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org). Psicologia e fenomenologia: Reflexões e perspectivas. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2007, cap.1, p.17-25.

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. DOSSIÊ – assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acessado em: jun. de 2021.

ARAGUAÍNA- TO. DECRETO 059, DE 26 DE JANEIRO DE 2018. Disciplina o nome social de travestis, transexuais e transgêneros em toda a administração pública direta e indireta do Município de Araguaína. Disponível em: Acesso em: 29 jan. 2018.

ARAÚJO, Rubra Pereira de; CAMARGO, Pereira Flávio. Gênero e diversidade sexual no currículo escolar: uma abordagem inter e transdisciplinar no ensino e na formação de professores. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 3, n. 1, p. 104-123, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19512/3/Artigo%20-%20Rubenilson%20Pereira%20de%20Ara%20c3%20bajo%20-%202012.pdf>. Acesso em: 20 julho. 2022.

ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de Souza; PISANESCHI, Tatiane Crenn. Transexualidade, travestilidade e direito à saúde. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.

BARATA, Germana. Fernandes. (2006). A primeira década da aids no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992 (dissertação de mestrado). Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARREIRO, Alex. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Proposições | v. 24, n. 1 (70) | p. 269-274 | jan./abr. 2013. Disponível em: [\(PDF\) Resenha: Ensaios sobre Sexualidade e Teoria Queer | Alex Barreiro - Academia.edu](#). Acesso em: 20 jun. 2022.

BARROS, Lídio Fernando Yale Vieira. “Corpo feito no olho para o olhar”: contornos da trans-formação de gênero nas experiências das trans- formação de gênero nas experiências das trans-travestis no contexto de prostituição em Araguaína-TO. 2018. 148f. (Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 112p.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. A experiência vivida (Vol.2). 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense. 2008.

BICALHO, Pedro. Paulo. Gastalho. (2013). Ditadura e democracia: qual o papel da violência de Estado? In: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (Org.), Entre garantia de direitos e práticas libertárias (pp. 13-34). Porto Alegre, RS: o autor.

BORBA, Rodrigo. Identidade e Intertextualidade: a construção discursiva do gênero e da sexualidade na prevenção de DST/AIDS entre travestis que se prostituem. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, v. 9, n. 1, p. 72-97, 2008b.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Meramente cultural. Trad. Alicia de Santos. El Rodaballo. Buenos Aires, ano 5, n.9, 1998-99.

\_\_\_\_\_. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, Brune Coelho. A produção de corpos trans e suas interseções com os processos saúde-doença: Efeitos (in)desejáveis e autonomia dos corpos. Dissertação de mestrado pós-graduação em psicologia. 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/3631/1/brunecoelhobrandao.pdf>. Acesso em: 13 de mai. 2023.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, VERA Maria. Antonieta. Memória (auto) biográfica como prática de formação. Revista @mbiente educação- Volume 1- Nº 1- Jan / Julho 2008- - São Paulo. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/vera.pdf>

BRASIL, Céu; BARBOSA, Brasilino Roberta; BICALHO, Pedro. Paulo. De. Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. Psicologia: Ciência e Profissão 2018 v. 38. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MLLBpknvMfqdR66rvVGF3WD/>. Acesso em 04 mai. de 2023.

BRASIL, Ministério da saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Travestis e Transexuais. 1. ed; 1. Reimp. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. Acesso em: 18 de abr. 2021.

BRASIL. IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/wanderlandia.html?>. Acesso em: 01 mai. 2020.

BRASIL. PORTARIA Nº 457, DE 19 DE AGOSTO DE 2008. Dispõe sobre o Transexualizador no Sistema Único de Saúde. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457\\_19\\_08\\_2008.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html). Acesso em: 02 dez. 2020.

CARDOSO, Bruna. Da. Silva. Narrativas como fontes de conhecimento da relação com o saber à construção do ser professor e professora em Araguaína-TO. 2017. 187 f. (Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura e Território) Universidade Federal do Tocantins.

CARNEIRO, Sueli. (2011). Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 13 de out. 2022.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 3, n. 3, p. 17-18, set. 2000.

CHAUÍ, Mariena. & NOGUEIRA, Marco. Aurélio. (2007) O pensamento político e a redemocratização do Brasil. *Lua Nova*, (71), 173-228.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001. Científico e Tecnológico. Orientador: Pedro Luis Navarro Barbosa. Disponível em: <<http://www.eaic.uem.br/>> Acesso em: 14 Maio. 2021.

COELHO, Fabiano. Conceitos, “Cultura” e “Representação”: contribuições para os estudos históricos. *Fronteiras: Revista de história/ Dourados, MS/v.16/ n.28/p.87-99/2014*. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/454/2324>. Acesso em: 01 Abril. de 2021.

COSSI, Rafael Kalaf. Corpo em obra: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo. São Paulo: Versos, 2011.

CURY, Carlos Abib. Transexualidade: da mitologia à cirurgia. São Paulo: Iglu, 2012.

DAGOGNET, François. O Corpo. Trad. Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e Educação. Figuras de l'indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes Neto, Luis Passeggi, São Paulo: Paulus; Natal, RN: EDUFRN, 2008.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. Rev. adm. contemp. vol.10 no.1 Curitiba Jan./Mar. 2006.

FERREIRO, Marieta de M.; AMADO, Janaina ORG. **Usos e abusos da história oral**.8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa 3ª Porto Alegre: Artmed. 2009. 405 p.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de Conteúdo. 3. Ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos. Editora S. A., 1989.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUATTARI, Félix. *Caosmose* – um novo paradigma estético. São Paulo, Editora 34, 2012.

GUERELLUS, Natália de Santanna. Palimpsesto: historiografia, literatura e gênero a partir da trajetória de Rachel de Queiróz. Revista de História, 5, 1-2 ,2013, p. 288. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/28228>. Acesso em: 03 mai. 2021.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2004. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade, 2007. Disponível em: <http://www6.ufgs.br/petgeo/artigo/Rh.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. 1997. Niterói: EdUFF

\_\_\_\_\_. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al . Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43- 70.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro:dp&a;2005.

\_\_\_\_\_. A Identidade cultural na pós-modernidade. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102p.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva In: SILVA Tomaz Tadeu da. (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, KATHRYN. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, p.103-133, [1996] 2000.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, v. 5, 1995, p. 07-41. Janeiro. 2018.

\_\_\_\_\_. Tentacular thinking: anthropocene, capitalocene, chthulucene. Recuperado de <https://www.e-flux.com/journal/75/67125/tentacular-thinking-anthropocene-capitalocene-chthulucene/>.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Goiânia: Ser-Tão, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 04 Julho. de 2022. .

JÚNIOR, Alides B. C. Geografias Malditas: corpo, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 143-182.

KAPLAN, Harold.I.; SADOCK, Benjamin J.; GREBB, Jack. A.; Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Trad. de Dayse Batista. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KRISTEVA, Julia, (1989). Poderes del horror. Cidade do México: FCE.

KRÜGER, Alícia. Aviões do Cerrado uso de hormônios por travestis e mulheres transexuais do Distrito Federal Brasileiro. Dissertação de mestrado apresentada a faculdade de ciências da saúde da Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

KULICK Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008. 280 p.

LACAN, Jacques. O seminário VII- a ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Fiocruz,1977.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LEITE JR., Jorge. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011

LEMOES, Kaio. No Candomblé, quem é homem e quem não é? - 1ª ED. Metanoia. 2019

LIMA, Ana Paola. Nossos corpos não são mais os mesmos: Narrativas de mulheres trans e travestis sobre o seu processo de envelhecimento. 2019 145 f. Tese de Doutorado Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis: Vozes; 2008. 184 p.

\_\_\_\_\_. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

LONGARAY, Deise. Azevedo; RIBEIRO, Paula. Regina. Costa. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. Estudos Feministas, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/KMw7k6XzmPJLLmMjn5zdncc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 Maio. de 2023.

MAGALHÃES, Boris Ribeiro de (Orgs.). Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 69-104.

MARTINS, Danyla. Máscaras de teatro: origem, simbolismo e representação no teatro grego. Segredos do Mundo. 2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/mascaras-de-teatro/>. Acesso em: 03. Janeiro. 2021.

MBEMBE, Achille. (2016). Necropolítica. Arte & Ensaios, 32, 123-151.

MBEMBE, Joseph. Achille. (2014). Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos Santos. Etnia, Gênero, Educação. As representações de gênero na formação de professoras indígenas. Nagô Editora, 2012.

MINAYO, M.C.S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis-Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. Teoria & Pesquisa, v. 9, p. 9-41, 2005.

MONEY, John; TUCKER, Patrícia. Os papéis sexuais. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOREIRA, Daniel. Augusto. O método fenomenológico da pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2002.

OLIVEIRA, Ana Cristina Marques de; GROSSI, Miriam Pilla. Gênero, território e violências: análise documental de conflitos escolares e seus silenciamentos. 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT19 - Gênero e sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias. 2020. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6I nBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzVZPIjtzOjQ6IjQ2NTAiO30iO3M6 MToiaCI7czozMjoiOGRiOTE2Zjk3ZmNIM2VhYmIxNGM4Mjg5ZTM1Y2FmNmIiO30%3 D>. Acesso em: 01. Outubro. 2021.

OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de. “Da Lagarta a Borboleta”: O Processo de constitui o da identidade e os direitos do sujeito transexual. 2017. disserta o de mestrado. Programa de Pós-gradua o em Ciências Sociais e Humanas– PPGCISH . Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mossoró-RN. 2017. Disponível em:<https://www.uern.br/controladepaginas/ppgcishdisserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963aryanne.pdf>. Acesso em: 01.Janeiro. 2022.

PELUCIO, Larrisa. Abje o e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2009.

PERES, Wiliam Siqueira. “Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos”. In: SOUZA, Luiz Ant nio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira;

PRECIADO, Paul. Beatriz. Multidões queer. Notas para uma política dos —anormais|. Rev. Estud. Fem. 2011, vol.19, n  1, p. 11-20.

\_\_\_\_\_. Manifesto contrassexual, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edi es, 2014.

\_\_\_\_\_. Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornogr fica, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edi es, 2018.

PORTELI, Alessandro. História oral como arte de escuta/[tradu o Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAFFESTIN, C. 1993 (1980). Por uma Geografia do Poder. São Paulo:  tica.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Pedagogia UFBA. 2018. Disponível em: <https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 10 Maio. de 2023.

REIS, Toni (org.). Manual de comunica o LGBTQ+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTQI+/gayLatino; 2018. 104 p.

RIBEIRO, Djamila. O que   lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROCHA, Fábio Bratifich. Travestis e mulheres transexuais: narrativas sobre violências de gênero. Disserta o de mestrado. Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/208740>. Acesso em: 13 de Abril. 2021.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pi-d=S0104-026X2017000100365&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-d=S0104-026X2017000100365&lng=en&tlng=en). Acesso em: 20 Maio de 2023.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza  vila Dantas. **Corpo e Identidade das pessoas transexuais**. In: Seminário Internacional Enla ando Sexualidades: Direito, Rela es  tnico Raciais, Educa o, Trabalho, Reprodu o, Diversidade Sexual, Comunica o e Cultura. 2011. Disponível em:

<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/corpo-e-identidade-das-pessoas-transexuais.pdf>. Acesso em: 01 Janeiro. 2021.

SANTOS, Aíton. Transexualidade e travestilidade: Conjunções e disjunções. In: COELHO, M. T. A.D; SAMPAIO, L.L.P (org). Transexualidades: um olhar multidisciplinar. Salvador: EDUFBA, p.79-100,2014.

SAQUET, Marcos Aurelio. Abordagens e concepções sobre território. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade & psicodrama. São Paulo: SENAC, 1998.

SILVA, Eriéide Carla; PASSOS, Larrisa. Invisibilidade homoafetiva nos meios de comunicação: Um olhar sobre a heteronormatividade nas propagandas de outdoor no dia dos namorados. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/gepss/article/view/3866/3081>. Acesso em: 21 Maio. de 2023

SILVA, Hélio. R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Iser, 1993. 176p.

SILVA, Hélio. R. S.; FLORENTINO, C. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 105-118.

SILVA, José Roberto Gomes da; VERGARA, Sylvia Constant Vergara. Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos. Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Salvador/BA, 2000.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: ORNAT, Márcio;

TONIETTE, Marcelo A. Sexualidade ou sexualidades? Boletim Informativo CEPCoS – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade, São Paulo, ano X, n.3, p.1, mar. 2004.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELASCO, Miriam. Calvilho. Territorialidad del género y generidad del territorio. In: RAMOS, M. E. R.; LARA, A. F. L. (Org.). Explorando territorios: una visión desde las ciencias sociales. México: p. 236-293, 2012.

VENTURI, Luiz Antonio Bittar. Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental. São Paulo: oficina de textos, 2005.

VERDI, Jole Baldaro; GRAZIOTTIN, Alessandra. Transexualismo: o enigma da identidade.1997.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/16320788/A\\_Amostragem\\_em\\_Bola\\_de\\_Neve\\_na\\_pesquisa\\_qualitativa\\_um\\_debate\\_em\\_aberto](https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto). Acesso em: 21 jan. 2021.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

	<p><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS</b>  <b>CÂMPUS DE ARAGUAÍNA</b>  <b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO</b></p>
<p><b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b></p>	
<p>Você está sendo convidada a participar da pesquisa <b>"O CORPO COMO PRIMEIRO TERRITÓRIO: AS (TRANS)FORMAÇÕES CORPORAIS E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TO"</b>, realizada pela estudante e pesquisadora de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), Lucrécia Borges Barbosa sob supervisão da Profa. Dra. Dr.<sup>a</sup> Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem, ambas vinculadas a Universidade Federal do Tocantins.</p> <p>O objetivo central da pesquisa é analisar as transformações corporais e a (re) construção das identidades de mulheres transexuais e travestis na cidade de Araguaína-TO sob enfoque do corpo como primeiro território e buscar compreender melhor como as construções relativas à expectativa de conduta de gênero contribuem para os processos de marginalização e exclusão social de mulheres trans e travestis. Consideramos que este estudo seja relevante porque pode subsidiar a implementação de políticas públicas para as pessoas investigadas. Além disso, pesquisas direcionadas a compreensão dos processos de subjetivação destas pessoas, são escassas no estado do Tocantins, posto que as singularidades das mesmas são invisíveis não somente aos olhos da sociedade, mas também nas pesquisas que discutem essas especificidades na cultura e no território.</p> <p>Sendo assim, ao aceitar fazer parte desta investigação acadêmica, você será convidada a participar de uma entrevista com a pesquisadora sobre o tema. A entrevista será combinada individualmente através de contato com um grupo de WhatsApp, em que todas, obrigatoriamente devem ser mulheres transexuais e travestis com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, residentes no município de Araguaína. A pesquisadora irá ao encontro das entrevistadas em local reservado e horário definido pelas entrevistadas, respeitando a sua conveniência e os critérios de privacidade, com duração aproximada de uma hora e se necessário, será agendada nova entrevista para que o objetivo seja atingido.</p> <p>A entrevista será gravada e o seu conteúdo transcrito e analisado, isto para que a transcrição do conteúdo seja exata e que não haja perda de nenhuma informação relevante. Após a transcrição da entrevista a gravação será destruída. Você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.</p> <p>A pesquisa segue as exigências éticas legais para a realização de pesquisas com seres humanos. Você não terá nenhum ônus ou ganho financeiro por participar dela. Os gastos necessários para a sua participação serão assumidos pelas pesquisadoras. Os benefícios que a pesquisa pode gerar dizem respeito a contribuições teórico-práticas para diferentes áreas de conhecimento, sobretudo os campos da saúde e das políticas na sociedade.</p> <p>Esta pesquisa é isenta de riscos previsíveis à sua saúde ou qualquer outro, que possa legitimar a violação dos seus direitos. No entanto, talvez você se sinta incomodada com alguma questão, por se tratar de aspectos muito singulares do seu percurso de vida e fazer referência a uma temática tão delicada como a construção do corpo e da identidade. Diante de qualquer sinalização de desconforto emocional, sinta-se livre para recusar-se a responder as</p>	

questões onde antecipo, que a interrupção da entrevista não trará nenhum prejuízo pessoal ou acadêmico para a pesquisadora.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará com você e isso possibilitará que você entre em contato com uma das pesquisadoras em qualquer situação relacionada à sua participação ou quando julgar necessário pelo Endereço: Universidade Federal do Tocantins, Av. Paraguai, s/nº, Setor Cimba, CEP:77823 -838 - Araguaína – TO e E-mail:ppgcult@uft.edu.br e Telefone (63) 3416-5695- 5653. Outra possibilidade é a de entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, Av. NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado- Campus Palmas - Bairro: Plano Diretor Norte, CEP: 77001-090 Palmas- TO. Telefone (63) 3232-8023

As informações da pesquisa serão utilizadas apenas para fins relacionados à presente pesquisa e, sua identidade será sempre mantida em sigilo, sobretudo na divulgação ou publicação dos resultados.

#### **Termo de autorização do participante**

Esclarecido e concordando com o que foi colocado:

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar deste estudo, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido(a).

Assinatura \_\_\_\_\_ do participante:

Endereço para contato: \_\_\_\_\_

Araguaína, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2021.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Pesquisadora: Lucrecia Borges Barbosa

Contato telefônico: (63) 9-92499595 e-mail: sluceciaborges@gmail.com

**APÊNDICE 02 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

- 1) Em que momento da sua vida se autopercebeu como uma pessoa trans?
- 2) Com quantos anos você iniciou sua transição de gênero do masculino para o feminino? E quais suas maiores dificuldades com essa transição?
- 3) Quais os procedimentos que você já utilizou ou ainda utiliza para produzir seu corpo para o gênero feminino?
- 4) Depois da transição de gênero você consegue se sentir confortável com seu corpo? E como você afirma sua identidade de gênero na sociedade?
- 5) O que é ser uma mulher trans para você?

### APÊNDICE 03 – Questionário perfil da protagonista

Nome:			
Idade:		Nacionalidade:	
Cidade:		Naturalidade:	
Escolaridade		Trabalha?	
Trabalha?	Sim ( )		Não ( )
Qual a sua cor ou etnia?	Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Parda ( ) Preta ( ) Outra ( ) Prefiro não me classificar ( ) Prefiro não responder ( ) Se responder “outra”, especifique qual _____		
Idade de gênero:	Mulher transexual ( ) Transgênero ( ) Travesti ( ) Prefiro não me classificar ( )		
Orientação sexual:	Heterossexual ( ) Homossexual ( ) Bissexual ( ) Assexual ( ) Pansexual ( ) Outro ( ) Se responder “outro”, especifique qual _____		
Idade que começou a transição de gênero?			
Tem silicone em alguma parte do corpo? _____ Se sim, qual? _____			
Faz uso de hormônios?	Sim ( )		Não ( )
Realiza acompanhamento médico para o processo transsexualizador no sus? _____			
Tem vontade de realizar a cirurgia de redesignação sexual popularmente conhecida como mudança de sexo? _____			
O que você entende por produção do corpo? _____ _____			

## ANEXOS

## ANEXO 01

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O corpo como primeiro território: as (trans) formações e a (re) construção da identidade de mulheres transexuais e travestis em Araguaína-TO

**Pesquisador:** Lucrecia Borges Barbosa

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44937221.4.0000.5519

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.669.946

**Apresentação do Projeto:**

Parecer avaliado de acordo com Resolução do Conselho Nacional de Saúde de nº 466 de 12/12/12 e suas complementares.

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa”, “Avaliação dos Riscos e Benefícios”, Comentários e considerações sobre a pesquisa foram copiadas dos arquivos “PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1709694.pdf” de 15/03/2021 e do “projetodemestrado.docx” de 03/03/2021.

-Projeto de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT.

-Os procedimentos metodológicos e de análise a serem trabalhados como orientação é a abordagem qualitativa. Para o diálogo será utilizada a metodologia de escuta sensível e os autores citam a utilização do método de história oral.

-A amostra será realizada por 10 participantes mulheres transexuais e travestis. (não foram apresentadas como chegaram a este número bem como como terão acesso às mesmas)

-O local e período estimado é de 2 anos, vigência 2020-2021-2022, a cidade de Araguaína/TO.

-Os Critérios de Inclusão: mulheres transexuais e travestis e residirem em Araguaína/TO.

-Os Critérios de Exclusão: não descritos.

-As entrevistas serão gravadas e terão apoio de um roteiro com 5 perguntas semiestruturadas que buscam responder aos objetivos da pesquisa, visando corroborar para responder também a problemática da pesquisa. As entrevistas serão individuais marcadas por telefone e realizadas pessoalmente, serão entrevistadas 10 trans-travestis que residem na cidade Araguaína-TO. Será utilizado também para realizar a pesquisa um diário de campo.

-Os planos para análise de dados serão analisados pela técnica da análise de conteúdo, na modalidade categoria temática por Bardin.

**Objetivo da Pesquisa:****Objetivo Geral**

-Analisar as transformações corporais e a (re) construção da identidade de mulheres transexuais e travestis na cidade de Araguaína-TO sob a ótica do corpo como primeiro território.

**Objetivos Específicos**

- Investigar como é a transição de gênero de mulheres transexuais e travestis;
- Descrever as transformações corporais realizadas a partir da transição de gênero;
- Publicizar as histórias de vida dessas mulheres transexuais e travestis sobre os processos de (re) construção da identidade;
- Gerar pesquisa científica para a comunidade acadêmica e fora dela sobre mulheres transexuais e travestis;
- Visibilizar as vivências das mulheres transexuais e travestis fora de contextos vitimizantes e levados ao exotismo.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

-Riscos: descritos pelos autores - “As participantes podem se sentir desconfortáveis ao conceder a entrevista pois poderão ter lembranças da sua história de vida e se sentirem emocionadas, ou até mesmo constrangidas ao saber que suas narrativas serão parte de uma pesquisa, porém o estudo não contém qualquer risco além destes, cotidianamente vividos”.

-Benefícios: descritos pelos autores - “Com essa pesquisa pretendemos provocar o aumento e a qualidade nos estudos relacionados a pessoas trans e travestis para que tenhamos mais produções científicas sobre a comunidade trans de Araguaína- TO cidade do estado de Tocantins onde será realizada a pesquisa. Essa pesquisa será embasada teórico-metodologicamente, ética e comprometida principalmente em pesquisar com as interlocutoras e não somente extrair dados mais deixá-las serem protagonistas principais desse trabalho acadêmico/científico buscando assim dar visibilidade a esse grupo tão marginalizado da sociedade”.

-Em relação aos RISCOS descritos na Resolução CNS 466/12 no III.1, alínea b, bem como a Norma Operacional CONEP 001/2013 item 12 os pesquisadores ponderam parcialmente os riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa. Os pesquisadores avaliaram parcialmente a gradação dos riscos e descreveram as medidas para sua minimização e proteção do participante da pesquisa, as medidas para assegurar os necessários cuidados, no caso de danos aos indivíduos e os possíveis benefícios, diretos ou indiretos, para a população estudada e a sociedade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

-Projeto de extrema relevância considerando, como os próprios pesquisadores apresentam “Essa pesquisa justifica-se pela pouca ou invisível presença de pessoas trans nas Universidades Brasileiras, sejam privadas ou públicas e principalmente pela invisibilidade e estereótipos que são criados muitas vezes em formas exóticas como são mostradas as pessoas trans nas pesquisas que são realizadas na maioria das vezes por pessoas cisgêneros que trazem informações sobre esses (as) sujeitos (as)”.

-O protocolo, em geral, apresenta de modo organizado. Como se trata de um projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT, entende-se que o protocolo atende a Resolução 466/12 estando parcialmente adequado para ser desenvolvido, necessitando de algumas adequações que, embora não comprometam o projeto, sugerimos que sejam corrigidas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de Rosto - todos os campos foram preenchidos, datados e assinados, com identificação dos signatários. As informações prestadas são compatíveis com as do protocolo. A identificação das assinaturas contém, com clareza, o nome completo e a função de quem assinou, bem como está indicada por carimbo.

Orçamento financeiro - detalha os recursos e destinação, apresentado em moeda nacional e explícita no projeto quem custeará a pesquisa.

Cronograma - descreve a duração total e as diferentes etapas da pesquisa.

TCLE: Elaborado em forma de convite, inclui informações quanto à justificativa, os objetivos

e os procedimentos; explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa; esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa; garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa; garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes; explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Refere ser elaborado em duas vias, não garantiu espaços em todas as páginas para colher assinaturas do convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, bem como do pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), com identificação do endereço e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa, porém o dado do CEP informa que será o CEP/UFT/HDT. Cumpriu as exigências éticas expressas na CNS nº 466/12.

-Declaração de Compromisso do Pesquisador Responsável - devidamente assinada e declarando que prezarã pela ética instituída pela CNS nº 466/12.

-Documento da Instituição Campo Autorizando o Estudo – não anexado.

-Projeto de pesquisa - anexado de forma parcialmente correta.

-Instrumentos de coleta – construídos em conformidade com os objetivos da pesquisa.

-Os currículos das pesquisadoras atendem as exigências para esta pesquisa.

#### **Recomendações:**

-Enviar Carta Resposta apresentando todos os ajustes solicitados bem como as alterações no projeto (grifados e amarelo).

-Está anexado um Projeto de pesquisa intitulado “Escola: território de identidade negra – uma análise da Comunidade Quilombola Grotão em Fiadélfia/TO” – acreditamos que não faz parte do protocolo – conferir.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Acessar Ofício Circular Nº 1 ou 2/2021/CONEP/SECNS/MS quanto às orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual e adequar projeto. Observar criteriosamente no que concerne ao procedimento de coleta de dados, riscos e benefícios e TCLE que são balizados pelos seguintes pontos da Carta Circular:

-em relação à submissão do protocolo ao Sistema CEP/CONEP:

-em relação aos procedimentos que envolvem contato através de meio virtual ou telefônicos com os possíveis participantes de pesquisa;

-com relação à segurança na transferência e no armazenamento dos dados;

-quanto ao conteúdo dos documentos tramitados.

#### **Esclarecer melhor:**

1 A amostra: descrever como chegaram a este número especialmente como terão acesso às mesmas;

2 Apresentar critérios de Inclusão e Exclusão considerando às orientações do Ofício Circular Nº 1 ou 2/2021/CONEP/SECNS/MS, bem como as peculiaridades relacionadas as estratégias de coleta da pesquisa online.

3 Em relação aos RISCOS descritos na Resolução CNS 466/12 no III.1, alínea b, bem como a Norma Operacional CONEP 001/2013 item 12, solicita-se que as pesquisadoras ponderem riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa (no TCLE): o risco, avaliando sua graduação, e descrevendo as medidas para sua minimização e proteção do participante da

pesquisa; as medidas para assegurar os necessários cuidados, no caso de danos aos indivíduos; os possíveis benefícios, diretos ou indiretos, para a população estudada e a sociedade.

4 Considerar além dos “casos extremos de impedimentos como fenômenos climáticos ou contratempos pessoais” considerar a condução de pesquisas e atividade dos cep durante a pandemia provocada pelo coronavírus Sars-Cov-2 (Covid-19).

5 TCLE documento intitulado “termodecompromissopararegistrosfotograficossonoroaudivisuais.pdf” de, postado na PB em 03/03/2021:

5.1 rubricadas pelo pesquisador responsável/pessoa por ele delegado e pelo participante/responsável legal (Resolução CNS nº 466 de 2012, item IV.5.d).

5.2 Incluir endereço do CEP conforme descrito na Resolução CNS nº 466/12 no item IV, subitem IV.5, alínea d) em ambas as vias deverão constar o “endereço” ‘e’ contato telefônico, dos responsáveis pela pesquisa “e do CEP UFT/Palmas”.

6 Documento da Instituição Campo Autorizando o Estudo, postar na Plataforma Brasil após informar como chegarão aos participantes, se vinculados há alguma instituição, necessita de documento emitido pelo (identificar local) carimbado e assinado pela (representante da mesma).

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O pesquisador tem 30 dias corridos para responder as pendências com uma carta resposta. Na carta devem constar cada alteração realizada nos documentos. Nos demais arquivos que serão adicionados, deixar em destaque as alterações realizadas.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1709694.pdf	15/03/2021 18:14:10	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostopdf.pdf	15/03/2021 18:13:17	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Outros	declaracaodecompromisso.pdf	05/03/2021 20:14:46	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Outros	termoparausoguardaedivulgacaod osdados.pdf	03/03/2021 01:34:48	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Outros	SubmissaoProtocolosPesquisa.pdf	03/03/2021 01:29:03	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Outros	termodecompromissopararegistros fotogr aficossonoroaudivisuais.pdf	03/03/2021 01:21:23	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Outros	questionario.docx	03/03/2021 01:12:28	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	projetodemestrado.docx	03/03/2021 01:10:11	Lucrécia Borges Barbosa	Aceito

Cronograma	cronogramadeexecucao.docx	03/03/2021 01:08:30	Lucrecia Borges Barbosa	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	03/03/2021 01:06:46	Lucrecia Borges Barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	03/03/2021 00:57:30	Lucrecia Borges Barbosa	Aceito

**Situação do Parecer:** Pendente

**Necessita Apreciação da CONEP:** Não

PALMAS, 26 de Abril de 2021

Assinado por:

---

**PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA**  
Coordenador(a)

## GLOSSÁRIO CONCEITOS E TERMOS<sup>23</sup>

**Cisgênero ou Cis:** pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.

**Não-cisgênero:** as que pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

**Transfobia:** preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral.

**Gênero:** se refere a formas de identificar e ser identificada como homem ou como mulher.

**Orientação sexual:** se refere à atração afetivossexual por alguém de algum(ns) gênero(s).

**Homossexual:** pessoas que se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero,

**Bissexual:** pessoas que se sentem atraídos por pessoas de ambos os gêneros.

**Crossdresser:** um homem crossdresser, o qual sente prazer em usar roupas femininas.

**Transexualidade:** é uma questão de identidade.

**Mulher transexual:** é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.

**Homem transexual:** é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem.

**Travesti:** O termo travesti é antigo, muito anterior ao conceito de transexual, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo, como sinônimo de imitação, engano ou de fingir ser o que não se é.

**Drag Queen:** Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em apresentações são conhecidos como drag queens que são homens fantasiados como mulheres.

**Drag kings:** Mulheres caracterizadas de forma caricata como homens, para fins artísticos e de entretenimento.

**Sexo:** Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

**Expressão de gênero:** Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

---

<sup>23</sup>Esse glossário de conceitos e termos é uma referência produzida em (2012) pela autora Jaqueline Gomes de Jesus. É um Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião.

**Identidade de gênero:** Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

**Papel de gênero:** Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

**Transgênero:** Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

**Intersexual:** Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários.

**Assexual:** Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

**Heterossexual:** Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

**Transexual:** Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.

**Transformista ou Drag Queen/Drag King:** Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

**Queer ou Andrógino ou Transgênero:** Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

**Binarismo:** Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino.

**Cissexismo:** Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero.

**Estereótipo:** Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.

**Preconceito:** Juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predispõe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação.

**Discriminação:** Comportamento de fundo preconceituoso com relação a algo ou alguém.

**Homofobia:** Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual. Heteronormatividade ou

**Heterossexualidade:** Compulsória Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

**Despatologização:** Conceito introduzido por uma campanha internacional pela exclusão da transexualidade, da travestilidade e das manifestações de gênero escapam à noção binária homem/mulher da Classificação Diagnóstica e Estatística de Doenças – CID, da Organização Mundial de Saúde, e do Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais – DSM, da Associação Psiquiátrica Americana.

**Processo transexualizador:** Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização.

**Cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização:** Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo”

**LGBT:** Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais).

**Nome social:** Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

**Transfeminismo:** Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos.

**Orgulho:** Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.